

PANTHEON MARANHENSE

IV

PANTHEON MARANHENSE

ENSAIOS BIOGRAPHICOS

DOS

MARANHENSES ILLUSTRES JÁ FALLECIDOS

PELO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL

... nam domesticis exemplis abundamus: cogitasse
quidquam putamus in vita sibi explendum nisi quod
laudabile esse, et præclarum videretur?

(CICER. PARAD.)

TOMO IV E ULTIMO

Mc Clementino da L Monte.

Recife 4 de Abril de 1874.

LISBOA
IMPRESA NACIONAL
1875

V.
920.08121
L435
pme
1873-1875

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 1802

do ano de 1974

XVII

JOÃO FRANCISCO LISBOA

XVIII

ANTONIO MARQUES RODRIGUES

XIX

DOUTOR FREI CUSTODIO ALVES SERRÃO

1177



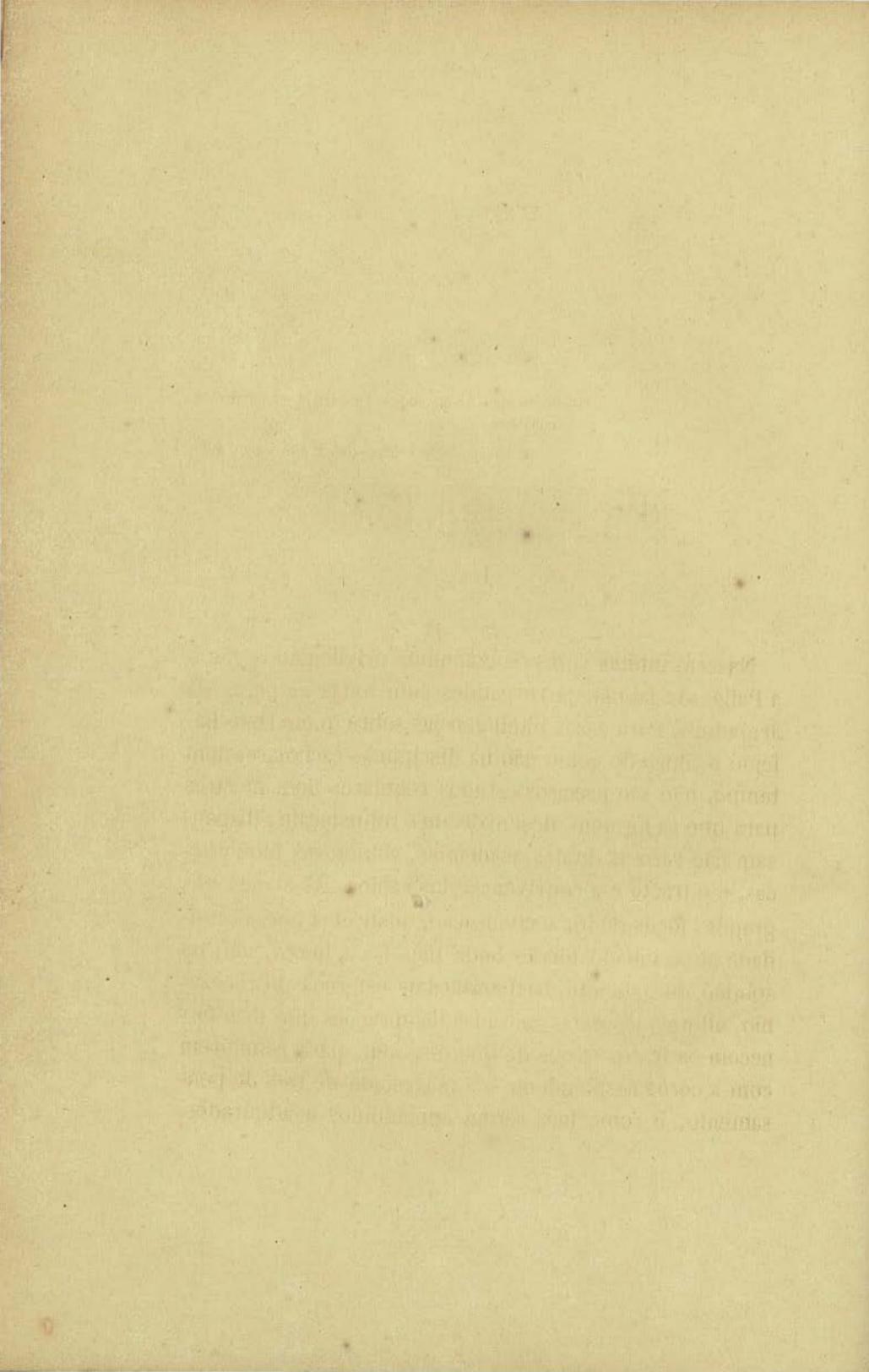
João Francisco Lisboa

XVII

JOÃO FRANCISCO LISBOA

A

LUIZ CARLOS PEREIRA DE CASTRO



Ce fut un noble cœur, un grand caractère, un admirable polémiste.

(CORMENEX — *Livre des orateurs*, vol. 1, pag. 108.

I

Nascem muitas vezes os engenhos privilegiados como a Pallas da fabula, já revestidos com todas as peças da armadura. Para essas intelligencias sobre quem Deus ba-fejou o sôpro do genio não ha disciplinas escolares nem tempo, não são precisos estudos regulares nem mestres para que se formem, desenvolvam e robusteçam : dispensam não raro as doutas academias, vólumosas bibliothecas, e o tracto e a convivencia dos sabios. Afastados dos grandes fôcos de luz e civilisação, adstrictos por necessidade ao acanhado torrão onde lhes foi o berço, ahí, na solidão do gabinete, bastam-lhes os esforços do raciocinio, allumiados pelas cansadas locubrações que lhes fornecem os fracos meios de que dispõem, para refulgirem com a corôa resplendente e a magestade de reis do pensamento, e como taes serem applaudidos e admirados.

Ao passo que consomem os talentos vulgares horas e muito labor em perceber uma verdade, descobrem-n'a as felizes intelligencias guiadas quasi que só pela inspiração.

Quem passasse no anno de 1773 pela pequena cidade de Koeping, na Suecia, e lançasse desdenhosos olhos sobre o pobre e modesto Schèele, não se capacitaria nunca que do fundo de uma ridicula pharmacia d'esse logarejo sahissessem o *Tractado do ar e do fogo* e o descobrimento de tantos corpos simples e de muitos acidos; rir-se-hia a principio, para ficar annos depois cheio de assombro e surprezo, aquelle a quem predissessem, que por si, sem auxilio de mentores, viria ainda a ser o humilde typographo Benjamin Francklin um grande moralista, legislador e philosopho, e profundo sabio, que adiantaria as sciencias physica e chimica, dotando-as com maravilhosas descobertas, ao passo que contribuiria efficaamente para a independencia e fundação da maior e mais célebre nação das Americas. E Raspail, o ousado innovador, onde foi adquirir tanta somma de conhecimentos? Onde escreveu esses tractados vivedouros — *A physiologia vegetal* e o *Novo Systema de Chimica organica*, que, sem embargo de alguns paradoxos, fizeram uma completa revolução no mundo scientifico, conquistando para as sciencias muitas verdades e estabelecendo n'ellas principios cardeaes? Não foi pela ventura no seu gabinete recolhido e solitario?

Se da região das sciencias entrasse no dominio da litteratura, onde é extensa a lista, poderia adduzir exemplos de assignalados engenhos como o do immortal João

J. Rousseau, que baldos de recursos para estudar, tornaram-se insignes como elle, que de simples relojoeiro de Genebra chegou, apesar de seus erros, a occupar um dos primeiros lugares entre os escriptores que mais illustraram o século xviii. Mas sem ir pedir emprestado a estranhos, no nosso Brasil, ainda despovoado, impervio, em sitios separados por sertões de leguas e leguas, e por mares a perder de vista, posso com ufania apontal-os de quilate não inferior, e ahi está avultando entre os primeiros João Francisco Lisboa, cuja vida tentarei agora esboçar.

Esse engenho peregrino, sem ter sahido do Maranhão até os quarenta e tres annos, ahi se fez o que foi, ahi estudou, ahi adquiriu os conhecimentos que ostenta em seus trabalhos, ahi escreveu jornaes que podem servir de modelo pela linguagem culta e polida, pela elevação do pensamento e acrysolado patriotismo, ahi pronunçiou na tribuna parlamentar e judiciaria discursos de que se recordam com enthusiasmo todos quantos o applaudiram arrebatados pela sua varonil eloquencia, e ahi finalmente compoz e publicou até o penultimo número os seus tão lidos e justamente avaliados *Jornaes de Timon*, que constituem o seu maior padrão de glória.

Nasceu elle aos 22 de março de 1812 na casa de seus avós uterinos em Pyrapemas, que margêa o caudaloso Itapecurú e fica na freguezia de N. S. das Dores do Itapecurú-mirim, tão fertil em vigorosos talentos¹. Oriundo

¹ Entre outros, sem querer citar os que ainda vivem, ahi nasceram Gonçalves Dias, no districto de Caxias; José Candido de Mo-

de uma das principaes familias da provincia, foi o primogenito d'entre quatro filhos que teve o fazendeiro João Francisco de Mello Lisboa do seu consorcio com D. Gertrudes Rita Gonçalves Nina. Aquelle, perdeu-o elle ainda na infancia, servindo-lhe de guia os extremos e desvélos de sua boa mãe, que ainda vive.

Passou os primeiros annos da puericia na casa dos avós, vindo depois para a cidade de San'Luiz do Maranhão, onde estudou primeiras letras, deixando entreluzir desde logo pela prompta e clara comprehensão e finura do espirito o que depois havia de ser.

Voltou aos onze annos com a mãe para a fazenda, sabendo o que então se aprendia nas nossas mal organisadas escholas primarias — ler, escrever, as quatro primeiras operações de arithmetica e a indigesta e defeituosissima grammatica de Lobato. De fraca compleição, magro de corpo e sujeito desde o berço até a adolescencia a repetidas enfermidades, foi alli sorver a plenos pulmões o ar puro de nossas mattas, passando n'esse retiro campestre quatro annos, com o corpo a desenvolver-se e a ganhar fôrças nos exercicios proprios da idade, e a intelligencia liberta da tyrannia do mestre-eschola, que muita vez a embaraça e atrophia, ou pelo menos contraresta as tendencias do viçoso desabrochar já empregando o terror, já imbuindo-lhe idéas erroneas e falsas

raes e Silva, na *Jussara* (*Pantheon Maranhense*, tom. 1, de pag. 187 *usque* 238); Luiz Carlos Cardoso Cajueiro, em Guanaré; e o dr. Joaquim Gomes de Sousa, na Conceição. (*Pantheon Maranhense*, t. II, de pag. 109 *usque* 169).

que enxerta á fôrça de pancadas e ameaças, quando o espirito tudo recebe e aceita, ficando n'elle os indeleveis signaes das primeiras impressões.

Aos quinze annos tornou-se para a cidade de San'Luiz, e abi, com tão diminuto peculio litterario, que nem mais o exigiam n'aquella epocha para a carreira commercial, entrou como caixeiro para a casa do finado negociante Francisco Marques Rodrigues, cuja estima e confiança ganhou em pouco tempo por seu comportamento honesto e dedicação ao trabalho; mas, entrado em 1827, já em principios de 1829 se despedia desgostoso, não da casa, senão da profissão, que não se compadecia com o seu modo de pensar. Rebellára-se a isenção innata d'aquella indole altiva contra os habitos de cega obediencia e sujeição, que ainda então e até bem poucos annos havia nas casas de commercio, e já porventura lhe germinavam no fôro interior aspirações mais elevadas do que consumir parte da vida em uma carteira ou no balcão para ao depois, em um futuro mais ou menos remoto e incerto, vir a ser socio do patrão.

Era mui natural que ao entrar na juventude, n'essa bella phase da existencia quando o pensamento deleita-se e vive de illusões, e as nobres paixões começam de borbullhar n'alma com mais fervor e o espirito de revoltar-se contra todas as oppressões, não curasse elle de porvir nem de riquezas. Demais, o sólo da patria ainda estremecia com as derradeiras convulsões de um povo que quebrára as cadéas que o trouxeram acorrentado á mãe-patria, e os animos exaltados, soffregos de liberdade, e fas-

cinados pela fôrma livre do nosso regime, ambicionavam tomar parte nas cousas pùblicas, comprehendendo que para isso haviam de mister prover-se de conhecimentos sociaes, que só o trabalho e o estudo dão. Em uma tal conjunctura que mancebo poderia comprimir os impulsos naturaes do coração, e não sentiria alargarem-se-lhe os horisontes, onde lobrigava seguramente a par de serviços à sua patria a glória em futuro proximo e auspicioso?

Arrastado pois por esse pendor tão proprio ao verdor dos annos, se deu Lisboa com indefesso e ininterrupto ardor ao estudo de humanidades, cursando com sollicitude as poucas aulas pùblicas, que então havia; e com tal empenho e talento o fez, que em pouco tempo apromptou-se d'ellas, sendo para notar que em breve praso aperfeiçoou-se no latim, sob o ensino do Francisco Sotero dos Reis (*Pantheon Maranhense*, tom. 1, de pag. 121 *usque* 183) que, quando explicava ao discipulo as difficuldades da lingua, cujos mais intimos segredos devasára, mal podia prever que esse joven, ainda imberbe, ao deixar os bancos escolares viria a ser seu digno émulo nas lides jornalisticas!

II

A revolução de 7 d'abril de 1831 trouxe ao de cima, com o despedaçamento de uma corôa e com a fuga do primeiro imperador, o levedo de todas as queixas e odios contra a indebita interferencia d'estrangeiros nos

negocios publicos, accumulados por nove annos de imprudencias e desgovernos, e sobremaneira aggravados por demasiado espirito de nacionalidade, e receios de contra-revoluções no sentido de restabelecer no throno o monarcha decahido.

Povo ha pouco sahido de despotica tutela, ainda não preparado para o complicado mechanismo dos governos mixtos, sobreposse inexperiente d'elle, e por outro lado mal seguro da sua independencia, vivia nimio suspeitoso e em continuos sobresaltos, principalmente com os acontecimentos de março d'esse anno, com a insurreição de Pinto Madeira, e com as tendencias retrogradas e tentativas revolucionarias do partido *Caramurú* ou *portuguez*, como o chamavam em contraposição ao *brasileiro*.

Os espiritos de uma e outra parte irritadiços como sóe acontecer empós violentas agitações, consequencia quasi logica da fraqueza e hesitações das minoridades, deram lugar a essa serie de sublevações que revolveram o imperio em todo o tempo das regencias. Se os motores da gloriosa revolução de 7 d'abril não se tivessem retrahido a uma excessiva moderação, recusando conceder algumas das reformas vitaes tão reclamadas pela nação, talvez houvessem impedido essas manifestações, ora absolutistas, ora republicanas, que irrompiam cada dia e de todas as partes, cobrindo-nos de lucto e de miseria; mas ou por temor de que descambassem além do que era desejavavel, ou por generosidade de vencedores, o certo é que nada alteraram, e perderam a popularidade, o prestigio e a fôrça, desgostando os partidarios, que viam nas mesmas

posições, menos D. Pedro I, os homens e as cousas contra que se tinham rebellado, e acoroçoando os contrarios que creavam com tudo isso elementos de fôrça e sympathy para as idéas de restauração.

A 7 d'agosto d'esse mesmo anno tentou o partido *Caramuru* no Pará um movimento no sentido de restauração, depondo o visconde de Goyana da presidencia, e matando e perseguindo a flor do partido liberal d'essa provincia. Chegada ao Maranhão tão lastimosa noticia, receberam-n'a com pavor e indignação, e os homens mais ousados alvoroçaram-se, e concitando o povo e a fôrça pública, amotinaram-se na noite de 13 de setembro, levâdo á presença do presidente Araujo Vianna, depois marquez de Sapucahy, uma representação em que reclamavam, entre outras medidas, a destituição dos brasileiros do § 4.º dos empregos que exerciam, e a deportação d'alguns d'elles, como tambem a de varios portuguezes.

Era uma reacção ás idéas que triumpharam no Pará, um acto de desforço, antes da propria conservação, ao menos assim o entenderam os espiritos bem intencionados que tomaram parte n'esse motim. Homens que depois occuparam altas posições na provincia e fóra d'ella, assignaram no calor do enthusiasmo essa representação, onde tambem já figurava o nome de João Francisco Lisboa, que apenas contava dezenove annos. Desapercebido para poder repellir a imposição, que lhe era levada com as armas na mão, annuiu a ella o govêrno, reservando para mais tarde despicar-se. Destituídos e deportados cêrca de qua-

renta individuos, tidos como fautores de tramas absolutistas, serenaram os espiritos, e satisfeitos do resultado volveram todos para o remanso do lar e do trafego particular, sem cuidarem que tinham despertado contra si novas iras, e por isso cumpria que se precavesses.

Se no em tanto houve jámais revolta que a historia deva desculpar, esta é uma d'ellas, porque sobre não ter custado uma só gotta de sangue, geraram-n'a mais os temores da liberdade e da nacionalidade ameaçadas, e as rivalidades provocadas por imprudencias d'aquelles que, olhados como contrarios á independencia, vinham confirmar as apprehensões populares com a parte ostensiva que tomavam na republica e com manifestações não poucas vezes armadas contra a ordem de cousas estabelecida.

O poder nunca se esquece, e raro perdôa aos que suppõe promotores de movimentos revolucionarios, que o compellem a ceder. Não soffria, pois, o presidente de boa sombra áquelles que o tinham obrigado a concessões, que talvez lhe perturbavam a consciencia, desautorando-o e fazendo-lhe perder ao mesmo tempo o necessario prestigio ante os governados, e a confiança ante o ministerio. Não se fez esperar a desforra.

Dispersar e enfraquecer os elementos da insurreição, retirando da capital do Maranhão os corpos do exercito que haviam a ella adherido, e fazel-os substituir por outros que lhe eram a ella infensos; atrahir a si os que sempre abraçam as revoluções não por principios ou por crenças, senão para especular, e por isso promptos a trahil-as como a apresentarem-se martyres d'ellas se acaso trium-

pham ; agourentar e sophismar as concessões com o fito de exacerbar cada vez mais os animos até leval-os a outra insurreição, eis o plano concebido e para logo executado. Preparada a mina facil foi atear-lhe o fogo.

Sob o falso fundamento de que conspiravam contra a ordem pública, são no dia 13 de novembro presos por ordem do commandante das armas dous officiaes de linha adeptos do liberalismo, e conduzidos para bordo de uma embarcação de guerra, e ao mesmo tempo fazem correr boatos de que outras prisões se dariam d'entre os chefes da opposição. Ella que via burladas suas esperanças e as promessas do govêrno, bem como ameaçada a liberdade de muitos dos seus, não esperou por novas violencias para romper. Começaram os mais exaltados de reunir-se em varios pontos em clubs nocturnos, onde os espiritos juvenis e mais fogosos iam retemperar seus brios nos fortes estímulos do patriótico enthusiasmo. Não faltaram ahi Judas, que vendidos á auctoridade, os excitavam, exacerbando-lhes as iras, e aconselhando-lhes medidas extremas de vindictas com o fito de precipital-os e perdel-os de todo, bem como prudente demora no rompimento armado para assim proporcionar tempo e vagar ao govêrno, afim de preparar-se e tomar desafogadamente providencias bem concertadas.

Esperavam os traidores o momento de dar o osculo aos mais compromettidos, e a opposição esperdiçou seis dias n'esses inuteis conventiculos, até que na noite de 19, dado o signal para o levantamento, correm os mais afoitos para a praça, e ahi se acham sós, inermes, e por hostil a

fôrça pública! Abandonados e trahidos, sô então conheceram a cilada em que haviam cahido, e tractaram de occultar-se, temendo pela vida, que não estava segura, ao menos para alguns, indigitados como fomentadores d'esta e de anteriores manifestações populares. Dez foram as victimas escolhidas para servirem de holocausto à vindicta do poder, entre ellas o denodado e generoso José Candido de Moraes e Silva, redactor do *Pharol Maranhense*, que avisado com tempo pôde homisiar-se, sendo, porém, alguns dos seus companheiros d'infortunio maltractados e arrastados para o carcere, e depois instaurado contra todos um processo, que tinha tanto d'irregular, quanto de monstruoso.

Foragido e perseguido o redactor do *Pharol Maranhense*, teve de calar-se essa voz, se bem que rude e exagerada na linguagem, como pediam os tempos, todavia franca e leal no dizer. Fallava aos corações das massas, commovia-as e electrizava-as, sem comtudo lisonjear suas ruins paixões: era o interprete fiel e verdadeiro das suas idéas e sentimentos, a bandeira que reunia e guiava um partido possante e cheio de entusiasmo, e nem houve n'esta provincia jornal que exercesse nunca tamanha e tão decidida influencia como o nosso *Pharol*. Corria parelhas com a *Aurora Fluminense* d'Evaristo da Veiga e o *Argos de Minas*; e se ao redactor d'aquelle fallecia instrucção tão solida e cultivada, sobrava-lhe desinteresse e dedicação como em nenhum d'estes, e patriotismo egual ao de ambos. (V. pag. 207 a pag. 234 do 1 tom. do *Pantheon Maranhense*.)

Ficou por quasi um anno a imprensa privada de tão festejado organ, e sem outro que lhe fizesse as vezes, até que Lisboa, de impulso proprio e impellido por seus sentimentos patrioticos, publicou a 23 d'agosto de 1832 o primeiro número do *Brasileiro*¹, periodico hebdomadario, e campeão das mesmas idéas do *Pharol*.

Disputavam-se por essa occasião a arena politica o *Publicador Official* e o *Constitucional*, pelo govêrno, e o *Mentor Liberal* e o *Escudo da Verdade*, pelo opposição, e todos quatro mui exaggerados e descomedidos na linguagem, e desarrasoados nas doutrinas.

Veio alistar-se entre elles o *Brasileiro*, que, embora continuador do *Pharol*, não lhe adoptou as demasias, antes condemnou algumas das exigencias de *Setembro* por excessivas, sem deixar todavia de reprovar com muito denodo e em termos energicos a má fê com que se houve o govêrno, tanto no cumprimento de suas promessas como nas violencias de *Novembro*. Na penna inexperiente

¹ Publicava-se ás quintas-feiras de cada semana, em folha de papel almaço, correspondente a 4.º francez, e em 2 columnas. Trazia na frente e no topo de cada numero o seguinte titulo:

O
BRASILEIRO

Journalistes de tous les pays, élevez-vous au dessus des préjugés nationaux... dénoncez tous les crimes, nommez tous les coupables.

Jour.

Jornalistas do mundo inteiro, despi-vos dos preconceitos nacionaes; denunciae os crimes, apontae os criminosos.

Subscreve-se e distribue-se na casa do redactor, n.º 67, rua Formosa, preço por trimestre 1\$800 réis; as folhas avulsas a 160 réis.

Maranhão: Typographia Liberal. Anno de 1832.

do mancebo de vinte annos, já se rastream n'esse jornal raptos e felizes temeridades no escrever, que denunciavam o brilhante publicista, que tantos louros havia de ainda um dia colher n'aquelle campo para o qual fôra fadado.

Por tres mezes publicou elle o *Brasileiro*, terminando-o a 16 de novembro, com o n.º 13, para substituir-lhe o *Pharol Maranhense*.

III

Era o dia 19 de novembro de 1832: fazia um anno que fôra suffocado ante-nascença o mal pensado motim, de onde resultou ao generoso José Candido de Moraes e Silva tantos males. Desde manhan reinava em toda a população da cidade de San'Luiz do Maranhão essa tristeza e silencio que presagia calamidade imminente. Espalhára-se que o popular escriptor, o querido das turbas, estava nas agonias da morte!

Ás 11 horas d'esse dia deixou-nos para sempre o defensor dos direitos do povo, o varonil jornalista, que selava com a vida o pacto que fizera com sua consciencia.

Aos vinte e cinco annos, quando entrava no estio fructifero da existencia, e tanto promettia aquella corajosa e ardente alma, foi roubada á patria e aos amigos, sem ao menos descançar no pleno gôso de sua liberdade—religião de que fôra apostolo e por último martyr! (Vej. de pag. 230 a pag. 234 do 1 tom. do *Pantheon Maranhense*.)

Assentou Lisboa para logo cessar com o *Brasileiro*,

dando a lume o *Pharol Maranhense* para trazer, como se expressou no último número d'aquelle, sempre viva a lembrança de José Candido, e no dia 22 d'esse mez e anno sahio o n.º 352¹, continuando assim a publical-o do de 16 de novembro de 1831 em que havia interrompido sua publicação. A 29 de outubro de 1833 retirou-se Lisboa pela primeira vez da scena politica com o n.º 445, indo procurar repouso ás fadigas e dissabores de escriptor público na fazenda de seus paes.

Dois annos de lide jornalística para quem entrava na juventude com todas as illusões e com o coração virgem, sem que ainda o houvesse embotado o continuo distillar do fel amargo da maledicencia dos maus e invejosos, é praso sufficiente para dar fastio e exigir que se abandone lucha tão affanosa e busque esquecel-a no retiro.

No seu artigo de despedida declarava elle que deixava

¹ No mesmo formato do *Brasileiro*, e semanal como elle, tinha no alto da primeira página de cada número :

O

PHAROL MARANHENSE

Le temps où les espérances les plus légitimes étaient considérées comme les rêves d'un homme de bien, touche à son terme; le règne des illusions est passé, et rien ne restera debout, que ce qu'est fondé sur la justice et la raison. Jour.

Deu fim o tempo em que as esperanças mais legitimas eram tidas por bellos sonhos; acabou o reinado do engano, e já agora só ficará em pé o que se fundar na justiça e na rasão.

Subscreve-se e distribue-se em casa do redactor, na rua da Cruz, casas mysticas ás em que mora o snr. Joaquim Moniz, e na de A. J. Rodrigues, rua dos Afogados, e na villa de Caxias em casa de Joaquim Bartholomeu da Silva & C.^ª: preço por trimestre 2\$400 réis, as folhas avulsas a 160 réis.

Maranhão, Typographia Liberal. Anno de 1833.

a redacção «por enfado que dão obras periodicas e regulares que por fôrça se hão de escrever, ainda quando se anda mais enjoado da tinta e da penna».

O jornalismo, fatal como tunica de Nesso, é tortura e atractivo a um tempo, que se nos apega ao corpo, envolve-o todo e se lhe entranha, e não ha mais despil-a: dilacerará as carnes, sahirá aos pedaços com ellas, que sempre ficará bastante ainda para excrucial-o e infiltrar-lhe seu veneno até a meduia dos ossos, para nunca mais extinguir-se em que lh'o peze! E elle armou-se da penna e commetteu a imprudencia de a vestir!...

Voltando em maio do seguinte anno para a cidade de San'Luiz, não pôde conservar-se impassivel no meio dos acontecimentos que o cercavam e o compelliam a tomar parte nas questões vitaes que se agitavam em todo o imperio, e a 3 de julho de 1834 eil-o de novo na arena com o *Echo do Norte*¹, cuja publicação cessou a 22 de novembro de 1836, no seu terceiro anno de existencia.

¹ Sahiu em dous formatos diversos. O primeiro volume, que abrange 100 numeros, e finalisa a 29 d'agosto de 1835, é no formato do *Brasileiro e Pharol*, sendo publicado duas vezes na semana, e com o seguinte frontespicio em cada número:

Anno de 1834.	ECHO DO NORTE	N.º
<p>Subscreve-se e vende-se na Typographia de Abranches & Lisboa, rua dos Affogados, casa n.º 43, preço por trimestre 2\$400 réis, folhas avulsas 100 réis.</p>	<p>Aquella proveitosa liberdade De mostrar de mil erros a verdade, E do mais livre povo já soffrida, E do mais poderoso receada, Porque entre nós será mal recebida?</p>	<p>FERRERA. Carta 5.ª</p>

Maranhão. Typ. de Abranches & Lisboa. Anno de 1834.

Termina com o *Echo do Norte* a primeira phase da vida jornalística de J. F. Lisboa. No *Brasileiro* e no *Pharol* mostra certa independência no dizer, como de quem, embora participe das idéas liberaes, não se constituiu organ e adepto de todas as suas tendencias, e nem está na obrigação de defender um partido que encontrou na provincia indoutrinado, sem idéas fixas, e cujas exagerações repugnavam ao seu modo de pensar, antes censura a muitos de seus actos com vigor e sobranceira. No último número do *Pharol* melhor o diz n'esta passagem: «Venho agora pôr termo a esta minha empreza ha mais «de um anno começada, e bem que eu, assim como todo «outro homem, esteja sujeito ás paixões proprias da «nossa especie, todavia deitando os olhos para tudo o «que n'esse espaço escrevi, não posso deixar de enno- «brece-me, e dar-me por um dos escriptores mais im- «parciaes do nosso Brasil. Fui inimigo de Araujo Vian- «na, e mais que nenhum outro escriptor o combati no «meu *Brasileiro*; comtudo nunca procurei escurecer as «suas boas partes, e até elogiei o desinterêsse e a activi- «dade com que sempre aqui se houve nos negocios pu- «blicos: fui inimigo do partido moderado¹ ou do govêr-

No 2.º e 3.º volume foi publicado em 8.º, em fórma de livro, as mesmas vezes, e com as mesmas condições e epigraphie, só com a differença de sahir do n.º 5 do terceiro volume em diante da typographia do sr. major Ignacio José Ferreira, que foi desde então o editor de tudo quanto Lisboa publicou no Maranhão.

¹ Logo depois da abdicção de D. Pedro I, dividiram-se os liberaes em *moderados*, ou que queriam a conservação das cousas e dos homens da primeira monarchia, e *exaltados*, ou que exigiam

«no, porém ainda mesmo quando lhe formava os mais graves capitulos, nunca cessei de mostrar ao povo a sua bondade relativa, o nenhum interêsse que tínhamos em derribal-o, e os tramas dos restauradores, que destruido esse principal estôrvo de seus planos liberticidas, muito nos empeceriam, se não é que de todo nos desbaratariam. Sempre pertenci ao partido denominado *exaltado*, porém sempre me viram á frente dos seus inimigos todos aquelles que, usando d'esse nome, não se pejavam todavia de dar o braço aos restauradores, contra quem pouco antes haviam requerido medidas de sangue. Exaltado sim era eu, porém censurei os desatinos e malféitorias commettidos pela gente de Antonio João ¹, porém desapprovei altamente a parcialidade da *Bússola* e outros periodicos em opposição ao govêrno, e nunca dei o meu assenso á eleição de Seáras e Goyanas.»

Evidencia-se d'esse trecho não só a cordura e moderação com que escrevia, a despeito do fogo das paixões

algumas reformas e a destituição dos empregados que passavam como infensos á independencia e á liberdade constitucional. Com o andar dos tempos *moderados* e *restauradores* formaram um só partido—o retrogrado ou do regresso, depois saquarema ou conservador.

¹ Antonio João Damasceno, negociante da villa de Itapecurú-mirim, que, acompanhando o movimento da capital de 13 de setembro, insurgiu-se alli a 18 do mesmo mez, e de novamente pouco depois, já por terem mandado contra elle ordem de prisão, já por outras muitas perseguições, que lhe exacerbaram o animo, e o levaram cheio de desespero a pegar outra vez em armas como meio de salvação. Entregou-se no Brejo, onde os commandantes da força que o foi bater, mandaram, sem formulas mui legaes, tirar-lhe a vida.

da mocidade, como a honestidade do escriptor, fazendo justiça á authoridade a quem era adverso, mostrando ao povo a bondade relativa de que era dotada e improvando o proceder dos jornaes que se demasiavam.

As reciprocas rivalidades e reacções, as provocações dos portuguezes, e apprehensões dos brasileiros, em que já fallei, deveriam de leval-os a mutuarem-se retaliacões de todo o genero e a se excederem estes em suas manifestações, aliás desculpaveis nas imprudentes provocações de alguns altanados estrangeiros e de seus sequazes.

Se a corrente das idéas o arrastaram para esse terreno resvaladio, bem cedo o abandonou, e depois, com aquella isenção do homem superior, confessou seu erro quando alludindo a elle assim desculpa-se na pagina 239 do II tomo de suas *Obras* (no *Jornal de Timon*): «Houve tempo em que Timon, como tantos outros. . . stygmatisou e condemnou os portuguezes. Para o seu juizo de então deviam de *contribuir tambem as antipathias e espirito de partido inflammado pelas luctas ainda recentes da nossa independencia e das fracções que se lhe seguiram. Mas hoje que o tempo e a experiencia vão acalmando as paixões, já é possivel apreciar os acontecimentos com mais sangue-frio e por conseguinte com mais criterio*».

O jornalismo, reflexo por vezes verdadeiro da opinião pública, era tambem a valvula por onde se expandiam as paixões que por então referviam e avassallavam os animos ainda os mais pensadores e calmos. Não pôde o homem deixar de viver dentro da zona de acção e idéas onde aprouve á Providencia collocar-o. João F. Lisboa,

campeão esforçado das doutrinas liberaes, não podia eximir-se de participar d'ellas, terçando n'esse campo; e por isso em todo aquelle periodo verberou com vigor e tenacidade a restauradores e portuguezes. Que enorme differença não o distancia, porém, dos outros escriptores que pugnavam no Brasil pela mesma causa? Afastado já n'aquella epocha da mal trilhada e escabrosa senda das intrigas locaes, dedicada sua penna a assumptos importantes, poucas vezes desceu a discutir nacionalidades, e quando era estimulado, ou coagido pelas antipathias partidarias ou provocações, fel-o sempre, ainda nas mais calorosas e azedas discussões, com certa moderação e em tom grave, sem desabridas recriminações e trazendo por excepção a terreiro individualidades e nunca a vida privada, ao reverso de todos os outros que se não davam nunca por pagos nem remettiam um momento de assumptos taes, alimentando o público quasi que exclusivamente de questões entre nacionaes e estrangeiros, fomentando odios e inflammando a plebe com desproveito da ordem e da segurança pública.

Aprazia-se mais com propagar doutrinas, discutir os negocios geraes do imperio, ventilar questões de interêsse público, e noticiar o que ia de mais momentoso pelas provincias e pelo estrangeiro. Ahi estão as collecções de seus jornaes que provam assaz meus assertos.

Desde que estreou a vida d'escriptor público que foi benefica a acção que imprimiu na opinião: — «Quando comecei a escrever, diz elle no n.º 445 do *Pharol* de «29 de outubro de 1833, não havia opinião pública no

«Maranhão; o partido do govêrno só tractava de proces-
 «sar os cidadãos, e de devassar o interior de suas casas;
 «o povo andava areado com a repentina mudança de lin-
 «guagem dos *moderados* do Rio, e todo dividido em pare-
 «ceres deixava larga brecha ás armas de Araujo Vianna
 «e outros, que por via d'alguns periodicos se davam por
 «interpretes da opinião provincial; alguns outros perio-
 «dicos, que contra o govêrno sê escreviam, não faziam
 «mais do que aggravar o mal, segundo eram desacredi-
 «tadissimos, já pela immoralidade dos seus auctores, já
 «pela confusão das doutrinas que prégavam, agora con-
 «tra *restauradores*, agora a favor da opposição Andradi-
 «na, que os protegia».

Já depois que entrou a esclarecer seus concidadãos
 teve «o gôsto de ver, como mais abaixo diz, — a parte
 «mais san da provincia abraçar a minha opinião, segun-
 «do claramente o mostrou nas eleições geraes, que des-
 «enganaram a *moderados*, a estrangeiros, e direi tambem,
 «a todos quantos são amigos de desordens. E agora que
 «deixo a redacção, tambem folgo, lembrando-me que
 «ainda os patriotas preponderam por toda a parte».

Seguia-se tambem d'ahi que foram desde então seus
 jornaes os moldes onde se vasavam os mais que faziam
 praça de reportados e serios.

É de certo muito para admirar que tão moço já pudesse
 senhorear suas paixões e nunca abdicasse a razão ante
 conveniencias politicas e nem pozesse sua penna ao ser-
 viço de outrem, antes conservasse intacta a hombridade
 que o distinguia, sem constituir esses jornaes que redigiu

organs dos partidos ou grupos collectivos que se combatiam na provincia, não levados por principios senão nos interesses dos poderosos que os levantavam e arregimentavam.

Partidario das idéas liberaes de que nunca aberrou, antes propugnou por ellas em toda a sua vida até no último trabalho que publicou (*Apontamentos para a história do Maranhão*), tractou desde logo de doutrinar o povo em suas sans verdades, boas tendencias e aspirações civilisadoras, affeição-o a ellas, pondo-as a limpo das confusões em que as envolviam escrevinhadores ignorantes, e expurgando-as dos excessos d'aquelles que delicias-se com as revoluções ou procuram com ellas acrescentar-se. É essa a phase de evolução — a phase genetica do partido liberal na provincia.

São já notaveis alguns de seus artigos, como entre outros os dos n.^{os} 3, 4, 5, 8, 9 e 10 do *Brasileiro*, e tambem os do n.^o 367 do *Pharol Maranhense*, em que analysa os trabalhos da assembléa geral legislativa; do n.^o 376, em que publica sua defeza do crime de abuso de imprensa de que o absolveu o jury, e no qual deixa entrever o athletico advogado que depois foi; do n.^o 404 sobre a liberdade da imprensa ameaçada no corpo legislativo por um projecto de lei; finalmente dos n.^{os} 407 e 408, em que se pronuncia favoravelmente pela federação das provincias; dos n.^{os} 416 e 444, onde esboceja os partidos, no Brasil, e narra as suas diversas origens, transformações, aberrações, indoles e serviços.

No *Echo do Norte* já não é mais o escriptor collocado

no meio d'essa Babel de facções, que agitaram a provincia no decurso do decennio que vae de 1823 a 1833. É estrenuo missionario do progresso, o seu jornal organo do liberalismo, representado por um partido forte e cheio de vida. Teve de pôr-se em polemica incessante com o *Publicola*, o *Investigador* e o *Cacambo*; mas todas as vezes que descansava d'ellas, voltava ao programma do seu jornal. «Assim que, diz elle, forcejaremos em nossos «scriptos por acabar com esse fogoso espirito de novidade que por meio de sanguinolentas revoluções quer «intimidar o mundo, dado que tambem combateremos «a criminosa indolencia de alguns, que de servis ou co-«bardes, preferem guiar-se ao sabor das ondas dos acontecimentos do que ao generoso esforço de resistir á «maldade dos poderosos. E n'este presuppuesto daremos «proprios ou traduzidos alguns artigos sobre moral «e politica». (*Echo do Norte*, n.º 1 de 3 de julho de 1834.)

E de feito, não cessava de alhanar os animos, de indicar a via segura e próspera da tranquillidade no trabalho, ou de stygmatisar os abusos e excessos onde quer que se mostravam. Merecem lidos d'essa collecção os n.ºs 12, 14 e 16, do anno de 1834, em que censura com muito calor, raciocinio e talento a declaração da camara dos deputados que só a ella competia discutir as reformas constitucionaes; os n.ºs 33 e 34, onde analisa a lei d'essas reformas; o n.º 59, em que publica e desenvolve a sua proposta, como deputado provincial, para a nacionalisação do commercio por meio de um im-

posto sobre caixeiros estrangeiros; o n.º 91, onde descreve o partido retrógrado com côres mui vivas e exactas; o n.º 93, em que se dirige aos paraenses revoltados, os impreca e convida á paz, e o n.º 46, do 3.º volume, sobre eleições.

Nota-se em todos esses escriptos aquella alacridade, aquelle espontaneo enthusiasmo que soem inculir-nos o verdor dos annos e as crenças ardentes e viçosas, que o tempo, e mais do que elle, os homens, fazem arrefecer e murchar, e por derradeiro extinguir em nosso espirito. Não tinha obrigações nem compromissos ainda, e via os principios sem enxergar por detraz os individuos. Defendia aquelles com o amor e convicção de quem está possuido e anhela por transmittir aos outros a mesma fé, as mesmas idéas, unicas que entende salvadoras e cabaes para levar o paiz á regeneração, ao progresso, á prosperidade. Relendo todos os seus escriptos, incluindo a *Vida do padre Antonio Vieira*, folgo de conhecer que suas captivas illuções da mocidade nunca se lhe desvaneceram de todo, transparecendo mesmo nas mais pungentes e misanthropicas páginas do *Jornal de Timon*. Scismava tambem sonhos fagueiros, compondo ás vezes d'esses miraculosos espelhismos, que arroubados contemplámos horas esquecidas, e que ao menor sôpro da vida real se esvaeem e somem.

IV

Na sua independencia de character, contentava-se João F. Lisboa de seus minguadissimos recursos, soffrendo sem queixumes privações até do mais necessario á vida, e sem concorrer a empregos que o constrangeriam nas suas opiniões. O dr. Antonio Pedro da Costa Ferreira (fallecido senador e barão de Pindaré), quando presidente da provincia do Maranhão, foi a 9 de novembro de 1835 tiral-o do seu gabinete d'escriptor para provel-o no cargo de secretario do govêrno.

Isto que é notório e sabido de todos os maranhenses coetaneos e da geração moderna, elle proprio encarregou-se de o declarar com aquella franqueza e altivez, que o characterisavam, quando o accusaram seus adversarios politicos: «Mais de um lugar havemos rejeitado, e quanto ao de secretario, accitámol-o: 1.º, por nos julgarmos com capacidade para bem desempenhal-o; 2.º, para termos de que viver honestamente; 3.º, porque o govêrno com quem íamos servir merecia a nossa estima e confiança». (*Echo do Norte*, n.º 19, II tom., 1836.)

Exerceu esse emprêgo cêrca de tres annos, fazendo uma completa reforma no serviço que d'antes era irregularissimo, e introduzindo na repartição melhoramentos, muitos dos quaes são até hoje ainda adoptados. Todos os trabalhos passavam-lhe pelas vistas, redigindo-os com tanta limpeza e correcção, que suas minutas podiam ser archivadas sem ir ao registro. É que o talento a tudo se amolda e

affeioa, tomando as mais variadas e diversas fórmias como lh'as quer imprimir uma vontade temperada pelo dever. Guiado por essa luz celeste, desempenhava-se das funcões de seu encargo com aquella segurança e destreza mais de encanecido do que de mancebo que fazia noviçado n'elle.

No meio da aridez e vicissitudes da vida pública, não foi o coração juvenil do publicista tão absorvido pelo tumultuar das paixões políticas que não procurasse no amor e no bonançoso remanso que traz a vida conjugal ao lar domestico esses momentos de ventura que fazem perdoar e esquecer as ingravidões e injustiças dos homens. Desde que se despedira das aulas, que, por admiração e amidade, entrou a frequentar com assiduidade a casa do redactor do *Pharol Maranhense*, e d'ahi veiu a apaixonar-se por uma das cunhadas d'este, a ex.^{ma} sr.^a D. Violante Luiza da Cunha, a quem recebeu por esposa aos 20 de novembro de 1834.

Por esse tempo sahiu eleito deputado á primeira legislatura da assembléa provincial, que durou tres annos.

Era a primeira vez, pois, que funcionava esta instituiçãõ, uma das melhores franquezas provinciaes ganhas ao systema centralizador pela popular revolução de 1831. Cercada de prestigio e respeito, começava sob bons auspícios, e ninguem por certo poderia então prognosticar ás nossas assembléas provinciaes que um dia teriam de cabir no descredito e anarchia a que tem chegado em algumas de suas sessões. Os mais talentosos, os mais avantajados cidadãos por seus serviços ambicionavam e

disputavam a honra, que não era para desdenhar, de uma cadeira no modesto areopago provincial. Se obtinha o partido dominante a maioria n'ella, não deixava o descaído de contar no seu recinto membros, na plana dos contrários por seus talentos e authoridade; era demais d'isso a sua presença e opinião estímulo que obrigava a todos a estudarem as questões e discutirem-n'as á saciedade e por suas differentes feições. Por isso havia também escrupulo na escolha e bom desempenho do mandato. Foram alli os primeiros ensaios que denunciaram para logo o orador que, annos depois, no fôro e na acanhada tribuna provincial, para a qual foi reeleito em 1838, havia de obter novos laureis que lhe opulentaram a corôa radiosa de escriptor habil, conceituoso e aprimorado.

Occupou-o principalmente n'essas duas legislaturas a instrucção pública, que então manca e incompleta, ainda hoje está tão longe do que deveria de ser entre nós; a nacionalisação do commércio, não como em 1848 a propozeram tão intempestiva e absolutamente na assembléa geral, mas difficultando a concorrência estrangeira aos lugares de caixeiros, e favorecendo ao mesmo tempo os nacionaes alliviados de certos onus.

Pugnou mais pela extincção das ordens religiosas, alporque parasita em uma sociedade nôva como a nossa, verdadeira anomalia que os preceitos philosophicos e economicos do seculo condemnavam e o exemplo de outras nações authorisava a abolir. Tractou também do melhoramento do meio circulante, sendo muito para notar, na última sessão, a opposição á impensada *lei dos prefeitos*, e á de-

cretação de novos e pesados tributos, de onde originou-se uma revólta que talou a provincia e produziu a estagnação por muitos annos das fontes de nossa riqueza e completo desalento até nos mais fortes — o esphacelamento em summa e a desolação por toda a parte.

Pertencia a esse pequeno e brilhante grupo que representava o partido liberal na legislatura de 1838. Supprimam ao número os grandes espiritos, os conhecimentos, a argumentação vigorosa e cerrada, os recursos intellectuaes dos athletas opposicionistas, sobrelevando aos demais J. F. Lisboa por todos esses dotes oratorios, pela palavra fluente e incisiva, pelas apostrophes vehementes e animadas, pelo juizo seguro e reflexivo, pelos raciocinios bem encadeados e logicos.

Só ha mui poucos annos a esta parte é que se introduziu na nossa assembléa provincial o uso de stenographar as discussões, como que para attestar a decadencia e precoce decrepitude da instituição. Assim que, perderam-se todos esses applaudidos e laureados discursos, salvando só um da legislatura de 1849 as instancias de um amigo, que forçaram o orador a reproduzil-o de memória logo que sahiu da sessão. Não antecipemos, porém, os factos.

V

Se hoje em dia, quando os barcos de vapor cortam alguns dos nossos rios, e estendem-se leguas de carris de ferro por invias paragens, commettem-se ainda tantos cri-

mes, descansados e seguros de si os facinoras nas embrenhadas mattas e extensas campinas, cujos recessos os protegem e occultam do braço da justiça, considerae como se respeitariam a vida, a segurança individual e a propriedade nos tempos do primeiro imperio e nos das regencias tão profunda e continuamente convallidas por commoções que, perturbando a tranquillidade d'aquelle vastissimo e quasi despovoado territorio, pervertiam toda a noção de moral em animos obscurecidos pela ignorancia a mais crassa! Juntae a isto a falta absoluta de pratica das instituições livres e complicadas que logo de principio tomámos de povos, a cuja indole, civilisação adeantada e topographia de seu paiz quadravam perfeitamente; bem assim o enfraquecimento da authoridade sem a fôrça e o prestigio, que só dá a paz, com o restabelecimento e a fiel execução das leis, e tereis a medida exacta do que foram por aquellas éras e nos lugares remontados a segurança individual e o direito de propriedade, aliás tão resguardados e protegidos pela lei!

A vindicta particular, semelhante de todo ponto á *vendetta corsega*, com seus assaltos, luctas, incendios e exterminio de familias inteiras, fulgurava em todo o seu esplendor sinistro nos sertões de mais de uma provincia infamados dos malvados que n'elles se celebrisaram em crimes, instigados por offensas particulares ou odios politicos.

Agora que imperam em toda sua fôrça de acção e esplendor o regimen constitucional e as leis, e vae o Brasil medrado em prosperidade e civilisação, sob um monarcha

illustradissimo e patriota quanto liberal, posso dizel-o sem corar que muitos d'esses criminosos eram protegidos pelas proprias authoridades, senão revestidos d'ellas! No Maranhão, como em todo o resto do imperio, apontavam-se alguns, vivendo em verdadeiras praças d'armas, rodeados de não menos ferozes e rudes acostados, conhecidos com o nome popular de *capangas*, promptos a obedecer, e ousados e petulantes no aggreddir como os *bravi* de Veneza, e como elles covardes na defensiva ou quando a justiça acertava empolgal-os fóra de seus covis impene-traveis e escusos.

Entré esses potentados um havia que sobreexcedendo aos mais em crimes, não andava, comtudo, erradio e embrenhado, antes vivia na populosa e commercial cidade de Caxias, horrorisando e polluindo o berço do mavioso poeta dos *Cantos* e dos *Tymbiras*, estimado e protegido por um dos partidos politicos que o havia constituido alli seu chefe. Sua hedionda passagem sobre a terra foi marcada por um longo rastro de sangue que enche ainda de pavor os caxienses, tornando-lhe o nome, que escuso aqui lembrar, conhecido por toda a parte e celebrado nas ruas toadas dos barqueiros que navegam o Itapecurú.

Quando Feijó no seu patriotismo, que teve só egual nos tempos do heroismo da antiga Roma, entendeu que devia resignar o poder nas mãos dos adversarios, veio com a mudança de politica no imperio o dominio dos conservadores ou partido do regresso, como era então appellidado, correspondendo-lhe n'esta provincia os *cabanos*. Pelo número e por seus successivos triumphos eleitoraes, cam-

peava em Caxias o partido liberal, tendo na direcção suprema, entre outros characteres honestos, Raymundo Teixeira Mendes, que gozava a justo titulo de preponderancia e popularidade. Aos primeiros sopros da reacção concertou com os seus sequazes aquelle façanhudo scelerado, a que talvez o ôdre de Thomyris não bastasse para desedentar a sede de sangue, desfazer-se d'este e de outros populares e poderosos adversarios para mais desafogada e facilmente poder firmar seu dominio de terror na comarca.

Depois de ter ao cahir da noite de 25 de novembro de 1837, alvorotado e alegre, discreteado em uma casa de bilhar com os amigos as boas novas que recebêra da capital, voltava o infeliz Teixeira Mendes para casa, inerte e acompanhado apenas por um joven, seu parente, quando ao passar pelo largo da Matriz, foi ás nove horas e meia assaltado de improviso por dois assassinos, que o mataram apoz desesperada e corajosa lucta.

Chegada tão infausta noticia á cidade de San'Luiz do Maranhão, foi recebida pelo govêrno com indifferença culpoad eixando de proceder-se contra criminosos, aliás tão publicamente sabidos e denunciados. Tomado João F. Lisboa de indignação, não vacillou um momento entre o lugar de jornalista da opposição, que os brios lhe aconselhavam occupasse de novo, e o de secretario da presidencia, que lhe dava meios de subsistencia.

VI

Sublime rasgo de generosidade e dedicação é esse que abandonando a tranquillidade e gôso que desfructava, troca-os pelo mourejar affanoso e miseravel que já amargara, e destroe em um lance seu futuro só para desaffrontar a justiça e os direitos dos concidadãos desprezados e ultrajados!

Foi em tão auspicioso e admiravel ensejo que appareceu a 2 de janeiro de 1838 com o 1.º número da *Chronica Maranhense*¹, jornal que pela gravidade e elegancia da linguagem, pela energia e castigado da phrase, pela elevação e nobreza de idéas, pela fôrça de raciocinio, e agudeza e atticismo da critica com que era escripto, lhe for-

¹ Sahiu em dous formatos diversos, o primeiro anno em folhas de papel florete, em duas columnas com o seguinte rosto :

Anno

Numero

 CHRONICA MARANHENSE

Assigna-se em casa do redactor, rua do Egypto n.º 12, e na fabrica de chapéus, de Vidigal, Irmão & C.^a, rua Grande, preço por trimestre 3\$000 réis, por semestre 5\$500 réis e por anno 10\$000 réis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 réis na sobredicta fabrica e os avisos imprimem-se a 60 réis por linha, mas os dos assignantes gratuitamente, com tanto que não excedam a 30 linhas.

 Maranhão. Na typ. de I. J. Ferreira, rua da Paz, n.º 34.

Publicava-se duas vezes por semana, dobrando de forma só nos volumes de 1839 e 1840, com tres columnas, conservando aliás o mesmo frontespicio, alterado só com trazer o nome da typographia dicta Imparcial Maranhense.

mou e grangeou a reputação que desde então começou justamente de gosar de uma das mais habéis, bem aparadas e festejadas pennas de publicista, que escreviam em lingua portugueza e de que nunca mais decahiu, antes foi sempre avultando em brilho e renome, por modo a merecer depois louvores ainda d'aquelles que andavam travados com elle em renhida e violenta contenda.

Ouçamos o competentissimo juizo do redactor da *Revista*, jornal em opposição á *Chronica Maranhense*, que foi seu adversario politico com todo o encarniçamento d'aquellas epochas de exaltação, e para isso não irei extraher das columnas de um jornal escripto com a pressa que exige a composição typographica, mas do *Curso de Litteratura portugueza e brasileira*, de Francisco Sotero dos Reis: «No *Echo do Norte*, e com especialidade na *Chronica*, diz elle, não era João Francisco Lisboa o joven inexperiente e fogoso que no *Brasileiro e Pharol* esposava as idéas dos exaltados, mas o homem amadurecido pela experiencia, formado a todo o genero de litteratura no estudo particular do seu gabinete, o politico profundo, o escriptor abalisado e o adversario mais temivel pela insigne mestria com que manejava a penna, quer em assumptos serios, quer no ridiculo *em que ninguem podia competir com elle*.

«É opinião minha que até hoje, ainda se não escreveu na provincia outra folha politica tão eloquente como a *Chronica*, e não poderei avaliar melhor o merito do seu redactor do que o fiz, quando redigi o *Publicador Maranhense* (Veja. n.^{os} 1, 2, 16, 22, 31, 38

e 47 d'este jornal do anno de 1864). Eis a passagem a que me refiro: «Entre todos essês vultos de talentos superiores que collocámos em lugar proprio n'esta especie de galeria jornalística, o sr. João Francisco Lisboa, que *á fôrça e lucidez de pensamento reúne em subido grau o vigor, a magestade e o colorido da expressão*, incarnando as suas concepções sob as fôrmas as mais apropriadas, vestindo-as dos trajos os mais adequados, ornando-as com os matizes os mais delicados, imprimindo-lhes os ademanes os mais expressivos, e animando-as para assim dizer com os traços da sua pen-*na, parece-nos ser o mais preeminente e grandioso vulto que se apresenta aos olhos do observador.*»

Depois do que ahí fica dicto por tão considerado escriptor como imparcial juiz, por isso que lhe foi adversario politico, e viveu por longos e consecutivos annos em porfiosa, e ás vezes desabrida controversia com elle, nada mais ha que dizer.

A hombridade, brios e honradez de Lisboa lhe não consentiam continuar a servir de secretario de um govêrno muitos de cujos actos tinha de censurar. Por tres vezes pediu, pois, exoneração do cargo sem que lh'a quizesse acceitar o novo presidente, Francisco Bibiano de Castro, que com a ascensão de Araujo Lima (fallecido ha pouco marquez de Olinda) á regencia, veio substituir a Costa Ferreira. Mas não vencendo instancias a fraqueza e duvidade de espirito d'aquella authoridade que vacillava entre o transtôrno que lhe causava a ausencia de um empregado que por sua expedição, lealdade e intelligencia

servia-lhe de accessor nos assumptos que não entendiam com a politica, e por isso o descançava do pêso do expediente, e as queixas que levantaria a opposição por ver n'esse acto manifesta e deliberada aggressão. Conhecendo Lisboa que não obtinha despacho á sua pretensão, entendeu por melhor abandonar a repartição quando succedeu na presidencia Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo, espirito francamente rector e cujo primeiro acto foi demittil-o a 7 de março de 1838 do cargo que o peava, e impunha-lhe resguardos e attentões que obrigam a quem se préza e observa os dictames do dever e da honra.

VII

Melindroso e para receiar era o estado de agitação e turbulencia, que com a prolongada duração da menoridade ia de dia a dia desenvolvendo-se nas provincias. O prestigio da fôrça, a cooperação efficaz dos bons cidadãos para manter-se indissolúvel a tranquillidade, o respeito ás authoridades, a obediencia pacífica ás suas ordens e ás leis, e finalmente as adhesões sinceras, espontaneas, dos povos só as conseguem os governos estaveis e resolutos em seus actos permanentes. Deixou-se Feijó cegar por seu patriotismo e dedicação á causa pública quando, negando-lhe o parlamento decidido apoio, entregou o poder ao partido contrário, suppondo assim extinguir as facções e chamar as provincias rebelladas ao gremio da paz. O mal não estava n'elle, nem n'este ou n'aquelle sys-

tema politico, mas na essencia provisoria do proprio governo. Se na sua regencia se manifestaram o movimento da cidade do Ouro-Prêto, em Minas, e a revolução do Rio Grande do Sul, não foram mais felizes as anteriores, que se viram assoberbadas com a terrivel guerra dos *Cabanos*, que assolára Pernambuco por quatro annos, as revôltas de Pinto Madeira, no Ceará, e a *Agostada* e a de Vinagre, no Pará, e sedicções militares mais ou menos temerosas, já n'uma, já n'outra provincia; e nem os homens politicos que lhe succederam, achando-se d'ahí a bem pouco a braços com a *Sabinada* e depois com a *Balaiada* que, com a do Rio Grande do Sul, perdurou até á maioridade do Senhor D. Pedro II.

O que importava em tal emergencia ao successor de Feijó era contemporisar, era conciliar e alhanar os espiritos, e nunca fazer inversões acinzentas nem reagir desatinadamente. A este êrro na marcha administrativa, veio junctar-se outro não menos funesto, principalmente para a provincia do Maranhão, qual o da desacertada escolha de alguns presidentes. Camargo, pela sua indole fraca, pelo seu character irascivel e obstinado, era o menos proprio para dirigir os destinos de uma provincia cuja população, habituada durante tres administrações successivas ao gôso da liberdade no exercicio dos seus direitos, a certa longanimidade e brandura da parte do poder executivo, sobre pouco tributada, não podia supportar de boa sombra, e sem sentir extremo abalo e desespêro a elevação de uns impostos e decretação de novos, os processos por crimes imaginarios, instaurados no só proposito

de perseguir, os recrutamentos vexatorios, os actos de violencia de authoridades, algumas d'ellas réus confessos que em vez de empunhar o bastão do mando deviam de trazer as manilhas do condemnado, e sobretudo a criação inconstitucional dos prefeitos, especie de senhores de braço e cutelo, revestidos de poderes discricionarios, que nas mãos de muitos tornaram-se verdadeiros flagellos e terror da gente rustica; postoque pacifica.

Foram todas essas medidas excepçoes combatidas com denodo e talento por João F. Lisboa, na tribuna provincial, onde foram propostas e approvadas, e no seu jornal, em que pintou com aquella eloquencia nervosa, vigor de phrase e colorido os males que d'ellas derivariam, apontou e discutiu com mui sensatas e ponderosas rasões todos os defeitos, demasias e illegalidades d'ellas, e vaticinou com aquella perspicuidade e segunda vista, que são dotes dos engenhos superiores, as tristes e funestissimas consequencias que d'ellas proviriam. Tudo, porém, foi baldado; que as paixões politicas muitas vezes endurecem e pervertem os sentidos!

Em menos de um anno os excessos commettidos e amontoados sem tino nem prudencia tinham cogulado a medida da paciencia do povo já cançado e sobremodo irritado. A gota para fazer trasbordar o vaso de soffrimentos não tardou. Prêso na villa da Manga, do Iguará, um homem, por mero luxo de vingança do prefeito, foi no dia 13 de dezembro de 1838 attacada a cadeia por nove companheiros d'este, capitaneados por outro de nome Raymundo Gomes, de côr parda e de uma ignorancia quasi brutal,

e conseguiram pôr em liberdade esses e outros presos. Vendo-se perseguidos, foram internando-se pela provincia, onde veiu engrossal-os parte da plebe sempre disposta a tumultos. D'ahi ateara-se o horroroso incendio d'essa rebellião, que, sem principios, nem fins determinados, senão os da pilhagem e do morticínio, e conhecida com o nome de *Balaiada*, derivado do de um de seus caudilhos, se propagou rapido, devastando, assolando e reduzindo á miseria aquella e parte da provincia do Piahy.

Inexoravel e injusto como todo o partido fraco, que se quer manter nas posições officiaes, e superar as difficuldades que se lhe emergem de continuo, não estremou o *cabano* as armas com que ferir seus contrários, tendo por boas quantas deparava na vertigem da pugna. Aparecendo essa rebellião, embora sem character nenhum politico, aproveitou-se seu jornalismo de tão deploravel occorrença, gerada do despotico procedimento de alguns de seus partidarios, para lançal-o irremissivelmente á conta dos liberaes, aquinhoando n'essa calúmia a João Francisco Lisboa pela rasão de ser um dos principaes opposicionistas e o mais esforçado e temido d'elles pela penna e pela palavra.

Taes imputações por falsas e infundadas cahem deante das mais leves considerações. Até hoje, e são passados já trinta e seis annos, e ainda não se descobriram provas testemunhaes ou documentaes que as abonem, antes muitas que as confutam. O que está averiguado pelos factos, submettidos á critica imparcial e desapaixoadada, é que

essa rebellião não se engendrou em principios politicos, como tambem nunca os proclamou, e menos ainda deu a conhecer fins consentaneos aos do partido no qual o espirito malevolente de politica a queria perfilhar, fundando-se em que os amotinados se diziam *bemtevis*, denominação do partido liberal na provincia, como se este fosse d'isso responsavel! Em toda essa facção depredadora, e durante os tres annos que perdurou, apontam-se só tres caudilhos ou directores supremos—Manuel Francisco dos Anjos Ferreira Balaio, Raymundo Gomes, ambos homens de côr parda, de condição infima e servil, miseraveis e completamente broncos, e Cosme, preto liberto. Descendo d'esses para seus cabos de guerra, vamos encontrar entre elles malfeitores, attrahidos até de outras provincias, pelo cheiro da carnificina e esperanças do saque, muitos fugidos das prisões, recrutados indistinctamente nos partidos contendores e fóra d'elles, e escapos todos das camadas inferiores e das fezes da sociedade como gazes deleterios que á menor agitação de infecto marnel desprendem-se e viciam o ambiënte. Nem um official do exercito sequer, ou individuo, nem direi já de tal ou qual representação, de mediocre importancia se descobre alistado n'ella; quando nas columnas, que a perseguiam e combattiam, havia militares liberaes, e batalhões inteiros de guardas nacionaes, em quem, nem a disciplina, nem o regulamento dos corpos de linha poderia ter abolido os fóros e habitos de cidadãos livres, e, todavia, em toda essa desgraçada sublevação não houve um só que se bandeasse com os rebeldes, o que por certo suc-

cederia, se commungassem nas mesmas idéas e sentimentos. Sem planos concertados, evitando batalhas campaes e acudido para onde mais os convidava a rapina por opima ou de facil entrada; grotescos e estupidos nos actos e ordens emanadas do seu poder; em sua correspondencia, em suas proclamações sem nexó, e onde as palavras estavam em hostilidade com a grammatica, a orthographia e o bom senso, e se amalgamavam e baralhavam confusamente, só ha principios da mais trivial politica, terminando sempre por vivas demonstrações de respeito ao govêrno, ao monarcha, á familia imperial, e patenteando em todo esse cahos informe e repulsivo ausencia total de quem os guiasse e aconselhasse — eis o movimento revolucionario, que attribuiam aos liberaes ou *bemtevis*; eis os homens, inculcados, por maldade e má fé de alguns follicularios, como membros de um partido e por elle incitados a conflagrarem o torrão natal!

¿Depois, se a causa efficiente d'essa rebellião fosse o desespero de um partidò, como é que roubavam os haveres, e incendiavam as casas, e perseguiam e assassinavam sem preferencia, tanto os individuos de um, como os de outro partido, e ao tomarem Caxias lançaram por igual nos mesmos carcerees os chefes *cabanos* e *bemtevis*?! Ninguém, nem as proprias senhoras e creanças estavam seguras senão na capital e nos pontos militares! ¿Demais, como é que o partido *cabano*, que se empenhava por imputar essa rebellião aos opposicionistas, tendo por si a presidencia, a policia, quasi todos os commandantes das forças, isto é, todos os meios para interceptar as corres-

pondencias, se as houvesse, entre elles e os rebeldes, ou colhel-as nas bagagens tomadas, nunca poude obter denuncias dos prisioneiros ou achar brecha para prender ou processar um só de tantos liberaes?! A despeito dos esforços empregados para isso, do illimitado poder do commandante das armas e dos que commandavam corpos, não houve rastrear cousa que fizesse carga ao partido *bemtevi*, nem ainda depois de pacificada a provincia, e n'este longo transcurso de annos veiu á tona facto que o compromettesse! Para fortalecer ainda mais esta opinião temos a memória (*Revolução da provincia do Maranhão, Revist. Trim.*, tom. III da 2.^a serie) escripta em 1848 pelo sr. dr. D. J. Gonçalves de Magalhães (hoje visconde de Araguaya), onde este, que esteve na provincia por occasião do maior incremento da rebellião até seu desfecho, na qualidade de secretario do presidente general das forças pacificadoras, com todos os documentos officiaes, e outros instrumentos proprios para apurar a verdade á sua disposição, a não attribue senão de um modo vago ás incitações do partido opposicionista; mas note-se que sem nada affirmar de positivo.

Destroe ainda mais essa peçonhenta atoarda o ter o presidente da provincia conferenciado com o chefe mais proeminente do partido liberal, o depois senador Franco de Sá, sobre os meios de pacificar a provincia (Vej. cap. IX da cit. *Mem.* do dr. D. J. Gonçalves de Magalhães); e Francisco Sotero dos Reis que, como redactor da *Revista*, era em tempo da rebellião o que a attribuia com mais insistencia aos liberaes, declarava no *Publicador Maranhense*

de 2 de janeiro de 1861 que «quando em 1839 a 1840 «a revólta de Raymundo Gomes (*balaiada*) assolou quasi «toda a provincia e esteve a ponto de invadir esta bella «capital, essa polemica dominante *foi de mais a mais* «*aggravada pelas recriminações que se succediam quasi* «*sem termo*» etc.; e quer n'estes artigos em que historia a nossa vida jornalistica, quer antes na sua refutação á *Memoria* do sr. dr. D. J. Gonçalves Magalhães (*Revista Mar.* de 1848), quer no v tomo do seu *Curso de Litteratura*, ao tractar mui individualmente de João Francisco Lisboa, não attribue nem allusivamente ao partido que guerreou por tão longos annos, ou ao seu mais reportado corypheu na imprensa, a menor connivencia directa, nem ao menos indirecta n'essa rebellião.

Mas o partido, que estava no poder, não se contentava só em dal-a calumniosamente como fomentada e sustentada pelo contrario, senão que no seu delirio politico e despiedadas recriminações ia até a indigitar Lisboa como o principal motor e chefe occulto d'ella!

Para os maranhenses, para aquelles que conhecem a história politica da minha provincia e acompanharam Lisboa nas diversas phases de sua honesta e laboriosa existencia, parecerá seguramente ocioso e prolixo deter-me por mais tempo em refutar uma tal maledicencia, que nem era assoalhada de convicção por nenhum dos seus adversarios, nem ha filho do Maranhão que ouse dizel-o a descuberto; porém foi ella não ha muitos annos repetida levemente na camara temporaria¹, e o sr. visconde de

¹ Na sessão legislativa de 1857, citando o intelligente deputado

Porto Seguro vem com ella no seu famoso *Officio Pro-testo*¹, e isto por tanto força-me a adduzir outra especie de testemunhos que provam exuberantemente seu espirito ordeiro e amor á tranquillidade e á paz pública, indo colhel-os em seus escriptos de opposicionista em epochas mui anteriores a essa revólta, e onde se veem com frequencia apontados e preconizados preceitos tão conformes a trazer os povos na obediencia e respeito ás authoridades e ás leis, e na harmonia e união entre si.

Na introducção ao primeiro número do *Brasileiro*, a 23 de agosto de 1832, quando tinha dezenove annos de idade, as paixões então escaldam o sangue e refervem no cerebro, e todo o adolescente de algum talento presume-se de reformador por ter lido o *Contrato social*, elle, com-tudo, já escrevia com esta moderação: «Seguiremós uma «estrada meã; nem nos havemos de oppor a todos os «actos do govêrno pelo simples facto de o serem. . . Ha-«vemos sim deffendel-o, porque de sua *conservação de-«pende hoje a salvação do Brasil*, etc. . . (*Jorn. cit.*).» Já no seguinte número aconselha aos seus correligiona-

pelo Pará, o sr. conselheiro Tito Franco de Almeida, algumas passagens do *Jornal de Timon* por occasião de discutir as eleições do Maranhão, deu-se o seguinte incidente:

— O sr. *Cruz Machado*: — Concorreu para a *Balaia*da.

O sr. *Franco de Almeida*: — Se eu respondesse ao nobre deputado, te-cendo merecidos encomios a *Timon*, poria em dúvida o prestigio d'esse nome que já não é sómente do Maranhão, mas do Brasil, e daria a sup-por que essa glória nossa poderia ser attingida por esse aparte ferino.

¹ No lugar competente d'este trabalho occupo-me mais de espaço d'este e de outros libellos infamatorios do illustre titular (Varnha-gen).

rios mais assomados toda moderação e calma.

«Tambem nos cabe agora aconselhar aos nossos patricios
«excessivamente exaltados que sejam mais prudentes.

. o que devem ficar entendendo
os brasileiros é que *rusgas nada aproveitam á* «causa
«da liberdade, senão aos *nossos inimigos, que as fomen-*
«*tam para nos poder destruir* a titulo de deffender a lei
«e a ordem.»

Mais abaixo continúa: «E não nos merece esta querida
«patria que demos de mão a particulares vinganças e que
«saccudâmos de nós esse infernal espirito de partido?»
(*Brasil*, n.º 2 de 30 de agosto de 1832.)

Descrevendo elle no n.º 416 do *Pharol Marenhense* de
19 de julho de 1833 os partidos politicos do imperio,
diz: «que devemos forcejar por trazer o govêrno a bom
«caminho por meio de uma *oposição legal, tirando todo*
«*e qualquer sentido de revoluções e guerras*».

Conclue assim: «. . . agasto-me emfim com o mau sys-
«tema que em geral segue a administração; mas *fólgo ao*
«*contemprar os cidadãos tranquilllos e seguros em suas*
«*casas*. . . .»

Abre o primeiro n.º do seu *Echo do Norte* (3 de julho
de 1834) com estas conceituosas ponderações: «Bem
«que estejâmos convencidos da necessidade que ha de
«reformar a nossa constituição, *não entendemos comtudo*
«*que isso se possa alcançar por meio de tormentas revo-*
«*lucionarias*: uma triste experiencia nos deve ter ensi-
«nado que d'ellas ninguem sahe mais aproveitado que da
«paz sepulchral do despotismo. . . .»

«Assim que forcejaremos em nossos escriptos para
«acabar com esse fogoso espirito de novidade que por
«meio de sanguinolentas revoluções quer indireitar o
«mundo...»

É na verdade digno de reparo a lenidade e juizo prudencial com que escreve e pensa no meio da convulsão geral que ia pelo imperio, e é a esse que em mancebo discursava por este modo que alguém, que devia, envergonhado de seus vícios, esconder-se em escura leproseira, procura covardemente marear-lhe a memória com o ferrete de fomentador de uma revólta sanguinaria! Continuemos, porém, com estes provarás. Aproveitando o joven escriptor o ensejo de noticiar a morte do nosso primeiro imperador, insinúa a concordia e paz entre a familia brasileira.

«A morte de D. Pedro I, diz no n.º 40 do *Echo do Norte*,... deve amortecer muito o odio que mutuamente
«se consagram os brasileiros natos e adoptivos.»

No artigo que serve de programma á *Chronica Maranhense*, depois de pintar com côres carregadas os horizontes politicos e presagiar em vista da inquietação dos espiritos que estava a provincia ameaçada de proxima rebellião, afirma que :

«Serão nossos *desvelos e esforços mormente* empregados em *pacificar* os animos, que *tantos homens imprudentes* ou *corrompidos lidam por azedar*. N'uma lingua-
«gem ordinariamente moderada, porém austera e forte,
«quando as circumstancias o exigirem, a nossa *Chronica*
«buscará maneira de mostrar e fazer crer que»

« A moderação, a generosidade, a incorrupta probidade,
 « reciprocamente professadas pelos partidos políticos são
 « as unicas tábuas que os podem salvar no mar tempe-
 « tuoso em que andam aventurados »

« Esta será em parte a doutrina da *Chronica*, e é por
 « ella que receamos riscos e dissabores não pequenos :
 « nada dilacera e consomme tanto a certos energumenos
 « como a moderação e a serenidade com que os homens
 « bons soffrêm a guerra violenta e atroz que lhes movem,
 « e d'ahi bem devemos esperar que as vozes de paz e con-
 « cordia, que soltarmos, nos hajam de acarear baldões,
 « calúrnias e mais horrores que callâmos, da parte d'es-
 « ses corações a quem nunca animou o fogo celeste de
 « Promêtheu . . . »

Quando se teve noticia no Maranhão da revolução do
 Pará e da do Rio Grande do Sul, profligou-as com pala-
 vras rudes e vehementes no *Echo do Norte*, e a *Sabi-
 nada* da Bahia mereceu-lhe no n.º 2 de sua *Chronica* de
 5 de janeiro de 1838 estas exprobrações com que ver-
 bera o movimento :

« a rebelião existe e nenhum brasileiro poderá deixar de
 « lastimar as suas fataes consequencias e de indignar-se
 « contra seus perversos ou tresloucados auctores

Dirigindo-se aos seus comprovincianos assim finalisa
 esse artigo onde respiram as mais louvaveis doutrinas de
 ordem, de paz e de benemerencia :

. « não podemos erer que haja
 « n'esta provincia uma só pessoa que não negue o seu as-
 « senso e as suas sympathias a uma rebelião feita pela sol-

«dadesca insubordinada e corrompida por promessas, e
 «pela plebe ignorante.....»
 «Lastimemos que a ignorancia seja causa de a illudir com
 «tanta facilidade e amaldiçoemos os ruins que assim
 «praticam!»

No seguinte número da *Chronica* (n.º 3 de 9 de janeiro de 1838), voltando ao mesmo assumpto para desmentir atoardas que alguns pasquins incendiarios, escriptos por truculentos intrigantes, acinte assoalhavam de um plano tenebroso de conspiração como o da Bahia, confunde-os, e em dois traços de mestre mostra para escarmento o estado deploravel de algumas republicas antigas e modernas, faz sua profissão de fé monarchica e conclue:

«Resumâmos as nossas idéas. O estado actual do Brasil, posto seja bem triste e desagradavel, pôde-se todavia tolerar; o despotismo das auctoridades e partidos actuaes, mais ou menos contidos pelas leis, é sem dúvida alguma preferivel ao despotismo atroz que hão de exercer os chefes e partidos revolucionarios.....
 ... «finalmente com a destruição do actual systema, sobretudo por meios violentos, abriremos diques á mais feroz anarchia, e depois d'ella, ao despotismo ignobil e barbaro dos chefes militares que ordinariamente succedem aos demagogos. Oh! brasileiros, um mal ainda mais terrivel nos ameaça! Sôis divididos em várias raças—fracos laços as prendem: tomae tento em os não quebrar; porque ellas se hão de então devorar reciprocamente!»

Lastimando em outro artigo (*Chronica* n.º 5, de 16 de janeiro do mesmo anno) os males e vexames que padecia o partido de que era orgam, começa n'estes termos:

«Grande é o medo que temos de desordens; por isso não cançaremos de clamar contra ellas e mostrar o caminho que devemos seguir para evitat-as.»

«Sem dúvida, muitos dos que lerem a nossa *Chronica*, vendo que reprovamos os meios violentos e as revoluções, e considerando por outra parte que somos pessimamente administrados. não de naturalmente perguntar o que devemos nós fazer?»

«Resistir legalmente, cheios de constancia e d'energia, fugir sobretudo de practicar contra os nossos adversarios retaliações.»

«Mas esses meios, clamam alguns, são fracos e importantes para com uma facção intolerante.»

«A esta objecção responderemos que por fracos que sejam, devemos preferil-os aos da violencia, tão arriscados e prejudiciaes»»

Apresentando depois factos da história patria e extranha, põe em frente dos males que adveem das revoluções os bons fructos da resistencia legal, e por derradeiro exclama:

«E ainda haverá quem hesite na escolha? dir-se-ha que os meios violentos e da força são preferiveis aos da razão, da constancia e da resistencia constitucional?!»

6 Era, pois, por modo tão extranho e contrário a toda a idéa subversiva, era por meio de uma propaganda tão

pacífica e benéfica que o escriptor opposicionista preparava o terreno para a rebellião que d'ahi a pouco rebentou? Quem professava e evangelisava as sanctas maximas que ficam em parte transcriptas de jornaes de epochas diversas; quem se desvelou sempre por abrandar os animos, aconselhando ao mesmo tempo a resignação e a resistencia dentro da lei; quem, finalmente, procurou com o mais patriótico e tenaz esforço desfazer as nuvens carregadas que antevia agglomerarem-se sobre o Maranhão, com as violencias e arbitrariedades incomportaveis do presidente Camargo, podia nunca ser acoimado de fomentador d'essa deploravel e ingovernada rebellião?

A paciencia do povo estava esgotada, e irrompeu por fim essa tormenta, que o redactor da *Chronica* presagiava, de que sempre preveniu o govêrno, e que reprovou com maior calor com o que havia d'antes profligado as revoluções do Pará, da Bahia, de Pernambuco e do Rio Grande do Sul, dando d'ella noticia pelo seguinte modo no n.º 94 da *Chronica* de 23 de dezembro de 1838:

.....

«Não sabemos ao certo da occasião e motivos d'este
 «desaguisado; posto que vagamente tenhamos ouvido fal-
 «lar em *vexações practicadas alli contra os homens de côr*
 «por meio do recrutamento que n'alguns pontos tem sido
 «até um grande ramo de negocio, e porventura os presos
 «que se soltaram serão recrutas. O descontentamento de
 «uns, a turbulencia de outros, a *audacia d'alguns faci-*
 «*noras, como por exemplo o chefe do bando, que nos di-*
 «*zem ser muito conhecido pelos seus crimes, ajudado tudo*

«do despotismo dos prefeitos, eis o que provavelmente deu
causa a esta desagradavel occorrença.»

..... «aquelles loucos, sem fôrça nem
«intelligencia, a esta hora talvez tenham sido battidos, e
«nem se teriam arrojado a tanto, se a mór parte do desta-
«camento tivesse marchado para o Codó.»

.....
«Depois de havermos escripto o artigo acima, soube-
«mos que o chefe dos amotinados da Manga é um tal Ray-
«mundo Gomes que foi vaqueiro..... inda
«insistimos em dizer que não ha motivos para grandes re-
«ceios; posto que aquellas paragens sejam infestadas de
«muitos malfeitores. Attento o espirito público, que mau
«grado as divergencias de opinião, é todo adverso a desor-
«dens, é de crer que a do Iguará seja facilmente sopea-
«da!...»

Ao tempo que fallava João F. Lisboa com tanto desafôgo
da desordem e do seu caudilho, os jornaes do govêrno,
guardando silencio sobre o estado da rebellião e as medi-
das tomadas pela presidencia, occupavam-se de malquis-
tar os mais conspicuos adversarios com a população, in-
digitando-os como envolvidos n'ella!

Lisboa, pelo inverso, inspirando-se no puro amor da
patria, instava com elles para que depozessem resenti-
mentos e conciliados todos ante o perigo commum e uni-
dos o conjurassem! Para dar a medida dos nobilissimos
sentimentos que inflammavam João Francisco Lisboa, cum-
pria citar muitos trechos da sua *Chronica*, se não viesse
a quebrar com elles o fio d'esta narrativa; mas ainda

assim não posso furtar-me ao desejo de transerever estes :

..... «Como é possível (dizia no n.º 35 da *Chronica* de 19 de maio de 1839) que ainda insultem a opposição, a cujas luzes, a cuja dedicação patriótica e constitucional deve-se o não terem as lavas da anarchia crestado já todo o sólo maranhense?

«Não vos illudaes; se sós as fôrças brutas e dispersas da desordem teem triumphado onde quer que apparecem, onde estarieis vós hoje se a intelligencia as concentrasse e dirigisse, e se principios generosos, despertando enthusiasmo e sympathias, lhes acarcassem proselytos sem manchas?!»

..... «a opposição *inteira* é com elles conivente dizeis.....
 «Quaes as vossas provas? *Nenhumas!* N'uma conspiração que não chega a vir a effeito comprehendemos nós que possam ficar desconhecidos os nomes de seus authores; mas n'uma rebellião declarada!... Apontae-nos, por quem é, um só cidadão conhecido que se tenha, não digo já posto á frente dos rebeldes, mas que ainda lhe haja prestado o menor apoio; dizei-me em que lugar se tem conferenciado com os caudilhos da revólta; que emissorio, que documento, que carta apprehendestes já que vos dêsse o menor direito a produzir diariamente accusações escandalosas e tão nocivas á propria pacificação da provincia?!»

«Se a opposição interessa nas desordens, por que mais aguarda ella que já se não declara, não a prótege com to-

«das as suas fôrças, e não estende os braços para colher
«os fructos que essa arvore de morte lhe poderia offere-
«cer?»

«Se a opposição protege a desordem, que projecto tem
«em mente?.....
«obter sómente e por meio da violencia, que *ella tanto*
«*tem reprovado*, um triumpho momentaneo contra seus
«adversarios?.....

.....
«cumpre que cessem todas as desconfianças e receios da
«parte d'aquelles nossos concidadãos, a quem o seu cha-
«racter, os seus habitos e a natureza de suas occupações
«não consentem que tomem na politica uma parte imme-
«diata e activa: todos devem, e podem desassombrada-
«mente sahir a campo para defender as suas vidas e pro-
«priedades, e certo encontrarão a seu lado *companheiros*
«*dá mesma bandeira, aquelles a quem a mais despejada*
«*calúnnia pretende, mas em vão, macular.*»

..... «E aqui nos dirigimos particu-
«larmente aos nossos amigos politicos.....
«para que, esquecidos todos os agravos, acudam aos
«reclamos que faz o govêrno provincial aos cidadãos bra-
«sileiros em geral; alistemo'nos todos, preste cada um os
«serviços que forem compatíveis com suas fôrças. Temos
«a defender os objectos mais sãgrados, e os nossos mais
«caros interêsses. Quanto mais for nosso ardor e devoção,
«tanto maior será o nosso triumpho e a *vergonha de nos-*
«*sos mesquinhos calumniadores*. Sempre bradámos con-
«tra os oppressores e contra a oppressão que gera a anar-

«chia; mas quando esta se desenvolve, *nos votamos á*
 «*defeza da ordem*, embora o escudo que abraçarmos
 «cubra egualmente os nossos proprios inimigos.»

.....
 «Assim vos falla, maranhenses, de todo o coração, um
 «compatriota que bem sabe *estar votado ao odio e raiva*
 «*d'alguns inimigos invejosos.*»

Com os minguados meios empregados pela presiden-
 cia, com a lentidão com que as fôrças eram equipadas e
 se moviam, com as ordens mal concertadas e peor exe-
 cutadas pela incapacidade d'alguns agentes do govérno,
 foi a rebelião ganhando fôrças, estendendo-se a toda a
 provincia e engrossandó suas fileiras, a ponto de empre-
 hender ousados commettimentos como o do cêrco e to-
 mada de pontos importantes, entre elles a populosa cidade
 de Caxias, e pela quasi nenhuma resistencia que encon-
 trou em sua marcha exterminadora, concebeu o auda-
 cioso plano de invadir a capital, chegando até a tentar
 essa facção!

O terror e o espanto apoderou-se de toda a população,
 não sendo d'elles isento o proprio presidente, que no seu
 desconfôrto não soube dar-se a conselho, e os jornaes do
 partido dominante, possuidos de egual pavor, remette-
 ram-se ao mais vergonhoso silencio!

No meio do temor e consternação geral conservou no
 entanto Lisboa a serenidade de animo do verdadeiro pa-
 triota, e unico, ergueu sua voz de escriptor considerado,
 procurando desvanecer o panico, levantar a fôrça moral
 e estimular os amortecidos brios de seus concidadãos.

concitando-os ao mesmo tempo ao esquecimento de odios e antipathias, e á concordia e união de todos para poderem conjurar o perigo, que se mostrava ameaçador e imminente.

Ellê, calculada e atrozmenté calumniado e maculado em sua reputação, de tudo se esqueceu no momento supremo, e offerecendo-se primeira victima ás iras dos rebeldes, se lograssem tomar a capital, provocou-os com admiravel destemidez, como se vê dos seguintes trechos:

«A perda da cidade de Caxias, disse elle no n.º 453 da «*Chronica* de 20 de julho de 1839), e as consequencias «immediatas que alli teve este fatal successo, assombra- «ram o resto da provincia; tanta audacia, tantos e tão «feios crimes, se não acobardam os animos generosos, «que antes n'estas grandes occasiões desenvolvem toda «a sua força, os enchem ao menos de horror, e os lan- «çam em uma especie de torpor, que perturba e atór- «dôa.

«Já é mais que tempo de nos recobramos d'esse es- «tado.

«A coragem tranquilla e intelligente, a mais franca e «cordeal união entre todos os membros d'esta grande fa- «milia, que habita dentro dos muros de San'Luiz, a au- «sencia de suspeitas indiscretas, e porventura culposas «em tal tempo, o mútuo desprêso de quaesquer palavras «desabridas que escaparem em disputas, proferidas por «animos azedados; eis o que nos póde salvar; e ousamos «esperal-o, e ainda mais do govêrno que é firme, pru- «dente, moderado, e collocado como está no centro dos

«diversos grupos políticos, póde e deve aproveitar as dis-
«posições favoraveis da população, e fazel-a chegar a um
«subido gráu de enthusiasmo.

«Que?! quando em Caxias, apenas 600 legalistas con-
«tra tão crescido número de inimigos defenderam o ter-
«reno palmo a palmo, recebendo e dando a morte com
«constancia no largo espaço de trinta e nove dias, e mais
«só perdêra pelas deploraveis divisões que entre elles
«próprios lavravam do que pela fôrça dos contrarios;
«quando no Icatú um punhado de bravos (sós 490) tão
«brava resistencia fizeram por tantos dias a um inimigo
«triplicado em número, e só lhe abandonaram ruinas en-
«sanguentadas; á vista de tão gloriosos exemplos, tendo
«tantos e tão caros interêsses a defender, hão de os ha-
«bitantes do Maranhão consentir que seja profanado o
«recinto da sua sagrada capital? O que hão feito por
«toda a parte tão poucos legalistas, não o poderão fazer
«os quatro mil homens, que em poucas horas aqui se po-
«dem pôr em campo, armados? Não, bravos maranhên-
«ses! Injúria fôra suppol-o de vós; injúria até da causa
«que defendemos. Acaso só ao crime seria consentido
«obter triumphos!

.....
Continuando com a mesma elevação, objurga e exora
os adversarios:

«Desterrem-se suspeitas! Foram ellas principalmente
«que occasionaram a perda de Caxias, dividindo os com-
«batentes, inutilisando muitas fôrças, e alienando outras.
«Desterrem-se as suspeitas, e seja castigado com animad-

«versão commum qualquer que procure suscital-as, se
«d'este ou d'aquelle lado.

.....
Não é por certo menos generoso e sublime este remate:

«A opposição constitucional, de cuja opinião nos hon-
«ramos de ser organ, adopta por seus amigos, na crise
«actual, todos os que empunharem as armas em favor
«da lei, da ordem, da civilisação, egualmente ameaça-
«das.

«Sejamos firmes e unidos, e o perigo se apartará, e o
«futuro talvez seja melhor ainda que o passado.»

O perigo como que obtundira as malquerenças e hos-
tilidades para dar entrada á justiça; por isso tão pouco
vulgar e temerario procedimento valeu-lhe louvores ainda
de seus mais encarniçados inimigos e d'aquelles que se
mostravam d'antes mais empenhados em desconceitual-o.

O *Investigador Constitucional*, periodico que conten-
dia com a *Chronica* em desapiedado e desprimoroso plei-
to e insultára João F. Lisboa, não pôde deixar de confes-
sar, referindo-se a esse artigo, que elle produziu um re-
sultado vantajoso no espirito público. Eis as suas proprias
palavras: «Não queremos contestar o effeito moral do ar-
«tigo da *Chronica* (publicado por occasião da tomada de
«Caxias); esse artigo, desassombrando os espiritos de
«temores, e convidando os habitantes d'esta cidade sem
«distincção a tomarem uma parte activa na defeza com-
«mum, foi bem eloquente; este procedimento de sua
«parte produziu *um resultado vantajoso*, não o nega-
«mos.»

Não se cuide, porém, que depois d'isto mudassem de tom os adversarios, e remittissem da guerra desleal, e pouco generosa com que o affrontayam. Não. Essa confissão arrancada no momento da mais espontanea admiração, foi depois na continuação das polemicas recriminatorias negada e destruida por novas e mais deprimentes e graves accusações de rebeldia, indo-se até esquadrinhar seus principios revolucionarios, já que os não podiam encontrar em seus escriptos, na abstenção que teve nos regosijos havidos por occasião da pacificação da capital da Bahia! No entanto, esses que bailaram e banquetearam-se por esse motivo, e muito depois o accusaram por não tel-os acompanhado, deixaram por medo de emittir juizos ácerca da *Sabinada*, enquanto era incerta a victória, e emmudeceram quando triumphava a desordem em Caxias, ao passo que Lisboa fêl-o pelo modo que atraz deixei apontado! Serviu uma tal recriminação de motivo para mais uma vez ostentar-se esse coração affectuoso e compassivo com todo o esplendor da sua grandeza e sentimentos humanitarios. Que elevação de idéas, que eloquência n'estas palavras?!— «Recusámos tomar parte nos regosijos feitos por occasião de uma desgraçada guerra, e ainda hoje nos honrámos de não termos querido dansar ao clarão de um incendio, sobre os cadaveres de milhares de cidadãos, e ao som dos gemidos de irmãos dignos de lástima, quer criminosos, quer innocentes. Era mui cabido um officio de finados, e em todo o caso as nodoas de sangue que deixam os triumphos obtidos sobre os proprios cidadãos devem delir-se com

«lágrimas e não com o vinho dos banquetes.» (*Chronica Maranhense* n.º 260 de 27 d'agosto de 1840, tom. III)

Quanto mais cresciam em renome e esplendor os creditos e merito do redactor da *Chronica Maranhense*, como recrudesciam de vigor e raiva a inveja e as invectivas calumniosas de seus adversarios, cabendo a elle melhor do que a nenhum o applicar-se, ampliando-o, o conceituoso dicto de frei Luiz de Sousa de que: «São os reis da *intelligencia* como paredes braticas em que se atrevem «a pôr riscos e carvão de juizos temerarios até a mais «vil escoria do povo.» (*Chronica de D. João III*, pag. 44.)

E assim acontecia, não bastando já aos dominadores da situação o *Sete de Setembro* e o *Investigador Constitucional*, substituido depois pela *Revista*, para moverem-lhe accessa e crua, mas grave e decente guerra; de todos os lados e terrenos sabiam a accommettel-o campeões taes como a *Chronica dos Chronistas*, *O Amigo do Paiz*, *O Legalista*, e outros ainda de mais ephemera, ignobil e ingloria existencia. Elle, porém, firme e inabalavel na estacada, aparava todos os hótes, ferindo e derrotando, d'elles á fôrça d'argumentação e pelo raciocinio, d'elles pelo ridiculo e com remoques tão de talho, que os punha logo fóra do combatte; porque aquelle raro talento d'escriptor moldava-se a todos os generos: com a mesma dexteridade e valentia com que manejava a penna na discussão sizuda, na censura franca, desconcertava o adversario com chanças e epigrammas agudos, atirados com tanto chiste e espirito, que o expunha á irrisão pública.

Isto mesmo confirmou F. Sotero dos Reis, que fóra

redactor do *Investigador* e depois da *Revista*, em um dos artigos do *Publicador Maranhense* (22 de janeiro de 1861) que já tive occasião de citar.

Para os que habitam a provincia do Maranhão, ou estão ao corrente da sua história parecerá por certo, como já o disse¹, ocioso vir hoje vindicar de tão ignobil diffamação a impolluta memória d'este insigne e esforçado patriota, sendo que até dos proprios que a ella recorriam era tida como fraco ardil politico, que nunca teve echo entre adversarios cordatos, que a desprezavam, e desaprovavam a seus follicularios; mas se tanto insisti na defeza, fil-o como anticipada resposta a mais algum libello diffamatorio que esteja por ahi a urdir quem, cego e desatinado pela inveja e pela vaidade, tenha para si poder rebaixar, trazendo ao seu rasteiro nivel, um brasileiro que sempre timbrou em civismo e acrisolado amor do lar. Insano empenho! esforce-se embora com mais ardor e ferocidade do que a hyena em profanar-lhe a sepultura para com seus raivosos e peçonhentos dentes roer-lhe os ossos meio carcomidos, que aos homens honestos só cabe condoer-se de tanta insania e horrorisar-se de indignação ante esse procedimento!

VIII

Passada a quadra vertiginosa das eleições, cahem entre nós os partidos em profunda lethargia, desapparecem

¹ Vej. pag. 44.

as comissões centraes, as reuniões, os clubs populares, e só pelo jornalismo é que dão signal de vida. Era, pois, J. F. Lisboa n'esses intervallos o director e chefe do partido liberal, com todas as suas horas occupadas em responder-se com os correligionarios do interior da provincia e servir-lhes de procurador, e em redigir a *Chronica*, de que era por egual revisor e administrador.

Embora fosse muito lida, não lhe deixava saldo, e as despezas politicas iam exigindo sacrificios á parca herança paterna até que se viu reduzido por último á pobreza; mas sempre digno, sempre superior ás necessidades que o premiam, nunca dobrou a cerviz, nem lisongeou nenhuma grandezas ou fraqueou ante tão desesperadora situação. Morava então em um sobradinho de dous andares na rua do e *Egypto*, e que se acha hoje reparado¹.

Sahindo poucas vezes de casa n'esse tempo, era procurado de amigos dedicados e da turba-multa dos admiradores do seu genio, que lhe iam assim manifestar a estima e consideração em que o tinham. Todos accordes e convictos apontavam-lhe para os cimos que necessariamente devia um dia occupar nos destinos do paiz por suas superiores qualidades, e com que, mal de nós, nunca podemos galardoal-o!

Foi seu nome em 1840 apresentado por correligio-

¹ Tinha n'esse tempo o n.º 42, e é de presente propriedade do sr. João Martins Marques. A rua em honra do eminente brasileiro foi em 1865 denominada por accordam da camara municipal—*rua João Lisboa*, e depois riscada a denominação, como de tantas outras, por deliberação da vereação que succedeu áquella!

narios preponderantes candidato á deputação geral. Ninguém mais, nem melhor o merecia por seus talentos, por seus dotes oratorios, por seus relevantes serviços e pelos sacrificios sem conta ao partido e á causa liberal; mas ou perfidia como querem, entre outros, F. Sotero¹, ou discordancia na acceitação da lista com o nome de um outro candidato, por elle apoiado, e por cuja inclusão insistia, como pretendem outros, o certo é que havia manejos occultos no sentido de atraí-lo-o. Conheceu a tempo o trama, e desistiu da candidatura, retirando-se do pleito e da arena jornalística, sem dirigir queixas, que offendessem ainda os mais melindrosos, sem odientas recriminações; mas com palavras nobres e dignas que deixam bem patentes aquelle character nobilissimo de um homem da tempera dos de que falla Sá de Miranda, e cujos sentimentos por essa occasião melhor se apreciarão pelos seguintes trechos:

«O redactor da *Chronica*, João Francisco Lisboa, diz «elle², julga de seu dever declarar que não só tem desis-

¹ No artigo — *A imprensa provincial* — diz elle: A *Chronica* deixou de publicar-se por esse tempo, descorçoado seu redactor, o sr. João Francisco Lisboa com a decepção que soffrera da parte de seus correligionarios, os *bemtevis*, que repelliram a sua candidatura á representação nacional para fazer causa commum com os dous ramos da familia Jansen, desligada dos *cabanos*, e então mui poderosa; isto não obstante haver elle feito o enorme sacrificio de desperdiçar o seu incontestavel e superior talento na ingrata defeza da perdida causa do partido com uma dedicação de que ha poucos exemplos. (*Publicador* n.º 8, de 40 de janeiro de 1861.)

² *Chronica Maranhense*, n.º 280, de 17 de dezembro de 1840, vol. III.

«tido da sua candidatura á deputação geral, mas tambem
 «que se retira do campo da politica, onde ha tantos annos
 «combatte, correndo a mesma fortuna que os seus amigos.

«As mais ponderosas considerações o obrigam a este
 «procedimento; outras considerações, porém, de não
 «menos força o obrigam a adiar as explicações que a tal
 «respeito lhe cumpria dar. Mas ainda que sem ellas por
 «emquanto, temos fé que os nossos amigos politicos, que
 «no espaço d'estes oito annos nunca nos viram afrouxar,
 «mesmo nos dias mais difficeis, na defeza da causa que
 «haviamos esposado, não se persuadirão por certo que
 «damos baixa do serviço no momento em que provavel-
 «mente já triumphar essa mesma causa, sem que sejamos
 «impellidos a essa resolução, não só por motivos de *brio*
 «e *pundonor*, como pelos de mais rigoroso dever. Diga-
 «mos mais, com a nossa resolução *fazemos sacrificios de*
 «*que bem poucos seriam capazes* nas nossas circumstan-
 «cias.

.....

 «Desejamos sinceramente que este nosso procedimento
 «em nada altere a posição dos dous partidos; mas não
 «querendo já agora obter *um só voto para emprego* al-
 «gum, desejamos tambem que só por nosso respeito nin-
 «guem se comprometta ou tome o menor incommodo.

«Resta-nos agradecer as provas d'interesse que em
 «todo o tempo, e mormente n'estes ultimos nos têm
 «dado os nossos sinceros e numerosos amigos politicos.
 «Bem que seja com a mais perfeita serenidade que po-

«nhamos por obra esta nossa resolução, tão necessaria
«como irrevogavel, acompanha-nos todavia o pezar de
«não podermos servir até á ultima a amigos tão devota-
«dos.»

.....
E assim, sem lástimas nem imprecações contra quem
quer que fosse, terminou Lisboa com a *Chronica*¹ a
lônga carreira de jornalista politico, voltando-lhe ao de-
pois, de espaço a espaço, saudades do que fôra, quando
a amisade reclamava-lhe o forte auxilio da sua penna, ou
a inveja e o odio desafiava-o, ou vinha despertal-o algum
notavel acontecimento que fazia pulsar seu patriotico
coração.

Recolhido ao silencio do seu pezar, e indignado e eno-
jado para o resto de seus dias da politica, de onde só ti-
nha retirado dissabores, malquerenças, e peor do que
isso, desillusões pungentes e amargas, voltou-lhe de vez
o rosto, já que lhe fôra tão ingrata e infiel; e desde então

¹ Os artigos mais notaveis e de merecimento da *Chronica* são,
no 1.º volume os do n.º 5 acerca da resistencia legal; n.ºs 8 e 13
sobre o assassinato de Raymundo Teixeira Mendes; n.ºs 19, 20, 23
defeza do redactor e do partido; n.ºs 49 e 50, censurando a lei
dos prefeitos; n.º 65; 82, 85 e 89, analysando a administração do
presidente Camargo.

No 2.º volume, os n.ºs 99, 101, 103, 110, 111, 126, 129, 130,
132, 133, 135, 138, 140, 153, 163, 174, 182, 184, 192, 193, 196,
tendentes á desordem de 1839; n.ºs 159 e 168, analysando a defeza
do general Andréa; n.ºs 106, 114 e 116, sobre a administração Ca-
margo; em especial os n.ºs 201, 202, 203, 205, 206, 207, 225, 226,
227, 228, em que se defende e ao partido das imputações de terem
concorrido para a *Balaia*da.

entregou-se á litteratura e á sciencia de direito, pondo banca de advogado.

IX

Impellido pela força dos acontecimentos, sem transição nem previos preparativos, para uma profissão que demanda tantos e tão serios estudos, e impõe trabalhos tão aridos e aturados, não desmaiou nem desesperou Lisboa ante as difficuldades do emprehendimento.

Com aquella dedicação, que não repousa, e allumiado pela vasta e prompta intelligencia que tudo penetrava e percebia, entregou-se á jurisprudencia, estudando-a a sós consigo, e escutando as proficuas palestras e sabios conselhos do sr. dr. Francisco de Mello Coutinho de Vilhena, com quem dentro em pouco compettia, entrando nas mais espinhosas e intrincadas questões de direito com a facilidade e acêrto como de quem estivesse de ha muito feito a ellas e encanecera em aprofundal-as.

Quanto, porém, não lhe haviam de ser penosos os primeiros dias d'este tirocinio! Romper de improviso com um passado dos melhores vinte annos da vida, cheios é verdade de agitações, de tropeços, de combattes, de sacrificios, de abnegação, mas tambem de victórias, de applausos, de lances felizes, de esperanças; e quando ia receber o galardão, reclamado pela mais justa ambição, e já lhe negacéavam em mais vasto campo triumphos mais ruidosos e corôas mais esplendentes, ver em um momento e inesperadamente perdido esse passado, e o futuro tão

fagueiro transformado nas agruras e negrumes da mais triste e cruel decepção, mortas as crenças, e as esperanças mortas; e sopitar dentro em si e sem poder desafogar as magoas, que assim lh'o aconselhava a dignidade! Que horas longas e difficeis não seriam aquellas! Com os habitos mudados, entregue ás rudezas e aridez do estudo do direito positivo, e assoberbado com a enfadosa tarefa de ler e examinar com toda a attenção extensos autos e escrever libellos, quando o coração vasio e a desconfiança nos homens instavam antes por distracções de outro genero, mas que a pöbreza, unico fructo que colhera da politica, lh'as negava exigindo d'elle diuturno e indefesso trabalho?!

Que de esforços e contençaõ d'espírito não empregou para conformar-se com a sorte adversa! Quanto não lhe havia tudo isto de influir sobre a saude e o moral, e devorar-lhe a existencia?!

D'ahi a pouco tinha já adquirido a reputação de um dos primeiros advogados, reputação, que não era baseada no favor, nem d'essas que phosphoream por momentos e apagam-se logo, senão em assignaladas e frequentes victórias alcançadas nos tribunaes civis e criminaes, e accrescentada e firmada pelo tempo e pelas demandas que de todas as partes começaram de affluir ao seu escriptório, tanto assim que, nos quatorze annos de prática no nosso fôro, vivendo folgadamente e com todos os confortos que se pôdem ter na capital de uma provincia, conseguiu reunir um peculio bastante, para poder mantêr-se fôrro de trabalhos forçados para o resto da vida, e isto,

cumprir observar, fel-o com a mais severa honradez, sem quebra jámais do bom juizo que todos formavam de seu character honesto, e nem que nunca jámais transigisse com sua consciencia.

Podia para aqui trazer para confirmar o que levo dicto não só muitos rasgos de generosidade, mas noticia da rejeição de causas aliás importantes e rendosas por suspeital-as de filhas da fraude ou de manejos deshonorosos, sem que valessem empenhos ou explicações plausiveis; embargo-me, porém, a consideração de que são factos de hontem, e ainda vivem algumas das pessoas que n'elles figuraram.

Incompetente para avalial-o como jurisconsulto, socorro-me a opiniões estranhas e de todo o pêso. O *Forum*, jornal dedicado aos negocios judicarios, estreou o seu primeiro número ¹, transcrevendo umas rasões de J. F. Lisboa, na difficil questão de saber-se «*Como se deverá deduzir a terça: tomar o valor dos bens existentes na occasião do fallecimento do testador e junctar-lhes tambem o valor de todas as doações feitas por elle anteriormente, e sobre esta massa reunida calcular-se a mesma terça; ou tomar sómente por base o valor dos bens existentes ao tempo do fallecimento, sem trazer-se á collação a importancia d'essas doações, pelo fundamento de que os bens anteriormente doados já não pertenciam ao patrimonio do testador?* — e ajunctando que Lisboa se

¹ Começou a publicar-se este importante jornal em 1.º de janeiro de 1862; porém teve de paralyar com a sua publicação em junho por falta de recursos.

extremára na discussão philosophica do nosso direito patrio, fortalecendo-a com a authoridade de jurisconsultos francezes e mostrando n'ella muita erudição.

O illustrado redactor do *Correio Mercantil* havia em 1854 instituido em seu jornal uma parte que, sob o titulo de *Fôro*, analysava semanalmente as decisões dos tribunaes da côrte, fazendo uma resenha dos trabalhos mais importantes do fôro, criticava as obras que se publicavam e as discussões juridicas, nacionaes e estrangeiras, e examinava os defeitos de nossas leis, regulamentos e decisões do govêrno. Em outubro de 1855, achando-se Lisboa no Rio, e instado para aceitar a redacção d'essa parte, encarregou-se de tão arduo e difficil trabalho por mais de seis mezes, até partir para a Europa, havendo-se no seu desempenho com grande aprazimento dos entendidos. Ao retirar-se elle d'esta provincia, publicou um dos habéis advogados do nosso fôro, que em outras epochas renhiu com elle, no terreno politico, polemicas bem acerbas, um artigo em que encarecia os seus incontestaveis meritos como advogado. (Vej. *Publicador Maranhense* n.º 1585 de 30 de junho de 1855.)

Isto mesmo confirmou o sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo na página 935 do tom. xxvi da *Rev. Trim.* do Instituto Historico n'estas palavras: «o mister de advocacia deu-lhe honrosa e bem merecida nomeada», e F. Sotero dos Reis na pag. 135 do v tom. do seu *Curso de litteratura portugueza e brasileira*: «Seu singular talento não brilhou menos na tribuna forense, e taes foram os creditos que logo adquiriu n'esta nova carreira, que obteve

por ella não só decente subsistencia, mas modica fortuna¹».

E com effeito assim era: se no fôro civil e ecclesiastico adquiriu um nome entre os mais abalisados, maior foi por certo sua fama no criminaal. Na tribuna juridica estava no seu elemento — ha um auditorio que escuta, que se commove, que applaude — ha movimento, ha discussão, ha lucta — desperta nos espectadores sentimentos e interêsse por meio da palavra, que discute, que abala convicções, que destroe repugnancias, que vence. O advogado n'este caso não é só o homem que estuda e arrâoa com placidez no silencio do gabinete — é o argumentador que deseja ganhar uma causa, o orador, a quem importa lançar mão de todos os recursos da dialectica e oratoria para salvar um réu, mais ainda — a vida às vezes de um innocente! N'esta tribuna ha ordinariamente mais animação, mais desafogo, e sempre mais commoção e responsabilidade do que na parlamentar. Lisboa comprehendia-o assim, e uma vez constituido patrono, possuia-se do assumpto, não deixava escapar a minima circumstancia que podesse aproveitar a seu cliente; quando a logica e as provas não bastavam, percorria a escala de todos os sentimentos humanos com tanta delicadeza e movimentos tão de dentro que commovia até às lagrimas. Ninguem tambem antes nem depois elevou no nosso jury provincial a tamanha altura as discussões judicarias.

¹ É de tão preconisado jurisprudente que o sr. visconde de Porto Seguro Varnhagen) chasquea na sua *Diatrise e Officio Protesto*, cobrindo-lhe a respeitada memória de feios baldões!

Na minha adolescencia assisti a uma d'essas scenas, que tanto me abalou, que a tenho ainda bem presente. Era accusado um funcionario público de cumplicidade na introdução de moeda falsa nos proprios cofres a seu cargo. A gravidade da questão e o nome do advogado despertavam assás de curiosidade para que o recinto do tribunal do jury ficasse apinhado a ponto de suffocar, e comtudo, logoque o defensor começou a orar, estabeleceu-se tão profundo silencio que parecia não haver allí tanta gente amontoada.

O porte grave e concertado, os ademanes compostos e naturaes, os olhos vivos e penetrantes, o rosto mobil, a fronté larga e intelligente, e a voz cheia e sonora, aindaque um pouco nasal, e a palavra, a principio um tanto demorada, como de quem se recorda e encadêa as idéas, depois fluente e incisiva, mas nunca precipitada, sempre correctae e elegante — tudo contribuia a seu favor; acrescentae a isto uma discussão habilmente concertada a assestar o adversario com mil golpes, uma elegancia no dizer sem ornatos forçados, e movida pelo desejo de arrancar a absolvição d'um empregado público que ficaria limpo mais do que de uma imputação gravissima e de uma condemnação que o reduziria a galés em duro desterro — do negro labéo da deshonra, e podereis imaginar a grandeza d'essa justa que tinha por premio da victória, além dos louros, que caberiam ao orador, a liberdade de um homem e o restabelecimento da honra de um funcionario público. Esta, como tantas outras defezas e discursos, perderam-se por falta de quem os stenographasse, res-

tando d'elles apenas a recordação do seu maravilhoso effeito n'aquelles que os ouviram.

De todos os florões da sua corôa de orador legista, apenas se conserva a defeza que apresentou em um conselho de guerra formado a 11 de agosto de 1853, por occasião de ser accusado um official do exercito pôr seu proprio commandante de crime de insubordinação e desobediência com manifesta offensa dos brios d'este.

Depois de ter Lisboa em um bello exordio manifestado o motivo por qué se constituiria defensor do accusado, destruiu pela base a classificação do delictó. Entrando em seguida na individuação de actos de provocação, má vontade e odio do commandante ao official com o fim de o molestar e desvairar, ha'hi tanta acção, vida e methodo que parece que estamos assistindo ao facto que se passa ante nossos olhos. (Nota A.)

Na analyse da parte do commandante queixando-se do official, e na de todo o processo e depoimento das testemunhas requintou J. F. Lisboa em argucia, desenvolvendo summo talento e habilidade, e nullificou uma por uma todas as provas allegadas, demonstrando as contradicções palpaveis em que haviam cahido as testemunhas, a inverosimilhança d'alguns factos, e leva por ultimo o convencimento aos juizes de que o movel do commandante queixoso fôra só mesquinhas paixões.

Depois de apreciar com sagaz e fina critica outros factos secundarios adduzidos na occasião, allude como que ao soslaio e de corrida ao proceder peculiar e ao character do commandante; mas de um modo indirecto e

que não deixa descortinar o veu com que encobre taes allusões.

«A corrupção diz elle, que nos circumda por toda a parte e a paixão que procura mascarar-se com o false zêlo da justiça, é uma das fórmãs mais odiosas que ella costuma revestir, e que mais excita minha indignação.»

Como vem de molde este contraste :

«Tenha algumas relações, tenha elevada pesição social e ponha-se sobretudo debaixo da protecção de alguma estrondosa baixaza, e fique certo que poderá impunemente metter as mãos nos cofres publicos e saccar d'elles contos de réis; mas se o odio e a prepotencia buscam para seu alvo alguma victima desvalida, o phantastico extravio de meia duzia de vintens será optimo pretexto para que a ameacem com a morte e com a infamia.»

Como é logica e mui natural a deducção historica que tira d'aqui?

«Assim o sanguinario Richelieu fez assassinar juridicamente o bravo marechal de Morrillac, seu inimigo, por causa de quatro feixes de palha, como dizia a illustre victima!»

São notaveis sobretudo n'esta peça oratoria a singeleza da narrativa, a sobriedade de phrases, o conceituoso e grave das apostrophes, o talento e arte com que o advogado soube aproveitar-se de tudo quanto póde concorrer para os creditos do seu cliente e para a sua defeza, e a peroração que devia de abalar a um tempo todas as cordas sensiveis do coração dos juizes militares, os brios e honras de soldado, e o amor de esposo, de pae e filho! O

pathetico da conclusão é chave de oiro propria para fechar tão soberba peça.

Dos poucos especimens que apresento aqui (Vej. tambem a nota A), se evidencia que seu estylo vigoroso, animado, correcto e tão conciso ganhou em fôrça e belleza em vez de perdel-as no exercicio da sciencia dos Heinecios e Cujacios, tantoque mais de um trabalho de J. F. Lisboa, além dos que já notei, é modêlo de scienciã e discussão para seguirem e invejarem os mais conhecedores da materia. Confessam d'ahi seus admiradores que deixou no fôro um nome difficil de ser substituido e ainda mais difficil de ser esquecido por aquelles que o apreciaram e ouviram enthusiasmados e enlevados n'aquella torrente caudal e perenne, que não raro fazia lembrar os grandes vultos do fôro romano e da moderna França.

X

Eis de novo Lisboa na lice jornalistica. Se tinha desertado d'ella e da politica militante, mal com os homens e com o jornalismo, o hábito, essa segunda existencia e os amigos fieis, que se tinham divorciado dos que o haviam trahido, e que nunca o abandonaram, empenhavam-se na contenda, e isto como que o punha na abrigação de coadjuval-os, se os colhidos louros e esses fecundos principios de liberdade que lhe pulsavam nas veias tão fortes como no dia em que inscrevera seu nome na lista dos patriotas de 1831, não o attrahissem tambem e não o resolvessem a acompanhá-los.

O partido que, com a ausencia da direcção energica e firme de Lisboa, foi variando de dogmas, ou antes perdendo-os para adoptar um systema immoral que, rebaçado com o nome de politica *provincial*, apoiava as administrações que o protegiam fossem quaes fossem as suas idéas. Seu prestigio e fôrça estribava-se por igual em excessos e desvarios taes, que compelliram os bons liberaes, que se tinham d'elle separado com a denominação de *Dissidentes*, a arregimentarem-se e fundarem na imprensa um organ com o nome de *Echo do Norte*, onde registrassem e condemnassem esses feitos.

Não podia Lisboa ver impassivel e indifferente o avesso rumo que as cousas tomaram e a preponderancia que tinham certos homunculos na direcção dos negocios da provincia, sem que o lado ridiculo e miseravel de tudo isso lhe não despertassem a veia satyrica que era n'elle tão inexgotavel e feliz! São d'essa epocha os memoraveis *Retratos* e os artigos que com o pseudonymo de *Zumbido* fez sahir no *Echo*¹, e que F. Sotero dos Reis no v tomo do seu *Curso de Litteratura Portugueza e Brasileira* apellida de «*inimitaveis retratos physicos e moraes, ou caricaturas politicas da epocha*» (*tom. cit.* pag. 136).

Creou n'esse comenos o sr. Ignacio José Ferreira o *Publicador Maranhense*². Solicitado por elle, que era amigo, e fôra editor por tantos annos de seus jornaes, para que redigisse o novo periodico, venceram por fim consi-

¹ Vej. em especial os n.ºs 31, de 13, 32, de 25 de outubro, 34 de 2, e 35 de 8 de novembro de 1843, do *Echo do Norte*.

² Durante todo o tempo da redacção de J. F. Lisboa sahiu em

derações de amizade á repugnancia de tomar a seu cargo a redacção de um jornal, e no dia 9 de julho de 1842 appareceu o seu primeiro número, não deixando de redigil-o senão quando se retirou para o Rio de Janeiro.

«Convidado a tomar a redacção d'este jornal, diz elle «no succinto programma que servia de prefacio, julgamos «indispensavel dizer alguma cousa em feição de prospecto «sobre a direcção que pretendemos dar-lhe.»

«Não escaceam orgams á politica, os seus odios se envenenam cada dia, e em falta de lugar onde se rasguem novas feridas, os campeões que andam travados na lucta «revolvem os punhaes nas já abertas.»

«Imital-os, seria nada fazer para romper a monotonia «de taes discussões; a sociedade tem outros interésses «que cumpre advogar e satisfazer.»

Nunca se desviou d'este proposito, senão por excepção

formato in-folio, em 3 columnas, a principio duas, e de 1848 em deante tres vezes por semana, com o seguinte frontespicio.

Anno

N.º

PUBLICADOR MARANHENSE

Folha official, politica, litteraria e commercial

Advertencias	Partidas dos correios	Designação das audiencias
O <i>PUBLICADOR MARANHENSE</i> propriedade de I. J. Ferreira, publica-se ás terças, quintas e sabbados de cada semana, e para elle subscreve-se na sua typographia na rua do Sol, n.º 26. O preço da assignatura é de 12\$000 réis por anno, etc.	(Prescindo de transcrever-as)	(Não transcrevo o texto por escusado).

em 1847 a 1848, quando sob a creadora e mui intelligente administração de um illustrado comprovinciano, o finado Joaquim Franco de Sá, parecia a provincia querer sahir do abatimento e atraso em que a tinha lançado uma politica egoista, odienta e olygarchica, e regenerar-se, guiada pelo incansavel operario do progresso, que presidia aos seus destinos.

Depondo então com enthusiasmo a abstenção politica que se impozera, entrou franca mas moderadamente nas polemicas do dia sendo para ler-se com deleitação e proveito o artigo inserto no n.º 446, de 19 de dezembro de 1846 sobre o estado da politica na provincia ao empunhar as redeas do govêrno o novo presidente; outro no n.º 516, de 15 de junho de 1857, em defeza da *Liga*, de seus principios e da provincia; outro sobre os mesmos assumptos, publicado no n.º 547, de 26 de agosto d'esse mesmo anno, dous ácerca da marcha da administração e das eleições—no n.º 582 de 16 de novembro, e uma serie de artigos tendentes a refutar as arguições do chefe de policia, onde veem de mistura mui adequadas considerações sobre a opposição, a politica e a administração provincial, e que occupam do n.º 628 ao n.º 631, todos do mez de março de 1848.

Fóra d'ahi, limitou-se o *Publicador* quasi que a compillar extractos de outros jornaes, quebrando só o regrado silencio de um jornal official, quando alvoroçado seu redactor pelo patriotismo, como aconteceu a 6 de março de 1854, em que escreveu no n.º 1081 um bello artigo ácerca dos insultos feitos ao Brasil pelos inglezes por oc-

casiação do conflicto da repressão do trafico africano, e a 20 de março de 1852, no n.º 1236, sobre a nossa intervenção no Rio da Prata e quêda do tyranno Rosas.

Experimentou tambem as fôrças no genero ligeiro do folhetim, escrevendo com aquella graça, donaires, torneios, colorido e delicadeza que nos não deixam ter inveja dos exemplares estranhos, a *Festa de N. S. dos remedios*,¹ a *Procissão dos ossos*,² e o *Theatro de S. Luiz*,³ auspiciosos ensaios e precursoras promessas do *Jornal de Timon*.

Assim que, ao despedir-se da redacção do jornal, quando se completaram justamente treze annos que o redigia, disse com satisfação e verdade no n.º 1685, de 30 de junho de 1855: «Em todo esse longo periodo, esforçamo'-nos sempre por bem cumprir as nossas obrigações com «zêlo, prudencia e moderação, e lisonjearo'-nos de as haver bem desempenhado, guiando o jornal a salvamento «por entre os innumeraveis escolhos de que os partidos «e as paixões juncaram o seu caminho.»

Chamado á politica em 1847, foi seu nome lembrado para uma das candidaturas de deputado á assembléa geral, honra que declinou para apresentar o de um amigo, que o havia sempre seguido na prospera como na adversa fortuna. Não valeram instancias d'este nem em-

¹ Vide *Publicador Maranhense*, n.º 1173, de 15 de outubro de 1851.

² Vide *jorn. cit.* n.º 1183, de 8 de novembro de 1851.

³ Vide *jorn. cit.* n.º 1238, de 25 de março de 1852, achando-se todos reimpressou no IV tomo de suas *Obras* — Maranhão 1865.

penhos dos mais que o demovessem de sua generosa determinação, sendo este um dos factos que mais extremam sua memória. Depois, d'estes rasgos de abnegação e dedicação á amisade ha tão poucos no mundo que o apontado bastaria por si só, se não houvesse outros, para engrandecer o nome do nosso illustre comprovinciano.

Acceitou no entretanto uma candidatura provincial, e eleito em 1848, entre outros discursos que proferiu n'essa legislatura, é memoravel e pôde classificar-se como um monumento oratorio — o da sessão de 12 de setembro de 1849.

Com a subida ao poder da politica conservadora a 29 de setembro de 1848 foram os liberaes pernambucanos esbulhados de seus direitos, perseguidos e violentados a ponto que chegaram ao ultimo grau de desespero e recorreram ás armas, rebellando-se contra o govêrno. Vencidos, dizimados pelo ferro, expatriados uns, outros mettidos em masmorras ou desterrados para presidios de malfeitos, ergueram-se em algumas assembléas provinciaes vozes generosas e compassivas, pedindo para elles o perdão e o esquecimento. Entre ellas, a do Maranhão propoz igual moção, que sendo combattida por alguns de seus membros, deu lugar a esse brilhante e applaudido discurso de Lisboa a favor dos vencidos.

Parecia de todo esgotada a questão, discutida eloquente e magistralmente, por insignes oradores como Thomaz Gomes dos Santos, Salles Torres Homem (hoje visconde de Inhomirim), Rodrigo es dos Santos nas assembléas provinciaes do Rio de Janeiro e de San'Paulo.

Ultrapassou-os, porém, João Francisco Lisboa, dando nova vida e nova face á questão, com aquella valentia de phrase, com aquella magestade e belleza de imagens, com aquella facundia vigorosa e esplendida, com aquelle eloquente sentimento de profunda convicção e enthusiasmo verdadeiro que commoviam e arrebatavam o auditorio. Reproduzido esse discurso com termos de louvor e admiração em todos os jornaes do imperio, publicado em folhetos, e espalhado por toda a parte, e lido com sofreguidão, foi seu nome conhecido e firmada a sua reputação em todo o paiz como de um dos primeiros oradores brasileiros.

Achando-se esse discurso publicado de pag. 623 a pag. 661 do quarto e ultimo tomo de suas *Obras*, limitar-me-hei apenas a notar uma ou outra passagem que sirva para bem accentuar a indole e character de Lisboa:

«... heide empenhar todas as minhas fôrças para re-
 «primir esses odios desordenados dos vencedores con-
 «tra os vencidos, desordenados a ponto tal que ninguem
 «póde alçar a voz contra elles sem ser logo tachado de
 «connivencia. Eu dou as minhas sympathias, não ao
 «crime, mas ao infortunio dos vencidos, grupo que a cer-
 «tos respeitos faz excepção no meio da geral corrupção,
 «pleiade brilhante de mocidade, de talento, de dedicação,
 «de fidelidade, de rara e inabalavel constancia na adver-
 «sidade. O maior... e dir-vol-o-hei, senhores, o mais
 «infeliz ou o mais feliz de todos elles?... Nunes Macha-
 «do... Adiante d'este nome é necessario que eu pare
 «cheio de dôr e veneração... (*profunda sensação*)...»

Agora este periodo tão animado e eloquente :

«Eil-o que se aproxima ao fatal 2 de fevereiro
«a morte o tomou nos braços, e tolhendo que invadissem
«armado o recinto da materna cidade, certo o subtrahiu
«a um sacrilego triumpho : os companheiros, posto que
«derrotados, o levaram piedosamente sobre os hombros
«para uma capella bem distante. A este ao menos parece
«que a morte o tinha amnistiado ! A história refere que
«Cesar, esse grande homem da antiguidade, apartára
«consternado os olhos arasados de agua quando viu a ca-
«beça do seu illustre rival decepada por cobardes assas-
«sinos que, buscando o premio, só acharam o castigo do
«crime : os grandes homens modernos, esses procedem
«de outro modo. Houve em Pernambuco um homem, um
«chefe de policia, inimigo pessoal do illustre morto, que
«pelos seus corvos farejou o cadaver no asylo solitario
«em que jazia : d'ali o fez arrancar já em putrefacção e
«conduzir pelas ruas da cidade, no meio dos ultrages e
«baldões d'essa vil gentalha sempre prompta ao appello
«de todos os poderes, para deshonra de todas as causas,
«a insultar todas as victimas ; sujeitou-o a uma vestoria,
«verdadeira violação da morte, e poz o seu nome no fim
«do auto ! Este nome, senhores, é o de Jeronymo Marti-
«niano Figueira de Mello ! Eu o entrego ao opprobrio e
«á execração de todas as almas bem nascidas ; e podésse
«a toga pretendida honoraria, concedida por preço do
«feito abominavel, que d'aqui vejo sordida da cal do se-
«pulchro profanado, grudar-se-lhe ás carnes como a tu-
«nica do Centauro, e ser-lhe flagello incessante e eterno,

« em vez do remorso que não sente! Mas não; não é o
 « odio, são outros os sentimentos que devem propiciar a
 « victima immolada no altar das discordias civis.»

Que arrojada e sublime deprecação a com que terminou o orador este periodo do seu discurso?!

Voltando, depois de algumas considerações, ao ponto principal da — concessão da amnistia aos revoltosos de Pernambuco, passa a fulminar os rigores exercidos contra os que se apresentavam ao governo, e viam burladas as promessas de perdão e reabilitação politica.

Concluidos os argumentos em favor da amnistia, apresenta os exemplos com que a nossa história protesta contra a punição por delictos politicos:

«..... o illustre Antonio Carlos, com-
 « promettido na revolução pernambucana de 1817, atra-
 « vessou as ruas da segunda capital do imperio com um
 « collar de ferro ao pescoço. Não tardou que outra revolu-
 « ção o não arreméçasse das cadeias da Bahia para o seio
 « do congresso portuguez, onde honrou, antes revelou
 « o nome brasileiro. Estava reservado ainda para uma glo-
 « riosa conspiração; quereis saber qual? a da indepen-
 « dencia! Elle envelheceu nos conselhos da corôa e da
 « nação, e morreu honrado e admirado de amigos e ini-
 « migos, mostrando impressos nos seus membros os si-
 « gnaes indeleveis dos ferros do despotismo. Vasconcel-
 « los, conspirador permanente durante o primeiro reina-
 « do, o seu nome hoje symbolisa a ordem para muitos:
 « á ordem prestam agora relevantes serviços os Caval-
 « cantis e Regos Barros, que se envolveram nas revolu-

«ções de 17 e 24, Manuel de Carvalho, chefe d'esta última, foi votado á morte, e ao destêrro; outra revolução, a de 7 de abril, o restituiu á patria, que o viu seu presidente, e depois senador do imperio. Em 1835 combatteu a revólta dos Carneiros, e sabeis ajudado por quem? . . . por Nunes Machado. . . E esses Carneiros, outr'ora rebeldes, agora na última sublevação derramaram o sangue em defeza da lei! Que mais poderei acrescentar, senhores, que vos não digam estes exemplos palpitanes da actualidade? Segundo a doutrina da repressão e expiação, todos esses homens, que ora occupam lugares eminentes no imperio, deverám todos ter perecido ha muito nos patibulos, ou jazer ainda nas masmorras. . .»

A peroração, em tudo na altura das outras partes d'esse soberbo discurso, conclue n'estes termos:

.....
 «Não se diga, senhores, que o Maranhão alçando a voz para saudar a victória no meio do sangue, dos desastres e das lágrimas da guerra civil, não achou um gemido sequer de compaixão em favor dos vencidos! (*apoiados*).

«Mas é força concluir. Ao começar disse-vos que tinha o espirito salteado de dúvidas; porventura não estão ellas ainda dissipadas. Mas desabafei a consciencia que tinha oppressa pelo silencio. Os corações ulcerados, como as harpas eolias feridas pelos ventos, precisam exalar em gemidos a sua dôr. Fiz o meu dever; aguardarei agora o resultado sem temor ou esperanza, e quasi indifferente. (*Muitos apoiados*).»

Estava elle, no entanto, já por esse tempo preparando louros mais immarcesciveis para enflorar em sua triplice corôa de publicista, de orador e de jurisconsulto.

Incançavel no trabalho, tenaz no estudo e nas investigações, de uma memória e reminiscencia como bem poucos as teem, os breves ocios que lhe ficavam das graves e complicadas questões do fóro, e ao que roubava aos passatempos da sociedade, dava-os todos á cultura do entendimento com a leitura meditada da história e mais assumptos da litteratura, antiga e moderna, e de todos aquelles conhecimentos que illustram a quem tem sêde de saber, e preparam os verdadeiros historiadores; mas que dispensam esses vasculhadores de archivos e cerzidores de factos e datas, pondo toda a sua glória em não discrepar n'ellas e ufanos da paciencia de beneditino com que se empregam ás vezes em farejar e relatar bagatellas.

XI

Ha mais de tres seculos, quasi que desde o seu descobrimento que a escravatura, proclamada outr'ora como principio, e aceita depois até hontem como necessidade, tem ennegrecido e maculado o brilho de ambas as Americas, e feito com que nos condemne a civilisação e o christianismo.

O quadro afflictivo e hediondo das dôres e miserias d'essa infeliz e decahida raça africana, com quem a Providencia foi tão avára a ponto de conservar-lhe o entendi-

mento nas trevas de que lhe revestiu a pelle, e os homens civilizados tão obcecados de cubiça para irem sem piedade arrancar essa pobre gente do sólo onde vive contente na sua livre selvatiqueza e embrutecel-a sobreposse nos duros grilhões e horriveis castigos do captiveiro, compunge e opprime o coração do philosopho, que medita seriamente sobre os direitos imprescindiveis da humanidade, e estremece pelo futuro do Brasil corroido por essa funestissima lepra, que ainda bem e por honra nossa desaparecerá dentro de poucos annos; que desde setembro de 1871 não vê a luz sob o céu brasileiro ninguem que não seja cidadão livre!

Arredado João F. Lisboa das occupações nimio atarefadas da politica, foram suas meditações e estudos predilectos das horas de lazer, a vida, os costumes, os habitos, os soffrimentos do escravo, e a legislação concernente a elle. Conhecendo o tempo e o trabalho perdidos infructivamente com escrever para jornaes, coleopteros que vivem um dia, esvoaçam por momentos nos ares, e fenecem para logo — ephemerous na sua missão como nos applausos que ás vezes grangeam, quando alentam e lisongeam as paixões da parte menos cordata do público, emprehendeu escrever uma obra vasta e complexa sobre assumpto tão momentoso e difficil, quanto alto e digno das cogitações e penna de um escriptor de tal pujança. Concebêra vestir a nudez das investigações philosophicas e legislativas ácerca da escravidão em todos os tempos e povos, e em especial nos nossos dias, com os atavios e louçanias de um estylo animado e pittoresco, pintando ao

natural e com côres bem vivas todas as scenas, commovedoras do captiveiro, e dando ao discurso, ora o tom sentencioso e grave do sabio, ora o sómbreado e leves toques do romancista, consoante a marcha da narrativa, e no intuito de amenisar o todo da obra, e tornal-a uma propaganda de facil e agradável leitura. Já lhe tinha delineado o arcabouço e escripto alguns capitulos, quando appareceu no mundo litterario, acompanhada de immensa e justa aurea, a *Senzala de Pae Thomé (Uncle Tom's Cabin)*, escripta pela philanthropica romancista nort'americana Miss Henriette Beecher Stowe, o que o fez levantar mão da empreza começada, assim por ver realisado o fim a que se propunha, como, por achar, afóra aparte o enrêdo romantico, não poucos pontos de contacto e similhaça em ambos no modo de encarar as questões e revestir o pensamento

Revolvendo não ha muito seus papeis, deparei copiosas notas, principalmente sobre legislação, denunciadoras do merecimento e valor, que deveria de ter um tal escripto, se o houvesse executado.

Para imaginar-se a acume e os sentimentos com que seria tratada por Timon essa materia, em que nem por allusões ninguem trouxera antes d'elle á imprensa por perigosa, e admirar a coragem com que arrosta com mal-entendidos interêsses da sociedade brasileira, basta que cite-mos estes dois trechos do terceiro tomo de suas *Obras*: «Novas Andromachas forçadas a procrear no captiveiro, e «mais desditosas que a princeza troiana, são as escravas «victimas a um tempo da incontinencia brutal e de calcu-

«los sordidos e avaros... Sacrificadas á satisfação de todas as paixões infrenes, as suas carnes palpitam alternativamente, ou ao contacto de caricias impuras, ou aos golpes do azorrague sangrento; e derradeira expressão da miseria humana, na dôr como no prazer é sempre o opprobrio que bebem a longos sôrvos!» (Veja. *loc. cit.* pag. 146.)

Em tão poucas linhas se não pôde consubstanciar tão eloquentemente um dos aspectos mais hediondos da escravidão! Não desmerece d'este periodo est'outro com que termina o interessante capitulo ix dos *Apontamentos para a história do Maranhão*: «A escravidão... desdouro eterno da história, que assim corrompia tudo o que a antiguidade e os tempos modernos produziram de mais nobre e generoso — a escravidão, o maior attentado em nosso conceito, que jámais se commetteu contra os fóros da humanidade — votemos contra ella sem hesitação e sem escrupulo, ou se apresente descarada e sem rebuço, ou insinuante e desfarçada em hypocritas atenuações». (Idem, *ib.*, pag. 147.)

O mallôgro da tentativa foi parte para a urdidura de novo trabalho. A história da provincia mal e pouco explorada, e ainda por escrever com a critica dos Thierrys e Guizots que ensina e adverte, parecia convidal-o como commettimento proprio de altos engenhos, e por outro lado, a sociedade politica donde se apartára, merecia castigada por um Juvenal, como remedio aos seus desvarios, e á corrupção em que se ia excedendo de dia a dia.

Remordia-lhe tambem a consciencia, como bom cida-

dão, assistir silencioso e impassível ao vergonhoso estado das cousas publicas, que não só o pungia, senão o irritava e o ia tornando cada vez mais misanthropo e descrente.

Lembrado dos serviços que prestou á França a *Satyra Manipéa*, no tempo tão mesquinho da *Fronde*, quiz ver se por meio de igual trabalho punha um cravo n'essa roda, que gyrava em desconcerto. Possuido de tão util e generosa idéa, e do desejo de ventilar e esclarecer alguns pontos duvidosos da nossa história, emprehendeu escrever fasciculos mensaes com o simples e despretencioso titulo de *Jornal de Timon*, que al lhe não consentia a modestia natural, partilha só do verdadeiro merito.

A 25 de junho de 1852 appareceu o primeiro d'esses folhetos, com 100 páginas, em oitavo portuguez, seguido mensal e regularmente por outros até o quinto, quando fez pausa, para dar no fim de 1853 do sexto ao decimo número reunidos em um volume de 416 páginas; publicando depois, já em Lisboa, e em 1858, o undecimo e duodecimo em outro volume de 427 páginas, que foram depois de seu fallecimento reimpressos com outros escriptos seus, formando os quatro tomos de suas *Obras* (1864-1865).

Nos quatro primeiros numeros do *Jornal de Timon*, que constituem o primeiro tomo de suas *Obras* (1864) occupa-se o engenhoso escriptor maranhense exclusivamente da parte que respeita a politica, fazendo das eleições na antiguidade, na idade-media e nos tempos modernos um paralelo com as da sua terra natal para util lição de seus conterraneos, ou antes é como introducção

ás do Maranhão, que são o magnifico quadro de suas observações e analyses, a que serve aquella de fundo, e o mais de accessorios agrupados em derredor da figura principal—a do presidente de provincia, grotesco e ridiculo heroe, cercado de cortezãos, tamaninos como elle, de envolta os partidos com todos os seus excessos, paixões, fraquezas e miserias, baixas ou risiveis, o jornalismo com suas exagerações, vaniloquismo e licença, e o povo, e os clubs, e as luctas, e os candidatos eleitoraes, assustados, enleitados, meticulosos, ludibriados uns, felizes e audazes outros, representando todos com os presidentes o lado burlesco d'esse inimitavel painel, que parece inspirado pela mordaz imaginação de um Marcial, e traçado pelo lapis epigrammatico de um Gavarni.

O *Timon* brasileiro, menos rancoroso do que o seu homonymo grego, encarou comtudo os homens e as cousas do seu tempo e da sua terra pelo lado mau e tenebroso, como alimento mais ao sabor de seus pensamentos. Na resenha admiravel de concisão e verdade, que faz, dos povos antigos e modernos, no gôso de seus direitos, cabe o primeiro lugar, como era de direito e de rasão, á Grecia. Sparta e Athenas, com seus heroes, seus oradores, seus candidatos, o modo de votar e de apurar os votos, os canticos, os applausos, as honras triumphaes e os banquetes aos vencedores, as precauções policiaes, a tribuna ora magestosa, ora corrompida e aviltada, o ostracismo aos que faziam sombra pelos seus feitos heroicos ou popularidade, tudo cahe debaixo de sua crítica imparcial com o gôso e propriedade como de quem era muito lido

nos authores antigos, e sabia tirar partido ás vezes de factos, que passariam a outrem despercebidos, para d'elles fazer applicações ajustadas, e tirar mui cabidos e chistosos remoques com que chancear de nossas pretendidas *habilidades* eleitoraes.

Achando similhaça nas occorrencias da trefega e leviana Athenas com outras que se teem dado entre nós, se compraz em rememoral-as, não se esquecendo da popularidade de uns, como da immerecida impopularidade e o desfavor para com outros, tal por exemplo a de Phocion, «esse grande modêlo de todos as virtudes, e o mais «singular exemplo de exquisita impopularidade que nos «apresenta a história», e que, depois de ter prestado relevantes serviços á patria, foi injustamente accusado de traidor, e condemnado a beber a cicuta. Nas páginas que consagra a esse prestante varão, tão repassadas de amargura, parece que Timon ao escrevel-as prefigurava-se-lhe a ingratição de seus concidadãos para com elle, deixando-o melhor perceber quando falla no arrependimento tardio dos amaveis athenienses, «*que já não podia aproveitar!*»

A Roma dos Gracchos e dos Cesares revive, sob os traços vigorosos de sua penna, com todas aquellas scenas tumultuosas do Aventino, com as agitações da praça pública e do fóro em que a palavra era a arma das contendidas. Narra depois, como contraste, as sanguinolentas collições em que a espada do legionario abattia no pó revólto das orgias e humido de sangue as cabeças dos imperadores, e a cohorte pretoriana elevava no pavez ou-

tros que melhor lhe aguçavam a cubiça com promessas de despojos mais opimos !

Familiar com Plutarcho, Cicero e Tacito, particularisa algumas das mais importantes entre as innumeradas occa-siões que teve o povo-rei de exercer o direito eleitoral, já apresentando judiciosas e profundas observações, já descrevendo as instituições e costumes puros e rigidos da republica até os Gracchos, primeiras victimas do sistema de violencia e corrupção eleitoral, que então se inaugurou, a epocha memoravel representada pelos quatro nomes illustres e gloriosos de Cesar, Pompêu, Cícero e Catão, de indoles tão differentes ; epocha em que a ambição, a fraude, a violencia suffocam e superam o patriotismo do virtuoso ancião de Utica, morto com a liberdade da patria, e já finalmente os tempos burrascosos do imperio onde a perfidia, as cruezas, o subôrno e todo o genero de desenfreamento da soldadesca e os vicios da aristocracia o aviltam e rebaixam, impondo-lhe novos Cesares até que a patria dos Scipiões resvala no Baixo-Imperio.

Da Roma pagan e guerreira para a Roma catholica e pacifica a transição, quando não seja natural, é chronologica. Da eleição dos imperadores passa Timon a descrever os conclaves, a eleição dos pontifices, algumas tão agitadas e ensanguentadas como as d'aquelles, outras escandalosas e picantes na fórmula de alcançar a votação.

Se mostra elle sobeja leitura e meditação n'esses capitulos da sua obra, na narração dos factos contempora-

neos ainda maravilha mais o seu conhecimento, não só da história e obras peculiares, mas do jornalismo estrangeiro, revelando assaz os selectos e singulares dotes que possuia em tão subido gráu. A sizuda e reportada Inglaterra ahi apparece convulsa e buliçosa nos dias de eleição, tendo a consciencia n'esses pleitos uma tarifa e cotação, é o voto é chatinado e vendido a dinheiro de contado como outra qualquer droga, e os candidatos não sahem da lucta sem os queixos esmurrados ou pelo menos isentos de sustos e ameaças. Se os nort'americanos não são tão afamados na corrupção, como seus irmãos, excedem-n'os, porém, no fervor, na azafama e turbulencia eleitoral, bem como nas inversões empoz a victória. Timon nol-as patentea com os pormenores variados e vividos com que nos pintou as scenas da patria dos Pitts e Cannings, provando que as *Convenções* do tio Jonathas não são some-nos aos *Hustings* de John Bull.

Conduz-nos depois á França, a esse paiz generoso e versatil, onde os regimens governativos e as constituições se teem succedido n'estes ultimos oitenta annos com incrível rapidez, mas onde tambem a vida eleitoral offerece mais rasgos de probidade, de admiração pelo talento, não menos que de pureza das urnas e respeito dos votos n'ellas encerrados.

Acha Timon que dos dominios de Napoleão III para os do grão turco ha só um passo, e do suffragio universal e do golpe de dezembro se deslisa para a eleição da sultana preferida.

N'este simples parallelo, como a descuido e pela fôrça

do encadeamento da narração, ha um epigramma, que só lembraria a tão delicado e agudo observador.

Ao desdobrar o grandioso espectaculo das luctas electoraes dos outros povos, procura o escriptor suavisar e variar uma ou outra descripção com apropriadas aneddotas que mais bettam e esmaltam o colorido do quadro.

Eis-nos emfim no admiravel epilogo em que resume e completa esta primeira parte. Aqui chegado, e suppondo que vão seus conterraneos tirar comparações vantajosas para si dos desvios e vícios electoraes dos estranhos, e assim baldar seu intento d'elle, mostra com magistraes e largos traços o reverso da medalha, que, na sua indignação como testemunha ocular, julga não poder nunca ser por estes imitado, nem approximado.

«A Grecia, diz elle, foi a patria de um pequeno tropel
«de herões que contrastou e venceu todo o poder do grande rei; foi tambem a de Homero, de Phidias e Pericles.
«Athenas empunhou o sceptro das letras e das artes. E
«ainda hoje, quem ha que tenha excedido essa gloriosa
«antiguidade?

«Roma resumiu o universo antigo; os seus limites eram
«os do mundo. Bebeu o genio da fôrça e da grandeza no
«leito da fera que amamentára Romulo; e antes e depois
«d'ella, nunca os tempos viram prodigios tão monstruosos
«na virtude como no crime, na guerra e na paz, na tyrannia
«e na liberdade, na pobreza e na mediania, como na opulencia e no luxo. Quando se sentiu preso e enfeiado por
«densas columnas e muralhas de barbaros que de toda a
«parte o estreitavam e urgiam, o povo rei, novo Samsão,

«sepultou-se nas ruínas do vasto edificio; e com elle deixou de existir a antiga sociedade. Entretanto, ainda hoje a nossa litteratura é a romana, e romanas são em grande parte as leis e jurisprudencia que regulam as nossas relações civis.

«Que direi da Inglaterra?

.....
 «..... Quando as outras nações se debatem nos furores e convulsões da anarchia e da guerra, «eil-os que erigem, como em soberbo desafio, esse magnifico templo de crystal, consagrado ás artes da paz, á concordia e á fraternidade universal! Alli, no seio d'aquella ilha feliz, como em porto abrigado da tormenta, se acolhem os fugitivos de todas as proscricções e de todas as desordens, reis e tribunos, grandes e pequenos. É eterna lição da liberdade ao despotismo e á anarchia, é o triumpho posthume de Carthago sobre Roma, «pela paz, não pela guerra. Mas não vos enganeis com as apparencias, nem cuideis que as armas recolhidas aos arsenaes, silenciosos e fechados como o templo de Jano, «se hão de enferrujar para todo sempre; esses immensos castellos e moles fluctuantes, que presos ao fundo do ancoradouro pelos enormes dentes de ferro, vos parecem balançar-se em repouso vil e inerte; se o mais obscuro inglez, no último recanto do globo, ferido em sua honra, segurança ou propriedade, invocar o auxilio nacional, proferindo o grito attribulado e glorioso que lhes ensinou lord Palmerston — *Civis Romanus sum!* «vêl-os-heis subito animados, á voz da patria e do perigo,

«arrojar-se, azas ao vento, percorrer, transpor e dominar o oceano subjugado, e fazer resoar sobre as ondas solitarias e nas costas mais longiquas e recatadas, os seus raios vingadores, ora mudos e adormecidos.

«Vêde agora o nort'americano, occupando a região porventura menos grata de todo o Novo-Mundo: a civilisação, que o acompanha, fere com a magica varinha os espessos nevoeiros, os invios bosques, os brejos invadeaveis, e os medos da barbarie; e de repente, na face desabrida e muda do deserto, resoam e scintillam mil cidades, como as estrellas no firmamento; e n'aquellas solidões mortas ainda ha pouco, a vida corre e se atropella sob todas as fórmas, por mil veias — rios, estradas e canaes. E não contente de assim transformar o quinhão de terra que a Providencia lhe deu em partilha, corre em milhares de navios a todas as extremidades do globo. E o inglez, que por toda a parte vê o seu leopardo precedido e antecipado pelas estrellas da União, pasma, freme e se indigna em vão!

Agora a vez da desditosa França:

«No centro das nações, lá brilha a França como senhora e como prínceza, máu grado as nuvens de afflicção e de dor que uma ou outra vez toldam a sua fronte radiante. Do seu diadema entorna a luz que allumia os povos, com quem communica, ora pelas armas dos seus guerreiros, ora pelas linguas incessantes e infatigaveis dos seus poetas e publicistas. D'ali Napoleão I, seguido de um punhado de heróes, sahe e passeia o mundo em uma carreira rapida e anhelante; d'ali conversam com o mun-

«do, em hymnos e discussões perennes, Voltaire, Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, Thiers, Guizot, Cormenin e Lamennais. Os bramidos e relampagos da tempestade de 89 atroam e deslumbram o universo; Adamastor parlamentar, o vulto agitado de Mirabeau assoma na grande tribuna, novo Cabo das Tormentas; e eis-o que arremeça ás gerações presentes e por vir, como um presente fatal e ainda hoje indefinivel, os agouros e vaticinios da nova éra revolucionaria! De então para cá, de cada vez que o gigante ou a sua sombra agita e sacóde a juba, mais formidavel que o sobreceño do senhor do Olympo, as nações se commovem, e os reis enfiam e empallidecem no alto dos seus thronos vacillantes.»

E d'este panorama, cujas vistas nos deslumbram, suspendem e encantam pelo que ha n'ellas de grandioso e sublime, aparta-nos logo Timon para pôr-nos deante dos olhos o espectaculo tristissimo e deploravel das republicas hespanholas; e como Sparta apresentava aos motejos da mocidade o ilote ebrio para que tivesse tedio e horror ao vicio, assim aponta-nos para as guerras civis, para a anarchia, para tudo quanto ha de horrivel e de doloroso no Mexico, como escólho onde naufragaremos, segundo pensa elle, se não arripiarmos carreira ¹.

Mercê de Deus, se não hão de realisar nunca as sombrias previsões de Timon. A nossa indole, as circumstancias peculiares do nosso paiz, as nossas tendencias e as-

¹ Vide de pag. 157 a 162 do 1 tomo das *Obras* de J. F. Lisboa, que são bellas e em nada inferiores ao que atraz deixo transcripto.

pirações incessantes ao progresso, e o muito que temos n'estes ultimos annos melhorado com a sábia e prudente direcção que o nosso monarcha tem dado aos negocios, tudo nos antolha futuro próspero e lisongeiro para a nossa patria, que ha de vir seguramente a occupar um dos primeiros lugares entre as nações civilisadas.

Na segunda parte do primeiro volume, a proposito de eleições e partidos do Maranhão, como para complexo do quadro, illustração e exemplificação das instituições e systema politico, esboça os typos do presidente de provincia, do candidato, de diversos soezes sycophantas por hábito, por interêsse, por imitação; do jornalista sem pudor e calumniador de profissão, e do escriptor de boa fé e ancho de si; do caudilho eleitoral, e da ralé do povo ou gentalha; e fal-o com critica tão consummada e espirituosa, que torna de taes retratos a parte não menos aprazivel e estimada d'esse trabalho.

Em cada um d'esses typos reúne diversas individualidades reaes, aproveitando d'este um vicio, d'aquelle um defeito, d'outró um traço physionomico, já d'este os ademanes, d'aquell'outró o corpo, formando um conjuncto perfeito, desenhado com tanta arte e compostura, que ainda o mais avisado não poderá rastrear em nenhuma d'essas figuras um dado personagem que existisse por aquelles tempos em que viveu Timon enredado na politica, embora ache parecenças approximadas e indicadoras de certos individuos.

Não deixou porém de haver quem o censurasse por tal; mas Timon a essas arguições assim responde: «Meu

«Deus! que culpa tem o pobre escriptor de que a ociosidade, a malicia, e por ventura a voz d'algumas consciencias pouco tranquillias, accusem allusões positivas e intencionaes, onde não ha senão pinturas geraes, em fórma de retratos, dos costumes, extravagancias e concertos da nossa sociedade? Timon nega toda a intenção semelhante, que seria isso ir directamente contra os seus fins, e frustrar com bem pouco aviso todo o bom resultado que de seus esforços podia rasoadamente prometter-se.» (*Jornal de Timon*, pag. 427 do 1 tomo das *Obras* de J. F. Lisboa.)

¿E de feito, quem poderá indicar o verdadeiro original d'onde copiou Timon o doutor Anastacio Pedro de Moura e Albuquerque, o presidente demittido em meio de seus preparativos para a campanha eleitoral, cuja palma de triumpho será uma cadeira de deputado; e o seu successor, o geitoso ex.^{mo} sr. Bernardo Bonifacio Montalvão de Mascarenhas, sujeito alto, magro, pallido, zambro e zarrolo, e que era, sem embargo d'esse exterior tão pouco parecido com o de Narciso, querido e festejado pelas bellas? ¿E a figura providencial do tenente-coronel Fagundes, bem aventurada creatura, estranha a todos os partidos, prompta e disposta a servir o homem do poder, sem ter conta com as suas opiniões; e o prestante tenente Cadaval, que gratuitamente pençava e alimentava os cavallos de s. ex.^a? Não menos primorosos são esses inimitaveis retratos do dr. Alfranio, homem sem talento, nem vergonha, que lhe enrubeça nunca o carão patibular, ignorante, madraço, dissipado, taralhão, tagarella,

politico sem dignidade e convicções, oberado de dividas, e devorado de ambições e necessidades; do dr. Bayio, semelhante em muitos pontos ao do dr. Afranio, quanto ao character, vida e feitos, e com uma tal elasticidade de principios e de consciencia, uma impudencia tão cheia de candura e segurança, homem temivel emfim, e superior a toda e qualquer correcção e exprobração. Chega a vez do terceiro redactor de jornaes, do dr. Bartholo, figura sympathica, ingenua, vaidosa de si, e do muito que sabe da nossa legislação. Seguem-se a estes os retratos do coronel Sanct'Iago, ricaço lavrador, postoque concorrente a um emprêgo publico; do commendador Saraiva, cujo merito consiste em dar bailes e jantares aos presidentes; do pantafaçado coronel Pantaleão, obeso e grave, enfiado do seu grande valimento e fortuna; do sr. Quintiliano do Valle, rapagão de vinte e cinco annos, dotado de grande actividade e robustez, ousado de acção e de palavra, proprio em summa para figurar em uma traça eleitoral, á frente de um grupo de conquistadores de urnas.

Seguindo o annexim francez — *à grand seigneur tout honneur* —, começa por descrever um presidente de provincia nas âncias e dúvidas de candidato á deputação pela provincia que administra, e da qual teme de ser arrejado por demissão. Os rebates da ambição, porém, já lhe trazem o espirito transtornado, e o infeliz vê por todas as paredes do casarão desguarnecido de Joaquim de Mello e Póvoas dançar-lhe em lettras de fogo a fatal palavra de desengano, como a Balthasar o ameaçador distico — *Mané, Tekel, Pharés* — até que inesperadamente se

realisam seus presagios, quando estava quasi a colher o fructo de seus tão suados manejos e das concessões illegaes feitas ao partido, a que elle proprio dera fôrça. Em meio d'estes sustos e esperanças, eis assoma na barra o vapor, vindo da côrte com bandeira imperial no tope grande. Não ha que illudir a vista, «o infernal vapor, impassivel como uma machina de ferro e de madeira, que «era, sem fazer conta de cousa alguma, avançava com «incrivel e quasi acintosa rapidez... e no pequeno circulo cortezão todas as respirações ficam suspensas, e «reina um silencio mortal e ancioso. *Presidente para o «Maranhão!* annunciou o fatal telegrapho, e um *ah!* estúpido e suffocado resoou de todos os lados.» É magnifico e de um bello effeito este animado periodo!

Como é comica a scena que se lhe segue, e a do atropello e soffreguidão com que correm grandes e pequenos, todos curiosos, ao desembarque do feliz sr. Mascarenhas! E que me direis então do dialogo do sr. Anastacio com os séus mais intimos, ainda desconcertados pela recente desgraça, assim como do testamento que se lhe figura a elle presidente decahido, na sua simplicidade de candidato, como arrhas garantidoras das promessas de seus partidarios, mas que foram esquecidas logo depois da sua partida?

Apoz alguns dias, que empregou seu antecessor em dar a última demão ás demissões e nomeações que melhor assegurassem o partido que o apoiava, toma posse o ex.^{mo} sr. Anastacio, e eis a chusma de aduladores a rodeal-o, a festejal-o e a fazer-lhe protestos, offerecimentos

e convites para bailes e banquetes acinte organisados só para o attrahirem. Por mais esmero que empregasse Timon em descrever os variados quadros da chegada, posse e installação de um presidente, é tão fertil o assumpto, que deixou ainda sobras que foram com equal felicidade e talento aproveitadas pelo dr. Trajano Galvão¹ na sua engraçada satyra — *O Nariz Palaciano*. É para ver e apreciar o açodamento com que os chefes dos partidos e seus orgams no jornalismo porfiam a qual primeiro e melhor enaltecerá as virtudes, o saber e mais excellencias do novo presidente, e de que nunca d'antes ninguem ouviu fallar; não sendo menos interessante o ar de importancia que este improvisa, o soliloquio que lhe suggere a vaidade, e a caricata imparcialidade que aparenta, aturdindo com seu systema de melhoramentos materiaes os pobres cidadãos quando se lhe dirigem exigindo justiça ou algum acto que o possa comprometter. Deixa muitos requerimentos sem despacho, negocios sem solução, mas edificados os ouvintes com a excellencia da cultura do palma-christi e vantagens da extracção de seu oleo, para assim ir continuando no gôzo dos elogios, dadivas e festins de ambos os partidos, até que por último com as urgencias eleitoraes, dá com hasta á lua de mel, levanta a viseira e entrega-se á discrição nos braços de um d'elles, rubricando todas as violencias e fraudes, de que se servem para vencer. E seja dicto de passagem que este mi-

¹ Bom poeta e philologo maranhense, cuja prematura morte deploram as lettras. Vej. a satyra — *Nariz Palaciano* — transcripta na pag. 221 do tomo II d'esta obra, onde vem a sua vida.

seravel papel de fingida imparcialidade com a mira nas vantagens que ella lhes traz, é partilha commum a quasi todos estes bachás, por modo que pelo que tenho observado, julgo-a, com uma ou outra excepção, inherente ao cargo.

O typo, dado que bem descripto, merece novos retoques; por isso que depois da publicação do *Jornal de Timon* teem apparecido novas variedades dignas da apreciação epigrammatica de Lisboa, e elle o conhecia, porém nunca quiz accrescentar os *Jornaes* para dar d'elles uma segunda edição, mais ampliada, porque os tinha escripto como ensaio, e só no intento de assentar a mão e polir o estylo para trabalhos de maior alcance e amplitude, que pretendia um dia escrever.

Perdemos assim a occasião de ver retratados os presidentes de seis mezes, que veem passar os intervallos das sessões legislativas na nossa provincia como quem emprehende uma viagem á Europa, ou procura refazer-se de fôrças e saude no campo; os que interpretam e revogam leis alamoda de juiz de paz da roça; os que nomeam deputados contra o voto dos collegios eleitoraes fazendo reformar actas d'apuração; e uma infinidade de outros que se distinguiram por actos não menos dignos de consignaço, taes como presumirem-se formosos, sabios, queridos das damas; elogiarem-se nos jornaes por conta propria, terem-se por fomentadores da prosperidade da provincia por acontecer na sua administração calçar-se um lanço de rua, a testada do palacio ou construir-se um banheiro.

De um sei, e não ha muitos annos, que desejando dar um baile em palacio, convocou alguns negociantes e proprietarios abastados, propondo-lhes o negocio e pedindo suas assignaturas para figurarem nas cartas de convite, ao que elles annuiram complacentes. Distribuidos, porém, os convites, torna-os o presidente a chamar a palacio, declarando-lhes que as salas estavam ás suas ordens e que houvessem de contribuir com a musica, refrescos e o mais necessario para realisar-se o baile! Como já se não podiam furtar á cilada, puxaram das bolças e deram o baile, postoque profuso pouco concorrido por vir fóra de proposito. Como esta ha anedotas não menos edificantes que illuminam outros typos, que só aguardam quem os descreva e classifique no museu de raridades sociaes.

Cinzelados os presidentes com mão de mestre, toca a vez dos partidos, com suas bandeiras, denominações mais ou menos esdruxulas, suas ligas, organizações, coallições, fusões, scisões, dissoluções e recomposições, não ainda como analyse e estudo sobre elles, que para o deante occupam-lhe dois excellentes e extensos capitulos; mas como commentario para melhor comprehenderem-se os feitos heroicos dos candidatos, dos jornalistas, e do povo, que entra n'essas scenas como comparsas forçados da grande mascarada eleitoral.

Apropinqua-se afinal o almejado dia das eleições, e já a *patuléa* o prenuncia, abandonando as officinas e todo o genero de trabalho, e derramando-se pelas ruas da cidade na pedintaria aos politicos mais influentes e interessa-

dos na contenda, e correndo aos clubs, onde os discursos bombásticos a aturdem, e o vinho e o *arroz-de-pato* activam-lhe a embriaguez e o entusiasmo, que basta vez, em lugar de arrematar em alguma indigestão, produz rixas mais ou menos calorosas, principalmente quando coincidem taes reuniões e comensinas em dias nacionaes e de regosijo público, quaes as que Timon tão aprimorada e vivamente narra, como quem as viu de perto e n'ellas tomou sua tal qual parte, não obstante o tédio que sempre lhe causaram essas phantasmagoricas ostentações das forças partidarias, que do lado opposicionista desaparecem ante as bayonetas e outros meios authoritarios de abuso de força de que soe infelizmente soccorrer-se o govêrno, com íntima satisfação dos que lhe são auxiliares: porque assim poupam-se á vergonha da derrota legal, tendo a opposição n'essas mesmas violencias, aliás inuteis, pasto á gritaria e virulentas diatribes de que se cevam seus jornaes em longos e interminaveis artigos com que atroam céos e terra, e estafam o público.

Outro lado não menos curioso dos costumes politicos da nossa terra, é a imprensa periódica que em tempos de effervescência politica, e muitas vezes fóra d'ella, se demanda em pungentes aleivosias, devassando o sagrado das familias. Timon para amostra do genero finge que extracta topicos de alguns artigos de varios jornaes a que dá nomes esquipaticos, apropria-se-lhes as idéas, arremeda-lhes o estylo e a phraseologia, com tanto talento imitativo, que parece mais uma cópia do modo de dizer de alguns d'entre esses discolos que se teem mais celebri-

sado no mau gôsto, nó rasteiro da linguagem e no airado da aggressão, do que um arremêdo.

Chama-os Timon com muita propriedade o respiradouro por onde os partidos «exhalam e vertem os seus maus humores», e que só «tem servido para expôr á grande luz meridiana todos os vicios e miserias da sociedade.»

Com tão boas ajudas como a patulêa, a policia e outros extraordinarios e efficazes meios vence o ex.^{mo} sr. Bonifacio Mascarenhas as eleições primarias, contentando-se a opposição com protestar e vangloriar-se de que a victória moral foi toda sua, e com provar as violencias e falsificações commettidas pelos contrarios, manipulando comtudo da sua parte á surdina e a portas fechadas actas de imaginarias eleições, em que muitas vezes fazem figurar as assignaturas dos proprios juizes de paz, que presidiram á do lado do govêrno! As trapaças, o subôrno, a ameaça, a corrupção emfim e toda a sorte de escandalos, que são trazidos em praça e estygmatisados por Timon com termos severos e vehementes, não findaram nas eleições populares, e elle condescendente nos guia pelos meandros dos collegios eleitoraes, onde se reproduzem as mesmas scenas, que só na camara temporaria vão finalizar, apresentando-se alli não raro duas turmas de deputados com diplomas fornecidos pela mesma camara municipal apuradoura, que ora se tem dividido em duas, ora bastando um ou dous de seus membros para passal-os, reproduzindo com mais commodidade a falsificação de assignaturas n'esses diplomas, pondo de algum modo em graves hesitações e escrupulos de consciencia os ex.^{mos}

que teem de estremar os verdadeiros e legitimos representantes eleitos pela provincia.

Depois de ter assim desdobrado aos olhos surprehendidos do leitor todas as variadas e interessantes vistas d'esse immenso kaleidoscopo, abandona Timon a ironia e o motejo com que procurára lancear de golpes certos os nossos vicios politicos, e individuar os diferentes instrumentos de que abusam os partidos, para consideral-os em si mesmos, attribuindo, com rasão, os males que soffrem as pequenas provincias á fraqueza d'elles, que sem principios, nem crenças que os fortaleçam e recommendem á opinião pública, vivem do poder, mas do poder identificado com os seus odios e affeições, sem sahir do estreito e intolerante círculo vingativo e egoistico que o aperta e dirige, e que nega todo o merito nos adversarios, e lhes não dá tregoa, nem lhes faz justiça.

Que distancia não vae do mau uso e emprêgo que os ambiciosos e a ignorancia do povo teem feito do regime constitucional, e que com tão dolorosa verdade consignou Timon nas páginas d'essa satyra palpitante, aos bellos e fecundos resultados que d'elle se promettiam nos seus escriptos de propaganda os noveis pensadores, que viam na sua inauguração só as vantagens theoricas, desanuviadas dos abusos e erros da práctica?! Para contraste do quadro dos costumes reaes dos nossos partidos cita Timon algumas passagens das cartas de *Americus*, nas quaes enxerga este publicista tudo pelo brilhante prisma de suas illusões constitucionaes.

Deixa o assumpto para lamentar a paixão e exclusivis-

mo com que a classe superior da nossa população se entrega á politica com ardor febril, não procurando meios de vida senão na carreira dos empregos. Tira d'isso occasião para aconselhar á mocidade, com a authoridade da experiencia, que se afaste com horror d'essa voragem, que pela sua profundez perturba o cerebro, e attrahe quem d'ella se approxima; e ainda não satisfeito com suas asizadas advertencias, transcreve passagens do moralista Droz, que abundando nas mesmas idéas, aponta o trabalho, a applicação, o estudo como os antidotos mais proficuos contra aquelle veneno, que a enerva e corrompe. Que elevação de idéas, e nobreza de sentimentos, tão apropriadas ao fim que tem ali em mira o author, qual o de calar no espirito da nova geração são e verdadeiros preceitos da moral politica!

Timon, aindaque o negue, deixa-se levar pelo pendor da misanthropia, e como o Alcestes de Molière, não vê por toda a parte para onde derrama os olhos senão corrupção, immoralidade, perfidia, violencia e fraude nos que se empregam na politica, e propõe nas suas sombrias apprehensões a suspensão temporaria, ao menos para as provincias de segunda e terceira ordem, do gôso dos direitos politicos, como remedio heroico e salvador. Mas para que se extirpe o mal pela raiz não bastará, quanto a elle, este recurso extremo, importa mais e sobretudo que parta o impulso do monarcha, que deve não só reinar, senão governar como administrador, delegando o govêrno de taes provincias declaradas fóra da constituição a presidentes meramente administrativos.

«Não basta mandar presidente, diz elle, cuja fallaz imparcialidade consista em poupar e cortejar a uma e outra banda . . . É mister sobretudo que os presidentes de uma vez para sempre se abstenham de intervir nos mesmos debates dos partidos, deixem de rebaixar todos os dias a propria authoridade, e representem e sirvam dignamente o imperador. . . »

Parece-me o remedio proposto nocivo por demasiadamente heroico. Vale tanto como destruir uma enfermidade de grãve com um medicamento nimamente venenoso que a debella, deteriorando o organismo para todo o sempre.

¿Uma vez dado o fatal golpe da suspensão da nossa constituição, ponderou Timon no perigo de tornar-se permanente esse estado até que por derradeiro seja sem rebuço proclamado o regime absoluto ?

¿Não é essa a tendencia natural e da indole das monarchias constitucionaes representativas, onde os poderes conspiram e esforçam-se por enfraquecerem-se reciprocamente ?

Se vingasse a idéa suggerida por Timon, poderíamos seguramente descansar no actual imperante tão eminente por suas luzes e virtudes, como por sua probidade e respeito ao pacto jurado, que manteria inteiro; mas quem asseguraria que, uma vez aberta essa brecha no systema, não viesse mais tarde algum de seus successores a aproveitar-se d'ella para o destruir ou annullar ?!

¿O sacrificio da abstenção temporaria dos nossos direitos politicos, posto que hoje mal exercidos e atropellados pela pressão dos delegados do poder executivo e meios

empregados pelos ambiciosos compensará porventura em fructos quaes se promette Timon? Fio que não. O govêrno pessoal tem sempre gerado a dictadura, e quando contrariado em sua vontade acaba pelo despotismo; e as presidencias administrativas nada mais seriam do que o restabelecimento mais ou menos disfarçado dos capitães generaes, senão com os arbitrios d'estes, com seus vicios e males, affrontando a moral pública a venalidade e o peculato da mór parte d'elles; porque o mal não está nas instituições, mas na cegueira intellectual do povo. Eduquem-n'o e instruem-n'o devéras, projecte-se sobre elle em todos os sentidos e com profusão a luz benefica e pura das letras que alimentam o espirito e avigoram, que é do que carece para conhecer seus direitos e deveres, distinguir o bem do mal, o justo do injusto, e desde então elle se moralisará e ha de saber usar das mólas da machina constitucional taes quaes as nações que Lisboa cita como bons exemplos.

É certo que os presidentes nada respeitam, e são até o presente, e com rarissimas excepções, como nol-os descreve e disseca o acerado escarpello d'esse sagaz observador, porém não ha que rastrear-lhes nodoa quanto á probidade dos que teem até hoje governado o Maranhão. Quem sabe se desapressados da tarefa politica, que lhes absorve os cuidados e os traz em actividade, não se abalançariam elles a especulações mercantis, como um Pedro de Mello, e não procurariam por todos os modos fazer fortuna, empregando os meios dos bons tempos que já lá vão?!

Só o extremo desalento e a falta de fé na fôrça genérica do progresso, que infelizmente ressumbram em todo o decurso d'essa obra, poderiam suggerir a Timon um pensamento tão em desharmonia com o seu passado, com escriptos posteriores, e ainda com suas nobres e adiantadas opiniões sobre direito revolucionario, democracia e amnistia, que com tão robustas e sensatas, quão justas e moderadas rasões sustenta nas suas conceituosas *considerações geraes* — corôa de ouro com que remata o volume.

Excepto esse senão, originado do estado moral de Lisboa, outro em minha fraca e humilissima opinião se lhe não descobrirá n'essas admiraveis páginas, que constituem o primeiro e por sem dúvida o mais curioso, estimado e delectavel volume dos *Jornaes de Timon*. E demais, quão longamente compensado é elle pela escolha dos assumptos, pelo bem concebido e sustentado do plano da obra, e pelas inumeras e peregrinas bellezas que incerra, e que só uma imaginação tão opulenta e um entendimento tão illuminado e vigoroso podiam produzir!

Alguns conterraneos, picados talvez de se conhecerem em mais de um traço, ou feridos por certas allusões epigrammaticas, quer de offendidos por ter carregado as tintas do seu quadro com grave offensa e em desabono e prejuizo da terra que lhe dera o berço, fazem-lhe por isso carga de ingratição; mas quem o ler libertado de taes preocupações ha de comprehender por certo o fim altamente moral e util que inspirou Lisboa na contextura d'essa chistosa e verdadeira descripção dos costumes po-

liticos do Brasil. A gangrena só com o ferro e o fogo pôde ser extincta. Diluir as côres para disfarçar os desvios e os crimes da sua epocha, ornal-os para que se não vejam as ulceras asquerosas, seria condescendencia ainda mais digna de censura, e impropria do espirito isempto de Lisboa. Pintar a sociedade com todos os seus contornos e relevos de suas feições, e á luz da verdade para emenda d'ella é acto que por seu arrojo e nobreza merece encarecidos gabós. Foi o que preferiu Lisboa, com a consciencia satisfeita e mirando no resultado, que, com effeito, se vae mostrando em um ou outro ponto. O proprio author encarrega-se de responder a taes reproches n'estes periodos de sua obra:

«Pelo que toca ao descredito e diffamação da terra que nos viu nascer não tenho admiração para o vicio «pudibundo, que córa até as raizes dos cabellos, e cobre «com as mãos ambas o rosto turvado de uma ingenua e «amavel confusão! Mas quem ousaria, a não serem os «complices do mal, os culpados impenitentes e relapsos, «quem ousaria negar, encobrir ou ainda simplesmente «dissimular a degradação e opprobrio a que temos «chegado, e hão feito de nós a fabula e o baldão da côrte «e do imperio todo...?»

«¿Consiste porventura o patriotismo, ou o *provincialismo* em negar impudentemente uma verdade conhecida «por tal, ou antes confessar nobremente o mal, e da grandeza d'elle tirar motivo e occasião para reclamar a emenda e reforma a grandes brados?...»

«Timon não se deleita n'estes debates; aproveita sim

«a occasião, depois de um largo silencio, para expender «todas as suas idéas, desabafar todos os seus sentimentos e despedir-se se não por uma vez, ao menos por longo tempo, do já prolixo e cansado assumpto.»

XII

Como cambia a vista maravilhada de uma paisagem herverdecida de mimoso capim e esmaltada de flores de diversos matizes para um bosque sombrio de altivo e espesso arvoredo, ou da fachada rendilhada de um templo gothico para suas naves extensas, soturnas e silenciosas, assim acontece a quem passa d'este primeiro tomo das *Obras* de João Lisboa para o segundo e terceiro. Occupam-se tambem de factos concernentes á sua provincia natal, mas sob outros aspectos: as observações e investigações são de outra ordem, outra a indole e outros os assumptos. Constan de uma serie de memórias historicas que se prendem aos factos dos tempos coloniaes, e que já pela obscuridade d'elles, já pelas difficuldades de bem elucidal-os e sua subida importancia cumpria aventados, discutidos e esclarecidos por quem tinha, como Lisboa, todas as virtudes de perfeito historiador.

Começa no segundo tomo por uma introdução onde analysa com mui arrasoadá critica e bom senso, de entre as obras que sobre a provincia correm impressas, as poucas de que até então tinha conhecimento, notando desas-

sombradamente os seus defeitos e o que n'ellas ha de aproveitavel.

Tractando depois no livro 1 do descobrimento da America, das viagens exploradoras de diversos navegantes, e em especial das mallogradas tentativas para explorar-se e colonisar o Maranhão, discute luminosamente tudo quanto sobre estes pontos tem sido ventilado e escripto.

Occupa-se successivamente nos livros II e III das invasões franceza e hollandeza, esclarecendo com bem cabidas observações algumas dúvidas suscitadas e não resolvidas até hoje pelos authores que sobre ellas discorrem, narrando as guerras travadas entre os invasores e os portuguezes, e as victorias alcançadas por estes, com a singeleza da chônica sem ser como ella pesado e diffuso, realçado tudo com as bellezas de seu estylo, que seduz e deleita sem embriagar, e com suas opiniões tão conceituosas onde ha sempre uma lição onde aprender.

Faz no livro IV o parallelo entre as duas invasões, inclinando-se a favor da franceza, como é bem de ver, por que foi toda humanitaria e civilisadora ao invetz da hollandeza que, levada pelo espirito mercantil, não contemporisou com os colonos, nem ao menos respeitou sua religião, seus usos, seus costumes, ou já seus interêsses materiaes e os sagrados laços de familia, escandalisando-os e perturbando-lhes as consciencias a ponto de darem-lhes a suprema energia do desespero que impelliu um punhado de homens a fazer rosto e desalojar do patrio sólo exercitos adextrados.

Não falta quem lamente não descendermos de france-

zes. Não pensa assim Timon, que contente e ufano da sua origem louva a divina Providencia por ter em seus sabios designios auxiliado os nossos maiores na conquista d'aquelle torrão, e tira d'ahi motivo para remir passadas exaltações da mocidade quando em calorosas contestações com alguns portuguezes domiciliarios no Maranhão e que escreviam em sentido favoravel á restauração da colonia, negava elle a Portugal alguns dos seus feitos gloriosos. Fazendo agora plena justiça á pequena nação que fundou o nosso imperio, se vangloria de descender de povo tão emprehendedor e digno de admiração e louvores por ter conseguido tanto com tão apoucados meios.

O sentimento, a elevação e eloquencia com que estão escriptas essas admiraveis páginas (de 185 a 187 do II tomo) impressionam tanto, que em lendo-as, ninguem deixará de concordar com Timon, sentindo como elle o nobre orgulho da nossa estirpe.

No livro V aprecia elle os aborigenes nos seus usos e costumes, discute sua população provavel no tempo do descobrimento do Brasil, combate as tendencias que nota para as investigações historicas no sentido de rehabilitar os indios, admittindo quando muito que possam interessar taes estudos ao romancista e ao poeta, e refuta que houvesse o feroz exterminio dos indigenas, bem como que fosse devida a essa causa a sua quasi completa extincção.

Entre as mui substanciosas considerações que estão esparsas por todo este livro, é para sentir que Timon tão seguro e meditado em seus escriptos, se deixasse arrastar

no ardor de confutar as opiniões aventadas por Gonçalves Dias na introduccão á segunda edição dos *Annaes* de Berredo e cahisse em não menos censuraveis exagerações, como por exemplo a do computo da população indigena, a que deu minguadissimas proporções para salvar os colonos da imputação de insaciaveis exterminadores dos incolos brasileiros.

Se já tivesse leitura da collecção Ternaux ou dos aucthores que teem aprofundado a materia, taes como Orbigny, Humboldt, Moke e outros que veiu depois a compulsar, conheceria seu erro e daria razão ao padre Antonio Vieira e a Gonçalves Dias em avaliarem aos milhares nossos selvagens. Tanto é isso mais de crer, quando só por ter examinado os archivos portuguezes, confessa elle na pag. 117 do tomo III, as modificações de suas idéas quanto ás implacaveis perseguições aos naturaes do paiz: «Respondendo, diz elle, ao nosso illustre compatriota «Gonçalves Dias que exagerava e elevava a população indigena, na epocha do descobrimento, a muitos milhões, «exclamavamos nós (allude ao que dissera no II volume) «que para isso fôra mister que tres seculos de civilização «européa fizessem menos que os seculos ignotos de barbarie que os precederam. Mas um estudo mais longo e «reflectido da sua acção na nossa infeliz patria obriga-nos «hoje a desdizer-nos, e a reconhecer que a um seculo de «completo abandono, seguiu-se no Maranhão seculo e «meio de um govêrno tão inepto, absurdo, e impotente «nos seus meios e principios como esteril e funesto nos «resultados. Á vista d'elles a consciencia mais timo-

«rata pôde subscrever e applicar-lhe sem escrupulo a
«sentença innoxoravel que o grande historiador portuguez
«(refere-se ao sr. Alexandre Herculano, nos *Annaes de*
«*D. João III*) proferiu sobre outros tempos igualmente
«calamitosos, — vasto cemiterio de podridão e lentejou-
«las, a que uma história sem philosophia e sem escrupulo
«chamou epocha gloriosa.»

Abundando na nota no mesmo sentido, de novo, assim retracta-se como homem superior e por isso despido de vaidade: «Um estudo mais aprofundado da materia e o «exame sobretudo dos documentos officiaes, isto é, da «correspondencia havida entre os governos da metro- «pole e das colonias, pela maior parte inedita e pouco «conhecida, nos habilita para proferirmos um outro jul- «gamento em que a *condemnação dos invasores é inevi- «tavel.*» (*Jornal de Timon*, tom. III, 1.^a edic. de 1858, nota à pag. 342.)

Se tambem aprofundasse seus estudos e exames de anthropologia, estou em que adoptaria muitas das idéas do poeta lyrico, em vez de condemnal-as *in limine*, procurando, como o fez, desconceitual-as, lançando sobre ellas o ridiculo, que em verdade se diga, manejou com muita graça e delicadeza; e nem o sr. dr. Couto de Magalhães avançaria em sua estimavel e excellente obra, — *Ensaio de anthropologia* — que essas opiniões de Lisboa delatavam n'elle decadencia! Contesta-lhe tão brilhantemente esta falsa proposição o sr. Joaquim Serra (vej. nota B), que me dispensa quaesquer considerações por ociosas, e só observarei que o afastar-se qualquer escri-

ptor de uma opinião corrente não prova fraqueza, antes mui robusta e afoita intelligencia que se subordina unicamente á sua rasão e exame.

Demais, outros, depois d'elle, teem com mais acrimonia procurado desterrar, por inuteis, dos estudos historicos as investigações sobre os aborigenes, e F. Sotero dos Reis, cujas doutrinas aliás acato como de mestre, indo mais longe na proscriptão, não admitte, como Timon, que sejam ellas do dominio da poesia e do romance, e no seu *Curso de Literatura* (pag. 75 do tom. 1) apoiando a este, pede *que se dê de mão ás lendas sobre os aborigenes*.

Tão desfavoravel sentença nasce do modo absoluto e exclusivo com que tão abalisados juizes encararam a questão, e essa repugnancia pela eschola brasiliana, tanto d'aquelle como d'este, assemelha-se á de quem habituada a vista a uma dada e determinada intensidade de luz, custa fitar e accommodar-se a outra. Lidos e apaixonados ambos pelas fôrmas classicas, affeitos a estudar e a contemplar na história e na poesia os homens da Europa, seus feitos, sua heroicidade e modos de ser e viver nos tempos fabulosos e historicos, não lhes consente o gôsto sentir tão opposto, e rebellam-se contra os estudos, as observações pacientes, e as bellezas rudes dos selvagens americanos. Homens positivos sobre posse, d'ahi tambem acontece que não lhes fosse dado descortinar o que há de poetico e tocante nas lendas, afflicções e saudades de um povo foragido e exterminado pelos conquistadores, recalcado por elles para as mattas remontadas, aonde vive errante, suspeito e sedento de vingança, e do qual só co-

nhecem esses conspicuos escriptores o lado grosseiro afeiado por Gabriel Soares e outros viajantes portuguezes da mesma epocha, ou por authores que os repetiram depois. Essa vida nomada que hoje leva o infeliz selvagem, sem lar, sem patria no proprio sólo onde foi senhor, sem familia, sem amores, porque tudo lhe roubou o contacto para elle funesto do homem civilisado, foi naturalmente o que impressionou estes nossos litteratos sem que dessem o devido desconto de que—o predomínio, o terror, os castigos e outros males da invasão os transformaram, embrutecendo-os e degradando-os completa e irremediavelmente.

A história, que a philosophia tem conseguido tornar uma sciencia, não pôde dispensar o estudo amadurado da lingua, dos usos e costumes, da cultura das artes e da indústria entre os povos aborigenes; e se outro fosse o parecer dos sabios, não consumiriam seguramente tanto cabedal de tempo e disquisição em revolver ruinas, e nas pacientes meditações que os teem levado a reconstruir a sociedade dos celtas, dos slavos, dos gallos, dos bretões, dos ibéros e de outras raças, extinctas no velho mundo, e quasi vestigios na America. Que de sommas não teem a Allemanha, a Inglaterra e a França despendido em viagens, estudos e excavações para chegar a esse resultado? E só a nós, que temos o interior de nossas provincias habitado pelos indios, que não ha bem quatro seculos dominavam sós este vasto territorio, cujas cidades e villas teem nomes *tupys* que adoptamos das aldeias que foram por ellas substituidas, e cujas montanhas, cujas varzeas, rios,

lagos e bahias conservam as denominações impostas por elles, é que se hade reprovar que, imitando paizes mais cultos, queiramos tambem com dedicação e amor examinar e descobrir tudo quanto é privativo de um povo cuja lingua fallamos na nossa topographia, nos objectos do uso domestico e em não poucas palavras adoptadas na conversação!

E a poesia, onde a phantasia desafogada e livre desfere vôos ás regiões ethereas, e a ficção predomina e forma o bello e o maravilhoso de suas pinturas, que nos enlevam e arroubam, como é que a podem conceber com toda a sua côr local americana sem o indigena? Como descrever esses rios caudaes e impetuosos, esses lagos immensos, desertos longiquos, e solitarias e escuras brenhas, tudo tão selvagem e primitivo, onde rugem a onça e o jaguar, e silvam mil cobras, sem a esses horridos sons consoantarem os do boré e da janubia?!

Mas para que enfadar o leitor com assumpto que não é para poucas páginas, quando outros me estão a chamar, e em outra parte d'esta obra (de pag. 250 a 257 do tom. III) já lhe consagrei mais espaço?

Se me aparto de tão considerados escriptores no modo de encarar a questão dos indios — no estado primitivo e antes da conquista — e isto com relação á litteratura, não tenho termos com que encarecer o exame minucioso e profundo, a apreciação imparcial e exacta, e a analyse harto critica com que Timon nos seguintes livros tracta de todas as materias correlativas aos mesmos indigenas já sob o dominio portuguez.

N'esse intento resume no livro iv, mas de um modo analytico e bem substanciado, todas as bullas e leis promulgadas por papas e reis, sobre a escravidão e a liberdade dos indigenas, cuja legislação foi sempre fraudada, quando não violada em sua execução pelos interêsses encontrados dos colonos, do clero e do proprio govêrno e dos executores d'ella.

Estabelecidos assim pelo author os principios reguladores das relações e condições em que deviam de manter-se os invasores para com os naturaes, quer na paz, quer na guerra, passa no livro vii, como corollarios, a fazer taes principios funcionar, examinando com rigoroso cuidado e consciencia despreoccupada os diversos meios e instrumentos de civilisação e oppressão que actuaram sobre a raça infeliz—essas bullas e leis—sua incompleta execução, e constantes infracções d'ellas — as missões, o trabalho já forçado, já livre, a catechese — os resgates, descimentos e bandeiras — a guerra de exterminio emfim.

Tractar de indios sob o dominio da peninsula iberica insulados e fazendo corpo separado da história dos jesuitas, na America, é truncar o assumpto, tornal-o inintelligivel e manco; por quanto são idéas tão associadas e intimamente ligadas, que formam ambas um só e homogeneo sujeito. Assim tambem o comprehendeu Lisboa, e n'esse e no livro viii, que se lhe segue e com que termina o tomo ii das *Obras (Jornaes de Timon)*, occupa-se da Companhia de Jesus e da vida e feitos d'alguns de seus membros nas missões, como o corpo e apice da pyramide de que os indios eram base.

Não consagra o author á célebre Companhia esse culto sem exame que com lástima e dó vejo professarem hodiernamente certos escriptores e politicos nacionaes, que, macaqueando pela mór parte os mais exaltados ultramontanos, mórmente francezes, e confundindo as questões da infallibilidade e temporalidade do papa, que não são aliás dogmas, com a da reabilitação e reintroduccão dos jesuitas, vão pedir emprestados á penna virulenta de M. Luiz Veuillot e dos redactores do *Monde*, da *Union*, da *France* e d'outros filiados da roupeta, os mais pungentes insultos e iracundas imprecacões para arrojal-os sobre aquelles que não commungam n'essas doutrinas decrepitas e repellidas pelo século, e que com baldado esforço tentam firmar-se nas moletas do beaterio: não, que os dictames da verdade historica e a rasão esclarecida são os guias do historiador maranhense, que sem prevenções nem odios, faz á Companhia inteira justiça, dando-lhe a parte de glória que lhe compete, e de beneficios que realisou no Brasil, como a de abusos e maleficios, que tanto a desacreditaram, e a teem tornado odiosa e de execranda memória aos povos civilisados.

Divide Lisboa em dous periodos a existencia e estada dos jesuitas no Brasil: tempos heroicos ou periodo dourado — e segundo periodo ou da ambição illimitada de mando e riquezas, de influencia politica e de sua interferencia nos negocios d'estado.

N'esse primeiro periodo em que tudo eram incertezas, dúvidas, e receios proprios a quem nada conhecia da terra descoberta, e quando a colonia estava por povoar,

e as cidades por crear, só aquelles em quem dominava o espirito evangelizador, e tinham sancta e pura devoção pelo apostolado, taes como Nobrega, como Anchieta, como Azevedo, como Navarro, é que abandonando patria e amigos, e atravessando a vastidão do oceano, emprehendiam internar-se pelas mattas virgens do Brasil, para ir afoitamente procurar os selvagens nas suas *tabas*, e vencel-os pela constancia e brandura de suas prédicas, ou morrer pela fé.

Timon, depois de resumir as doutrinas do Instituto, e de relatar concisamente a vida do seu fundador, e a do grande apostolo do Oriente, San'Francisco Xavier, passa á dos sanctos e valorosos missionarios Manuel da Nobrega e José d'Anchieta, cujos feitos e virtudes douram as primeiras páginas da nossa história colonial, e dão a esses soldados da fé catholica perfumes de sanctidade, attestados pelo martyrio e pela abnegação da vida, como pelo desprezo de seus gozos.

«Quasi tudo quanto se offerece ás vistas do observador, «diz Lisboa referindo-se a esse primeiro periodo, é puro «e sem mancha. Não alcançam os olhos por toda a parte «senão dedicação, sacrificio e trabalho abençoado com «fructos copiosos.

.....
 «Nunca a ambição politica do mando e do poder vem «aggravar o mal e afastar o bem, como em tempos posteriores tantas vezes se viu. Diz-se que os jesuitas fomentaram a discordia entre o primeiro bispo e o governador Duarte Coelho; mas ainda que o facto fosse

«incontestavel, não vemos que avultasse em consequen-
«cias por extremo nocivas.» (*Jornal de Timon*—tom. II
das *Obras* de J. F. Lisboa, pag. 398.)

Se n'esses dous grandes vultos de missionarios con-
substancia-se o primeiro periodo da história da passagem
dos jesuitas pelo Brasil, no segundo em que ás virtudes
evangelicas sobreexcedia nos padres a ambição politica e
esfôrço por dominar nas cousas temporaes, por meio da
intriga e da riqueza, vicios estes que geraram continuas
dissenções, e vehementes queixas já dos colonos, já do
clero secular e d'outras ordens monasticas e dos proprios
governadores, brilha e avulta n'elle, e se destaca a figura
extraordinaria do padre Antonio Vieira «em que se resu-
miu todo o lustre e interêsse d'aquelles tempos», diz
Lisboa, e que illumina essa epocha colonial tão tormen-
tosa e cheia de accidentes.

Não antecipemos, porém, juizos, guardando para dar
uma succinta idéa d'esta primeira parte da *Vida do pa-
dre Antonio Vieira*, que occupa os tres ultimos capitulos
do livro VIII do *Jornal de Timon*, para quando chegar-
mos ao tomo IV e ultimo de suas *Obras*, que é por ella
em grande parte preenchida.

XIII

É tempo de resumir a individuação do que ha de precio-
sidades no tomo III das *Obras* do nosso historiador
quanto principal prosador. Continúa n'elle com as investi-

gações e estudos historicos sobre o Maranhão; e como em outros escriptos de sua energica e varonil penna delectam tambem estes pela natureza e importancia dos assumptos, pela phrase ainda mais castigada, pela abundancia e pureza das fontes onde foi beber os documentos com que testifica os seus assertos. Nos treze primeiros capitulos, empóz uma admiravel synthese em que veem concatenados os factos capitaes da história da antiga capitania do Maranhão desde o seu descobrimento até 1679, entra na avaliação da população colonial, do systema primitivo das doações, aponta seus inconvenientes, máu exito e ephemera duração, examina o regimento dos governadores geraes, suas attribuições, poder illimitado que se arrogavam, e mostra os muitos abusos e arbitrariedades que commettiam, bem assim o pouco zêlo e a corrupção d'alguns, como eram constituídos—á magistratura e o clero—, curando cada uma d'essas classes só de seus interêsses com detrimento do povo. Occupa-se mais do que eram os senados ou camaras e as junctas geraes, e de onde se originára a sua fôrça e poder; dos moradores das capitánias, classes e castas em que se dividiam, de quaes foram os elementos da povoação colonial, de como eram tractados os indios e os africanos, e voltando commais conhecimento de causa do que no tomo II á legislação que regia a catechese, escravidão e liberdade, ajuneta ao capitulo destinado a estes pontos duas excellentes notas, as das letras A e C, que completam e explicam o assumptô de modo a nada deixar a desejar ao espirito curioso e indagador de quem o ler.

Historia tambem a introdução, desenvolvimento e contrastes de certas indústrias, com suas restricções e monopolios; o systema das contribuições e a avidez do fisco; a organização centralizadora e estreita do govêrno da metropole com todo o cortejo de vexames e corrupções. Esta importantissima parte, dependente de um aturado e profundo estudo e de uma critica severa, sagaz, intelligente, e que vê longe, se avalia bem da simples enumeração que acabo de fazer das diversas materias que soffreram sua analyse magistral. Termina Lisboa por uma recapitulação de todos elles, onde se ostenta e rebrilha seu espirito synthetico, que não era o menós precioso e notavel dote d'aquelle extraordinario e privilegiado engenho de escriptor.

O resto do tomo é occupado pelo bellissimo episodio da revólta de Manuel Bekman, character até ahi mal avaliado, sendo de mais desfigurados pelos escriptores coévos os factos que ahi se deram, ao passo que é esse o acontecimento mais interessante, curioso e dramatico de toda a história da provincia, pelos rasgos da mais sublime abnegação e desinterêsse como da mais negra ingratição e baixeza. Ahi o escriptor imparcial e grave rehabilita e colloca o grande cidadão dos tempos coloniaes sobre o pedestal de heroe, de que o tinham derribado por quasi dous seculos o stygma e a condemnação de todos quantos haviam escripto sobre esses successos. Para isso não achou Lisboa outros subsidios que não fossem as apaixonadas relações de governadores e jesuitas animados contra os fomentadores do molim de

1684, e os escriptos não menos eivados de calúrnias e apreciações falsas e apaixonadas de Berredo, de Teixeira de Moraes e do padre Bettendorf. Foi do meio d'essas opiniões e relações desencontradas em varios accidentes, mas todas acordes em desacreditar e afeiar a causa, a marcha e as diversas circumstancias da revólta, bem assim em infamar e ennegrecer o character e acções de Bekman e de seus principaes auxiliares, que Lisboa fez chispar a luz da verdade, qual diligente lapidario, que do seixo bruto e tosco tirado do seio da terra faz jorrar esses brilhantes reflexos de côres cambiantes que irisiam de si as facetas prismaticas que n'elle affeiçoou.

N'esses sete ultimos capitulos, destinados a narrar o tumulto de 1684, principia o author por dar a origem de onde derivava e todas as causas que a geraram e provocaram, depois passa a descrever os characteres moraes de Manuel Bekman ou Bequimão, como mais apertuguezadamente o chamavam o povo e chronistas contemporaneos, de Thomaz Bekman, de Jorge de S. Payo, de Francisco Dias Deiró e d'outres amotinadores, para recontar-nos então todas as suas phases de enthusiasmo e exaltação, como de calma, desánimo e descontentamento, até vir a acabar pela desmoralisação e dissolução d'ella. Segue-se a prisão do chefe executada por seu proprio afilhado e protegido, e afinal seu processo e decapitação.

Para dar uma idéa, se bem que muito remota, dos vigorosos traços com que Timon pinta esse facto e as soberbas scenas com que o adornou, passarei para aqui o periodo relativo aos derradeiros momentos de Bekman : «No

«momento supremo cumpriu intrepidamente a promessa
 «que havia feito em dias menos aziagos; e na mesma occa-
 «sião, em que, como verdadeiro christão, pedia do alto do
 «patibulo o perdão de todas as offensas feitas ao proximo,
 «declarou que pelo povo do Maranhão morria contente!
 «Grito sublime e derradeiro de um coração altivo e ge-
 «neroso, admiravel sobretudo n'aquelles tempos, em
 «que as revoluções, simples facto material, não consti-
 «tuam doutrina nem direito, e em que os condemnados,
 «ordinariamente humilhados diante da justiça, morriam
 «protestando o seu arrependimento, e beijando a mão
 «que os punia.

.....

«Mas, pois, na noite dos tempos, brilham tão raros os
 «caracteres d'esta tempera, condemnando os erros, e las-
 «timando o extemporaneo e inutil do sacrificio, a história
 «não deve recusar-lhes, quando acaso os encontra, a ex-
 «pressão ardente das suas sympathias, e o tributo de ad-
 «miração e de piedade, que sobretudo lhes é devido, se
 «um grande infortunio vem no fim coroar e consa-
 «grar um grande merecimento.» (*Obr. cit., tom. III,*
pag. 274.)

Desfia em outro capitulo a reacção, bem como o resta-
 belecimento de todos os vexames que engendraram a
 sublevação, as idéas de Gomes Freire de Andrade sobre
 a administração da colonia, e o destino ulterior das ou-
 tras personagens do motim, da familia do Bequimão e
 do traidor Lazaro de Mello.

É n'esse trabalho de J. F. Lisboa onde melhor se manifestam os grandes espiritos do escriptor, cujo engenho e estylo são maleaveis a todos os generos de escriptos, dobrando-se e amoldando-se a elles com promptidão, flexibilidade e graça, excedendo a expectação dos mais exigentes e difficeis de contentar, e surprehendendo aos que sinceramente o admiram. É, pois, para sentir que ficassem em projecto as obras que pretendia produzir essa laboriosa e fertil intelligencia, que attingira então a virilidade, e tinha posses e vigor para muito fructear! Quem sabe se, depois da história do Maranhão, que trazia em mente, não nos daria a do Brasil e d'ahi um romance tirado d'este rico episodio de Bekman? Que lhe não fallem os predicamentos dos Scotts e Manzoni, deixa-o elle entrever n'essa mesma narrativa tão animada e pittoresca, e quanto a mim bastava emprehendel-o, para que contasse a nossa litteratura mais uma obra prima n'esse genero que outros talentos teem já explorado entre nós com fortuna e glória.

Está-me a parecer que já o revolvía, e scismava com elle, sendo uma promessa vaga este trecho final:

«Eis aqui certamente uma revolução, em que a accumulção das causas, a tèmpera dos caracteres, e o estranho e variado dos incidentes; e o tragico e sanguinolento do desfecho dão á história o attractivo pungente e seductor do drama e do romance.

 «Que scenas variadas, brilhantes e animadas, que observações profundas e tocantes não offe-

«recriam a pintura dos costumes dos indios e africanos,
«a vida dos colonos, tão avidos de sangue e de ouro, e
«tão miseraveis todavia, a corrupção dos governadores,
«as prevaricações do estanco, os melindres e levian-
«dade do povo, a ambição e as intrigas dos frades, a trai-
«ção de Lazaro, e o character raro e nobre de Bequimão,
«ainda até hoje, por assim dizer, quasi absolutamente
«ignorado, á mingoa de quem o expozesse á luz da pu-
«blicidade! O vulto magestoso e arrogante do padre An-
«tonio Vieira, suscitado a proposito, e sem grande vio-
«lencia, e posto em presença do cadafalso, — a sinistra
«eloquencia que alardeou no sermão dos ossos dos en-
«forcados, — de que modo terrivel não contrastariam
«com a attitude ao mesmo tempo corajosa e resignada
«da victima, e com as palavras sublimes que proferiu
«ao receber a morte! As ricas e variadas paisagens de
«uma natureza virgem, o aspecto sombrio do Mearim, as
«varzeas mais risonhas que o rio banha na sua parte in-
«ferior, a sua *pororóca*, menos magestosa que a do Ama-
«zonas, mas não de todo indigna de admiração; uma
«d'essas intrigas cheias de incidentes e de commoções que
«o genio do verdadeiro romancista sabe urdir com tanta
«naturalidade, um novo crime enfim que o traidor acres-
«centasse á sua infamia; a familia do enforcado persegui-
«da, espoliada, deshonorada, extinguindo-se lentamente
«na miseria e no aviltamento, ou desaparecendo fatal-
«mente, como a filha de Celuta e do Phantasma, na vo-
«ragem de um subito desastre, — eis-ahi materia de sobra
«para despertar magnificas inspirações, e com que, sem

«afastar-se muito da realidade, um talento feliz, como os
«ha tantos nos dous pòvos que fallam a lingua portugue-
«za, poderia compor um poema sem igual.»

Acompanham aos dous ultimos tomos notas illustrati-
vas de muito merecimento, quer pela cópia de noticias e
documentos raros, quer pelas questões que suscitam e
discutem. São notaveis entre outras, as já citadas do ter-
ceiro tomo — a de letra A pelas investigações curiosas e
mui fartas da legislação colonial sobre liberdade e es-
cravidão; e sobretudo a de letra C pelos sentimentos
patrioticos e humanitarios que veem mais uma vez affir-
mar a nobreza de indole e as largas vistas philosophicas
do cidadão liberal e independente.

Das obras impressas, além dos artigos que escreveu
para o *Correio Mercantil* e *Jornal do Commercio* nos
seis mezes que esteve no Rio de Janeiro (1855), e dos
folhetins de que já fiz honrosa menção, sò me resta fallar
da biographia de Manuel Odorico Mendes, publicada no to-
mo IV da *Revista Contemporanea de Portugal e Brasil*, de
1862, e que foi reimpressa no tomo IV de suas *Obras* e nas
páginas que precedem á traducção da *Iliada* por Odorico.

Torna-se esse trabalho recommendado assim por al-
guns topicos de história patria, como por tractar da vida
de tão illustre e célebre brasileiro, que representou
conspicuo papel na scena politica e nas lides da im-
prensa jornalística, e soube então e depois colher no
ameno commércio das musas e dos livros immarcessi-
veis louros, notadamente de poeta fiel interprete dos
dous mais sublimados cantores de Roma e Grecia, e de

um dos mais esmerados entre os cultores da lingua vernacula; como tambem pela isenção e finura com que de envolta com as merecidas censuras que faz á mór parte dos litteratos brasileiros pelo pouco estudo da lingua e pelo desalinho, incorrecções e gallicismos de que estão cheios seus escriptos, dirige-as em um jornal portuguez e na capital do reino, aos litteratos portuguezes que adoecem de enfermidade não menos grave, qual a de sacrificarem as idéas á fórma, transformando em idolatria o culto que votam á phrase e ao estylo.

Outro topico notavel e digno de admiração é a apreciação desapaixorada e original que faz do character e reinado de D. Pedro I. N'essas poucas linhas revela-se o grande historiador, imparcial e seguro em seus juizos, que prefere a justiça a todas as considerações humanas.

Nunca li antes d'isso nada que me tivesse mais satisfeito sobre um tal assumpto: até ahi, ou falsos panegyricos e baixas lisonjas, ou deprecições tão exageradas, quanto pôdem inspiral-as as paixões e o espirito de partido, era o que se tinha escripto sobre o primeiro imperador; Lisboa, porém, fez-lhe justiça, collocando-o no monumento, que lhe ergueu o amor filial, sem escurecer comtudo seus grandes e imperdoaveis defeitos.

XIV

Examinados com interêsse e cuidado os papeis que deixou pelas gavetas e sobre sua meza de trabalho, foi

encontrado, afóra notas e apontamentos inintelligiveis ou já aproveitados, um maço onde se lia o seguinte rotulo: «Estes papeis devem ser queimados, sem serem lidos, quando eu o determinar» — escripto aliás com mão segura, de onde collijo que o fizera ainda quando a enfermidade não o tinha de todo prostrado.

Quizera a desolada viuva executar fielmente esta última vontade do pranteado esposo e teria entregue ás chammas o manuscripto se não fossem as iterativas e interessadas instancias do sr. Olegario José da Cunha, um dos melhores e mais dedicados amigos do illustre escriptor. Abrindo o maço, deu com a *Vida do padre Antonio Vieira*, que Lisboa escrevêra até as exequias do insigne orador, faltando apenas polir o estylo e rematar com a recapitulação dos singulares characteres, qualidades e dotes do homem, e a analyse das argucias e subtilezas do inimital estylo do escriptor, o que não só se deprehe de uma nota, que deparei entre seus papeis, e em que distribuindo as suas occupações diuturnas, diz: — *ler e reler todas as obras do padre Antonio Vieira antes de dar o juizo final* — no que deixa claramente ver o desvelo e consciencia com que estudava qualquer assumpto, como se fica ainda melhor confirmado n'isto pelas últimas linhas d'esse mesmo trabalho, que rezam:

«Tal foi a vida d'esse famoso padre Antonio Vieira, se
«a consideramos sobretudo em relação á cópia e varie-
«dade de successos que a encheram. Para que, porém,
«este homem extraordinario possa ficar mais bem conhe-
«cido, o seu character e talentos se hajam de apreciar

«pelo todo das suas acções e escriptos, cumpre condensal-os em um painel mais comprehensivel e coherente do que o soffrem as vissitudes e contrariedades de uma vida tão longa e tão agitada. Esse quadro vamos nós agora esboçar, já substanciando, no que importar ao nosso intento, o que fica atrás escripto, já acrescentando. . . .

Se ao sr. Olegario José da Cunha devem as letras o bom serviço de ter salvado esta obra posthuma de João Francisco Lisboa, são por egual devedoras a outro não menos dedicado e zeloso amigo do author, o sr. Luiz Carlos Pereira de Castro, que, com aquella clara intelligencia, muita familiaridade com o estylo de Timon, e conhecimento não vulgar da lingua e de sua construcção, que todos quantos o praticam lhe reconhecem e admiram, salvou-a do nimbo dos borrões, entre-linhas, saltos e phrases mal acabadas.

Entendemos os colleccionadores dos escriptos de Lisboa que para mais regularidade e harmonia da edição das suas *Obras* convinha reunir em um só todo, quer a parte da vida do padre Antonio Vieira, que havia aquelle publicado no *Jornal de Timon*, que constituem tres capitulos do livro VIII dos estudos sobre *indios e jesuitas*, correspondentes ao decimo número do referido *Jornal*, quer a posthuma, e assim o fizemos, dando no quarto e ultimo tomo a *Vida do padre Antonio Vieira*.

Sendo o fito primordio de Timon, ao traçar essa primeira parte da vida do eminente jesuita, desenvolver, sob o dominio portuguez, a história por meudo das raças indigenas do Maranhão nas suas diversas e variadas re-

lações, pouco se demorou em relatar os triumphos e desgostos, como as vicissitudes e trabalhos que encheram os dias tão atormentados do orador, do politico, do sacerdote, do diplomata argucioso, na epocha que esteve na Europa, para ahi referir com certa individuação tudo quanto obrou o padre jesuita, assim no govêrno da Ordem na provincia brasileira, como mórmente no collegio e missão do Estado do Maranhão, em suas missões aos indios do Itapecurú, do Tocantins e do Amazonas, contendadas com os colonos e governadores, e o mais que se prende á sua primeira residencia no Brasil.

Mais tarde com os valiosos e ricos subsidios que lhe forneceram os archivos de Portugal, pôde retratar com mais similhaça e primor aquella physionomia tão mobil e de aspectos tão variados, como bem o demonstra essa biographia.

N'essa parte escripta no Maranhão já se distancia Lisboa do commum dos biographos. Nem segue as louvainhas do panegyrista André de Barros, nem os vituperios da *Dedueção chronologica* ou as censuras não raro apaixonadas do bispo de Vizeu, aproveitando com juizo seguro e perspicuo o que lhe indicava como verdadeiro a rasão esclarecida e a critica historica; e traçando as difficeis e singulares feições do jesuita com tanta parecença que apenas as retocou de leve na obra que depois escreveu, e saiu pela primeira vez á luz no iv e ultimo tomo de suas *Obras*.

Com não ter soffrido a lima e derradeira demão de escriptor tão abalisado, nem por isso deixa de ser esse

trabalho no seu conjuncto uma das mais famosas produções do engenbo do nosso historiador.

O orador sagrado, o epistolographo, o escriptor politico, o arguto diplomata e primeiro estadista portuguez de seu tempo, o grande padre Antonio Vieira em summa, é estudado n'esse escripto em todas as variadissimas modalidades d'aquelle character mixto de extremos e exagerações em suas diversas e contradictorias manifestações. Acompanha-o Lisboa em suas excursões diplomaticas á Roma, á França, á Inglaterra e á Hollanda, nas intrigas das côrtes europeas, e nas do paço dos reis de Portugal, de quem era aulico e conselheiro, no pulpito, nas suas relações particulares, na preponderancia que tinha na Ordem, nas luctas monasticas, nas perseguições que soffreu da inquisição, e no desfavor do Instituto — no apogeu de sua immensa glória, emfim, e na decadencia e desgraça, indo até o momento de sua morte.

Qual dextro anatomista, dissecca-o fibra por fibra, nas suas acções, nas suas relações, nos seus proprios escriptos e nos de estranhos, e com aquella rara penetração e perspicacia de observação, que tão superiormente possuia, apresenta-nos o padre Antonio Vieira tal qual elle é — um dos vultos mais extraordinarios do seu seculo, com quem a natureza ás mãos largas fôra prodiga em dotar com todas as virtudes e grandes qualidades do genio, e defeitos de sua indole e da sua epocha — vulto que deslumbraria o velho mundo como estadista e politico, se a vócação lhe não andasse errada, agrilhoando-lhe e abafando as aspirações e ousadias na roupeta negra do jesuita.

É este estudo tão cabal e perfeito, encerra em si considerações philosophicas e historicas de tanta monta e novidade, que, sem embargo dos senões inherentes a não ter sido concluido e nem limado, colloca, em minha opinião, seu author entre os primeiros biographos dos dous hemispherios onde se escreve a harmoniosa e rica lingua portugueza.

São estas obras, de que acabo de dar noticia, as que existem d'este peregrino engenho. Chegaria a esboçar ao menos a *História do Maranhão*, que já cinco annos antes de morrer era a sua principal preocupação, consumindo-lhe muitas horas as mais pacientes e severas investigações sobre tal objecto, e o descobrimento e estudo de documentos variadissimos, que lhe ministravam as bibliothecas da Europa e os pródidos archivos portuguezes? Não se encontraram entre seus papeis vestigios d'isso, o que me faz oscillar entre estas duas hypotheses: nos derradeiros dias de existencia, alanceado pelas dores atrozes da cruel enfermidade, que indubitavelmente havia de ter-lhe aggravado seu estado de hypochondria chronica, e com o espirito já alquebrado não realisaria o intento de lançar ás chammas os seus escriptos, opinião a que me inclino, assim pelo rotulo do envolvero do manuscrito da *Vida do padre Antonio Vieira*, como pela modestia, ou quasi pusilanimidade de que se apoderava ao dar á luz qualquer trabalho de maior folego, como bem o deixa ver do seguinte trecho de uma carta, escripta, pouco tempo antes do seu passamento, a um amigo que indagava quando publicaria a *História do Maranhão*: — «A resposta, es-

«crevia elle, é complexa, e não é facil. Julgo que quem
 «se deve occupar com essa terra illustre são os seus fi-
 «lhos predilectos e mimosos. Quanto a mim, parece-me
 «que me não devo matar, só pelo prazer que poderiam
 «ter meia duzia de amigos meus com a leitura de algu-
 «mas horas — afóra isso não vejo mais nada que me es-
 «timulasse. Devo confessar-lhe que *ha tempos tive im-
 «pulsos de queimar tudo quanto tenho feito até o presente.*
 «Mudei de tenção, porém, considerando que era deitar a
 «perder o trabalho de muitos annos, por considerações
 «que não devem ter a menor influencia no ánimo de
 «quem *nada pede, porque nada deseja.* Além d'isso,
 «como não tenho fé robusta no meu aliás *prodigioso ta-
 «lento,* nunca fico satisfeito do que produzo e escrevo.
 «Não tenho pressa nenhuma de publicar cataplasmas lit-
 «terarias, escriptas em lingua de preto. *Por ora não sei
 «quando darei á luz alguma cousa, e talvez, á excepção
 «de alguns pedaços, não seja nada durante a minha vi-
 «da,* que a muito estender, poderá deitar ahi a uma du-
 «zia de annos, pelo geito que lhe vejo?» Ou, se pelo con-
 trário, contando com a facilidade e expedição com que
 redigia, tinha-a só em mente, em quanto reunia todos os
 valiosos subsidios que fosse descobrindo sobre os aconte-
 cimentos passados na provincia desde as primeiras tentati-
 vas de sua descoberta até 1830, epocha onde pretendia
 chegar com seu trabalho? O meu amigo e collega na re-
 visão de suas obras, se inclinava a este último parecer,
 sendo a elle propenso pelo exame das notas e apontamen-
 tos tomados por J. F. Lisboa, por quanto aquelles de que

se havia aproveitado no escrever a *Vida do padre Antonio Vieira* e o terceiro tomo dos *Jornaes de Timon*, teem dois traços de penna, ao passo que todos os outros estão incolumes. Seja como fôr, teem as letras patrias de deplorar que a morte viesse despojal-as tão prematuramente de um de seus cultores mais protegidos pela Providencia.

Parece que tencionava escrever as suas viagens ao norte de Portugal e á Italia, porquanto são muitos os apontamentos de datas, nomes de cidades, monumentos, edificios, cousas célebres e curiosas, etc., que observou e de que tomou notas, que se acham emmassadas entre seus papeis; embora sejam mais que sufficientes esses quatro tomos para firmar a reputação de um escriptor e opulentar as letras de uma nação.

XV

Antes de ir por diante, importa apresentar varios pareceres que correm sobre o merito litterario de tão proeminente escriptor para que sirvam de abono e corroborem minha humilde opinião, reiterando em resumo que em todas as suas obras se notam taes e tantas bellezas de fórma e de pensamentos, profundezas de idéas, vigor de raciocinio e elevação d'estylo que dão jus a que os lidos tenham a João F. Lisboa na conta de um dos mais conspiciosos, elegantes e conceituosos prosadores brasileiros dos nossos tempos, e que melhor e com mais valentia maneja a lingua portugueza.

Estylo incisivo, terso, conciso, mas claro e fluente, phrase cheia e castigada, sem affectação, dicção quasi sempre pura, propriedade de termos, e periodos bem torneados são predicamentos que justificam de todo o ponto esta classificação. Para os pechosos de purismo idólatra não passará por escriptor puritano, que esses tambem hoje apontam-se a dedo — Castilho, Odorico, Sotero e poucos mais, e nem póde nunca constituir defeito, o que é necessidade quando o manejo diuturno dos livros e das cousas francezas, e o progresso material e civilizador do mundo tem admittido usos e feito tantas descobertas nas sciencias, artes e indústrias, por modo que é fôrça crear termos que os substanciem, e que no seculo de quinhentos nem sequer poderiam futurar-se, e que, aliás, se teem necessariamente de empregar quando se tracta de politica, philosophia ou outros ramos dos conhecimentos humanos, a menos que se não queira cabir em diffusos e frouxos circumloquios. Quanto a mim, só lhe observo algumas repetições, raras redundancias, e poucos altos e baixos, defeitos que sempre apparecem em escriptos correntios, como são os seus, e sobretudo no que foi publicado depois da sua morte.

Reconhecendo-me, porém, incompetente para aferir meritos litterarios, como em principio o ponderei, e por egual receioso de ser taxada de parcial minha ávaliação por entender com quem me é chegado pela nacionalidade, robustecel-a-hei com os testemunhos de escriptores, maiores de toda a excepção por seus talentos, saber e cabal conhecimento da lingua e da litteratura, e ainda

mais por não serem faceis em dispensar louvores, e nem pertencerem á seita do elogio mútuo, cujos adeptos recíprocam-se diariamente inconsistentes e vaporosos incensos, com que himpam de vento, que não de glória, e a que os cordatos, dando-lhes o merecido valor, tomam por ironicos epigrammas e encubertos vituperios.

O *Progresso*, jornal do Maranhão, conceituado por quem o redigia, diz no seu número 58, de 1 d'agosto de 1852, por occasião de noticiar o apparecimento do *Jornal de Timon*:

«A elegancia, o vigor da phrase, a propriedade e oportunidade da expressão ali se encontram unidos a um estylo agradável e corrente. Este novo trabalho do sr. João Francisco Lisboa não desmerece da bem estabelecida reputação do seu talento e instrucção superiores.

«O *Jornal de Timon* é um protesto contra a corrupção e a immoralidade da nossa epocha e do nosso paiz, um brado a favor das idéas generosas do progresso, liberdade e civilisação, lançado no meio das luctas ignobeis dos nossos partidos politicos.

«Bem vindo seja elle! Quando sua voz poderosa não consiga desarmar o vicio, e estimular os sentimentos da moral e dos bons costumes n'esta nossa malfadada terra, sirva ao menos para levar ao coração d'aquelles que ainda não estão de todo corrompidos a seiva da virtude, que os faça parar na estrada da perdição.

«Saudâmos o novo astro, que assoma no nosso horizonte — tão luminoso — tão brilhante; — e esperamos,

«que de sua luz purissima alguns beneficios irradiarão
«sem dúvida sobre esta nossa patria, que tanto nos me-
«rece.»

O *Jornal do Commercio* do Rio dedicou um de seus bellos folhetins com o titulo de *Semana* á analyse dos primeiros numeros do *Jornal de Timon* que então appareceram.

Referindo-se n'elle ao escriptor, assim se expressa:

«Timon, que seja dicto entre parenthesis, no odiar os
«homens nada se parece com o seu homonymo, já era
«nosso conhecido. Algumas transcripções do seu *Jornal*
«por tal modo nos haviam impressionado que exultámos
«de prazer quando feliz acaso nos fez vir ás mãos a col-
«lecção ultimamente publicada. Lemol-a de uma assen-
«tada; no cabo da leitura sentimos que ella se houvesse
«terminado tão depressa.

«Timon possui os dotes mais estimados do historia-
«dor, realçados pelas seducções de um estylo muito cor-
«recto e elegante, e por certa sobrançeria no dizer, que
«imprime nos seus escriptos o cunho d'essa originalida-
«de, predicado inseparavel da intelligencia e do coração
«quando entregues ás suas proprias inspirações. A di-
«visa do seu nobre escudo d'armas — *Periculum dicendi*
«*non recuso*— não podia ser mais dignamente escolhida,
«e de que Timon não se esquece um momento.»

O juizo que vou agora citar é de um dos nossos mel-
lhores, mais correctos e talentosos publicistas, do sr. con-
selheiro Francisco Octaviano da Silva Rosa, que em ma-
teria de gosto pede meças a qualquer. Noticiando elle a

publicação dos numeros do *Jornal de Timon*, em que se occupa o author de elucidar pontos da nossa história, diz:

«Mas não acontecerá assim com o importante livro que publicou ha pouco no Maranhão o illustrado brasileiro já conhecido pelo nome de *Timon*, com que tem assignado diversos escriptos sobre os negocios publicos e sobre a lucta dos partidos do Brasil, especialmente n'aquella provincia. Timon estudou a história dos indios e das invasões européas no Brasil, como um Thierry ou um Guizot o poderia fazer. A mais profunda critica, uma grande illustração, um estylo animado, a linguagem a mais correcta, tornam o livro que elle publicou o que dissemos acima — *uma novidade.*» (Vej. *Correio Mercantil* n.º 195. de 16 de julho de 1854.)

Annunciando o mesmo publicista a apparição do último volume do *Jornal de Timon*, escreve as seguintes linhas em artigo de fundo do *Correio Mercantil*:

«Um de nossos mais notaveis escriptores, que se dedicou aos estudos historicos, o sr. João Francisco Lisboa, litterariamente conhecido pelo pseudonymo de *Timon*, está publicando agora na Europa um interessantissimo trabalho, a que deu o modesto titulo de *Apostamentos, noticias e observações para servirem á história do Maranhão.*

«De alguns capitulos que extrahimos, e cuja publicação hoje começámos, verá o leitor que a obra de *Timon* é mais profunda do que o indica este titulo.

«Este trabalho não tem só o merecimento de illustrar

«a história do paiz sob o regimen colonial: tem tambem
 «o merito de occasião, porque elucida pontos geraes
 «de organização administrativa que entendem com todas
 «as épochas e importam muito ao pensador politico
 «que projecta qualquer systema de reforma na actuali-
 «dade.

«A crítica historica, que tantô recommendou em Fran-
 «ça os nomes de Thierry e de Guizot, não tem tido entre
 «nós um representante mais habil e consciencioso do que
 «o sr. Lisboa; ou antes foi elle quem primeiro tractou da
 «história patria com o gôsto e systema d'aquelles abali-
 «sados escriptores.» (Vej. *Correio Mercantil*, n.º 83, de
 28 de março de 1858.) Note-se que foi isto escripto de-
 pois de ter apparecido a *História Geral* do ex.^{mo} sr. vis-
 conde de Porto-Seguro! . . .

Ouçamos agora a estranhos. A *Revolução de Setembro*, então um dos primeiros jornaes de Lisboa, já pelo bem aparado das pennas de seus redactores, já pela reputação bem firmada que alguns d'elles teem adquirido na republica das letras, lamentando em um artigo de fundo as quasi nullas relações litterarias dos dous paizes, refere-se n'estes termos quanto a João F. Lisboa:

«É só assim que se explica que ha mais tempo não ti-
 «vessemos conhecimento de um grande escriptor, que o
 «Brasil hoje admira, e com o qual a litteratura portu-
 «guezza se não deve honrar menos, porque é tão notavel
 «pela profundidade do pensamento, como pelo primor
 «da linguagem, e sobria energia do estylo.

«O sr. João Francisco Lisboa, que ha pouco passou

«pelo nosso paiz, em direitura a França e a Allemanha,
 «era advogado na provincia do Maranhão, e abi se fez
 «conhecido publicando um jornal mensal— *De Timon* —
 «em que acerba e espirituosamente expunha n'uma serie
 «de quadros os escandalos e desvarios de uma vida po-
 «litica *provincial*, realisando o preceito da comedia anti-
 «ga, *rindo castigava os costumes*. Mas entre as scintil-
 «lantes divagações de uma penna pittoresca, encontram-se
 «alli os estudos reflectidos e graves de um publicista su-
 «perior nas idéas, e largamente versado nas sciencias
 «moraes e politicas. No artigo que publicou sobre o *di-*
 «*reito revolucionario*, nós encontramos, senão resolvida,
 «ao menos luminosamente exposta essa questão que di-
 «vêde a eschola conservadora e a eschola revolucionaria,
 «e sobre a qual hesitam os mais altos espiritos da nossa
 «epocha.

«Não é menos digno de nota tudo quanto escreveu so-
 «bre a história do Maranhão e a vida do padre Antonio
 «Vieira; e denuncia do mesmo modo que o seu estylo na
 «história é tão vigoroso e viril, como facil e ameno, lu-
 «cido e elegante nos assumptos de pura critica, e de
 «*humour* ironico e incisivo.

«Este vulto litterario, que se ergue dominando e ines-
 «perado, ha-de-nos merecer uma miuda analyse, em
 «tempo opportuno: mas não podiamos antes d'isso dei-
 «xar de congratular o Brasil, por contar, além dos poetas
 «e prosadores que já possui, o sr. João Francisco Lis-
 «boa, que classificamos desde já como *um dos mais opu-*
 «*lentos talentos que n'estes ultimos annos se tem produ-*

«zido tanto n'um como n'outro paiz.» (Vej. *Revolução de Setembro*, n.º 1:267, de 11 de julho de 1856.)

Mui de proposito sublinhei estas últimas palavras, porque quem as escreveu é um compatriota de Alexandre Herculano, de Garrett, do visconde de Castilho e de Rebello da Silva.

O erudito author do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, a proposito da biographia do poeta fluminense, o sr. dr. Domingos J. Gonçalves de Magalhães (hoje visconde d'Araguaya), diz de João F. Lisboa¹:

«Um douto escriptor transatlantico, arrebatado inesperadamente por uma morte prematura ás investigações e estudos historicos, que de muitos annos lhe serviam de occupação e recreio, e quando de seus bem dirigidos trabalhos promettia dar novos e avantajados fructos:— em um quadro biographico-critico (tão judiciosamente pensado, e correctamente escripto como tudo o que sahia d'aquella penna intelligente) com que, poucos mezes antes do derradeiro transito, ornamentara as páginas do jornal para que destinâmos estas linhas, queixava-se magoado e com rasão sobeja do desdem, ou melhor do esquecimento a que em Portugal parece haver sido condemnada a litteratura brasileira contemporanea, que, no dizer do illustrado philologo, pôde considerar-se entre nós quasi geralmente desconhecida.

«O erudito maranhense, com a clareza de raciocinio e

¹ Vej. *Revista Contemporanea*, n.º vi, de 30 de setembro de 1864.— *Esbôço biographico de Domingos José Gonçalves de Magalhães*, por Innocencio Francisco da Silva.

«relêvo de phrase, que lhe conferem jus indisputavel a
 «ser tido (sequer no conceito dos que devidamente ava-
 «liam taes predicados) por um dos mais primorosos pro-
 «sadores da terra de Sancta Cruz, ahi mesmo procurou
 «explicar e desenvolver as causas determinativas e occa-
 «sionaes d'este phenomeno. Insistindo por outra parte na
 «procedencia e justeza do seu reparo, propunha-se ob-
 «viar aquellas do modo que lhe era possivel, tractando
 «de commemorar em successivos estudos os nomes de
 «alguns vultos mais preeminentes, escolhidos de tantos
 «que na vasta regiãõ comprehendida do Prata ao Ama-
 «zonas se nobilitam pela cultura intellectual das sciencias
 «e letras, e cujas obras bem merecem entre todos que
 «fallam e prezam a lingua de Camões uma popularidade,
 «que de certo lhes não faltaria, se não se antepuzessem
 «para empecel-a até hoje os obstaculos provenientes das
 «causas alludidas.

«Ninguem melhor do que elle estava a nosso ver no
 «caso de levar ávante o empenho commettido. Aos dotes
 «de imparcialidade não vulgar, espirito penetrante e são
 «juizo, que indispensavelmente se requerem na critica
 «illustrada, reunia os thesouros de uma dicção copiosa,
 «castiça e fluente, affeiçãoada nas fórmãs de Vieira, seu
 «auctor predilecto e mais perfeito exemplar. A morte que
 «lhe sobreveiu, e que por mais de uma rasão deplorâ-
 «mos, cortando de uma vez o fio de seus trabalhos, dei-
 «xou n'esta parte um vacuo, que se nos afigura difficil de
 «preencher.»

O *Universel*, de Paris, carpindo a perda do grande

escriptor brasileiro, que aponta como um dos mais notáveis vultos da nossa patria, diz:— «Son éloquence, mâle
«et incisive dans les discussions politiques, et le style remarquable de tout ce qu'il écrivait, fixèrent bientôt sur
«lui les regards de ses compatriotes.

.....
«Passionné comme il l'a toujours été pour l'étude, la
«politique ne pouvait pas absorber toute son attention;
«et cela explique comment il a pu passer, avec tant de
«succès, des pages concises du journal à des travaux
«plus étendus d'histoire, de littérature et de critique.

.....
«João Francisco Lisboa était un homme aussi supérieur par le caractère que par le talent; et sa dignité
«personnelle était un des éléments de ses succès.—Orateur éminent, jurisconsulte habile, quoique n'ayant
«passé par la filière des études universitaires, ses discours aux assemblées législatives aussi bien qu'au barreau étaient également dignes d'admiration.....»
(Vej. *L'Universel*, n.º 84, de 5 a 11 de novembro de 1863.)

Consignemos agora juizos de nossos litteratos, começando pelo do sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo, tão celebrizado pelo seu famoso e fecundo talento.

Na sessão magna anniversaria do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil, celebrada a 15 de dezembro de 1863, diz elle: «A reputação do nosso
«consocio como *litterato, philosopho e historiador firmou-se para sempre com o* JORNAL DE TIMON.

..... «e seu nome
 «desde muito conhecido *tão vantajosamente* no Mara-
 «nhão, *foi repetido com louvor e estima em todo o Bra-*
 «*sil.*» (Rev. Trim. do Inst. Hist., etc., tom. xxvi, pag.
 926.)

Assim allude depois ao modo por que desempenhou
 a commissão litteraria em Portugal: «Da tarefa, encarre-
 «gada ao nosso illustre consocio pelo govêrno de Sua
 «Magestade, colheu o paiz cópias de importantes ma-
 «nuscriptos e memórias.....

Conclue n'estes termos essa parte do seu discurso: . . .
 «grande foi realmente essa perda; porque o nosso fina-
 «do consocio era um dos *mais laboriosos e illustrados*
 «*membros* d'essa mui limitada familia de homens de let-
 «tras que escrevem e que *pezam tão pouco* ao Estado e
 «que *tanto fazem por elle*..... sua morte é uma
 «bella sementeira perdida e um campo que se esterilizou!»
 (Vej. idem, ib.)

Depois, como deputado, impugnando a pretensão do
 padre Janrard, jesuita, na sessão de 8 d'abril de 1864,
 louva-se assim em tão considerada authoridade:

«Socorro-me a outra authoridade respeitavel, cujo
 «nome repito com profundo magua, porque me recorda
 «a perda de um escriptor notavel e de um prestante ci-
 «dadão, que a morte nos roubou prematuramente: a au-
 «thoridade com que agora me apadrinho é a do illustre
 «maranhense João Francisco Lisboa.»

«Um sr. deputado:— É authoridade muito impor-
 «tante.»

O sr. Francisco Sotero dos Reis, respeitavel varão, do alto da cadeira do magisterio, disse:

..... «é um engenho extraordinario, filho «de suas mesmas obras; porque os conhecimentos superiores que brilham nos seus escriptos, são unicamente «devidos a estudo feito no remanso do gabinete, e não a «licções que bebesse em academias nacionaes ou estrangeiras que não cursou.» (*Curso de Litt. port. e brasil.*, tomo v, pag. 129.)

Quanto á linguagem e arte d'escrever de J. F. Lisboa diz n'outro lugar:

«A sua dicção é de lei como a de um escriptor que conhecia todos os recursos da lingua e a manejava superiormente. Assim, os que se propoem o estudo das bellas lettras, podem aprender em seus livros, não só a «história de nossas cousas, mas a escrever com correcção e elegancia. nenhum de nossos prosadores iguala certamente a este em gôsto e perfeição de «estylo.» (*Idem*, ib. pag. 153.)

..... «no que é propriamente elocução..... «hombrea com os Freires, Sousas e Vieiras.» (*Idem*, ib. pag. 173.)

Porei termo a este concerto de merecidos louvores de juizes tão competentes, quanto circumspectos, pela seguinte passagem de uma carta que me foi escripta da cidade de Lisboa com data de 13 de fevereiro d'este anno (1863) pelo poeta Gonçalves Dias, amigo cuja desgraçada e prematura morte enluctou-me para sempre o coração de dó e magoa:

«Qual é o meu parecer ácerca do estylo de Lisboa? «O que é que se póde dizer em materia tão vasta, quando o espaço é tão resumido, como o que tenho diante «de mim? Acho que é excellente, que elle prima no epigramma, n'aquelle dizer faceto, alegre, espirituoso, um «pouco chasqueador, no qual se desmandava algumas «vezes fallando, mas na escripta irreprehensivel. A elle «com toda a propriedade (que ha bem poucos exemplos «taes na lingua portugueza) se póde applicar o dicto de «Rodrigues Lobo, quando quer characterisar uma das «suas figuras da *Côrte n'aldéa*:— «É muito natural de «uma murmuração que fica entre o couro e a carne, sem «dar ferida penetrante.»— E porque isto n'elle é o que «mais me captiva, acho incomparavelmente superiores «aos outros, os seus primeiros folhetos, quando tracta «dos costumes politicos do Maranhão, que o são de todo «o Brasil, e, mudadas as scenas, de muitos paizes onde «prevalece o regimen constitucional.

«Não quero negar com isto os outros dótes que elle «vae revelando na continuação do seu *Timon*— ha mais «placidez, mais reflexão, mais pausa: vê-se que viu e «observou mais, que alargou os seus horisontes além do «perfil das terras do Bacanga e das últimas vagas da «bahia de S. Marcos. Medita mais, escreve mais senhor «de si, os seus tóques são mais firmes, e com isto, quando elle não quer, ou não sabe muito bem, ou não se «atreve a dizer claramente o que pensa— é de ver a arte «com que *expõe*, como lhe lembram todas as subtilezas «de advogado, como previne e se furta ás objecções, pa-

«recendo dizer tudo, e nada lhe ficar por dizer. N'estas
 «pequenas cousas, que são como a accentuação nas pes-
 «soas que fallam, é elle difficilimo de ser refutado, como
 «a ironia do gôsto a que se não pôde responder com pa-
 «lavras. Comprehende-se bellamente o que elle quer;
 «mas dizel-o por outras palavras para o combater, é fóra
 «d'impossiveis. Eu o comparo ao velludo furta-côres ou
 «á pelle de lontra.

«Diz-se: é d'este matiz! mas com qualquer imperce-
 «ptivel mudança em relação á luz, com um ligeirissimo
 «tôque, já se diz: a côr é outra.

«Vês tu aquella passagem da biographia do Odorico
 «Mendes! Parece criticar a linguagem do Brasil, e critica
 «de facto a de Portugal — a idolatria de fórmula! Aqui (em
 «Portugal) elle não podia dizer outra cousa — e o Casti-
 «lho não se deu, nem se podia dar por achado. Lá, mis-
 «turou elle um *quantum satis* de xarope ao amargo da
 «critica — é a linguagem obsoleta do tempo de Camões.
 «Ha n'isso sua verdade. Entendam-n'o como quizerem
 «que elle já disse o que tinha a dizer.

«Em summa, é um prosador de finos quilates, bom cri-
 «tico, muitas vezes espirituoso, quando o quer ser.

«Em resumo dos resumos; foi felicidade do Maranhão,
 «e parecia complemento necessario de um poeta e mestre
 «como o Odorico — um prosador como o Lisboa.»

Se assim se abriram ainda em vida para elle os áditos
 da posteridade; as honras e favores da realza e das
 academias, nem sempre em consonancia com o merito, o

saber e a virtude, concorreram d'esta feita à competencia para galardoal-os, o agraciando o magnanimo monarcha brasileiro, tão apreciador dos bons engenhos, e protector benevolo e solícito d'elles, com a commenda da Ordem de Christo, e o Instituto Historico e Geographico, do Brasil, e a Academia Real das Sciencias, de Lisboa, e outras muitas corporações litterarias e scientificas d'egual reputação com enviarem-lhe diplomas de socio d'ellas.

XVI

Agora vede o reverso d'essa medalha. Voltemo'-la, pois, ora me enredando a meu pezar e contrafeito em uma questão que me contrista e acanha: contrista por contrariar meu proposito e horrar algumas d'estas páginas ainda que poucas com assumpto de todo o ponto desagradavel e fastidioso qual o de rebatter as aggressões com que tem pretendido o author da *Historia Geral do Brazil* (A. F. Varnhagen) defraudar os creditos do nosso litterato, digno aliás por todos os respeitos das attenções e estima de brasileiros e portuguezes. Acanha-me tambem por antipathica ao meu modo de proceder e á minha indole dada á brandura e a desculpar as fraquezas do proximo, como facil em perdoar offensas; mas se passasse em silencio descomedimentos tão affrontosos á memoria de João F. Lisboa, seria esse silencio seguramente attribuido a egoismo ou a temor de comprometter-me adquirindo um adversario rancoroso e implacavel, que se serve de todas

as armas, e que se uma vez por maravilha attaca de frente e a rosto descoberto, outras, e quasi sempre, esconde-se sob a mascara do anonymo e imbue o punhal em subtil veneno. Sei que outros obrigados da amizade ou da gratidão um dia melhor o farão, mas quem tem não raro esposado a causa do infeliz, do innocente, quando a occasião e o motivo o pedem, como ao traçar hoje este ensaio se negaria a sahir em defeza d'aquelle que da sepultura não póde responder?! . . .

Que importa que haja quem, transigindo com sua consciencia, o ajude por vicio e inclinação a empeçonhar os dardos e congratule-se com elle de os haver disparado, quando vae isso opposto ao dever que me chama ao campo de onde não ha considerações que me façam fugir e nem ainda recuar?

Lestes até aqui espontaneos e justos preitos rendidos aos talentos e virtudes de João Francisco Lisboa por insuspeitos avaliadores que se honram de tributar-lh'os; agora ouvireis escapar do côro unisono de louvores de seus feitos e excellencias a voz desafinada e rouquenha de enfunado zoilo.

Attentas as cortezes e affectuosas expressões de que se servira João Francisco Lisboa nas cartas que lhe dirigira, e por ter a este prestado o insignificante serviço de indicar-lhe um ou outro documento relativo á commissão litteraria de que se achava incumbido, julgava-se o author da *Historia Geral do Brazil* com direito a receber do nosso Timon hyperbolicos elogios ácerca da sua obra, no primeiro escripto que houvesse o nosso litterato de

dar á luz; assim o diz s. ex.^a compasmosa simplicidade na pag 484 do tomo I e pag. 467 do tomo II (*Historia Geral*), deixando ainda ahi, como na famosa *Diatribes* que vulgarisou depois, transluzir que quando prestára aquelles serviços, punha a mira nos cubiçados encomios. Tinha-os por tanto mais certos quando notabilidades superiores, muito superiores ao obscuro brasileiro, que reputava seu inferior e sem nome, surgido d'aquellas remotas partes do norte do Brasil, condescenderam em escrever-lhe cartas de favor, que junctou á sua *História Geral*, como tambem por haver nas que Lisboa lhe escrevêra alguns d'esses elogios banaes que entre cavalheiros se barateam; e de que o ex.^{mo} sr. visconde fez tanto alardo, publicando-as no seu folheto como documento de *contrariedade*, *versatilidade*, e do mais que lhe acode no seu fertil vocabulario de invectivas; mas se lhes tivesse prestado alguma attenção, teria visto que ainda mesmo na oitava carta (pag. 77 da *Diatribes*), que tem por mais compromettedora, ha só louvores ao lado material da obra, e nem uma palavra sequer que abone o estylo e a critica historica, e muito menos as idéas liberticidas do ex.^{mo} sr. Varnhagen, combattidas tão brilhantemente por aquelle na referida nota C do seu *Jornal de Timon*, o que melhor se vê das proprias expressões de J. F. Lisboa: «Na feliz e sábia disposição do plano, na distribuição das materias, na conscienciosa e laboriosa investigação dos factos, fique descansado que em nosso tempo não ha de apparecer outro que se ponha adeante».

Mas que decepção! Sahiram em 1858 os n.^{os} 11 e 12 do *Jornal de Timon*, e, oh despeito! em vez d'esses

encomios pomposos e elevados ao superlativo da admiração, cuja voluptuosidade antegostava seu orgulho, impugnou antes Timon algumas d'essas proposições por contrárias á liberdade, postoque o fizesse em termos respeitosos e benevolos, sem passar dos argumentos que a sã philosophia e a sciencia lhe suggeriam, amenisados ainda assim com palavras lisongeiras ao author. Foi isso mais uma occasião e motivo para Timon alcançar glorioso triumpho na opinião dos entendidos, opinião que as eloquentissimas páginas 143 e seguintes, e a nota C do III tomo de suas *Obras* bem justificam. Muito mais do que isto disseram o ex.^{mo} sr. dr. Magalhães (visconde de Araguaya) na sua excellente memória. — *Os indigenas do Brasil perante a história* (tom. XXIII da *Rev. Trimen.* do Inst. Hist.) o ex.^{mo} sr. conselheiro Ignacio M. Homem de Mello em sua analyse á *Historia Geral* (Vej. nota C, cuja leitura recommendo), e o sr. Joaquim Serra n'um d'aquelles folhetins scintillantes de chiste e de propriedade que tanto teem contribuido de sua parte para a reputação e voga de que gosa a *Reforma* (Vej. nota B já citada); e se a alguém devêra o ex.^{mo} sr. Varnhagen estar agradecido seria sem dúvida a Lisboa por não ter mostrado com aquella fina e luminosa analyse as innúmeras incorrecções e impropriedades de termos, empregados com significações que nunca tiveram, o mau emprêgo de outros, neologismos de mau gosto, como *fugar-se* (pag. 262 do tom. II) em vez de fugir, e grosseiros gallicismos taes como *noticias alarmantes* (Vej. pag. 429 do tom. II da *obr. cit.*), alem d'essa confusão e obscuridade de muitos periodos, que desafiam a

cada passo a critica, tanto que basta abrir-se ao acaso essa obra para dar-se com elles, como por exemplo na página 213 do tomo II, no fim do segundo paragrapho, onde estas palavras desligadas não formam sentido: «Saudemos nós hoje tambem, de áquem do atlantico, a memória do rei e do ministro que quasi cada anno remuneravam os seus serviços com novas recompensas, seguros de que antes que ellas se esgotem morre um triste mortal, e de que *longe de ao dal-as entibiar* o zêlo das almas bem formadas, saciando-as, pelo contrario as *acoroçoa e obriga* a muito mais; ao passo que o olvido e o desprezo os affrouxam e os cançam; e concluem por alquebra-las e por inutilisa-las, tendo em menos as proprias honras e glorias mundanas, que antes haviam requestado inutilmente». Se não receasse cançar o leitor, transcrevia tambem o trecho do quarto paragrapho da pag. 185 do mesmo tomo II; mas chamo comtudo sua attenção para a novidade que ahi apresenta o ex.^{mo} sr. Varnhagen de que «as ovelhas perdidas segundo o divino mestre, são as que mais devem alegrar o pastor!» Ahi depara-se tambem com — *faziãse ellas* em vez de *faziã-n'as*. E que me dirão das puerilidades de que estão inçados esses dous volumes, entre outras, a da pag. 300 do segundo em que propõe o author a propagação dos tamanduás para *dar cabo das formigas*, que aqui transcrevo sem commentos, e apenas sublinhadas algumas expressões para melhor ferir a attenção dos leitores? Eil-o: «se veem assolados estes campos, impossibilitando-os de ambicionarem vir a ser o celleiro do universo, emquanto se não descubram meios

efficazes de dar de todo cabo d'ellas (formigas). Um d'estes meios seria sem duvida a *propagação* de taman-duás ou papa-formigas com posturas d'elles protectores, *analogas* ás que ha em muitos municipios da Europa, *contra* os vorazes lobos e os pardaes damnhos e em pró dos beneficos perseguidores das viboras — as cegonhas, a cujos ninhos nas torres das egrejas...» Páro aqui com tão estafador aranzel, sendo o meu fim com trazel-o á téla sómente mostrar quanto foi João Lisboa indulgente e delicado para com o author da *História Geral*, emquanto a outros que estão vivos e teem-lhe provocado as iras com mais vigor, deixa-os incolumes!

Se o ex.^{mo} sr. visconde de Porto-Seguro, impulsado nos primeiros impetos da paixão, quando os assomos de sua colera o obcecavam, tivesse lançado a público a *Diatribes contra a Timonice*, ter-se-hia ao menos como um deploravel desfôrço, que não desculparia o seu procedimento nem mereceria por certo a commiseração dos homens sensatos; porque em discussões do dominio da sciencia, como a de que se occupou Timon, não toma parte mais do que a razão calma e fria, oppondo os contendores racionios a racionios, documentos a documentos, e todos os alvitres e idéas que lhes aventam o estudo e a intelligencia. Assim procede por sem dúvida quem se conhece com fôrças e se acha convenientemente armado para terçar n'esse campo; que não o ex.^{mo} sr. visconde de Porto-Seguro (F. A. Varnhagen). Se teve em 1859 velleidades, não de discutir os pontos contestados por J. F. Lisboa, mas de o tisonar, adiou sua vingança até quando esteve

bem seguro de que já não vivia seu leal antagonista, como o attesta recentemente na pag. 15 do seu *Officio-Protesto*, e antes d'elle na pag. III da introdução ao seu folheto *Indios Bravos e o sr. Lisboa Timon 3.º*, que foi publicado em Lima em 1867 (quatro annos depois da morte de João Lisboa), tendo por appendice, ou antes pretexto d'esse trabalho — a *Diatribes contra a Timonice* — attribuida ahi por elle a um *amigo* e como *publicada* em 1859, quando foi só impressa e nunca *conhecida* nem *vulgarisada*, sendo-o só muito depois e já como parte dos *Indios Bravos*. Além de o affirmar o bem informado sr. Innocencio F. da Silva na pag. 399 do tom. IX do *Diccionario Bibliographico*, no artigo Frederico Augusto de Moraes, a quem attribuia a principio a authoria d'esse escripto, tambem tenho documento mais positivo na carta que vae abaixo transcripta¹, e ainda melhor na do sr. J.

¹ Meu prezado amigo e sr. — Accuso recebida a sua apreciada carta de 29 do mez que hoje finda, e respondendo ao que me pergunta tenho a dizer o seguinte :

A *Diatribes contra a Timonice*, em folheto de 47 paginas, foi aqui impressa em 1859, e correu com a impressão o fallecido (que então era cunhado de Varnhagen) dr. Frederico Augusto Pereira de Moraes, pessoa aliás estimavel e de quem fui amigo, o qual passou então como auctor d'aquelle escripto, e segundo me lembro recebi d'elle um exemplar. Não sei que mais nenhum se distribuisse, nem o folheto se expoz á venda. É facto que eu fiz então algumas observações a Moraes, dizendo-lhe que me parecia menos conveniente que se trouxesse para o campo do ridiculo uma questão que, quando muito, só deveria tratar-se com argumentos e linguagem séria, e tanto mais que não achava a Varnhagen, e ainda nem ao cunhado, causa bastante para aquelle se dar por offendido das palavras de Lisboa nas suas notas ao livro de Timon, ultimamente pu-

A. G. Franco de Castro¹, por ser quem comprou *toda essa edição supprimida da Diatribe*, que vi ainda em fe-

blicado em Lisboa, as quaes eram objecto da questão. Se foi pelo que eu disse, ou por outro qualquer motivo, o facto é que o folheto *não se publicou*, e quando Moraes, annos depois, foi transferido em curador de orphãos para o Porto, pegou na edição que estava, creio, intacta, ou quasi, e vendeu todos os exemplares, supponho que a rasão do peso ou pouco mais ao Franco de Castro, em cujo poder ficaram, e talvez ainda se conservam. Como eu suppunha a obra de Moraes admirei-me quando vi o Varnhagen reproduzil-a nos *Indios Bravos*, conhecendo então que era obra d'elle.

Nada mais sei acerca do ponto, e do que digo fará v. o uso que quizer, porque é a verdade.

Para tudo o que for servil-o tem sempre á sua disposição a vontade e desejo do seu etc. = INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

Lisboa, 30 de novembro de 1873.

¹ Dr. Antonio Henriques Leal.

Lisboa, 23 de março de 1874.

Em resposta á carta de v., cumpre-me dizer que não me consta que fossem distribuidos, ou postos á venda, os folhetos intitulados *Diatribe contra a Timonice do Jornal de Timon Maranhense*, impressos em Lisboa em 1859, sem nome de author, e tendo eu intimas relações com o dr. Frederico Augusto Pereira de Moraes, cunhado do sr. F. A. de Varnhagen, elle me disse que queria vender os ditos folhetos a peso, visto não se querer vulgarisal-os, e eu comprei-lh'os para embrulhar, o que fiz dos que estavam em papel, guardando só os brochados, isto parece-me que no anno seguinte á sua publicação, e tambem nunca procurei vendel-os, e tenho-os conservado esquecidos no meu armazem, principalmente por se tractar de um homem a quem eu admirava, como o fallecido Lisboa, que tinha creditós de muito instruido e de escrever a lingua portugueza tão bem como poucos o tem conseguido fazer, segundo a opinião geral dos entendidos.

Nada mais tenho a dizer a v., de quem sou com a maior estima e consideração, etc. = J. A. G. FRANCO DE CASTRO.

N. B. Póde v. fazer d'esta o uso que bem quizer.

vereiro do anno passado (1874) empilhada a um canto do armazem interior do seu estabelecimento da rua Aurea n.º 144. Estranhando que depois de impressos deixassem de ser publicados taes folhetos, assegurou-me pessoa mui circumspecta e respeitavel que o sr. Varnhagen melhor aconselhado por um amigo que o advertiu do risco em que se ia metter com despertar a vêa humoristica de Lisboa, que com aquelle habil escalpello que sabia cortar fundo, com aquella logica inflexivel e a saraivada de dictos picantes, de epigrammas agudos e chanças engraçadas, em que ninguem o egualava, o aniquilaria para nunca mais recobrar-se do ridiculo de que o haveria de cobrir, reconsiderou no caso e aceitando, como prudente, o aviso, guardou-se para dar-lhe o bote em mais propicia occasião. D'ahi, durante a vida de João F. Lisboa nunca transpirou aqui noticia de tal libello, que não passou de meia duzia de mãos, e sei positivamente que *nunca foi ás de Lisboa*, como ousa affirma-lo o ex.^{mo} sr. visconde de Porto-Seguro (Varnhagen) no fim da página 6 do seu *Officio-Protesto*, dizendo mais que «*lhe causou não pequeno dissabor!*» Não sei como qualificar semelhante proposição quando por cavalheiros que mantinham com o eminente escriptor boas relações de convivencia, e por sua viuva e filha com quem se abria, communicando-lhes seus mais intimos pensamentos, estou cabalmente informado que J. F. Lisboa nunca teve esse folheto e menos lhes fallára jámais n'elle! . . . Quando tão considerados testemunhos não bastassem para desmentir a existencia do facto allegado, o destroe o chara-

cter de J. F. Lisboa cujos bríos revoltar-se-hiam á leitura da *Diatribes*, accudindo immediatamente ao repto e arre-messando os raios de sua colera e desprêzo, que fulminariam e reduziriam a pó seu author, tornando-o ao mesmo tempo a risota de todos. ¿Depois, quem é que não sabe que só d'ella chegou-se a ter pleno conhecimento quando o sr. visconde de Porto-Seguro a incluiu nos *Indios Bravos*, escripto distribuido com tanta profusão que só a mim couberam-me não menos de tres exemplares offerecidos por amigos do Rio de Janeiro? Nega hoje o ex.^{mo} sr. visconde a paternidade da *Diatribes* em que o estylo e a orthographia o denunciem, como insiste o sr. Joaquim Serra no alludido folhetim (vej. nota B), opinião esta corroborada pela do sr. Innocencio Francisco da Silva n'este trecho de sua carta «— como suppunha a obra de Moraes, admirou-me quando vi o Varnhagen reproduzi-la nos *Indios Bravos*, conhecendo então que era obra sua». Se jurarmos, porém, na palavra honrada do ex.^{mo} sr. visconde e quizermos admittir que o filho não é seu, a despeito da parecença das feições, salva-se elle d'essa ponta do dilemma para ferir-se na outra mais aguda: se não é o author, é o responsavel (o testa de ferro), não se lavando nunca da nodoa de ter feito correr mundo e fornecido o vehiculo para similhante *Diatribes*, se é que factos posteriores, taes como o *Officio-Proteto*, não o teem ultimamente confirmado na legitimidade d'ella, aggravando procedimento tão indecoroso e reprovado.

Percorrendo o folheto do sr. Varnhagen na parte que tem por titulo *Indios Bravos* já se encontram proposições

como esta «fui surprehendido com a deslealdade da famosa nota C» (pag. 12), a qual na *Diatrise*, onde se acuberta com o anonymo, acha semsaborona, restea de alhos (pag. 124), esqualido aranzel (pag. 121), «declamações banaes com pretenções a espirituosas (de *l'esprit bête*). palavras altinosantes, phrases campanudas, estylo coruscante, phosphorico, em fim cousa que eu logo vi não ser mouta d'onde sahisse coelho» . . . (na mesma pag. *ut supra*), e o procedimento de Lisboa, por contestar-lhe idéas subversivas de toda a moral, *de deslealdade, covardia ou duplicidade* (!). Ou o sr. Varnhagen não sabe o valor dos termos, como o prova de sobejo na sua *Historia Geral do Brazil*, ou o cegou e desvairou a vaidade irritada a tal ponto que não pôde perceber o que ha de nobre e louvavel no escriptor que deseja esclarecer-se, expondo suas opiniões com aquella franqueza que era tão peculiar a J. F. Lisboa, e que o proprio author da *Historia Geral* reconhece na página 467 do tomo II d'essa mesma obra! (Vej. *Historia Geral*, MCCCCLVII.)

Pretende o sr. Varnhagen (visconde de Porto-Seguro) negar n'esse folheto que opinasse na *Hist. Geral* pela escravidão, e depois de argumentos sem consistencia, usa n'outro periodo d'esta expressão grosseira: «O nosso antagonista não duvidou accusar-me *descaradamente* de parcial» (pag. 19). Se esta phrase não fica bem a um simples peão, muito menos a quem aspirava a titulos nobiliarios, e nem sei o juizo que espera formem d'elle quando assim se expressa com tanto desplante, e se encontram aliás trechos como este da pag. 21 do tom. II da

sua *Hist. Geral*: «A escravidão e a subordinação são o primeiro passo para a civilização das nações.» (!!!) que embora seja do bispo Azeredo Coutinho, elle o cita, invocando o seu apoio, e qualificando-o de admiravel philosophia, e o traz para reforçar a sua opinião; portanto abraça essas idéas como suas. Para ainda mais convencer o leitor do que pensa o sr. Varnhagen ácerca de liberdade, peço venia ao sr. Joaquim Serra para transcrever do seu folhetim (nota B) este periodo da penna do author da *Historia Geral do Brazil*, por aquelle citado: «Vae o sr. Varnhagen fallar, e tu me dirás se suas idéas são d'este seculo e se se coadunam com a tua generosa propaganda.

«Diz elle:

—«As providencias de mal entendida philantropia, decretadas pela piedade dos reis e sustentadas pela politica dos jesuitas foram a causa de que os indios começassem pouco a pouco a serem unicamente chamados á civilização pelos demorados meios de catechese. . . Se o uso das leis tivesse continuado a permittir que a cobiça dos colonos arrebanhasse os selvagens do Brazil sujeitando-os primeiro ao menos sete annos, como a escravidão israelita. . . A escravidão e a servidão são hoje ainda admittidas, com nomes differentes, nos codigos das nações mais liberaes. O que é o condemnado a galés temporarias ou a presidio senão o servo do estado durante o tempo que cumpre a sentença?. . . Ostente pois embora falsamente, á custa dos indios, o escriptor estrangeiro, ou não christão, luxo da pseudo-philantropia que sacie o seu rousseanniano entusiasmo philo-

«selvagem. Um historiador nacional tem outros deveres a cumprir, e um filho de S. Paulo não poderia deixar de seguir as opiniões, que temos a fortuna de *partilhar* «(não será gallicismo, sr. visconde?) sem faltar o respeito á memoria dos Buenos, dos Ramalhos, dos Lemes, dos Paes, dos Toledos, e de outros que alargaram, á custa de victorias sobre os bugres ou indios barbaros, as raias da civilisação da patria.»—

«Que sanetas maximas! Que sublime philosophar!»

Pondo de parte o *começassem a serem* com que se esbarra logo na quarta linha por não ser a grammatica o forte do nobre visconde, é para notar como se amofina com as providencias a favor da liberdade dos indios, appellidando-as de *mal entendida philantropia!*

Pasmo ainda mais da comparação tão fóra de proposito do condemnado a galés para afirmar *que a servidão e a escravidão são admittidas com nomes differentes nos codigos das nações mais liberaes!* . . . E esta! O attentado de privar nossos semelhantes de um dom precioso e inalienavel e do fructo de seu trabalho em proveito alheio, equiparado á penalidade instituida por lei para segurança e moralidade de um povo! Quanta ignorancia, que perturbação dos mais comeseinhos principios de direito! Mas para que irmos mais longe, se no proprio folheto — *Os Indios Bravos*, escripto para mostrar que Timon «*adultera e corrompe as passagens da Historia Geral* que se propõe criticar» (vid. pag. 108), preconisa o ex.^{mo} visconde a escravidão nas páginas 38 e 39, e nas 41, 42 e 43 reforça sua opinião com a de authoridades que opi-

nam tambem no mesmo sentido de levar os selvagens a ferro e fogo?! Isto prova mais uma vez que o sr. visconde zomba de seus leitores ou os tem em mui pouca conta.

Se d'estas 65 páginas que apparentam de graves e cordatas, se bem que não isentas de grosserias, poderá o leitor, vencendo o tedio e o asco, continuar com tão enfadonha tarefa e passar á nota Z, cresce-lhe a indignação e a repugnancia a tão descaravel e aggressivo escripto.

Não vá agora ninguem cuidar que n'essa parte dos *Indios Bravos*, que diz o sr. Varnhagen ter *extractado* da *Diatribes contra a Timonice*, todas as vezes que vem o T com reticencias seja para encobrir epithetos mui affrontosos que o author occulta por decencia e respeito ao público, não que é isso uma esperteza diplomatica de s. ex.^a; porque consistem elles em facecias d'este jaez — *gamella do Maranhão* — e outras de que está sortido o seu arsenal de injurias e protervias, que são os projectis que mais lhe apraz atirar sobre os que lhe criticam um ou outro trabalho litterario. Para dar idéa do animo do ex.^{mo} sr. visconde, poupando a um tempo o aborrecimento que ha de causar ao leitor essa moxinifada, apresento para aqui só algumas d'essas phrases de que está adubada a *Diatribes*, que foi escripta com o carvão ensochado no acre fel de um espirito offuscado por mui ruim paixão.

Os escriptos de Lisboa são para elle «*indigesta farragem de pieguices*» (pag. 104), a que tirando-se o *Ti* fica *monice*, sendo *farellorio* o que escreveu no *Jornal de Timon* (pag. supra) e o author *pellão* litterario (pag. 105).

Não fazia, porém, d'elle esse conceito quando o cortejára para obter o elogio; então era o *illustre Timon* (*Hist. Geral*, pag. 484 do tom. II), emparceira-o já na pag. 486 (tom. II) com Gonçalves Dias, Odorico Mendes e F. Deniz, e na pag. 488 do mesmo tomo declara que João F. Lisboa o *coadjuvou com achegas e auxilios!* Aquellas inimitáveis e arrebatadoras páginas que nos legou o profundo e elegante escriptor maranhense fal-as originar da «insaciavel vontade de *escrevinhar e tagarellar sem tom nem som com seu bocado de malignidade á mistura* (pag. 106 do folheto). Proh pudor!

Uma das mais reconhecidas e eminentes qualidades de João Lisboa é a clareza e fôrça de seus raciocinios, e foi ella que lhe grangeou a nomeada e clientela que tinha como advogado, quer no fôro civil, quer no criminal: que-reis agora ver como o tal folheto a amesquinha? — «Se o «Timon do Maranhão em qualquer parte do orbe terra-«queo, ou mesmo na *lua*, abrisse uma aula de logica, dou-«te segura caução de que faria tanta fortuna, como o ou-«tro Timon da Chalcedonia!» (pag. 107) e na seguinte pá-gina apoda-o de «rabula dos Maranhões, de «*Catilina* «maranhense» (pag. 111), de «*malevolo e ignorante (!)* «*ensor* (pag. 112), de «*simples folliculario*» (pag. 113). Já que se mostra tão sabedor, quizera que me dissesse por que fez reparo e griphou esta expressão de Lisboa—*adorar* o instrumento da escravidão? É uma das baldas do nobilissimo author da *História Geral* pôr nos outros os defeitos que lhe são proprios, e assim qualificando im-perturbavel na *Diatribes* a nota C de «declamações safadas

«(sic), descobrê n'ella injurias grosseiras»; mas sem que cite uma só, porque essa peça litteraria prima, pelo contrario, nos bons termos de cortezia e complacencia para com o sr. visconde de Porto-Seguro, que aliás emprega no seu folheto — *descaradamente, safadas*, etc., e diz sentir nas argumentações de Lisboa «cheiro de catinga que «tresanda» (pag. 115), que as estava reduzindo a rachiticas e acanhadissimas proporções», de onde tira só provas «da inepecia, malignidade, da *enfatuação fôsa*, de contradicções, de imperdoavel plagiato (!), de hypocrisia «e sobretudo ainda (e essas então evidentissimas) da sua «inveja» (pag. 121). O melhor de tudo isto é que o author da *Diatribé* não vê a trave nos seus olhos, esquecido de que na pag. 123 sentença: «Ninguem se reconhece e «só tem olhos vespas para ver defeitos nos outros e bôca «e linguagem viperina para os reprehender». Admirem agora o *espirito* do nobre visconde n'esta comparação que tem pretensões a engraçada e fina: — Timon «se parecia «mais com Catão do que um requeijão com um espeto»... (pag. 122).

Nega a *Diatribé* a Timon tanto os fóros de bom escriptor, como d'illustrado, e diz que não sabe latim por ser parco em citações n'essa lingua! Mas isso, pelo reverso, prova de mais a seu favor, pondo em relêvo o seu bom gôsto e bom senso litterario, com ser discreto e sobrio no evitar similhante pedanteria, só propria de charlatães com presumpção d'eruditos.

Já deixei consignado em outro lugar d'este trabalho quaes os juizos que formam Sotero dos Reis e Lopes de

Mendonça, o sr. Innocencio F. da Silva e outros competentes contrasteadores do estylo e linguagem de João Lisboa; pois oiçam tambem agora o do author da *Diatribes* que na *Historia Geral* dá a medida do que sabe na arte de bem escrever. Na página 107 do libello famoso compara a linguagem de J. F. Lisboa a «assucar em ponto (mas assucar e linguagem tudo mascavado), e pag. 113 a apoda de mascavado dialecto... linguagem *mistiça* onde os idiotismos pullulam aos cardumes com tanta fartura, que mais parece lingua de preto que de branco!» (pag. 121). Protestam contra tão espuria e avêssa injustiça todos os que sabem a lingua e admiram a habilidade com que Lisboa a manejava; e Sotero dos Reis, que encaneceu no ensino das linguas latina e portugueza, sabendo-as como poucos, e que deu sobejas provas nas suas *Postillas* e na *Grammatica* de quanto era profundo conhecedor de todos os segredos do idioma de Camões, propõe os escriptos de Lisboa «á mocidade como *verdadeiro modelo* na arte de escrever» (*Curso de litt.*, loc. cit., pag. 194); e o conselho d'instrucção pública da corte do Brasil incluiu as *Obras* do eximio prosador maranhense no número das adoptadas para os exames de portuguez.

Ainda mais, o célebre philologo brasileiro, não se contentando com proclamar as excellencias do estylo e da construcção de Timon Maranhense, mostra-o practicamente, submittendo á analyse o periodo da página 236 do tom. III das *Obras* de J. F. Lisboa que assim começa: «Do-
«mingo de ramos, dia aprasado», etc., em que admira «a *habilidade* com que o author liga ao sujeito e ao attri-

«buto um sem número de circumstancias que todas ser-
 «vem a dar realce ao quadro, sem que o sentido seja de
 «leve offendido, nem o estylo se torne pesado ou arras-
 «tado.» (*Curso de litt. port. e bras.*, tom. v, pag. 188).
 Outro periodo que lhe mereceu eguaes encomios é este
 da *Vida do padre Antonio Vieira* (Vej. *Obras* de J. F.
 Lisboa, tom. iv, pag. 79): «Seja como fôr, qualquer que
 «tenha sido a extensão dos beneficios», etc., observando
 que «consta todo o trecho de um só e muito extenso pe-
 «riodo sem que se dê confusão ou empêço no estylo que
 «é nobre, vigoroso e fluido» (obr. e loc. cit., pag. 207).
 O que mais admiro, porém, são as felizes ellipses, e a se-
 gurança e arrôjo com que se servia da lingua sem de leve
 infringir as regras da boa grammatica, como por exem-
 plo no seguinte trecho que se depara logo na pag. 9 do
 1 tomo de suas *Obras*: «Em consequencia d'estas paixões
 «delirantes, d'estes odios accesos e travados em peleja
 «formal a degradação de todos os characteres, a cubiça
 «desordenada, a avidéz de distincções, a ambição de car-
 «gos elevados, o furto, o roubo, o estellionato, os assas-
 «sinatos, as apostasias, as traições, a diffamação erigida
 «em systema, a miseria real rebuçada por apparatusas
 «ostentações, o horror ao trabalho e ao estudo, a igno-
 «rancia; a presumpção.» Em nenhum escriptor portu-
 guez antigo ou moderno achareis um periodo tão longo
 com a ellipse do verbo, formando todavia um sentido
 perfeito, e com tal clareza e precisão. A este só póde appro-
 ximar-se, entre os coetaneos, o que vai na pag. 349 do
 tom. 1 dos *Elogios Academicos* do sr. Latino Coelho, tão

primoroso estylista; e por isso ha plena e inteira justiça na seguinte sentença que a favor de João Francisco Lisboa proferiu o illustre mestre: «... seus escriptos notaveis na substancia como os de um *jurisconsulto, orador, publicista e historiador*, não o são menos na elegancia e «correção da fôrma, nas quaes leva porventura a palma «a todos os escriptores contemporaneos. (Note mais isto o ex.^{mo} sr. Varnhagen):— «Por isso ha *muito que aprender* «n'este author em tudo o que se refere ás bellezas da elo- «cução e á cópia e *pureza* de linguagem, qualidades com «que prima como qualquer escriptor classico.» (*Curso de litt.*, loc. cit., pag. 130).

É esse tambem o pensar dos entendidos, a quem n'este caso serve de interprete F. Sotero, seguro contraste, independente em suas opiniões, singelo, sem inveja nem orgulho, e galardoador do merito nos que o possuem. E a consciencia do ex.^{mo} sr. Varnhagen ha de por muitas vezes ter-lhe indicado a Lisboa por mestre, a Lisboa a quem chama de antipoda (*Diatrise*, pag. 110), e que na verdade o é no sentido inverso do que lh'o representa o excessivo amor-proprio; e d'elle seguramente muito poderia aprender, se a presumpção e a idade lhe permitissem tomar nas *Obras* do Timon maranhense lições de bem escrever e discorrer, e de como se estudam, criticam e expoem os factos historicos. É essa por ventura a idéa que o acabrunha e atormenta, que lhe agôa os deleites de seus phantasiados triumphos; é a palavra fatidica escripta em letras de fogo que relampaguea por entre as linhas das cartas laudatorias que tanto o desvanecem e

trazem desatinado, é a visão que o persegue acordado, e o pesadelo que lhe perturba os sonhos, fazendo com que perdesse de todo em todo a tramontana e se comesse de raiva e inveja, como claramente o dá a perceber na *Diatrise*, em uma correspondencia do *Diario do Maranhão* (Nota D) e por último no *Officio-Protesto!*

Quanto mais vaee crescendo a fama de Lisboa com os annos decorridos depois do apparecimento de suas obras, tanto mais se exacerba o rancor do ex.^{mo} sr. visconde de Porto-Seguro, buscando com louca insistencia aguarentar-lh'a; por modo que esquecido d'estas palavras com que remata a parte séria dos *Indios Bravos* — «Não quero «ao censor nenhum mal, e se chega a offerecer-se occasião, saberei ter com elle, senão a maior cordealidade, «pelo menos toda a urbanidade e que todo o homem bem creado sabe usar até com os proprios inimigos. (*Indios bravos*, pag. 65) —», bastou uma pequena nota, que arrisquei na prefacção de meus *Apontamentos para a história dos jesuitas no Brazil* quando foram pela primeira vez publicados na segunda parte do tomo xxxiv da *Revista Trimensal do Instituto Historico*, para que dirigisse um officio áquella corporação scientifica, e lhe viesse na cóla com a tal correspondencia embuçada em*** (Vej. nota D). Descobri-lhe logo pela pinta o author, e assim o declarei na nota á pagina 9 do 1 tomo da reimpressão d'aquella obra em livro (ediç. de 1874), opinião em que depois veiu confirmar-me o *Officio-Protesto*, onde ha trechos eguaes na contextura e phrase (nota D). Ahi afiança elle que a tal peça foi *energica*, e annuncia mais

que já tem escripto um folheto que «ha de ser muito apreciado» (Vej. a correspondencia na referida nota D), «mórmente quando n'elle serão impressos vários artigos a respeito de João Francisco Lisboa, author do *Timon Maranhense* (author de author, pois que *Timon* é um pseudonymo: esta é mesmo do ex.^{mo} sr. visconde!) que facilitem á posteridade o poder formar juizo imparcial ácerca da firmeza ou versatilidade de suas crenças, do grau de solidez e de sinceridade do seu criterio, da maior ou menor profundidade e magnanimidade de seus sentimentos, e em geral de seu character como homem, *tanto na vida privada* como na publica, assim na qualidade de deputado provincial como na de advogado provisionado ou rabula». Vem isto reproduzido pelas mesmas palavras na pag. 12 do *Officio-Protesto!*

Em quanto o ex.^{mo} sr. visconde de Porto-Seguro faz-nos esperar por mais essa profanação, e levanta de novo a lousa do sepulchro de um de nossos mais distinctos compatriotas para morder-lhe os ossos com mais furia na prometida biographia, dá-nos como panno de amostra um folheto, que ha pouco publicou em Vienna d'Austria, e cujo titulo já por si se recommenda: «*Officio-Protesto* dirigido ao Instituto Historico do Brazil pelo seu antigo primeiro secretario F. A. de Varnhagen contra várias asserções injustas, insólitas e infundadas do dr. A. H. Leal em certa pequena nota nos seus apontamentos, etc., etc. Vienna d'Austria, Imprensa do filho de Carlos Garold, 1874.» Consta de 23 páginas, com prefacio e nota supplementar. Só esse titulo é quasi maior do que a nota a que responde!

O confrade a quem devi esta informação participava-me que os poucos exemplares que foram para o Instituto, estavam *em reserva*, conforme determinação do author, e que por isso só pôde copiar o seguinte trecho da página 8, final do prefacio em que sou tambem beliscado: — «e que me dizem que em virtude de seus padecimentos physicos e moraes (como tambem se diz a respeito de seu zeloso defensor o sr. Leal) era com todos, sem exceptuar os de sua familia, desigual e variavel, até lhe tenho lástima, e rogo a Deus nos perdôe a todas nossas fraquezas e miserias». (Amen). «Como isto, accrescenta o amigo, é tudo mais.»

Meus padecimentos physicos estão patentes e consistem na lesão do braço e perna esquerda. É este o peor dos infortunios que me têm ultimamente perseguido, por isso que me privou de exercer por enquanto minha nobre e independente profissão; mas nem por isso tem essa serie de desgraças influido de modo algum no meu estado moral, por ter bastante resignação e conformidade de ánimo para as affrontar sereno e tranquillo, procurando ao mesmo tempo esquecel-as com o trabalho, de que são em parte estes livros engoiados fructos, consolando-me tambem a esperança, de que me não desampará a protecção que até hoje tem vindo em meu auxilio.

Em vista da novidade de taes *padecimentos moraes*, não quiz fiar-me só em mim, e passei logo a consultar minha mulher, meus filhos, meus amigos, para que me esclarecessem a tal respeito; mas isto desafiou-lhes estrepitosas gargalhadas, e por *sympathia* ou contagio acompa-

nhei-os, rindo-nos todos, não do ex.^{mo} sr. visconde de Porto-Seguro, que tem a seu favor a qualidade de diplomata, que implica com a de circumspecção e sisudez, senão do farçante que impingiu-lhe essas patranhas, pois quero crer que n'esse «dizem» serve s. ex.^a de mero porta-voz.

Ainda assim é para admirar que o ex.^{mo} sr. visconde se prestasse a servir de pregoeiro de anonymas aleivosias, fazendo desconfiar de seu criterio e agudeza por facil em deixar-se embaçar por qualquer pascacio que queira fazer-lhe admitir a possibilidade do simile das Escripturas — de enfiar um camello pelo fundo de uma agulha!

Não sei se provoca indignação, se nojo, se commiseracção, a odiosa não menos que estulta increpação de mau esposo com que s. ex.^a, que se inculca de religioso, e se arroga o criterio de historiador, constituido echo de malevolo detractor, pretende conspurcar as cinzas de João Francisco Lisboa, até por essa face, onde se alguma cousa se lhe podia notar, sabem-n'ó todos quantos com elle entretiveram estreitas relações, sabem-n'ó os maranhenses, era sua nimia condescendencia para com a esposa, por quem era cego e a quem estremecia! Mas ao que poupa, ante o que recúa o ex.^{mo} sr. visconde allucinado por seu amor proprio e pelo odio que vota á victima de seu furor?! Tudo lhe presta, de tudo *christãmente* se serve para nodoar e ferir quem se atrevêra a dissentir d'elle n'um ou n'outro modo de entender pontos de sciencia!

Repugna-me o assumpto, como já disse, por asqueroso, mas ainda assim não posso d'elle me apartar sem invocar em abono de João Lisboa o protesto vivo e palpi-

tante que, contra tão clamorosa injustiça, ainda hoje, que são passados tantos annos da morte do nosso distincto comprovinciano, se nota no procedimento da inconsolavel viuva, que sem nunca despir o luto, nem estancar as lágrimas, tem definhado de pura saudade, sem jámais deixar de semanalmente ir orar em sentido pranto sobre a lagea do sepulchro do esposo. Quem ha que se não tome de respeito deante de tamanha dôr? Que mau marido pôde nunca legar tão fundo pezar áquella a quem em vida, não digo já, maltractou, mas não correspondeu no conjugal affecto?

Protesta tambem contra similhante calúmnia este irrefragavel testemunho do venerando e honrado ancião, que o conheceu de menino, que foi seu mestre, e teve depois de o combatter por muitos annos no jornalismo politico, onde se esgrimiram com azedume, vigor e violencia: «D. Violante da Cunha, sua esposa. (diz Sotero no *Curso de litteratura*, pag. 137 do v tomo) com a qual viveu sempre na mais perfeita harmonia, amando-se extremamente um a outro», e mais abaixo, na mesma página, «sua viuva que só vive para chora-lo!»

Esse periodo final do prefacio do *Officio-Proteto* e o dizerem-me que «como isso era tudo mais» instigou-me a curiosidade de ler a producção do nosso diplomata, e não me dou por arrependido dos esforços empregados para alcançar, como de facto possuo, um exemplar d'ella.

Na pag. 11 queixa-se o ex.^{mo} sr. visconde de Porto Seguro (Varnhagen) de lhe ter estragado o estylo a gravidade official. É muita modestia da sua parte; porque

laçados-lhe (pag. 6, lin. 16), *d'ella suspendida a venda* (id. lin, 30), *alem de que já estou* (pag. 7, lin. 11), *paginas descasoladas* (pag. 14), e outras bellezas não desmerecem em nada das que se encontram em seus escriptos anteriores. Oxalá que sempre actuasse n'elle essa virtude, que assim não cahiria mais adeante na ingenuidade de gabar-se de que — se não fossem os serviços prestados por elle a Lisboa nas suas averiguações, «não teria este por certo podido alcançar a justa reputação de que gosa como historiographo» (pag. 7 do *Officio-Protesto*). Fique-se, pois, entendendo que no descobrimento ou citação de um documento, de um nome, de uma data, e no mais que concerne ao lado material da história é em que assenta a reputação e popularidade de um escriptor, que não na critica e intelligencia com que os estuda, confronta e aproveita com espirito analytico e a um tempo synthetico, na largueza de vistas e profundeza de raciocinio com que sabe desprezar dos factos o que é pueril e inutil, e colher o que ha n'elles de lição e deleite, apresentando no correr da narrativa esplendidos quadros quando lhe aconselha o tino e bom gôsto litterarios, revivendo epochas com as suas gerações, costumes e interêsses, com o talento dós Thierrys, dos Guizots, dos Irvings, Prescotts, Macaulays, A. Herculanos, e tantos outros célebres historiadores. São estas as excellencias por que tambem se recommendava Lisboa, e promettiam n'elle o futuro successor de Southey, se um dia a saude lhe permitisse escrever o nosso passado como colonia, como reino e depois como nação independente. São essas as balizas que ex-

tremam da mediocridade o engenho bem formado, e de tantos remendões de datas e factos mal apreciados e accumulados sem logica nem talento quem era fadado para historiador.

É mais que certo que *Abyssum abyssus vocat*, como bem o attesta o recente libello em que o ex.^{mo} sr. visconde tenta deprimir a veneranda memória de João F. Lisboa. A nota C do *Jornal de Timon* provocou a *Diatribes*, e só por dizer terceira pessoa em uma pequena nota (*Apontamentos para a história dos jesuitas*, etc.) que é ella obra sua, herva as settas, e em vez de tomar a defensiva, attaca ainda com mais impiedade o illustre morto, enxafurdando-se no lodaçal politico onde tripudia de gaudio por haver deparado com tão vasto marnel, e d'ahi atira com as mãos ambas putrida lama sobre quem jaz na sepultura. Creio que depois d'isto não restará dúvida de que o author d'este escripto infamatorio o é tambem dos outros anonymos que conspiram para o mesmo execrando fim aliás tão contradictorio á lenidade e cordura de que faz praça na página 10 do citado folheto.

De que documentos lança mão o ex.^{mo} sr. visconde de Porto-Seguro para inquinar a bem firmada reputação de João Lisboa? Dos folhetos e artigos calumniosos que foram desprezados pelo próprio aggreddido como incapazes de poder fazer a menor mácula no bom nome que soubera se conciliar em uma vida irreprehensivel e sem nodoa.

No Brasil, como é sabido, ha plena e ampla liberdade e até abuso de imprensa, que se descarreira por muitas vezes, nas crises de exaltação politica, desbocada e licen-

ciosa, esmordaçando todos na sua raiva hydrophobica. Já lhe foram as authoridades algum'hora á mão quando attaca os poderes do estado, as instituições do paiz, e a quantos teem exercido os mais altos cargos? Quem é que, envolvido na politica, se isentou ou ficou incólume de vituperios e calúrnias de follicularios energumenos? Os cidadãos mais bemquistos e de reputação mais illibada, os characteres mais puros e honestos, os Andrades, os Evaristos, os Paula-Souzas, os Souzas Francos, etc., etc., teem sido amarrados n'esses pelourinhos e açoitados por verdugos que não raro se escudavam por traz de indignos responsaveis que, a não ser a protecção partidaria, expiariam antes nas masmorras seus crimes do que affrontariam a moral pública á luz meridiana e sem receio! Não foi esse o quadro lamentavel que em parte apresentou o jornalismo maranhense de 1838 a 1841, e em 1846 a 1847 quando se assanharam os odios entre duas familias preponderantes na politica, e que lhes deram expansão em um cardume de jornaes, onde não eram só calumniados os membros d'ella na sua vida pública e privada, mas seus avoengos, as mais respeitaveis e honradas matronas e innocentes donzellas? Os Vilhenas, os Soterros, os drs. A. Regos, os Fabios, os J. Lisboaes e outros cidadãos igualmente honrados e não menos benemeritos não viram sua vida íntima devassada, e sua incontestavel probidade e outras virtudes immoladas n'essas gemonias, e porventura defenderam-se elles de taes infamias ou antes mostraram no mais absoluto silencio o profundo e completo desprezo e asco com que recebiam escriptos tão nojentos

e torpes como seus authores, tranquillos esses varões na sua consciencia e seguros de que os homens sensatos e quasi toda a população lhes faziam justiça abominando com indignação e horror vilanias tão repulsivas!

Se o ex.^{mo} sr. visconde de Porto-Seguro tem tão apurada e imparcial critica no estudar a história quanto no aggreir seus adversarios e aos que classifica de taes, devemos estar prevenidos contra ella: se não descrimina nos nossos tempos o que ha de verdadeiro entre as trévas espalhadas pela maledicencia, os nossos egregios patriarchas da Independencia descerão de seus pedestaes, e nem sei que juizo fará do nosso primeiro imperador e do seu reinado a ler com tal criterio os jornaes proximos ao 7 d'abril de 1831...

Foi, pois, o ex.^{mo} sr. visconde de Porto-Seguro excavar nos archivos diffamatorios d'uma d'essas crises, e trouxe em nota supplementar ao seu *Officio-Protesto* o trecho de um folheto publicado pelo ex.^{mo} sr. senador Candido Mendes d'Almeida em 1847, quando estava mais encruecido em uma lucta sem quartel, julgando que com esse extracto desacreditava o illustre brasileiro, quando pelo contrario o que consegue o ex.^{mo} sr. visconde é manifestar exuberantemente a paixão que enlucta o seu coração ulcerado.

Tenho para mim que o illustre senador por minha provincia está arrependido d'esse escripto, e se o pudesse supprimir já o teria feito; pois assim como teve a generosidade de honrar o passado e proclamar as virtudes do conselheiro F. J. Furtado, esquecido, no dia em que este

se finou, de quanto se tinham em vida d'aquelle maltratado, sustentando crua guerra, tambem se envergonhará hoje do que aventurou n'esse folheto, que foi aproveitado pelo ex.^{mo} sr. Varnhagen na referida nota complementar ao seu *Officio-Proteto*. Fio em que, quando se offerecer oportunidade ao nobre parlamentar, fará tambem inteira justiça a Lisboa e confessará seu êrro, assim como F. Sotero, redactor do *Investigador* e da *Revista*, o fez depois no *Publicador Maranhense* de 1861 (artigo — *A imprensa Provincial*) e no seu *Curso de Litteratura* (1 e v tomos), e o dr. João B. Jorge, redactor do *Amigo do Paiz* e author de artigos anonymos em outros jornaes de 1838 a 1844. Este remiu digna e bizarramente esses passados desvairamentos, elogiando Lisboa em um longo artigo que publicou sob sua assignatura em 1854, ao retirar-se o nosso distinctissimo comprovinciano pela primeira vez da provincia natal, e ao darem-se á sepultura seus restos mortaes, em 1864, proferindo n'esse momento solemne uma oração funebre, em que poz em todo o relêvo as virtudes do homem particular, do escriptor, do patriota e do advogado.

Regosija-se todavia o sr. visconde de Porto-Seguro com possuir «uma riquissima collecção» (*Offic. Prot. cit.*, pag. 4) de impressos diffamatorios que diz lhe foram remettidos do *Pará* para distrahir a attenção de sua verdadeira procedencia, que foi seguramente a mesma do n.º 2 do *Semanario Maranhense* que finge ter-lhe vindo de *Pernambuco*. Que lhe preste em desabono dos creditos de grave, reportado e indulgente de que por tantas ve-

zes blazona; pois assim patentea a todas as luzes seu pouco criterio e escrupulo, bem como seu genio excessivamente irascivel e rancoroso; ficando certo de que não conseguirá com essas publicações virulentas e atrocemente apaixonadas defraudar a honra e bom nome de Lisboa, e tão pouco desfigural-os com as calumnias que transcreve n'essa *nota suplementar* ao seu *Officio-Protesto*, firmado como estava seu credito de advogado na grande clientela que sempre teve, e na immensa fama de que justamente gosava, sendo seus arrazoados bem acolhidos pelos magistrados e tribunaes do paiz, como já o referi de pag. 67 a 73. D'ahi tambem é que lhe provinha muita estima e consideração; e a não ser isso, o presidente da nossa Relação, o virtuoso e integro conselheiro Rebello, não entreteria tão estreitas relações com elle e lhe seria afeitoado.

Ainda mais infeliz é a arguição de haver Lisboa denunciado de sua mãe como estellionataria, o que seria uma malvadez que tocaria as raias da loucura, se não fosse um triste expediente engendrado pela paixão e despeito; porquanto não ha *brasileiro* que ignore que as nossas leis vedam ao filho denunciar dos paes. Como então Lisboa, tão bom filho e valedor parente, além de habilissimo advogado, poderia tental-o?! . . .

Como esta são as demais accusações extrahidas pelo ex.^{mo} sr. Varnhagen d'esse folheto, que foi tido pelos contemporaneos como um descomposto e terrivel desafôgo de quem só librava n'elle sua vingança e o tinha como uma represalia de suppostas affrontas.

É fôrça voltar de novo á correspondencia (nota D) onde

se diz com o mais admiravel despejo: «Havendo quebra «de dignidade. quando em principios de 1859 «recusára redondamente ter com João Lisboa umas *vistas* «ou *entrevistas* por este pedidas, servindo de intermedio «o amigo de ambos, Serra Gomes, addido á legação bra- «sileira em Lisboa, hoje marquez de Penafiel.»

Na página 15 do *Officio-Protesto* insiste de novo o ex.^{mo} sr. visconde n'esse facto.

Quem conhece o character brioso e independente, e a isenta hombridade de João F. Lisboa não pôde por um momento admittir houvesse occorrido tal, pois nem a enfermidade podel-o-hia abatter a ponto de sollicitar sequer uma, quanto mais *tres* entrevistas de quem se recusava a ellas!

Antes de ter lido essa correspondencia e o *Officio-Protesto* já me constava por um amigo que o ex.^{mo} sr. Varnhagen jactava-se de ter recusado a Lisboa entrevistas d'elle supplicadas por intervenção do ex.^{mo} sr. marquez de Penafiel (Serra Gomes). Dirigi-me, pois, a esse illustre cavalheiro, que vivêra na intimidade de Lisboa e a quem acompanhára até seu último momento, a fim de me orientar a esse respeito. Teve s. ex.^a a extrema delicadeza e bondade de me responder em carta que não estou authorisado a publicar, negando o facto e fazendo ao mesmo tempo alto e justo conceito do character de Lisboa a quem diz ter visto «definhar e succumbir sem que lhe notasse quebra no espirito e mudança nas idéas».

Depois de haver o ex.^{mo} sr. visconde assegurado com ta-

manho arrôjo que J. F. Lisboa tivera conhecimento da *Diatribes* sem ser exacto; depois de afiançar em dous escriptos o pedido e recusa das entrevistas, em que conta quer que o tenham ou que pezo merecem d'ora em diante seus dictos?

Ao certificar o ex.^{mo} sr. visconde de Porto-Seguro na pag. 4 do seu *Officio-Protesto* a posse da collecção do *Brazileiro*, do *Pharol*, do *Echo do Norte*, (1834 a 1836) da *Chronica* e de quantos mais jornaes escreveu Lisboa, e por não me constar que existisse outra a não ser a que com tanta diligencia, difficuldade e tempo consegui organizar, fazendo depois doação d'ella á bibliotheca pública do Maranhão para utilidade de quantos precisassem consultar esse copioso manancial, assaltou-me logo a suspeita de que a houvessem subtrahido, e de facto constame por pessoa segura que faltam exactamente estes jornaes nas estantes d'aquelle estabelecimento! Incumbe pois ás authoridades descobrir o mysterio e punir o delinquente!

Despedindo-me de uma vez para sempre d'este ingrato assumpto, lastimo de todo o coração que a fatuidade e a adoração de si proprio tenha tomado em s. ex.^a tal incremento e grau de chronicidade que se não possa guarecer mais d'ella, figurando-se-lhe tudo negrimes através do espesso fel que se lhe tem infiltrado pelo organismo por modo que não percebe o triste e ridiculo papel que está representando n'este pleito sustentado só por si; e menos ainda que os contemporaneos já lhe lavraram a sentença que se encarregou elle mesmo de

proferir na carta que fez publicar no n.º 44 do *Novo Mundo* de 28 de maio de 1874 quando, fazendo crer que suas occupações são tantas, tão urgentes e de ordem tão superior que nem lhe sobra tempo para ler as criticas feitas a seus escriptos, diz que por esse facto não respeitam: — «*às leis civis nem religiosas (!), nem as do decoro e boa educação*»... (Vej. o *jour. cit.*, pag. 143, 2.ª col.) Revertam-se agora estas palavras do ex.^{mo} sr. visconde applicando-as a bem de quem já não é d'este mundo, onde foi sempre acatado pelos homens imparciaes e que fechou os olhos a tantos senões e pontos vulneraveis da *Historia Geral do Brasil* para só occupar-se de discutir o que interessava á liberdade, cujos principios suas crenças lhe não consentiam deixar atacados sem que fizesse ao menos reparo em idéas tão retrospectivas, erroneas e carunchosas. Torna-se ainda mais aggravante o procedimento do author da *Historia Geral do Brasil*, por isso que conhece o mal e o estigmatiza n'estas palavras finaes da referida carta: — «*aquelles que com as fauces de hyenico chacal perturbam o somno d'ultra-tumba*»: e que «*se havia cevado nos cadaveres de Garrett, de Rebello da Silva... com a valentia e arrogancia dada pela certeza de que estes vultos litterarios não podiam vir de ultra-tumba a esbofetear o seu covarde injuriador*»! (Id., ib.)

No que me parece que procede s. ex.^a ajuizadamente é em não querer descer até minha obscura nullidade confundida no meio da arraya miuda. Empregue, pois, melhor seus fugitivos e escassos ocios em subir a regiões onde

encontre aquelles competidores, de quem falla n'essa carta, e que lhe negam as honras da edição do *Cancioneiro da Vaticana* e do seu *Livro de Cavallarias*, e ahí, munido de bexigas de boi, esbordoem-se á mão tente disputando a qual melhor a primazia dos guisos e do barrete pyramidal, e a quem caberá o premio do certamen, se a algum d'elles, se ao barbeiro que condemnou á fogueira os livros de D. Quixote; mas creia tambem que essa azafama, esse odio entranhado e implacavel, a violencia e despiidade de tão repettidos e insolitos ataques só denotam a sem-razão de sua causa e servem como que de combustivel para aquecer o crysol, onde a posteridade apurará as virtudes de João Francisco Lisboa, estremando-as das escorias e fezes que a inveja tem pretendido misturar-lhes no insano e baldado intento de falsear a reputação do homem puro não menos que do distinctissimo e considerado escriptor.

XVII

Até agora o publicista, o politico, o orador, o historiador, o biographo, o philosopho e o jurisconsulto — resta-nos só continuar com o pouco que temos ainda de fallar do homem particular para rematar a physionomia do brasileiro que é reconhecidamente uma das glórias da nossa patria.

Conhecido no que fica dicto — o homem público, o escriptor, o cidadão, embora imperfeitamente —, vejamos se podia ter as pechas que baldou pôr o ex.^{mo} visconde de

Porto-Seguro em quem era excellente pae de familias preocupado do futuro de sua esposa e filha adoptiva, e em quem tambem encontrou entre seus dedicadissimos amigos um que, como João Pedro Ribeiro, o ajudou effi-
cazmente n'esse empenho.

No seu fervoroso e sancto proposito tractou João F. Lisboa de dar emprêgo lucrativo a algumas economias e ao producto da venda de seus *Jornaes de Timon*, que tiveram grande acceitação do público como quanto sabia de sua festejada penna. Andava por doze contos de réis tudo quanto tinha, e desejando pol-os em gyro commercial, lançou suas agudas vistas, como conhecedor que era dos homens, n'esse modesto commerciante estabelecido então com chapelaria no largo do Carmo, e que com sua actividade, intelligente previdencia e honrado grangeio possuia já cêrca de trinta contos de réis.

Quando João F. Lisboa o convidou para seu socio, tinha elle propostas vantajosas do sr. João J. da Cruz para egual fim; mas em attenção ao antigo redactor da *Chronica Maranhense*, de quem era admirador entusiasta, rejeitou aquellas, já meio entaboladas, para dar preferencia ás d'este. Em agosto de 1852 firmaram o seu contracto commercial, fundando João Pedro Ribeiro na rua de Nazareth uma elegante e bem provida loja de fazendas e quinquilharias a que deu o nome significativo de *Bazar Timon*, como fineza ao socio e amigo.

Em uma esphera onde podia mais livremente desenvolver seus dotes commerciaes, demonstrou em pouco tempo a feliz e acertada escolha de João F. Lisboa nos

vantajosissimos resultados, no infatigavel labutar, no genio emprehendedor, nas afortunadas especulações, na affabilidade para com todos que procuravam sua loja, na honradez e lisura nos tractos, no ânimo generoso e patriotico e n'outros bons dotes que lhe conciliaram a estima e confiança pública, e lhe attrahiram muitos freguezes. Foi em tão progressivo augmento essa sociedade que quando a dissolveram em dezembro de 1858, para João Pedro Ribeiro ir tomar conta e pôr-se á frente de uma das mais poderosas casas commerciaes da nossa praça, havia um lucro de quarenta e cinco contos de réis devido á indústria e trabalho d'este, cabendo dizer-se que Lisboa nunca o tolheu, deixando-lhe livre e desimpedida a acção para obrar como entendesse, por isso que depositava n'elle plena confiança e o considerou sempre em muito.

Admirador e amigo de João F. Lisboa, foi elle quem mais que nenhum outro o acoroçoou no projecto de sahir pela primeira vez de sua provincia natal, removendo as objecções que lhe apresentava a muita prudencia de Lisboa, e tanto lidou n'essa idéa que afinal, a 4 de julho de 1855, partiu esse notavel escriptor do Maranhão para a capital do nosso imperio, onde foi honrosamente acolhido por todas as celebridades politicas e litterarias, e tomou parte nas redacções do *Correio Mercantil* e do *Jornal do Commercio*, escrevendo para aquelle, como já tive occasião de o dizer, analyses dos trabalhos forenses, e para este artigos de politica geral e d'interêsse público. Outros cuidados, porém, o chamavam á Europa, sendo n'essas

vistas auxiliado pelo nosso poeta, Antonio Gonçalves Dias, que pedira dispensa da commissão, que exercia em Portugal, d'investigar documentos e outros subsidios para a nossa história, e fazer extrahir cópias d'elles para o Archivo Publico e para o Instituto Historico, indicando o nome de seu illustrado comprovinciano para substituil-o n'esse importante e afanoso encargo. Sendo acceita a desistencia de Gonçalves Dias, foi Lisboa nomeado, e em dezembro d'esse mesmo anno (1855) se fazia de volta de Portugal em companhia de sua familia.

Achando-se na Europa não se contentou seu espirito observador e sedento d'instrucção com ver a cidade de Lisboa, e passou a percorrer varias vezes algumas das principaes cidades da França, da Inglaterra, da Hespanha, da Italia e da Belgica, e ainda no anno de 1861 viajou o norte d'este reino. Não lhe escaparam á judiciosa apreciação monumentos célebres, objectos d'arte, nem o que havia de mais notavel ou digno de contemplar-se na natureza, que não visse, que não esmerilhasse com aquelle depurado gôsto e tacto de quem por intuição já era avaliador do que havia de bello e grandioso nas artes.

Era narrador tão animado, pittoresco, correcto e imaginoso, nos momentos de bom humor, que enlevava e prendia de seus labios a quem tinha a dicta de escutal-o n'essas divagações. Ouvi-o algumas vezes descrever as cousas que observára em suas peregrinações pela Europa, fallando, sobretudo, de Florença, de seus palacios, dos seus quadros, de suas estátuas e outros primores d'arte, com tanta paixão e enthusiasmo, que era para mim um

grande desgosto quando de cansado interrompia essas deliciosas narrações.

Se não fossem os lucros que resultaram da sociedade commercial com João Pedro Ribeiro e applicação conveniente que este lhe deu, auxiliado algumas vezes, por outros amigos de Lisboa, este sómente com o subsidio da commissão litteraria não teria por ventura emprehendido tantas e tão frequentes digressões a diversos paizes da Europa com as larguezas e confortos com que sempre viajaram elle e a familia, nem legaria á viuva e filha adoptiva bens que as pozessem a coberto de necessidades e bastassem para viver com muita decencia ¹.

¹ Peza deveras o ter-me escapado involuntariamente estas circumstancias da vida de João F. Lisboa quando escrevi a *noticia* que precede suas *Obras* (1865), e só hoje poder reparar essa falta quando já é morto João Pedro Ribeiro sem ter tido esta occasião de conhecer o aprêço em que sempre o tive e de que era digno.

Não deixarei já'gora de declarar que encontrou esse negociante desde o principio de sua sociedade poderosa e prestante coadjuvação no sr. Martinus Hoyer, pouco depois seu socio, e que por sua intelligencia, conhecimentos especiaes, senso practico, character honesto quão pundonoroso, e amizade á terra onde enriqueceu, tem merecido a estima e applauso dos brasileiros, continuando na casa da firma—Ribeiro & Hoyer—a prestar eguaes serviços e conselhos á viuva e aos excellentes filhos e herdeiros das boas qualidades de seu defuncto socio, cujas cinzas muito honram uns e outro.

XVIII

São commummente os escriptos espelho polido, que reflecte as paixões, os sentimentos intimos e as virtudes de quem os concebe. Essa verdade resumida já por Buffon na mais elegante e concisa phrase, confirma-a vantajosamente João Francisco Lisboa. Percorrei-lhe os jornaes, folheae-lhe os livros, attentae em seus discursos, lêde as cartas que escreveu com o franco descuido e a transparencia que exige a amizade, que n'elles achareis patente e sem refolho a alma generosa e de forte tèmpera d'este escriptor brasileiro. Vêde-me aquelle ardor e entusiasmo com que desde os annos juvenis se dedicou com o maior afêrro e sem a mais leve mescla de ambição á causa politica que abraçara e que lhe consubstanciava a patria — a patria que foi o culto por toda a vida das suas adorações mais puras, o estímulo de suas mais sérias locubrações e constante cogitar, o espirito que o excitára nos verdores das crenças e esperanças, como o alentava ainda nos abhorridos e ultimos dias da existencia! E os sacrificios da fazenda, da saude, e da vida mesmo, que não deixou de estar exposta ao ferro dos sicarios nos tempos mais atribulados e calamitosos das luctas politicas, como os elle aceitou com varonil intrepidez, e mais ainda do que os sacrificios a ingratidão com que lh'os pagaram os proprios correligionarios, no dia do triumpho? Vêde-me tambem aquelle digno e admiravel proceder de resignar o cargo, embora o resguardasse da miseria, só porque a de-

licadeza do sentimento, e o dever lhe impunham não continuasse a exercel-o. Não menos para applaudir e imitar é o desinterêsse, o denodo e a isenção com que sempre fallou da tribuna, estimando mais quebrar relações e alienar sympathias do que cortejar vícios e preconceitos com remordimento da consciencia e esquecimento do seu mandato ; e que gladiador houve ali mais destemido e dextro no arremessar seus dardos tão certos e agudos, mais experimentado nas luctas temerosas e travadas do jornalismo, e mais prompto em acudir ao repto quando acinte e sem descanso o assestavam com repetidos e alentados botes adversarios, nem todos generosos, e muitos desalmados e audacissimos? Vêde-me agora o advogado consciencioso, que nunca mercadejou e poz em almoeda sua profissão e o talento com que Deus fôra tão prodigo para com elle, e que antes bem de vezes ergueu a voz eloquente em prol do infortunio perseguido que só tinha para remunerar-o do trabalho as lágrimas da gratidão! Mas para que ir mais longe quando n'esses quatro tomos de suas *Obras* podeis de ânimo fôrro avaliar por vós o historiador imparcial, o philosopho de vistas largas e profundas, o publicista de subidos quilates, o moralista severo, que para ali derramou de grado e com louvavel independencia os seus pensamentos e idéas, elevando-se no conceito de cidadão e escriptor que tinha por pharol — a patria, por divisa — a verdade, por alvo — moralisar seus conterraneos, instruindo-os e admoestando-os como licção, e apregoando e enaltecendo as grandes virtudes e altos feitos como exemplo a seguir? É bello ver como implacavel e irritado

verbera e fere o crime com os fundos golpes do seu estylo, e esmaga o vicio com o sarcasmo eloquente da indignação, que contra o mal concita as iras e provoca as censuras do homem honesto.

Se d'ahi passardes a devassar-lhe o lar domestico tel-o-heis esposo estremecido, a condescender com sua companheira, a adivinhar-lhe os desejos e a prevenil-os; e ainda mesmo nos dias de seus accessos de hypochondria, era todo affectos e brandura para com a eleita do seu coração, em cuja presença disfarçava seus padecimentos para não affligil-a! e ella lastimada e saudosa, ahi está, como já o disse, a manifestar com mais verdade esse amor entranhavel e sem limites, que se mutuavam ambos, já na dor que lhe ennoitou para sempre a alma, e nas copiosas lágrimas que até hoje, e lá se vão quasi doze annos que se apartaram n'este mundo, ainda derrama, magoada e inconsolavel na sua triste viuvez, pelas saudades d'aquelle que era sua ventura e seu conforto, e a alegria dos dias que junctos passaram!

Não tendo de seu consorcio nenhum fructo, quiz elle illudir o coração, já que a natureza lhe fôra tão escassa com a familia, procurando ficticiamente encher esse vacuo que havia na sua casa, e em 1846 adoptou por filha uma de seu particular amigo, o sr. Olegario José da Cunha, de nome Maria. Assim os vagidos da creança, as ledices infantis, os cuidados affectuosos e incessantes, o amor inquieto e excessivo que ambos consagravam á filha adoptiva, vieram animar a solidão do lar demestico, quebrando-lhe a monotonia, e estreitando mais os laços que uniam

estas almas tão consoantes; mas eis que no cabo de um anno passaram elles pela excruciante provação de ver cortados os debeis fios d'aquella existencia, por quem estremeciam como paes, e que com as graças e sorrisos da innocencia temperava-lhes os dissabores, que os acommettiam n'este valle de miserias e contrariedades.

Vi João F. Lisboa opprimido pela dôr, em prantos, e tão profundamente sentido, como só um pae amantissimo se apaixona e carpe a morte de um filho idolatrado.

Não tardou que viesse outra filhinha do mesmo amigo occupar o lugar d'aquella na sua affeição e carinhos. Para que fosse mais perfeita a substituição, fel-a baptisar com o mesmo nome da primeira, refinando-se em zelos de amor para com esta, a ponto de occultar-lhe quaes seus verdadeiros paes, crescendo em desvelos e estremecimentos taes que lhe davam quebranto os menores incommodos que lhe alterassem a saude a ella, e não havia capricho por mais pueril que lhe não procurasse satisfazer, sem comtudo isso deixar de lhe dar esmerada e cultivada educação.

Se se mostrava assim para com a familia, não menos desvelado era para com os amigos, tendo que para servir-os nunca os mediu, nem o contrarestaram os sacrificios por maiores, praticando rasgos de generosidade e dedicação, superiores muitas vezes aos seus recursos, e com prejuizo de sua elevação e futuro politico.

Ainda mesmo no afan de suas viagens e locubrações nunca o abandonaram saudades d'elles e da terra onde nascêra e consumira quasi toda a vida. Suas cartas o abonam, e o confirmam as minuciosas indagações a que se dava,

inquirindo dos passageiros que vinham do Maranhão para a cidade de Lisboa ainda os mais insignificantes accidentes e factosinhos de provincia, que lhe serviam depois de thema ás cartas, e de pasto a motejos e observações chistosas os que o mereciam pelo que tinham de ridiculos, e outros a reflexões judiciosas e de muita ponderação.

Tanto o pungiram saudades do torrão natal, que não pôde mais ter-se que não voltasse a 5 de junho de 1859 áquellas plagas, onde anciavam por sua boa vinda poucos, mas sinceros amigos. Seis mezes demorou-se alli repartido o tempo entre o doce convivio da amizade e as mais sérias investigações historicas. Tornou-se segunda vez para este reino a 11 de dezembro d'esse mesmo anno, a fim de continuar com mais fervor na sua commissão de colher documentos para os archivys nacionaes, a qual todavia deu o govérno por finda em julho de 1862.

As maguas da ausencia, porém, o traziam sempre em crueis agruras, e quasi que não ha carta que escrevesse depois d'esta tornada, em que não transpirem desejos vehementes de voltar á provincia, a despeito do tedio e nojo que d'elle se apoderava ao attentar nas intrigas e manejos miseraveis e pequeninos da politica de campanario que occupam grande parte da população. Ainda a 9 de junho de 1862 escrevia « . . . vem-me ás vezes guinadas « de partir de repente para o Maranhão, e confesso- «lhe agora que ao embarcar, na praia do Cajú, em 11 de « dezembro de 1859, vendo cêrca de quarenta pessoas de « minha verdadeira amizade á roda de mim em lágrimas,

«tive impetos de desmanchar a viagem e ficar. Era uma
«resolução em apparencia disparatada, mas já as eu te-
«nho tomado ás subitas que parecem taes, e com que me
«não tenho dado mal.

«Assim mesmo não lhe afianço que n'um bello dia de
«calor e poeira não arrebeite por ahí, sem ser esperado,
«pois não farei aviso prévio. »

Todas estas bellas e tão apreciaveis qualidades de J. F. Lisboa eram, comtudo, annueadas por maneiras algumas vezes rudes e desabridas, para o que muito contribuia o seu temperamento bilioso e nervoso, facilmente irritavel, que, com a progressão dos males physicos, iam cada vez mais augmentando até que por último trouxe o arrefecimento de algumas amizades antigas, mas desconfiadas e melindrosas.

Nunca foi Lisboa de humor alegre e folgasão. Desde a adolescencia que lhe conheceram certo ar grave e pensador, como de quem fôra fadado para a meditação e arrojados commettimentos; mas esse aspecto transfigurava-se quando menos se esperava, e livre dos accessos hypochondriacos, entregava-se á alegria no círculo dos amigos, ou no ameno retiro do campo, com que tanto se aprazia e procurava sempre que as ferias do fôro lhe deparavam ensejo para isso. Então era para vel-o expansivo, sereno e jovial, a zombetear das mazellas da nossa sociedade, e a entreter os seus amigos e convivas com espirituosos conceitos, felizes repentos, finas ironias e allusões aceradas pelo atticismo de um espirito tão sagaz e culto.

Os que o frequentaram e privaram com elle antes de 1840 affirmam que lhe não eram raros esses dias sem nuvens. Depois, ou fossem as decepções e desgostos profundos que lhe provieram da politica, ou a assiduidade e afan com que se dedicou aos arduos estudos de jurisprudencia a que era de antes alheio, ou que tôdas estas causas actuassem no seu espirito, o certo é que o moral reagindo sobre seu physico, começou elle para logo a soffrer do figado, cujo estado morbido se exacerbava com frequencia. Tornava-se irritadiço n'essas occasiões e pouco communicativo, recolhendo-se triste e silencioso ao seu gabinete de trabalho ; sem que estas sombrias disposições da alma influissem de nenhum modo nos seus habitos de estudo e na affectuosidade á familia e aos amigos. Como acertasse mostrar-se uma ou outra vez em publico n'este estado foi isto parte para que o vulgo, que enxerga as cousas só pela flor, e sem mais exame, o taxasse de orgulhoso. F. Sotero dos Reis que o conheceu tão de perto, escrevendo depois da minha *Noticia*, concorda commigo, referindo assim estas circumstancias :

«Esta intelligencia tão vasta como prompta, este *bello typo moral que reunia todas as virtudes do homem e do cidadão*, este homem verdadeiramente extraordinario «que rivalisava na fecundidade do engenho e dotes do espirito com as primeiras celebridades do seculo, em que «vivemos, era sujeito a frequentes ataques de *hypochondria*, que o faziam *passar por misanthropo, e até por orgulhoso para alguns que o não conheciam de perto*, «ou com quem não costumava expandir-se em sentimentos

«affectuosos e amena conversação.» (*Curso de litt. port. e bras.* tom. v, pag. 138.)

Convem notar de passagem que serviu esse padecimento do nosso illustre compatriota para que o ex.^{mo} sr. visconde de Porto-Seguro (Varnhagen) desfigurando-o no seu recente libello, o aproveitasse em desabono e detrimento do character de tão insigne e virtuoso cidadão.

Evitava ultimamente travar novas relações e encurtava a esphera das antigas, e aqui na côrte portugueza, procurado e festejado a princípio pelos litteratos, foi fugindo do seu tracto, e reduzindo suas relações de convivencia ao sr. Alexandre Herculano, a Lopes de Mendonça e a poucos mais.

Pinta bem o seu theor de vida n'esta cidade o seguinte passo de uma carta sua; «. já ouvi uma vez ao «Perelli, grande pianista italiano, que dá concertos em «S. Carlos. É um theatro cosido em ouro e esplendido «em luz, mas chegámos ali, e fechamo'-nos no nosso camarote, e disse. Quando vou á platéa superior, lá encontro meia duzia de litteratos do meu conhecimento, mas «com quem não posso entrar em conversação, nem elles «commigo, occupados como estão com suas idéas e interesses tão diversos dos meus. D'elles ouço sempre com «satisfação ao Alexandre Herculano, homem pelo character «e pelo talento muito conforme a meu modo de pensar, «porém isto está muito longe do que se chama amisade. «Demais mora d'aqui a uma legua, e apenas o encontro «por acaso de dous em dous mezes, ou mais, em uma lojinha de livros, ao Chiado, onde elle costuma ir, e onde

«nos assentámos em um banco de pau. Demais a mais é um macambuzio, peor que eu».

Tirando d'isso, era discreto, estudioso, de espirito, scintillante, motejador engraçado no tracto íntimo, cauteloso em suas apreciações e relações, leal e sincero, franco até á rudeza no dizer e obrar, sem nunca se dobrar ás conveniencias, quando estas lhe destoavam das doutrinas que adoptára, ou lhe podiam marear a honra. De uma simplicidade nobre e elegante no traje e modo de viver, que harmonisavam com certa sobriedade de mesa e economia de ostentações tão naturaes e conformes ás suas idéas e character.

Trazia na physionomia estampada a rigidez de seus principios e a austeridade de seus costumes. A vasta abobada cerebral, terminada por uma frente altiva e cortada de sulcos denunciadores do precoce meditar, era adequado involucro d'esse cerebro tão intelligente e amplo quanto bem aquinhado por Deus que o illuminára com as linguas de fogo do genio. Seus olhos vivos e penetrantes faiscavam-lhe as sublimes idéas antes que os labios as articulassem ou a penna as traduzisse em characteres. Para completar este esboço physico, resumindo direi apenas que era Lisboa grosso de corpo, cabellos negros e corredios, tez morena, barba espessa, rosto cheio e redondo, olhos pardos, senão grandes, brilhantes, labios espessos e rasgados, hombros largos e estatura abaixo um pouco da mean.

E esse vulto litterario, que de nossos braços se desprendêra tão cheio de vida, com as esperanças a negacea-

rem-lhe viridentes louros, e com tão lisonjeiros planos de engrandecer o seu caro Maranhão escrevendo a história do seu passado d'elle, não futuraria certo que nunca mais teria de rever terras do Brasil, e que tão proxima lhe estava a hora derradeira!

Desde junho de 1861 que se lhe foi aggravando o mau estado de saude com o apparecimento de novas enfermidades.

«..... desde abril (escreve elle em «carta de 9 de junho de 1862) que ando formalmente «doente com dôres nos rins e na cabeça, desarranjo de «estomago, e posto que só um ou outro dia de cama, «comtudo sempre incommodado e triste, e sem disposi- «ção para cousa alguma d'esta vida.»

Já em 26 de março de 1863, um mez antes dē succumbir, escrevia: «Eu continuo a passar mal, aborre- «cido de tudo, e a soffrer sem interrupção com frio, «ainda que verdadeiramente já o não haja. É tal o tedio «que tenho tomado a tudo isto, que não temos visitado «ninguem, ha dous mezes não vamos ao theatro, e só dâ- «mos alguns passeios pela cidade e jardins, se o tempo o «permite.

«Os incommodos da bexiga, dado que não agudos, «impacientaram-me por tal modo, que por fim resolvi «sondal-a pela primeira vez na minha vida, o que se ve- «rificou ante-hontem á tarde. Estranhei por falta de há- «bito, e embora não houvesse dor, a sonda, e depois a «ourina, sahiram ensanguentadas, e soffri tenesmos com «certa dor até esta noite. Agora cessarâm. Não se en-

«contraram pedras na bexiga, mas entende o medico que
«tenho a *prostata* irritada por incommodos hemorrhoi-
«daes, sendo estes provenientes das pedras que tenho
«tido na bexiga, e das que provavelmente existem nos
«rins. Já se vê que tenho com que me entreter pelo resto
«de meus dias.»

E a 13 d'abril, em uma carta muito laconica diz: «Te-
«nho passado mal estes dias, fortemente constipado, e
«com dores nos rins que me têm provocado desarranjos
«de estomago, nauseas, etc.: é alguma das costumadas
«pedras que está a descer.»

Não eram calculos a descer, era a sua última enfer-
midade, era a morte que se lhe avisinhava! Comquanto
não viesse acompanhada de symptomas aterradores, e
que parecessem graves, comtudo desde a sua invasão
que mergulhou Lisboa em profunda tristeza e saudades
tão vehementes do patrio ninho e dos amigos, que corta-
vam o coração aos que o rodeavam. Eram avisos precur-
sores de que nunca mais lhe seria dado contemplar esses
caros objectos de sua adoração e de suas scismas, sendo
que em breve e bem longe d'elles, em terra estranha, ar-
rancaria o alento final nos braços sós da esposa e da filha!

O sr. dr. Barral, um dos mais habéis e conceituados
practicos que então exercia a nobre profissão de medico
n'esta capital, e que assistiu sempre Lisboa em suas en-
fermidades, capitulou esta de inflammação do figado, e diz
em seu relatorio (vej. nota E.) que «a prostração foi suc-
«cessivamente augmentando com a recusa de tomar re-
«medios e alimentos, sobrevindo vomitos, soluços, esta-

«do adynamico» «Em todo o decurso da «enfermidade, accrescenta, houve uma indiferença da «parte do doente e um esmorecimento que parecia pre-«sagiar o resultado fatal.»

N'esse transe doloroso passaram-se para elle quinze dias de atrozes agonias e crudelissimas ancias, sem um momento d'allivio nem repouso; e por dobrados tormentos não respirava o ar da patria, nem tinha outros rostos amigos em que fitasse os olhos rasos de lágrimas além dos de sua desolada esposa, enternecida filha, e de dois amigos, o sr. Serra Gomes (hoje marquez de Penafiel) e o sr. Sebastião José de Abreu!

Apezar das fôrças o irem abandonando com celeridade, só deitou-se formalmente de cama, prostrado e como que albeiado de si, nos ultimos quatro dias. Antes d'isso, passava-os elle sentado ou arrastando os mal seguros passos pelo quarto; mas sempre calado, taciturno e immerso na mais profunda tristeza. Desde o comêço da enfermidade que pendeu-lhe sobre o peito com o pêso dos soffrimentos a nobre cabeça, que a custo e raras vezes levantava para encarar aquelles dous entes que lhe eram tão queridos; talvez receoso de ler em seus rostos angustiados a confirmação da terrivel sentença; ou quem sabe se antes para occultar-lhes o que lhe ia por dentro para assim minorar-lhes os temores e anceios! . . .

Um dia, titubeante e com penoso esforço dirigiu-se para o seu gabinete de estudo, e ahi, recostado sobre a mesa, disse á esposa com voz amargurada e fraca: «Não quero morrer aqui, hei de ir morrer em minha terra!» Vãos e

impotentes desejos que, frageis, se foram desfazer ante os supremos decretos da Divindade.

Às 2 horas da madrugada do dia 26 d'abril cerraram-se-lhe para sempre os olhos á luz, e aquella alma radiante e magestosa voou, livre do barro, para juncto aos pés de seu Creador, contados cincoenta annos d'idade. E assim, na fôrça viril da existencia, quando promettia os mais vigorosos e sezonados fructos, sumiu-se da face da terra, abrindo Lisboa larga sepultura, onde se teem ido precipitar tantos outros illustres maranhenses: — Odorico Mendes e Gomes de Sousa, em Londres, Trajano Galvão, no Mearim, Sotero, no Maranhão, Fr. Custodio Alves Serrão, no Rio, e Gonçalves Dias nas aguas do oceano!

Sua piedosa viuva, conhecendo-lhe os extremos pelo Maranhão, teve a louvavel idéa de mandar-lhe conservassem intactos os restos mortaes para restituil-os á sua terra, onde ha amigos para pranteal-o, onde ha uma população inteira para venerar-lhe as cinzas, onde está ella que triste vae arrastando a vida e diluindo as saudades em lágrimas que não se cançou ainda de verter!

Para que se realisasse tal deliberação foi mettido o cadaver em caixão de chumbo hermeticamente soldado e vasio de ar, e d'este modo depositado ao meio-dia na igreja de S. Paulo, e d'ali transferido para o mausoleu do negociante Sebastião José de Abreu, no cemiterio dos Prazeres, sendo um anno depois transportado para a nossa cidade, onde a viuva o antecederá.

XIX

Se devem ser acoimados de esquecidos, senão d'ingratos, os comprovincianos d'este illustre maranhense, cuja vida acabo de esboçar, certo que semelhante stygma não póde abranger toda a geração presente. Afóra um ou outro justo apreciador de seu subido merecimento, os maranhenses o votaram ao ostracismo, — ostracismo que elle nunca tambem procurou levantar por se não querer conformar com as exigencias e prácticas da nossa politica; por não se abaixar, como alguns, para apanhar na lama um diploma de deputado; por exigir dos amigos não trabalhassem por elle e menos declinassem de si a votação certa e segura para a fazerem n'elle recahir, e não pelos motivos malevolamente insinuados pelo ex.^{mo} sr. visconde de Porto-Seguro na nota da página 12 do seu *Officio-Protesto*. É vergonha e para sentir que a provincia do Maranhão não quebrasse sequer por uma vez o circulo de ferro do seu systema acanhado e tyranno das *chapas* dos partidos, e independente de sollicitações e imposições o levasse livre e espontaneamente ao parlamento brasileiro, onde como orador iria ostentar as pompas e o vigor da sua varonil eloquencia e variados conhecimentos com a segurança do saber, a independencia no proceder e a franqueza e verdade no dizer.

«Em outro qualquer paiz em que as lettras fossem «mais bem apreciadas, abrir-se-iam as portas do parlamento a um homem tão illustre por seu talento e habili-

«tações, e teria chegado aos altos cargos do Estado.» . . .
(F. SOTERO, *Curs. de litt. port. e bras.*, tom, v, pag. 135.)

Não á nova geração e menos a mim cabem taes censuras; que apontei mais de uma vez o seu nome aos eleitores e obsecrei para elle os votos de nossos com-provincianos¹; mas em balde que as combinações e interesses, bem como as conveniencias e obscuros manejos de uma politica mesquinha, e as impacientes ambições não me attenderam. Mas se durante a vida não lhe deu a provincia provas correspondentes ao seu merito, as honras posthumas vieram depois senão absolvel-a da reprovação dos vindouros, ao menos attenuar esta um pouco.

Ao saber-se que estava prestes a entrar o brigade *Angelica*, transportando d'esta côrte os restos mortaes de João Francisco Lisboa, tractou a camara municipal de reunir-se extraordinariamente e deliberou conceder fossem elles enterrados na capella-mór da igreja do convento do Carmo, resolução que foi approvada pela assembléa legislativa provincial, e convertida em lei², fazendo d'ess'arte excepção de jazida em obsequio ao cadaver de quem tinha as prerogativas e regalias da magestade da intelligencia. Por essa occasião tambem discutiui e approvou esse corpo

¹ Em 1846 lembrei eu, o mais humilde lidador da imprensa, em artigo edictorial da *Conciliação*, o seu nome para deputado á assembléa geral legislativa, pelo circulo da capital; e em 1859, na *Imprensa*, que então redigia, o indigitei para fazer parte da lista triplice senatorial, sendo que de ambas as vezes foi acceita a idéa pela opposição mais como arma, do que com sinceras intenções e esperanças robustas no resultado.

² Lei n.º 702 — de 2 de julho de 1864.

legislativo outro projecto, que se converteu em lei provincial¹, concedendo dous contos de reis á viuva de *Timon* como auxilio para a impressão das obras d'elle. Isto deu extraordinario impulso á empresa, e barateou a edição a ponto de se poderem vender os quatro volumes por um preço que lhes tem facilitado a entrada nas bibliothecas mais desfavorecidas de meios pecuniarios.

No dia 24 de maio de 1864 entrou com effeito o bri-
gue *Angelica* com vergas cruzadas, e todos os navios surtos no porto o imitaram em signal de dó, e assim permaneceram até que se effeituou o funeral.

A assembléa provincial por sua parte resolveu em sessão de 25 d'esse mez não funcionar n'aquelle dia. O sr. F. Sotero dos Reis, author do requerimento que provocou essa medida, a motivou n'este singelo discurso:

«Pedi á palavra, sr. presidente, para apresentar á consideração da casa o seguinte requerimento:

«Tendo chegado de Portugal no navio *Angelica* 1.^a os
«restos mortaes do commendador João Francisco Lisboa,
«os quaes devem ser sepultados na capella-mór do convento do Carmo d'esta cidade no dia 27 do corrente,
«pelas 6 horas da tarde, requeiro que a assembléa legislativa provincial não funcione n'esse dia em demonstração de sentimento, que os srs. deputados se prestem a
«ir á rampa do desembarque receber o feretro, acompanhal-o ao logar do seu jazigo, e assistir ás exequias,
«bem como que o sr. presidente da assembléa nomeie

¹ Lei n.º 675 — de 24 de maio de 1854.

« cinco membros para dar os pezames á viuva do illustre
« maranhense.

« Senhores, o commendador João Francisco Lisboa, a
« quem a morte veiu interromper no meio de seus traba-
« lhos litterarios, foi um dos maranhenses mais illustres
« por sua instrucção e talentos (*muitos apoiados*). Homens
« como o commendador Lisboa não são vulgares, appa-
« recem de longe em longe, porque a natureza não bara-
« teia faculdades superiores a todos; mas unicamente a
« alguns escolhidos aos quaes concede esse privilegio.

« Sabeis, além d'isso, que os homens de letras não
« têm entre nós outra recompensa de seus trabalhos, ou
« dos relevantes serviços que prestam ao paiz, senão a
« glória; não podem aspirar ás vantagens na vida civil.

« Em Portugal e em França, onde o rei nomeia os pa-
« res, são elles escolhidos para os altos cargos do estado,
« porque uma vez nomeados, são estes tirados das ca-
« maras para ministros; mas no Brasil não se pôde dar
« o mesmo factó. Os senadores são apresentados ao Im-
« perador em lista triplice, e as ambições politicas ex-
« cluem d'essas listas as letras . . .

« O *sr. Vasco Coelho*. — Nem sempre.

« O *sr. Sotero dos Reis*. — . . . que deviam figurar
« n'ellas em primeira plana na fôrma da constituição do
« imperio, porque a intelligencia é quem deve dirigir os
« destinos da sociedade.

« Attendendo, pois, a que o commendador Lisboa foi
« não só um dos maranhenses, como um dos brasileiros
« mais distinctos nas letras n'estes ultimós tempos, e não

« teve outra recompensa dos importantes serviços que
 « prestou ao paiz com seus escriptos; senão a glória que
 « d'elles lhe resultou, cerquemos-lhe ao menos o tumulo
 « com todas as considerações a que têm direito o saber,
 « o talento e os serviços relevantes prestados ao paiz, fa-
 « zendo-lhe depois de morto honras de principe.

« Espero que a assembléa approve o meu requerimento
 « attentas as razões expendidas. »

« O sr. Joaquim Serra. — Apoiado. »

Foi lido e approvedo sem debate e por unanimidade o requerimento, e nomeados pelo presidente da assembléa para membros da commissão, que tinha de dar os pezames á viúva, os srs. Francisco Sotero dos Reis, tenente coronel José Caetano Vaz Junior, Joaquim Serra, e drs. José Joaquim Tavares Belfort e Manuel José Fernandes Silva.

Ás cinco horas da tarde de 27 de maio começaram os escaleres a dirigir-se para bordo do *Angelica* 1.^a O acto funubre descrevi-o eu no n.º 420 do *Publicador Maranhense* do dia seguinte (28 de maio de 1864), e como tenham essas linhas ao menos o merito da fidelidade, por isso que foram escriptas com as impressões do momento, julgo conveniente aqui reproduzil-as :

« Hontem (27) ás cinco horas da tarde partiram os es-
 « caleres de todos os navios surtos no porto e os da ca-
 « pitania e alfandega, conduzindo muitos cavalheiros dis-
 « tintos, que desejavam acompanhar o barco que trouxe
 « de bordo do *Angelica* o caixão que encerrava os despo-
 « jos mortaes de João Francisco Lisboa.

«Chegados que alli foram, partiu na frente do prestito o
 « escaler coberto de crepe, que conduzia o corpo para ter-
 « ra, seguindo-se o em que vinham os inspectores da the-
 « souraria e da alfandega, o do capitão do porto, e após
 « os das demais pessoas, sendo para louvar a boa vontade
 « com que se prestaram essas authoridades a facilitar o
 « desembarque, bem como o sr. guarda-mór Lopes Rodri-
 « gues, o sr. Serra Pinto, consignatario do *Angelica*, e os
 « commandantes dos navios mercantes, que todos mostra-
 « ram grande empenho em tornar este acto o mais solemne
 « possível, já conservando estes os seus navios com ver-
 « gas cruzadas durante os dias que o cadaver permane-
 « ceu a bordo do *Angelica*, já acompanhando todos elles
 « em seus escalares o do funeral, e prestando outros ser-
 « viços, que se não hão de riscar da lembrança dos mara-
 « nhenses gratos e que sabem prezar suas glorias.

«Ao cabir da noite estava em terra o caixão, e come-
 « çou a desfilar o prestito, indo ás arças os srs. F. Sotero
 « dos Reis, Luiz Carlos Pereira de Castro, Fernando Pe-
 « reira de Castro, Martinus Hoyer, Olegario José da Cunha,
 « João Pedro Ribeiro, Ignacio Nina e Silva, João Gonçal-
 « ves Nina, Lourenço de Castro Belfort, e o dr. Antonio
 « Henriques Leal, amigos uns, e outros parentes do fi-
 « cado, e cercando o feretro os deputados provinciaes e
 « as commissões das diversas sociedades litterarias e be-
 « neficentes d'esta capital.

« Foi o concurso um dos mais numerosos a que temos
 « assistido n'esta cidade. O largo do Palacio e praias pro-
 « ximas estavam litteralmente apinhadas de povo, e para

« mais de seis mil pessoas, entre ellas o corpo dos Edu-
 « candos Artifices, de que fôra protector, e as primeiras
 « authoridades, civil e policial, acompanharam o corpo
 « á sua última jazida, onde os srs. tenente coronel Fer-
 « nando Luiz Ferreira e Eduardo A. de M. Rego, como
 « membros da commissão do *Atheneu Maranhense*, e o
 « sr. dr. João Bernardino Jorge pronunciaram discursos
 « funebres.

« Depositado o caixão no corpo da igreja, seguiu
 « para casa da ex.^{ma} sr.^a D. Violante Rosa da Cunha Lis-
 « boa, viuva do finado, a commissão da assembléa provin-
 « cial, dirigindo-lhe o sr. Sotero, como membro relator,
 « a seguinte allocução :

« Minha senhora, espero que v. ex.^a se disponha a ou-
 « vir-nos com constancia ; temos a cumprir um triste, mas
 « sagrado dever.

« A actual commissão da assembléa legislativa provin-
 « cial vem, em nome da mesma assembléa, dar os peza-
 « mes a v. ex.^a pela perda de seu illustre esposo, o sr.
 « commendador João Francisco Lisboa, fallecido em paiz
 « estrangeiro, e cujos restos mortaes vão agora ter jazigo
 « na sua terra natal pelo extremoso amor conjugal de
 « v. ex.^a O fatal acontecimento que toca tão perto a alma
 « dilacerada de v. ex.^a, todos nós o sentimos, porque
 « todos os maranhenses perdemos no sr. commendador
 « Lisboa não só um comprovinciano, mas um dos brasilei-
 « ros mais distinctos por seus talentos, instrucção e rele-
 « vantes serviços prestados ás letras. Ha certamente
 « n'este mundo perdas que são irreparaveis, e tal é a do

« grande maranhense, que deploramos, porque uma in-
 « telligencia superior como a d'elle não é cousa facil de
 « encontrar; mas todos somos mortaes, e devemos cur-
 « var-nos aos decretos de Deus que resolveu chama-lo a
 « melhor vida.

« Minha senhora, a resignação é uma das primeiras
 « virtudes christãs; e a assembléa provincial, que acom-
 « panha a v. ex.^a na sua justa dor, espera que v. ex.^a se
 « consolará de tamanha perda primeiro com a vontade de
 « Deus, depois com o gozo do unico bem que hoje lhe
 « resta sobre a terra — a glória de haver pertencido a um
 « homem tão illustre. Quando porém isto não baste, sirva
 « ao menos de lenitivo á pungente magua de v. ex.^a o sa-
 « ber que o sr. commendador Lisboa, que ainda vive na
 « memória dos seus concidadãos, ha de viver tambem na
 « posteridade, porque seus escriptos teem por salvaguar-
 « da o cunho do verdadeiro talento.

FRANCISCO SOTERO DOS REIS,

«Membro relator da commissão da assembléa legislativa provincial.»

«A viuva, assoberbada pela dor, mal pôde agradecer
 « tão significativa prova do apreço do corpo legislativo
 « da sua provincia.

«Hoje ás nove horas do dia, depois de varias missas,
 « e do officio funebre, foi sepultado na capella-mór da
 « egreja dos carmelitanos o corpo do illustre finado, pinta-
 « dos no rosto de todos os assistentes vivos signaes de
 « dor, ainda melhor manifestados no silencio profundo,
 « que guardavam.

«Ao terminar, não podemos deixar de ufanarmo'-nos, como maranhense, por ver que tanto concidadãos, como estrangeiros, souberam honrar, qual mereciam as cinzas do distincto maranhense, e ainda mais quando foi tudo acto espontaneo, pois que não precederam convites da viuva, nem do irmão do finado, antes pelo contrário instaram com os amigos para que se abstivessem de toda e qualquer demonstração que tivesse pareença com pompa ou vaidade humana, sendo a vontade de ambos que o sahimento fosse com toda a humildade e singeleza, como de facto succedeu, não cantando no transito e na igreja os sacerdotes, nem sendo aquella forrada de preto.»

Ao lado do evangelho, na capella-mór do convento de Nossa Senhora do Carmo da cidade de S. Luiz, estão encerrados os restos mortaes d'esse varão tão illustre pelos escriptos como pelas virtudes; e como testemunho significativo de seu viver modesto, cobre-lhe apenas a sepultura rasa uma mais que modesta lapide com a seguinte inscripção :

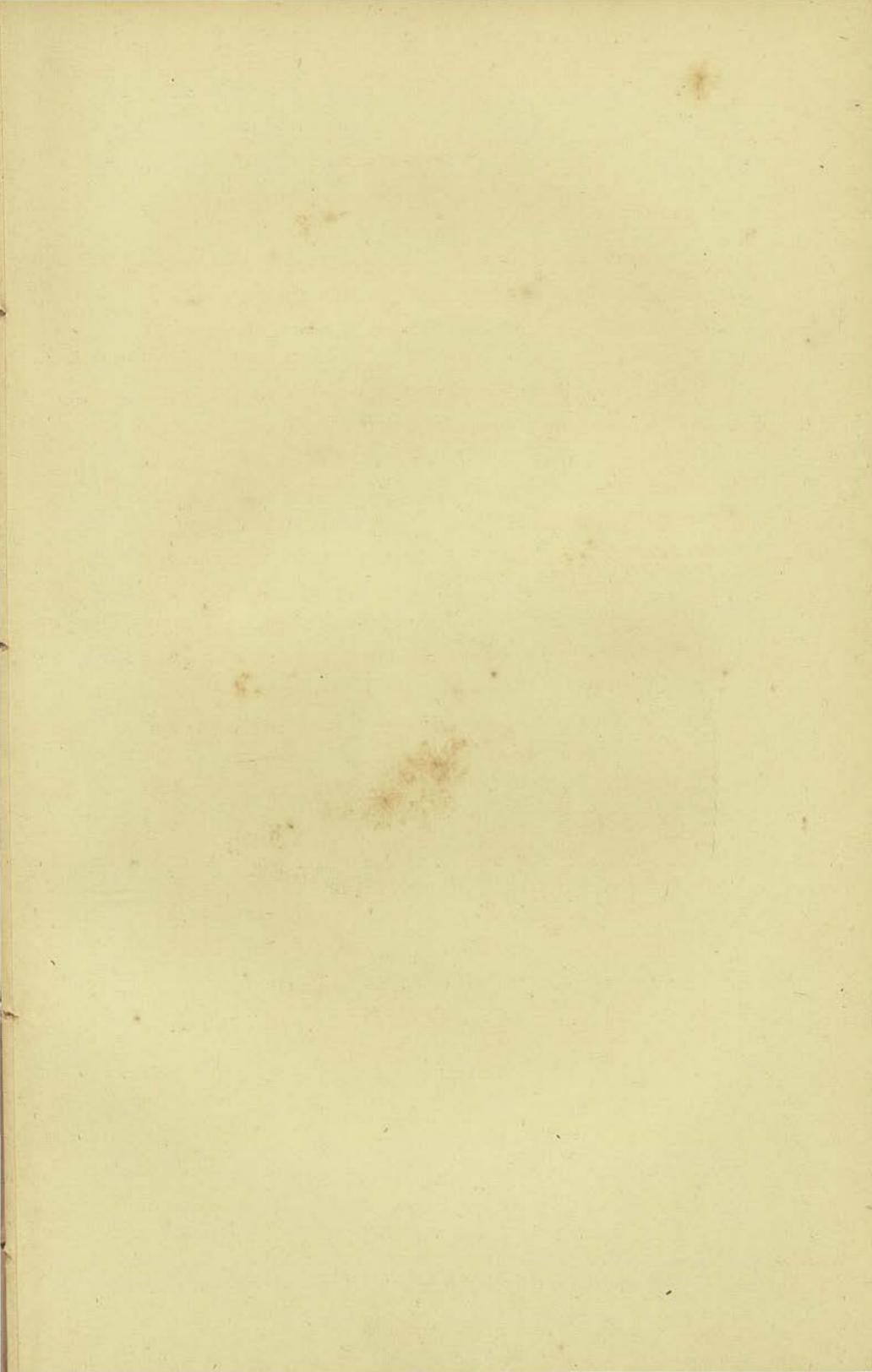
JOÃO FRANCISCO LISBOA
 NASCEU EM 22 DE MARÇO DE 1812
 NA PROVINCIA
 DO
 MARANHÃO
 FALLECEU EM 26 DE ABRIL
 DE 1863
 NA CIDADE
 DE
 LISBOA

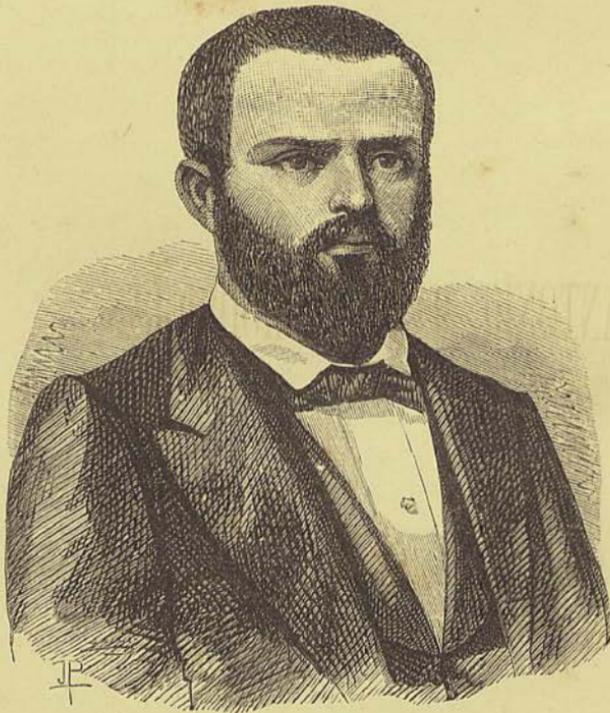
Diz, porém, essa tão simples inscripção mais do que emphaticos e pomposos epitaphios, e tem essa humilde

campa mór valia do que erguidos e soberbos mausoleus, porque o nome que indica e lembra refulge por si mesmo, e convida a prosternarem-se ante essa sepultura, reverentes e compungidos, aquelles que estimam a glória, e sabem apreciar as boas lettras e o elevado engenho de quem as cultiva.

Ao relancear olhos retrospectivos encarando por todas as feições esse conjuncto moral e intellectual personificado em João Francisco Lisboa, é licito confessar cheio de desvanecimento, em que peze a praguentos e invejosos, que poucos cidadãos de nossos tempos podem imparceirar com elle na altura a que o elevaram seus talentos e civismo.

Em conclusão :— se não paguei aqui tributo consoante ao que de nós brasileiros reclama tão extraordinario e preclaro varão, deixei ao menos apontado onde procurar os elementos da sua defesa a quem se proponha vindicar de vez João F. Lisboa dos injustos e torpes baldões de algum zoilo atrabilario e sem consciencia, que folgue com o officio do moscardo da fabula, que já que não póde medir-se com o leão, o fere com suas importunas e peçonhentas ferroadas, e ainda assim em quanto dorme, ou em parte onde lhe não possa chegar o rei dos animaes.

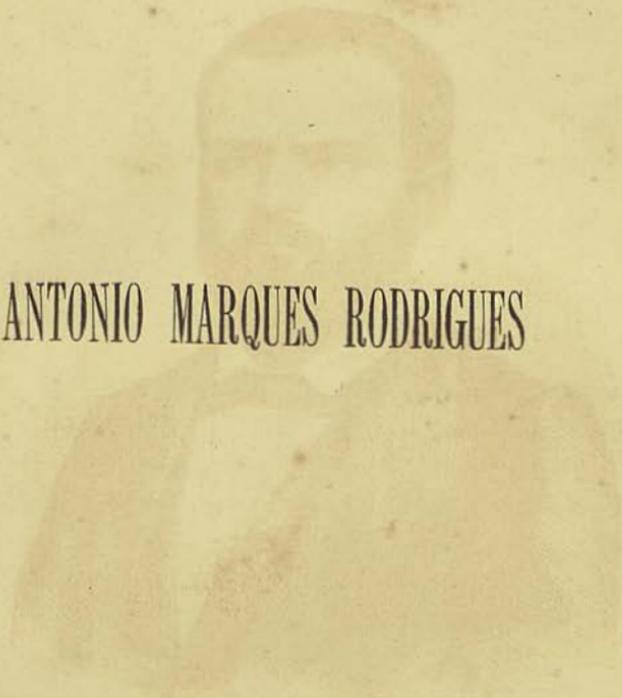




A. Marques Rodrigues.

XVIII

ANTONIO MARQUES RODRIGUES

A faint, sepia-toned portrait of a man, likely Antonio Marques Rodrigues, is visible in the background. The man has short hair and is wearing a dark jacket over a light-colored shirt. The portrait is centered and appears to be a watermark or a very light print.

... ita ut montes transferam, charitatem autem non habuero, nihil sum.

Epist., PAUL., ad Coryn. I, cap. xiii.)

I

De todas as sanctas doutrinas dos Evangelhos e de todos os beneficios que de seu cofre de graças e de amor entornou o christianismo sobre a humanidade nenhum sobr'excelle á charidade—flor cujo perfume suave e inextinguivel, dividindo-se ao infinito, se diffunde e chega onde ha dores e miserias, tristezas e lágrimas. Se em todos os tempos existiu essa virtude em germen no coração do homem, nem era conhecido o vocabulo, nem o facto, antes que Jesus Christo a ensinasse e a praticasse; e nem ainda os melhores moralistas gregos, como Platão e Socrates, fallaram d'ella.

E o sagrado amor do proximo, sem limites, sem calculos, sem reservas nem interêsse, senão movido unicamente do pensamento de bem fazer vae ás occultas e sem rumor espalhando consolações e alegrias, aqui no subterraneo humido e escuro, ali na trapeira desabrigada do pobre;

pença o enfermo, dá de comer ao faminto, de vestir ao nú e esmola e conselhos aos necessitados e abattidos que se rebolcam na penuria e no desespêro, instrucção aos ignorantes, leito, conforto, carinho e amparo ás infelizes creaturinhas que paes desnaturados abandonaram, e trabalho e educação á mocidade que no ocio e na miseria entrega-se á crapula, ao jogo e a todos os torpes vicios por elles engendrados. D'ahi as confrarias de Mizericordia com os hospitaes para toda a sorte d'enfermidades, com os hospicios de maternidade e de engeitados, os institutos de cegos, de surdos-mudos, de orphãos, de arrependidas, d'invalidos, de loucos, de amamentação e berço de recém-nascidos — esses presepes protectores do trabalho (*crèches*) —, as sociedades de remissão de captivos, a gratuidade do ensino, a propagação efficaz e copiosa das luzes — nas escholas nocturnas e domingueiras, nas bibliothecas populares, na distribuição gratuita por entre as classes operarias, por entre o povo, de livros elementares de moral e de conhecimentos uteis.

De todas as personificações d'essa virtude evangelica é a irman de charidade sua verdadeira representante, não ao serviço do jesuitismo, servindo-lhe d'instrumento, como educadora da infancia e corretora de milagres e de amuletos, mas no papel sacratissimo e augusto para que foi instituida — á cabeceira do doente, velando por elle, ouvindo compassiva os gritos arrancados pelas dores excruciantes da enfermidade, esforçando-se por mitigar-lh'as com palavras consoladoras e brandas, applicando-lhe com cuidado e vigilancia os remedios, lavando-lhe as ulceras

por mais asquerosas, cercando-o de incessantes carinhos, orvalhando de piedosas lágrimas o rosto macilento do moribundo na hora da agonia extrema. Sem temer o contagio da epidemia que ceifa tantas vidas, eil-a accudindo de leito em leito, ou as balas em um campo de batalha, antes affrontando-as, corre por entre a confusão dos regimentos e o tropel dos cavallos para levar soccorros aos feridos. É grande, é sancta, é sublime essa missão da mulher, ente fadado para os nobres sentimentos do coração, e predisposto a todos os sacrificios e dedicações!

A ninguem pertence com melhores direitos essa missão; por isso que predomina a sensibilidade n'essas creaturas que por organização e temperamento são todas affectos e blandicias; mas tão generosas qualidades não são partilha só do sexo delicado e amoroso; e nem S. Vicente de Paulo foi o primeiro a obrar rasgos singulares de charidade, nem o seu exemplo deixou de ter imitadores. De entre os homens que tenho conhecido com sinceras disposições para a prática d'essa virtude especialisarei a Antonio Marques Rodrigues, brando e amora-vel por character, calmo e prudente nos seus actos, recatado e sem nunca ter posse sobre sua natureza fria a violencia das paixões. Sua maior satisfação era fazer o bem sem que o deixasse presentir, e como optimista por inclinação e systema, mirava ao engrandecimento da nossa patria dentro da esphera de sua actividade e de seu genio timido e pacifico.

Eram suas particulares cogitações e serios cuidados a instrucção popular, a reforma do nosso systema agricola

e a emancipação da escravatura, constituindo-se o fervoroso missionario de tão fecundas e elevadas idéas, e juntando á propaganda os actos. Vulgarisou obrinhas rudimentares, umas por elle coordenadas, outras editadas e de que fez extrahir bastas edições e expor á venda por preços tão diminutos que convidassem os mais pobres a adquiril-as; e não se contentando só com isso offerencia-as aos milhares ás escholas públicas da provincia para com ellas serem brindados os alumnos indigentes. De entre esses excellentes livros de leitura popular é o mais notavel — *O Livro do Povo* — compilação de trechos de escriptos religiosos, moraes e instructivos; e dos esforços empregados por Antonio Marques Rodrigues para ver transformada a nossa indústria agricola tão atrasada, tão rotineira e pouco productiva, em relação aos capitaes, são documentos eloquentes seus artigos no *Diario do Maranhão* e depois no *Globo*, e a introdução com que fez preceder o — *Manual do Plantador d'algodão* por A. Turner, traduzido do inglez pelo sr. dr. José Ricardo Jauffrett (Maranhão, 1859). O impulso para a criação da Eschola Agricola do Cutim foi todo seu, conseguindo na assembléa provincial a decretação de verba para a execução d'essa medida proposta pelo sr. dr. Antonio Rego. Se não vingou nem deu os resultados que se promettia o dr. Marques Rodrigues, prefigurando-se-lhe que no futuro jorraria d'ahí a luz de redempção que guiaria os nossos fazendeiros na larga e desimpedida estrada da agricultura intensiva, baseada na experimentação e nos principios d'economia rural, a exemplo de Grignon, de Genbloux, de Hohenheim e d'ou-

tros afamados viveiros de lavradores e de gerentes de propriedades rusticas, é porque trazia em seu germen sua proxima e inevitavel ruina, no artificial e antecipado da sua creação, na ausencia de um director agronomo e de pessoal habilitado, na inexperiencia dos instituidores, na carencia de uma larga dotação, como exigem instituições de semelhante natureza; e por tudo isso se desmoronou o edificio antes de concluido, condemnados os meios, que não a idéa, pela opinião pública isenta mesmo de paixões.

Seus actos de vida privada afinavam pela do homem público: de uma alma terna e propensa a commiserar-se dos soffrimentos alheios, era seu maior deleite aligeiral-os, já repartindo pelos que lhe iam mendigar á porta e com a pobreza envergonhada, sem ostentação, sem que o dêsse a conhecer a ninguem; já auxiliando artistas laboriosos com empréstimos ou com a sua firma para levantar-os nos bancos.

Por esse tempo seismava tambem nos meios de quebrar os grilhões que rouxeam os pulsos e manietam a vontade a essa desgraçada porção de nossos compatriotas que nasceram com o iniquo ferrete da escravidão. Foi dominado d'esse nobre e generoso pensamento que acceitou o juizado da festa de S. Benedicto para 1867. Pareceu-lhe de molde o ensejo para realizar um de seus planos philanthropicos; pois que sendo a irmandade que tinha por devoção esse sancto composta em quasi sua totalidade de gente de côr e d'escravos, era de toda a conveniencia e justiça solemnizar-se o dia do orago de um modo com-

pativel, e que dava ainda maior esplendor á festividade.

Vae o dr. Antonio Marques Rodrigues dominado por essa idéa, esmolando de porta em porta de seus amigos o obolo da charidade, e completa da sua algibeira com a maior parcella a quantia que havia determinado para a remissão de algumas creaturinhas do sexo feminino. Chega o mez de abril de 1867, e no dia tão festejado do sancto são dadas com a agua do baptismo que as tornaram christans a carta de liberdade que as elevaram á condição de cidadãos! Essa obra de amor e philantropia sanctificada já pelas lágrimas de gratidão e de alegria das infelizes mães captivas, e que um dia o será tambem pelas bençãos e preces das redimidas e de seus filhos, não foi esquecida pelo sr. Joaquim Marques Rodrigues, a quem seu amigo e sobrinho deixou-a recommendada ao partir para a Europa, e que como devoção propria e já como oblata á memória de quem tanto estremeceia, tem continuado com a mesma devoção em cada anno, sem ter em conta que a humanitaria lei do *ventre libre* dispensava de alguma maneira essas alforrias, por modo que em 1873 subia o número das manumissões das *filhas de S. Benedicto* a 169, «169 futuras mães de familia, como disse o sr. José M. C. de Frias, no *Publicador Maranhense* de 10 de maio de 1873 (Veja nota F.) composta cada uma de maior ou menor número de membros, que todos bemsdirão e abençoarão a memória para elles sagrada do bemfeitor que lhes quebrou as cadeias do captiveiro, deu paz e tranquillidade, e apagou a nodoa da escravidão.»

Esse fervoroso devoto das lettras, esse apostolo do ensino e da emancipação — da liberdade do entendimento e da liberdade do arbitrio de todo o ser humano — cujo rosto sympathico se acha representado na gravura que precede esta breve noticia, allia a muito bom senso prudencia em seu proceder, que peccava ás vezes por diminuto e nunca por ousado, um exterior chão no tracto e no seu trajar onde havia certo desalinho não estudado, como de quem vivia mais no mundo das idéas do que nos salões onde se apuram os elegantes. Contribuiam todas essas qualidades para acarear-lhe a consideração e a estima de que geralmente gosava entre seus concidadãos. Testifica-o o honrado redactor do *Paiz*, (nota G) como quem tinha estado na sua intimidade e o conhecia mui de perto, e assim o confirma n'estes termos: «Escriptor, poeta e professor, na imprensa e na cadeira de mestre, prégava doutrinas que conduzem para o amor da patria; apostolo incançavel do progresso, foi quem primeiro poz em prática a manumissão de escravos por meio de associações, «instituindo as alforrias de S. Benedicto, ainda hoje continuadas, foi um dos que mais trabalhou para a criação da Eschola Agricola; porém mais do que a agricultura, «mais do que a manumissão de escravos, mais do que as artes e indústria, deve-lhe a instrucção pública.»

«Na vida pública foi Antonio Marques Rodrigues — talento brilhante, intelligencia enriquecida por variada instrucção, coração aberto aos mais generosos impulsos, «e na particular, na intimidade dos amigos, no doce commercio da familia, não se pôde conceber alma mais sen-

«sivel, nem qualidades mais nobres: foi um typo de verdadeiro amigo, modêlo d'esposo e de pae¹.»

II

Inventariarei os factos da vida do dr. Antonio Marques Rodrigues em resumido quadro; que afastado do torvelinho politico e todo entregue a seus estudos e aos gozos do lar domestico, não teve soluções de continuidade que interrompessem sua remansada existencia até que dois consecutivos infortunios o vieram a magoar e lhe dilaceraram tanto a alma que já não teve fôrça e resignação para resistir ao segundo.

No dia 15 de abril de 1826 viu Antonio Marques Rodrigues a luz na cidade de San'Luiz do Maranhão, e como fossem seus paes, Francisco Marques Rodrigues e D. Josepha Baptista Pereira, naturaes de Portugal, e lhe corresse nas veias sangue estrangeiro, nem por isso pulsava-lhe com menós violencia o coração aos estremecimentos do amor da patria ou deixava de se dedicar todo aos interesses de sua provincia natal e do imperio como os que timbram de bons patriotas.

De menino perdeu a mãe, e quando seu pae retirou-se em 1830 para Portugal, tomaram d'elle cuidado Antonio Dias de Araujo e sua senhora, que o tractaram com os carinhos de paes. Chegado á idade de applicar-se aos estu-

¹ N.º 56 do *Paiz* de 9 de maio de 1873.

dos, veio para a companhia do pae, que residia em Avintes, onde aprendeu as linguas portugueza e latina com Dyonisio Alves Pereira, presbytero secular da freguezia de S. Pedro de Avintes, e que o considerava e estimava por sua applicação e notorios e rapidos progressos, distinguindo-se tanto pelo seu talento pouco vulgar, como pelo genio docil, affavel e pacifico, e por seus costumes exemplares e irreprehensíveis.

A 29 de agosto d'esse mesmo anno fôra approvedo no lyceu nacional do Porto nas disciplinas em que estava tão bem preparado, e passou a frequentar em Coimbra outros cursos de humanidades até 1846, quando se suspenderam os estudos e fechou-se a universidade por assim o exigirem as convulsões em que se debattia o reino de Portugal, conflagrado pela revolta da *Maria da Fonte*, que fez convallir as instituições, e talvez triumphasse se a intervenção estrangeira não a contrariasse na sua marcha e por fim não a vencesse.

Não podendo Antonio Marques calcular o tempo que duraria a interrupção das aulas e inimigo de agitações que não se compadeciam com seu genio commedido e timorato, emprehendeu uma digressão a Inglaterra, vindo depois residir em París, mas ainda ahi, quando havia concluido seus estudos preparatorios e estava prestes a matricular-se em uma das faculdades scientificas, teve de assistir a esse drama popular cujo desfecho foi o desmoronamento de um throno, o exilio de Luiz Filippe e a proclamação da republica de 1848.

Estes movimentos populares tão avessos á sua natureza

fizeram com que mudasse de intento, e resolvido a abraçar a vida commercial, tornou-se para sua cidade natal, onde entrou para caixeiro de seu tio, o sr. Joaquim Marques Rodrigues. Reconhecendo, porém, este que não tinha seu sobrinho nenhum dos predicamentos para uma carreira que menos se coadunava ás tendencias de seu espirito e a seus habitos sedentarios, o resolveu a estudar a jurisprudencia. Já em 1850 se achava matriculado no curso juridico de Pernambuco. Foram cinco annos de triumphos academicos, como de lida e de auspiciosas estreias litterarias. O *Diario de Pernambuco* e o *Cidadão*, de que era redactor o distincto publicista dr. Nascimento Feitosa, viram por muitas vezes suas columnas honradas com suas produções poeticas e artigos de critica litteraria e de politica, e mais com a versão dos contos de Hoffman devidos á collaboração do estudioso Antonio Marques. No Atheneu Pernambucano, de que era socio effectivo, foi não raro ouvida a sua palavra fluente, authorisada e conceituosa, sendo um de seus melhores discursos o pronunciado na sessão magna de 11 de agosto de 1855, versando sobre as obras de Topffer, e que sahiu depois impresso na typographia universal do Recife com o seguinte titulo: *Rodolpho Topffer — Esboço critico-litterario* (1855). A 24 de outubro d'esse mesmo anno recebeu o gráu de bacharel formado em sciencias juridicas e sociaes como prêmio dos cinco annos de frequencia e em cujos actos obteve approvações plenarias. Depois da sua formatura pouco se demorou no Recife; poisque o convidavam a regressar ao Maranhão os castos e puros amores de sua prima

D. Amelia, com quem casou aos 27 de novembro d'esse mesmo anno, continuando a habitar sob os hospitaleiros tectos de seu tio e agora sogro. Alliviado portanto dos cuidados de casa e de despezas, tinha Antonio Marques todo o tempo por seu para o empregar em estudos litterarios. Em 21 de abril de 1856 alcançou por concurso público a cadeira de história e geographia do lyceu do Maranhão, que regeu com proficiencia e zêlo, mostrando-se d'est'arte compenetrado dos deveres do professorado.

A sereia politica segredou-lhe um dia e conseguiu seduzil-o. Attrahido por seu canto quasi que se deixou enleiar em seus perigosos braços, fundando a 20 de setembro de 1856 — *A Conciliação* — de collaboração com os srs. drs. F. de M. Coutinho de Vilhena, A. Rego e commigo; mas já no segundo número se retirava da redacção para evitar que seu irmão continuasse a soffrer por isso da prepotencia do presidente da provincia. Encarregou-se depois de redigir o *Diario do Maranhão*, creado pelo sr. dr. A. Rego, e de que era proprietario o sr. José Maria Correia de Frias. Reconhecendo, que a despeito de bem acolhida essa folha por sua imparcialidade, por se não envolver na politica, e mais que tudo pelos interessantes assumptos de que se occupava, eram as despezas mui superiores á sua receita e o debito crescia, não soffreu seu animo generoso se arruinasse o nobre e activo proprietario, e assim associou-se na empresa (nota F), substituindo em 1858 o *Diario* pelo *Globo*, que sahia tres vezes por semana; mas que não obstante essa reduccão

não se pôde sustentar senão até dezembro de 1859, por lhe faltar o primeiro elemento de vitalidade do jornalismo provincial—o das questões politicas e de interêsses pessoas.

Com o encargo de lente accumulou a 22 de junho de 1860 o de official maior da secretaría do nosso tribunal do commércio, que lhe foi conferido por consulta do mesmo. No fim de seis annos (em julho de 1866) exonerou-se d'elle por entender que implicava com o de inspector da instrucção pública para o qual fôra nomeado a 6 de janeiro de 1864 e a que se dedicou com decidido e ardente empenho.

Em ninguem podia por certo melhor recahir a nomeação para tão importantissimo cargo do que no dr. Antonio Marques ; tanto que desde esse praso sahiu essa repartição da apathia e do rotineiro expediente a que estava condemnada havia annos, servindo por vezes de machina eleitoral, de apadrinhamento a professores incapazes e relaxados, e de patrocínio a concorrentes ás cadeiras primarias nem sempre habilitados para desempenhal-as.

Foi completa a reformação nos trabalhos da inspectoría, tornada desde logo em uma verdadeira missão. O inspector da instrucção pública não se limitava só a trazer em dia o expediente, em attender de prompto ás reclamações dos professores, como em recommendar aos delegados da instrucção para que os vigiassem e lhe communicassem com imparcialidade de como exerciam o magisterio. Relacionado com todos os seus subordinados, colhendo informações de pessoas consideradas das localidades e

dos diversos partidos politicos, possuia todos os dados para conhecer do procedimento dos professores, animar a uns, aconselhar a outros, reprehender os descuidados, e propor ao govêrno premios áquelles e castigos a estes. Acompanhava os conselhos e admoestações dos meios de melhorar a instrucção popular, contribuindo até de seu bolso, por uma vez, com a somma de 1:000\$000 de réis para a construcção de casa para a eschola da villa de S. Bento, cujo professor é um modêlo de pontualidade no cumprimento de seus deveres, e de esforços a bem do adiantamento de seus discipulos; e distribuindo gratuitamente e aos milhares pelas escholas da provincia compendios e obras de leitura util para serem dados aos alumnos que não tivessem posses para adquiril-os.

Eleito deputado á assembléa provincial de sua provincia natal em varias legislaturas, occupou em uma das suas sessões a cadeira presidencial, sendo que em todas ellas se distinguiu pela imparcialidade, elevação de idéas, e consciencia com que discutia os assumptos, e a honestidade com que se inclinava á boa causa, defendendo-a como sua propria, e votando com a justiça e acêrto que lhe indicava sua esclarecida razão, prudencia e recto proceder. As medidas por elle propostas, e algumas convertidas depois em leis, tendiam todas a reformar os regulamentos de instrucção pública e a melhorar a agricultura. Entre seus discursos, sempre attendidos pelas sans doutrinarias, que n'elles sustentava, e pela fluencia e castigado da phrase, sobresahe os que preferiu na sessão de 1859 por occasião de discutir-se uma proposta taxando as car-

nes verdes, e ao que se oppoz energicamente, desenvolvendo então inconfutaveis e solidos argumentos no sentido da liberdade de indústria e commercio.

III

A lenidade, a inclinação ao bem e ao amor do lar e da familia, predominavam e accentuavam o character de Antonio Marques Rodrigues, que tinha para si — na casa um paraíso, e em sua bibliotheca remansado e doce retiro. Conviver com meia duzia de amigos e parentes, que mantinham íntimas relações com elle, passar suas horas feridas com a mulher e com os livros, eram suas delicias; e por isso no momento em que viu quebrado um dos elos d'essa cadeia de affectuosidades e bemquerenças, fechou-se-lhe o coração, e d'ahi se originaram todos os males que o roubaram em hora asinha á patria.

Essa alma sensível e amovível ao ver por duas vezes vasio seu lar e seu thalamo, soffreu tão violento abalo, que as forças o desampararam e se entregou sem regresso á mais atroz e violenta dôr!

Desde que terminou a carreira academica consorciou-se com sua prima, que não soube, como já o disse, o que fossem cuidados e embaraços de casa; que seu tio e sogro, o sr. Joaquim Marques Rodrigues, não os quiz separados de si, agasalhando-os e satisfazendo seus menores desejos com a solícitude e generosidade que a amizade lhe inspiravam. Vivia Antonio Marques em um mundo de encantos,

encontrando n'esse tecto acariciador attentões e franqueza em quem se comprazia em lhe adivinhar os pensamentos para os executar e favonear, dando-se por pago com a mútua e ininterrupta affeição que os ligava tão estreitamente. Respirava assim o dr. Antonio Marques uma athmosphera de amores, deliciando-se da intimidade da esposa, cuja indole se afinava pela d'elle, conformando-se ella ás suas idéas e correspondendo ás intenções de seus bons sentimentos. D'esse viver ditoso, uniforme e calmo foi elle de chofre arrancado a 16 de janeiro de 1863, vendo sua companheira succumbir quasi de repente, ferida de uma hepate aguda! Tão rude transição, esse violento despenho em um abysmo de saudades perennaes e fundas o commoveu tanto que seu tio e mais amigos receiaram por sua saude a continuar na desconsolação e tristeza a que se abandonára. Só os raios de uma outra paixão teriam fôrça para illuminar as trévas do seu coração, e foi levado d'essa idéa que seu prèvidente tio procurou com o maior desvelo cortar-lhe o curso de seus tristes pensamentos, provocando-o a novos amores. Docil aos conselhos e instancias de quem sempre considerára como pae, entrou a frequentar com alguma assiduidade a casa do ex.^{mo} sr. commendador José Joaquim Vieira Belfort, que ficava mistica á sua. Ahi não só proporcionava-se-lhe desceremoniosa distração em uma selecta reunião familiar composta de cidadãos respeitaveis e de interessantes senhoras, como entrou a distinguir de entre as sobrinhas d'aquelle cavalheiro a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Thereza Belfort Roxo, cujas regulares e harmonicãs feições denunciavam uma alma

singela e compassiva, que consoantava em todos os pontos á do inconsolavel viuvo. Tocado por esse parecer honesto e attrahente e pelos termos com que o consolava e procurava distrahir-o, foram-se-lhe desvanecendo seus pezares. Dentro em pouco ateou-se em ambos a mais viva paixão, e a 12 de setembro d'esse mesmo anno (1863) achavam-se ligados esses dois corações pelos vinculos do matrimonio.

Com esse auspicioso enlace volveram para Antonio Marques felizes e ridentes dias, rejubilados ainda mais com o nascimento de uma filha, que veiu povoar e tornar cada hora mais encantado e aprasivel esse eden de' amor e de ventura. Concebeu de novo sua mulher, e aos incommodos proprios da gravidez accresceram outros, cujas manifestações e efeitos eram de mau agouro e oraculavam funestissimo fim. As alegrias e as esperanças que trazem para o coração de um esposo o nascimento de mais um filho, penhor e fructo do amor conjugal, transformaram-se para elle em desolação e lágrimas.

D. Maria Thereza deu á luz um menino, e pouco depois finou-se, victima da enfermidade que já a consumia! De que esplendor de luz e fagueiras illusões, onde divagava seu espirito, não foi Antonio Marques revocado para a mais cruel realidade, e assim arrojado por essa desgraça no inferno de Dante de onde não ha sahir?! Submerso nos agros pensamentos de tão immensa dor, não acertavam seus amigos e parentes consolações que lhe fossem lenitivo e lhe adoçassem as acerbas maguas que o acubrunhavam. O corpo definhava, a prostração progredia,

e as feições demudadas, os olhos empanados, o silencio e taciturnidade em que persistia, tudo induzia a crer nos prodromos de grave molestia nervosa. N'estas tristes e desesperadas emergencias, pareceu util aos que o estimavam uma viagem á Europa como diversão, e em abril de 1868 partiu na companhia do sr. dr. Augusto Roxo, que além de seu cunhado era medico. No Ceará appareceram-lhe symptomas precusores de amollecimento cerebral, confundidos com os accessos nervosos motivados do seu estado moral. Passando-se de Lisboa para o Porto, recolheu-se a Avintes para a casa de seu irmão, o ex.^{mo} sr. commendador Izidoro Marques Rodrigues, onde começou a experimentar passageiras melhoras. Seguindo depois para França, foi residir, em Paris, com outro irmão e companheiro de infancia, o sr. Francisco Marques Rodrigues; mas accommettido no Louvre de uma congestão, entrou o sr. dr. A. Roxo a lhe notar alteração nas faculdades intellectuaes¹: tudo

¹ Eis aqui na sua integra a nota que o sr. dr. Augusto Roxo teve a bondade de me enviar por interposta pessoa:

«Quando seguimos para Portugal, o meu cunhado dr. Antonio M. Rodrigues apenas soffria de manifestações nervosas dependentes da impressão forte, que havia tido com a morte de sua mulher.

«N'este estado chegou a Lisboa, tendo o uso perfeito de suas faculdades intellectuaes, e d'essa cidade partiu commigo para o Porto, e d'ali para Avintes, onde mora o seu mano, o commendador Izidoro M. Rodrigues.

«N'esta casa demorei-me com elle quinze dias e parti para Paris, deixando-o melhor de seus incommodos nervosos, tendo sempre o uso perfeito da rasão. Depois de estar já ha mezes em Paris soube que elle havia ahi chegado, e logo fui visita-lo: era o mesmo ho-

o contrariava e irritava, e a memória se lhe enfraquecia de dia a dia. De tornada a Lisboa em fins de 1868, havia n'elle completa metamorphose, e a tenue luz de razão que ainda bruxoleava, já o não podia guiar, e nem já ligava idéas, ou tinha nexo o que dizia.

Levou-o o ex.^{mo} sr. commendador Izidoro para Avintes, onde foram baldados seus esforços e incessantes cuidados para ao menos conseguir que melhorasse ou fosse retardada a marcha fatal de tão funesta e triste enfermidade. Ahi, na quinta de Aranda, antigo solar de seus paes, onde na mocidade folgou com outros mancebos, agora vegetava e deperecia! Á cegueira do entendimento seguiu-se a dos olhos — trévas por fóra e por dentro! Louco e cego, era qual palmeira queimada e carcomida ainda de pé em meio do roçado, e que só espera a primeira rajada do vendaval que a fará tombar desfeita em pedaços. Seus dias já inuteis para a patria, para os ami-

«mem; mas infelizmente estando com elle dias depois em minha «casa, onde foi ver-me, achei-o mudado e soube dias depois, por in- «formações, que havia tido um ataque no Louvre, e notei então «que suas faculdades estavam um pouco alteradas.

«A ultima vez que o vi, foi a bordo do vapor vindo de passagem «para Lisboa, e por essa occasião já eram bem claros os symptomas «de amolecimento cerebral, tendo tido a bordo algumas pequenas «congestões.

«Chegando a Lisboa, o commendador Izidoro veio buscá-lo a bor- «do, e d'ali o dr. Antonio Marques o seguiu, mostrando-se saudoso e «despedindo-se de mim, e dos companheiros de viagem, que sem- «pre o tractaram com respeito e delicadeza.»

12 de janeiro de 1874.

DR. A. Roxo.

gos e para si, eram na successão do tempo motivo unicamente para compaixão e tristeza dos que o visitavam e cuidavam. Chegado ao estado de idiotismo, esse espirito mutilado pertencia mais á morte, que a 14 de abril de 1873 o acabou de separar de todo de um corpo quasi cadaver, e que foi sepultado na capella d'essa quinta, ultimo asylo de sua incompleta existencia.

IV

A agricultura, principal e quasi unica fonte de riqueza e prosperidade do nosso paiz, ainda novo, com grande parte de suas terras virgens de cultura, e quasi todo elle fertilissimo, vae apesar de tudo isso em rapida e progressiva decadencia, sendo mais sensivel esse definhamento e marasmo na provincia do Maranhão; porque lhe vão rreando os braços, porque lhe faltam capitaes e desconhece as leis economicas de produzir muito com o emprêgo de poucas fôrças, e porque persiste no systema primitivo de processos rotineiros, grosseiros, pouco remuneradores, e que só a puro esfôrço de muitos braços dão resultados vantajosos, sendo de mais ainda hoje os mesmos adoptados pelos primeiros colonisadores. Quando aquelle nervo do commércio e da indústria não funciona com a inteireza e plenitude de sua vitalidade, estes soffrem em suas relações, e a ruina e a miseria serão seus effeitos naturaes e logicos, e os capitaes, sangue da civilisação e môla do progresso, tenderão a desaparecer, minguados

cada vez mais por lhes carecerem elementos tão essenciaes. E o povo entregue ao mais criminoso fatalismo, como o selvagem que, quando não pôde vencer a corrente, quebra o remo e deixa a piroga boiar á mercê do acaso, assim queda, cruza os braços e aguarda o remedio da Providencia ou da iniciativa do govêrno, sem attender a que suas condições peioram e os males crescem, apropinquando-se ameaçadora e terrivel a crise alimenticia, já renunciada pela monetaria, sua precursora. Prestes a desabar o furacão sobre nossas cabeças, nem por isso noto que curemos de minorar os perniciosos effeitos do progressivo enfraquecimento da producção com adoptar machinas que auxiliem os esforços braçaes, e com dar maior incremento á indústria pastoril, de facil e economico custo, e que paga os cuidados do proprietario, como é sabido, e o demonstra cabalmente o exemplo de outros povos, sobretudo da Hollanda¹; quer com explorar e desenvolver tantas e tão copiosas riquezas naturaes — as madeiras de construcção, de marcenaria e de tinturaria, a baunilha, o urucú, a cera de carnahuba, o sebo vegetal, as gomas e resinas, os fructos e sementes oleosos, as pelles — em que abunda o nosso sólo e que dispensam suores e capitaes!

Desde 1846 que Joaquim Franco de Sá com a pala-

¹ Nos *Paizes* de 1874 a 1875 vem publicada a — *Economia rural da Neerlandia* —, habil e portuguezmente vertida pelo traductor do *Paris na America* e de outros escriptos de igual valia que correm sem o nome do traductor. É um serviço real prestado aos nossos agricultores, assim se aproveitem de tão uteis lições!

vra e o prestigio da authoridade, e os srs. drs. Fabio A. de Carvalho Reis e A. Theofilo de Carvalho Leal na tribuna provincial e na imprensa, e este não só em ambas, e mais com o exemplo práctico, e o sr. dr. A. Rego propondo na assembléa provincial a creação de uma eschola de aprendizes agricolas e de uma colonia de pescadores, teem procurado desfazer a borrasca que de muito anteviam, ou sequer quebrar-lhe a violencia, tornando menos sensível a perturbação economica que já despontava, e que se me afigura profunda, invencível e desoladora, se a população de minha provincia, ainda tão cheia de recursos, não forcejar compacta, resoluta e perseverante por sahir d'esse torpor e desalento, como de tão pessima e perigosa situação, lançando mão não de remedios empiricos e palliativos, mas da cultura intelligente, civilisada e alterna, da substituição de braços por machinas, do abandono do seu ruinoso systema por processos seguidos em paizes onde a agricultura está mui aperfeiçoada, da attracção de emigrantes por todos os meios e modos, com perseverança, e segundo um systema fixo, tendo por guias os anglo-saxões, mestres na materia de colonisação, da fundação de instituições de credito real que offereça capitaes aos agricultores a juros modicos e com reformas e pagamento a prazos longos e demorados¹.

¹ Cabe aqui render louvores ao sr. Martinus Hoyer por ter iniciado a creação de um banco rural e hypothecario no Maranhão, mas cujos estatutos não foram approvados pelo governo central sob o injustificavel pretexto de ter em vista um banco geral para o mesmo fim, com filiaes nas provincias; como tambem pela util publicação de

Quando, porém, me sinto mais atterrado e quasi descreio de salvação para nós, vem-me alentar a idéa de que a necessidade, que dá energia e valor, aguça a intelligencia e faz prodigios, operará um milagre, e assim, quando a crise approximar-se medonha e despiedada, e a fome e a miseria assentarem-se em nossas portas, o agricultor sacudirá a inercia e a incuria que o avassallam, e confiará á terra cabedaes e cuidados, exigindo d'ella em retorno, como de devedor remisso, principal e juros. Espero-me que virá a acontecer a nós o mesmo que já em identicas circumstancias e em peiores condições se deu em outros paizes. Ahi estão as colonias inglezas e francezas, possuidoras de escravos, e que tambem passaram por uma quadra de miseria e de marasmo, e nem a cessação do trafico, nem a libertação dos escravos aniquilou sua agricultura, antes as Bermudas, Antigoa, a ilha da Reunião, a Martinica e a Jamaica, depois de haverem soffrido nos primeiros momentos, teem melhorado e augmentado suas producções, e isto graças aos processos aperfeiçoados, ao aproveitamento do tempo e ao emprêgo intelligente de adubos e instrumentos, vindo d'est'arte o sólo, que entre nós não pôde representar capital, a ser alli garantia segura de credito.

Outro mal que nos afflige é o absenteismo da mór parte

seus *Estudos sobre as instituições de credito real*, onde são expostos com toda a clareza e muito talento as theorias de credito real e seu mechanismo, os males do papel-moeda, da rotina na lavoura, etc. Realçam ainda mais os meritos d'este trabalho o ter cõrrido seu author com as despesas de sua impressão e distribuill-o gratuitamente.

de nossos proprietarios ruraes, que vivem nas cidades a consumirem os productos de suas colheitas e a indvidarem-se em vez de ficarem á testa de seus estabelecimentos, que produzirão mais e melhor sob a administração do dono, e medrarão espantosamente com os capitaes que resultarão de suas economias, e serão utilmente applicados a melhora-los.

Á mingua, porém, dos braços, á falta de um banco rural e hypothecario, que empreste á lavoura com as vantagens que lhe são peculiares, á ignorancia e indolencia da maioria dos nossos agricultores, vem acrescentar-se a concorrência de productos similares dos Estados Unidos, do Egypto, das colonias inglezas e hollandezas nos mercados da Europa, concorrência com que não podemos competir e lutar em qualidade e preço, no que nos levam de vencida e nos afugentam e privam de taes meios de permuta. Ao passo que em muitos d'aquelles paizes favorece á agricultura a modicidade dos salarios, a facilidade de obterem-se capitaes, a livre sahida dos generos e leves direitos de importação, está essa indústria no nosso Brasil sobrecarregada de impostos de toda a especie, sendo tributados até productos que brotam espontaneos, e que conviria antes proteger, ao menos aos que não fossem conhecidos e utilizados fóra do paiz. A consequencia d'esse errado caminho? É o abandono da cultura de generos que, com produzirem abundantemente, nem assim a sua venda cobre as despezas do seu custeio. Nós que exportavamos, do Maranhão, arroz para o estrangeiro e abasteciamos d'elle algumas das provincias do

imperio, já o temos importado de Inglaterra para o nosso consumo, e em Pernambuco e provincias convizinhas se tem deixado de colher algodão por se não auferir d'elle lucro, deduzidos os gastos de preparo, de venda e dos direitos de exportação! E os poderes do estado não teem attentado n'estas circumstancias, e nem tão pouco souberam ou quizeram aproveitar o grande augmento que tiveram as rendas públicas n'estes annos, para minorarem certos impostos e extinguir outros! Ao revez d'isso, folgaram com essa apparencia de prosperidade, e julgando que tal abundancia seria continua, só tractaram de desperdiçar os saldos existentes depois da guerra do Paraguay, augmentando as despezas administrativas, creando novos encargos e estipendiando com mão larga estes e os antigos. Se me antolham por tudo isso carregados e negros os horisontes da patria, e permitta Deus que as idéas e presentimentos que me opprimem o coração não passem de um mau sonho de quem está muito longe dos acontecimentos para devidamente os avaliar! . . .

Antonio Marques Rodrigues foi tambem paladino das boas idéas de progresso e tambem lidou a favor da lavoura aperfeiçoada e productiva, tambem elle no *Diario do Maranhão*, e depois no *Globo* (1856 a 1858) tornou-se incançavel e entusiasta apostolo das doutrinas modernas de economia rural, aconselhando aos agricultores; indicando-lhes os meios de acabar com tão nocivo atrazo e de melhorar suas condições; demonstrando-lhes as vantagens do systema aratorio, do emprêgo do estrume, das machinas e dos methodos racionaes de cultura, tão distan-

ciados e oppostos á extinção das mattas pelo machado e pelo fogo, que empobrece o terreno em pouco tempo, e obriga o agricultor a ir de destruição em destruição de tantas riquezas vegetaes, marcando pelas ruinas que deixa após si o campo onde assentou suas tendas provisórias para se internar cada vez mais pelas brenhas a dentro, longe de povoados e arredado dos rios, d'essas vias naturaes de transporte e communicações. O nosso agricultor, insaciavel beduino de nova especie, nunca pôde d'esta guiza crear uma propriedade rural, estavel, fixa, com todos os gozos proprios á vida campestre, com habitações solidas e elegantes e que tenham um valor real e hypothecavel, que se transmita de paes a filhos, e que com o volver do tempo vá creando raizes e representando de anno para anno um capital maior pela accumulção dos beneficios.

Esses artigos de Antonio Marques obtiveram de Francisco Sotero dos Reis, um dos nossos periodiquistas mais respeitaveis, e encanecido litterato, esta lisongeira apreciação no n.º 29 do *Publicador Maranhense* de 5 de fevereiro de 1861: «Apparecêrão então no *Globo* e na *Imprensa* artigos tão bem escriptos que farião honra aos melhores jornaes dos paizes mais cultos. Os do *Globo*, devidos á penna do sr. dr. Antonio Marques Rodrigues, versavão sobre o desenvolvimento da nossa agricultura e forão pelo seu merito transcriptos nos jornaes mais acreditados do imperio ». (Vid. *A História da Imprensa Provincial* no jornal cit.) Grande parte d'elles foram em 1859 colleccionados, ampliados e publicados por seu author,

como introdução ao *Manual do Plantador de algodão* de Turner, traduzido do inglez pelo sr. dr. J. R. Jauffret; e editado por ambos. Tem esse trabalho de Antonio Marques por titulo — *Duas palavras sobre a nossa agricultura.*

Ahi se acham compendiadas em substancia suas idéas capitaes sobre assumpto de tanta magnitude e intêresse para nós maranhenses. Serve-lhe como de these o principio de que «pela agricultura é facil observar-se o estado prospero, a indole, os costumes, a indústria, emfim «a civilisação de qualquer povo. Aonde a agricultura é «considerada como sciencia, aonde a sinceridade e a iniciativa do govêrno coadjuvam os esforços particulares, «aonde a instrucção professional e as boas machinas economicomizam capital e trabalho, ahi, sem dúvida, existe a riqueza, o credito, o verdadeiro progresso.» Confirma depois com o exemplo das nações, que teem hodiernamente attingido a tão subido grau de prosperidade, seguindo-o com exemplar tenacidade, e com aquella paciencia e resolução que vence travezés e resistencias.

Os meios que lhe pareciam mais consentaneos á situação economica da provincia e efficazes para erguer a nossa agricultura do abatimento que a prostra, consistiam principalmente em «uma boa colonisação europêa convidada «pelos particulares e pelo govêrno — a introdução do «systema aratorio pelos colonos e pelos nossos lavradores — e a escola de aprendizes agricolas practicos são «por ora os tres unicos e poderosos meios que podem vivificar de um modo directo a nossa decadente agricul-

«tura. Ha tambem outros meios, que indirectamente e «mais tarde apresentarão os mesmos resultados. N'esse «número consideramos a organização administrativa, o «ensino, as vias de communicação, o credito, os seguros, «as sociedades, as commissões, os jornaes e os livros «agricolas, e tambem, como já dissemos, a legislação, a «policia e as exposições.» (Pag. 28 do *Man. do plant. d'alg.*)

Não se paga só com estabelecer estas doutrinas, como as desinvolve, as explica, e demonstra com argumentos estribados na experiencia e resultados colhidos em outros paizes, na boa rasão e no que ensina a sciencia, e para dar mais fôrça ás suas proposições acompanha-as de judiciosas observações, que serão algum dia acceitas e comprehendidas pelos nossos agricultores com tanta maior facilidade quanto estão apresentadas essas verdades em estylo chão, claro e correntio.

Em tempos em que ainda era crime ante os olhos dos interessados, isto é, da maioria da população, tocar-se na questão melindrosa da emancipação dos escravos, elle a aventa, encarando a colopisação europêa não tanto de baixo do ponto de vista do augmento da população e de fornecer braços á lavoura, como de absorpção da escravaria: «Do caminhar paralelo e simultaneo do progresso «material, intellectual e moral, diz elle, é que surge a «verdadeira civilisação, e no estado actual do seculo o «povo brasileiro ainda tem contra si o pernicioso cancro «da escravaria, que será extirpado quando a colonisação «em grande escala ou uma numerosa população livre ab-

«sorver a escrava em menor numero. Nas cidades a população livre permanece como ociosa, o trabalho envilecido, e o braço escravo suppre nas artes e officios as necessidades da vida.» (*Loc. cit.*, pag. 8.)

Contesta a utilidade da colonisação nacional por parecer-lhe inexequível em um paiz onde a população encontra na caça e na pesca recursos sufficientes para alimentar-se, e no clima tantos incentivos á indolencia. N'estes termos concisos e caracteristicos resume a vida descuidosa e facil dos nossos homens do campo: «Quatro paus «fincados na terra, pindoba em vez de telhas, meaçabas «em vez de paredes, cipó em vez de pregos, uma rede, «uma espingarda, um anzol, um ramo de timbó, dous pés «de bananeira e o coco do mato dão-lhes fructos, caça, «pesca, descanso, abrigo, e permanente ociosidade. D'ahi «nasce e cresce uma população indolente, inutil, vagabunda, e que não possui a nobre independencia adquirida «pela economia e trabalho. Taes são os factos genericos «que a escravidão produz em contacto com a liberdade.» (*Id. ib.*)

Em menos palavras e com mais exactidão, repitto, se não póde descrever a vida do nosso camponio.

Passando dos males materiaes aos moraes, gerados da escravidão, não por certo é menos expressivo e fiel como se verá d'este trecho: «Os factos moraes são «do mesmo modo perigosos: o senhor, acostumado a «ver o escravo curvar ao menor aceno a cabeça, adquire «natural e insensivelmente qualidades mais ou menos «caprichosas, colericas, sanguinarias, e, no remanso da

«familia, os meninos familiarisam-se e innervam-se com estes deploraveis exemplos, aprendem a balbuciar com os escravos palavras descompostas, e mais tarde quotidianamente observam atrevidas immoralidades.» (*Id. ib.*)

Não ha que replicar a tão sensatas reflexões.

«Se não vemos ordinariamente, continúa elle, em nossa patria os obscenos e horrorosos dramas da sociedade pagã, é porque uma luz purissima nos esclarece, e a doutrina do Homem Deus nos recommenda a castidade severa, e nos convence que o branco e o preto, o senhor e o escravo descendem todos de um tronco commum.» (*Id. ib.*)

Examinando as causas naturaes e artificiaes por que não existe no Maranhão a colonisação de iniciativa particular e não progride a do govêrno, enumera-as rapidamente e ventila os meios que lhe parecem idoneos para se fundarem colonias; mas que pelo conhecimento que hoje possuo de materia tão complexa tenho-os por defectivos, como o demonstrarei em outra occasião e estudo apropriado a ella. Ao concluir essas trinta e seis páginas de tanto ensino, aproveitamento e aprazivel leitura, como que lhe passa pelo espirito uma visão, e com o enthusiasmo ardente do patriota sincero e convicto que descortina no futuro horisontes deslumbrantes e risinhos, exclama:

«Duplicada ou triplicada a producção agricola, as rendas públicas augmentariam na mesma proporção, e haveria magestoso desenvolvimento na instrucção pública, na edificação dos templos, na construcção de pontes e aberturas d'estrada, na fundação de colonias

«estrangeiras e nacionaes, na navegação fluvial a vapor. «A indústria e o commércio vivificariam o trabalho nacional, e nos centros das nossas florestas, e nas margens dos nossos rios, hoje pobres, desertas e silenciosas, surgiriam como por encanto ricas herdades, povoações, aldeias, villas e cidades.» (*Loc. cit.*, pag. 36.)

Não anhela no entanto a glória de haver contribuído para uma situação tão prospera, como se lhe prefigura, senão a íntima satisfação de viver até esse dia formoso da felicidade commum para admiral-o e poder repetir o que em outra parte escreveu o exímio dr. Antonio Ferreira:

Eu d'esta glória só fico contente,
Que a minha terra amei e a minha gente.

(*Id. Ib.*)

N'este periodo, digno fecho de tão util estudo, revela-se inteiro o homem que desdobra sem reholhos nem reserva sua alma nobre e bem formada, e patentêa tão bons sentimentos com aquella lisura e franqueza de quem não mede nem calcula suas palavras que pela estimativa de seu patriotismo.

Além da edição da *História de Carlos XII* e de *Gil Braz de Santilhana*, que correram por sua conta, da traducção da *Vida de Horacio Nelson* por Forgues, que foram todas postas á venda por preços modicissimos, a fim de ter facil accesso na casa do pobre, publicou o seu *Livro do Povo*, destinado, como o titulo o indica, para a instrucção de todas as classes sociaes, e cuja excellencia e barateza o attesta a rapida extracção de tantas e tão crescidas edições. É isso de facto uma novidade, quer se

attenda ao preço de 400 réis da nossa moeda por um volume de perto de 300 páginas em typo compacto e intercalado de muitas gravuras, quer aos assumptos que contém.

Eis por sua ordem o que encerra essa obrinha: *Vida de Christo* pelo padre Roquete, *O vigario*, a descripção de alguns mammiferos, *O bom homem Ricardo* de B. Franklin, descripção d'algumas aves e reptis, o professor primario, moral práctica, evangelho de lavradores, maximas e sentenças, regras de hygiene, os astros, extracto de Simão de Nantua e uma chorographia summarissima do Brasil. Se não acharem criticos mofinos outros predicamentos n'esta collecção, não poderão certo negar ao dr. Antonio Marques Rodrigues o merito da escolha e compilação d'este excellente excerpto de varios authores reconhecidos como moralistas, bem assim a boa idéa de vulgarisar tão salutaes doutrinas.

Antonio Marques devanejava tambem na sua mocidade pelos campos da litteratura amena, especialmente da poesia. Sei d'elle, afóra — *Rodolpho Topffer*, *esboço critico-literario*, em prosa, os ensaios poeticos que então compoz e que se acham colleccionados nas — *Tres Lyras* — volume publicado por Bellarmino de Mattos em 1861. Notam-se em seus versos ausencia d'imagens e do fogo vivo de uma imaginação exaltada; mas em compensação são mui correctos, bem metrificados e de uma singeleza e doçura admiraveis. Na pag. 281 do tom. viii do *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva depara-se com esta noticia a respeito do merecimento de Antonio Marques como poeta: «Em 1855 publicou no *Pa-*

«*norama* (de Lisboa) algumas de suas poesias lyricas, e
 «n'esse jornal foi apresentado ao público pelo sr. Ale-
 «xandre Herculano, o qual na sua imparcial e animadora
 «critica exprime-se por este modo: — Não sei se me en-
 «gano, porque ha muitos annos que outros estudos me
 «distrahiram do culto das musas; mas parece-me que no
 «sr. Marques Rodrigues tem em breve o Brasil mais um
 «poeta distincto. Antevê-lo é para mim altamente apra-
 «sível; porque folgo com tudo o que póde contribuir
 «para a grandeza e glória de um paiz, no qual tenho co-
 «mo escriptor encontrado tanta benevolencia quanta a
 «posso dever aos meus proprios concidadãos.»

No seu — *Brasil* — (pag. 67) mostra-se patriota fanatico
 e entusiasta, e acha que

... virgens, e homens e mares,
 E tudo que vive na terra, nos ares,
 É bello, é sublime no patrio Brasil.

Na *Resurreição* (pag. 71) são de um bello effeito os
 versos esdruxulos e longos alternando-se, e o *Curupira*
 (pag. 100) é uma lenda onde abunda a côr local; mas o
 que o distingue e dá maior glória ao nome de Antonio
 Marques Rodrigues, e o recommenda á posteridade é a
 dedicação com que se entregava a auxiliar e derramar a
 instrucção popular, e a propagar todas as idéas sanctas
 de moral e religião.

Elle que tinha a bolsa aberta para soccorrer o men-
 digo, e dava pão ao que se lhe abeirava com fome, abria
 por igual de par em par seus thesouros intellectuaes, e
 reflectia a luz do espirito por onde quer que havia trevas.

DOUTOR FREI CUSTODIO ALVES SERRÃO

Era o seu mundo esse, e a vida serena, calada, melancolica, balançava-lhe suavemente n'essas affeições do retiro.

(A. HERCULANO—*Opusculos*, tom. II, pag. 447—1873.)

I

Nasceu o christianismo no Oriente onde teve seu incubulo a humanidade, e d'ahi espalharam-se por todo o orbe as sacrosantas e purissimas doutrinas do Evangelho, que o esclarecem com sua luz serena e vivificadora — luz de liberdade, luz de paz e de amor, luz que progressa sem deixar na escuridão nada onde quer que penetrou ou apenas perpassou.

O Oriente, onde superabunda brilho no sol, calor na atmospheria, vegetação na terra, vida nos entes, perfume nas plantas, paixões nos homens, ha tambem nimia sensibilidade nos sentidos e muito ardor em manifestar suas sensações, que tumultuam e irrompem violentas, requeimando sensualidade até mesmo nos gozos e produções do espirito. O sentimento religioso não podia aberrar d'essa modalidade, nem estar em desharmonia com tudo quanto o envolve n'essas regiões, antes ha alli seitas

onde o culto é levado aos extremos ainda do sacrificio da propria existencia, havendo crentes que fazem d'elle sua idéa fixa e unica, e criam para si um mundo celestial todo povoado de imagens phantasticas. É a terra por excellência do ascetismo, e nem podia deixar de o ser; e os bonzos, os derviches e os fakirs, evitando todo o contacto mundano, buscam no ermo dos desertos a solidão e o silencio, e nas grutas e cavernas cenobios sombrios e pavorosos, onde esquecidos de tudo e desprezando quanto os possa distrahir de seus sonhos, a elles, para quem são prazer supremo os extasis que os põem em relação com aquellas ficções devaneadas por sua escandecida imaginação, turbada e super-excitada, como todo o systema nervoso, dos jejuns, das macerações e dos cilicios. Á imitação das prácticas d'essas seitas, e pelo mesmo influxo, tiveram ahi origem as nossas communitades religiosas.

Os antros e rochedos da Thebaida foram excellentes coutos para as preferencias dos primeiros ascetas, entre os quaes occupa proeminente lugar S. Paulo-o-eremita. Mais tarde, a imperiosa condição da nossa natureza, que nos obriga a vivermos em commum, foi approximando os cenobitas até que no seculo iv estabeleceu S. Pacomio conventos regulares, onde viviam do que esmolavam.

Chegou a barbaria e a violencia dos invasores do norte, e a fé pura e viva dos sectarios das novas doutrinas tornou como que uma necessidade novas fundações d'esses refugios. No seguinte seculo propagou-se a instituição do Oriente para a Europa Occidental e implantou-se em Roma, quando ainda ahi era acceito o paganismo; mas é a

S. Bento, é ao solitario de Subiaco, que devem as ordens monasticas os fundamentos de regras mais compativeis ás idéas evangelicas e por ellas pautadas. É essa ordem que, segundo Michelet, dá o primeiro exemplo do trabalho executado por mãos livres.

As perseguições a que estavam expostos, a fé ardente e a pureza das crenças que assenhoreavam a christandade, e por outro lado as apparencias de devoção, de recolhimento e de tranquillidade de que se revestia o monachismo, eis cogentes attractivos que convidavam á vida religiosa homens de todas as condições. Como não seriam seduzidas por tal instituição as almas simples dos campeões dedicados ás armas e em guerra com os infieis? A mesma perspectiva dos mosteiros e sua situação os havia de captivar: em umbroso e vasto pomar estendido em fertil valle torreava soberbo o edificio que já por sua architectura severa e grandiosa impunha respeito, emquanto que aqui, ou ali, na encosta de alguma collina pittoresca e socegada sorria modesto hospicio. Era pois de presumir reinasse n'essas mansões a paz de espirito e a mudéz associados aos exercicios religiosos e á práctica de todas as virtudes evangelicas. Quem tinha maguas a esquecer, dôres a mitigar, paixões a amortecer, illusões perdidas e injustiças a deplorar recolhia-se a essas casas que considerava como acolheita segura, senão tumulo onde sepultar todo o seu passado, desgostoso do mundo onde deixára ou cumpria deixar as ambições e interesses individuaes. Ao franquear os umbraes dos conventos começava para elle outra existencia, mudado até o nome

por que era conhecido no século; e com o pensamento em Deus procurava sómente purificar-se nas orações e mais prácticas conventuaes. Além d'essa caudalosa corrente que derivava para as ordens religiosas, povoando os mosteiros, havia outra não menos forte — a dos filhos segundos das casas poderosas que as ambições morganticas e os interesses de familia compelliam a professar. Grande parte, porém, de seus habitantes era composta dos ociosos de todas as classes que os consideravam como adequados asylos onde cevar e expandir seus vicios.

Os votos de pobreza, de castidade e de obediencia, que os religiosos juravam manter, foram as principaes causas de decadencia e descredito das ordens. As solturas e os abusos que fomentavam as immensas riquezas que já no seculo XIII haviam ellas accumulado, levantaram tão altos clamores no proprio seio da igreja, que esta tentou cohibir taes desordens decretando por muitas vezes canones regulamentares; mas que por sua mesma frequencia provavam quanto eram desattendidos! Então appareceram as ordens mendicantes como dique a taes escandalos, remedio a esses corpos cariados e admoestação aos esquecidos de seu sancto mister; mas o mysticismo que era os elementos d'essas ordens fel-as por isso mesmo tambem cabir em erros gravissimos e fataes, indo a intolerancia dos dominicos até os horrores da inquisição!

Sé as riquezas e a ociosidade desenvolveram os desgredientos e execraveis vicios de que são accusadas com toda a justiça as communidades religiosas, tambem foram causa para que aquelles que se davam ás lettras e ás scien-

cias encontrassem ahí largos meios e tempo fôrro de as cultivar e se aperfeiçoar n'ellas. Ao passo que os frades devassos e enfrascados em todos os gozos sensuaes despendiam avultadas sommas em lisongear suas paixões, os poucos eruditos e cultores das artes e letras se applicavam a restaurar obras primas e raras com a indefessa e corajosa paciencia de que só elles eram capazes, e a desenvolver as artes estimulando os artistas com renumerações e premios. Nos seculos xvi e xvii foi quando tocaram ao apogeu da sua gloria, sobretudo os beneditinos, que mais que todas as ordens se empenharam na cultura do espirito.

Não se contentando, porém, a theocracia com a numerosa milicia dos conventos, empreheu escravisar por sua intervenção d'esta o genero humano, guiando as novas gerações e reduzindo-as ao *cretinismo* intellectual, e d'esta guiza se estabeleceram escholas nos claustros e se propoz o clero monopolisar o ensino.

Não contava com as evoluções do progresso, e no dia em que raiou a imprensa, n'esse dia foi marcado o declinar do imperio da curia romana e decretada a morte do monachismo; porque estava concluida sua obra d'este na edade media— salvar as letras e artes da devastação das hordas barbaras, e abrandar a estas e unificar-as pelos laços da religião. A imprensa, a verdadeira palangenesia das letras e das sciencias e de todo o progresso, matou a instituição monachal que, decabindo na razão directa da effusão das luzes, tornou-se inutil, tornou-se um attentado contra a civilisação, contra os costumes, contra a familia

e contra a actividade humana. Contribuíram ainda mais para sua ruina as rivalidades entre franciscanos e dominicos, e entre estes e os jesuitas, constituindo-se inimigos irreconciliaveis, e passando a escandalisar o mundo com as immoralissimas contestações que entre si travavam. Protestando o dominico Savanarola do seu convento de Florença contra os excessos d'estes desvios e as accumulações de riquezas do clero, foi queimado em 1499, e d'essa fogueira floriu o germen da Reforma, que no seculo xvi teve em Luthero seu fervoroso apostolo. De todos é sabido que foi o pomo da discordia a venda de indulgencias concedida em 1517 aos dominicos, por Leão X e de que abusou Hetzel de um modo demasiado affrontoso. A indignação, senão a inveja, como é muito provavel, que semelhante favor e seu descomedimento provocou nos religiosos de Sant'Agostinho, instigaram Luthero a sahir ao encontro de tantas demasias, profligando-as do pulpito e da imprensa. Dado o primeiro passo no es-corregadio plano da desobediencia, não havia recuar d'elle sem resvalar-lhe a cabeça dos hombros ou arderem-lhe as carnes nas chammas ; portanto não hesitou, nem repousou o rebelde agostiniano, atacando os conventos na sua essencia, prégando e escrevendo em 1420 contra os votos monasticos, e especialmente contra o celibato.

Combattidas as ordens religiosas por toda a parte, suprimidas em alguns estados em razão dos muitos escandalos, foi em 1537 reconhecida pelo proprio pontifice a necessidade de as refrear declarando no concilio de Vienna «que era com bastante dôr que reconhecemos que ha

«grandes desordens nas casas religiosas, desordens tão «públicas que até offendem sobremaneira aos proprios «seculares. É por tanto nosso parecer, continuava, que se «devem *abolir os conventos*, não ás subitas mas lentamente, etc.» De vivenda outr'ora do estudo, do mysticismo, da calma e da paz, se tornaram os conventos viveiros da mais desbragada ociosidade, dos prazeres sensuaes em todos os sentidos, da perversão moral, e o claustro de synthesis da idade media tornou-se mera formula da theologia e guarda pretoriana da Santa Sé, com quanto desprestigiada e condemnada pela parte sensata e pensadora da humanidade.

Foi assim na decadencia que se transplantou a semente d'essa arvore de sombra e de fructos nocivos, e já enferma para o solo da America san e isempta de contagios incuraveis, que exauriam a fôrça vital da Europa. A philosophia, no seculo passado, começou com destruidor e irresistivel camartello a demolir essa, como tambem outras instituições gastas, absurdas e iniquas, que apesar d'isso foram por mais de doze seculos merecedoras da admiração, dos encomios e da veneração das gentes incultas que viam n'ellas só o lado brilhante que aos religiosos, seus guias espirituaes e preceptores, convinha mostrar-lhes. Mas as censuras de homens eminentes por virtudes e letras erguiam-se para verberarem com vigor a licenciosidade e influencia malefica das ordens religiosas, e darem a conhecer que essas colonias incapacitavam pelo celibato e voto de castidade a crescido número de homens válidos sequestrados á vida de familia e aos sagrados laços da fra-

ternidade, immobilisavam riquezas avultadas e alimentavam a preguiça e o relaxismo com todo seu cortejo de immoralidades.

Os amoucos da theocracia, esses afferrosos defensores de tudo quanto é escravidão, preconceitos e passado, embora mau e caduco, uns por curteza de idéas, outros por hypocrisia ou ignorancia, são todos louvores pelo ensino dado ao povo pelos cléricaes, e se esforçam por ver a instrução pública monopolisada por elles, que serviam-se e hão de sempre servir-se da eschola para tyrannisar a intelligencia obscurecendo-a com a superstição, para amedrontar a consciencia com os terrores da vida futura, e rebaixar a dignidade humana pela obediencia sem exame nem hesitações. Deplóro do fundo da alma esses que, obdurados e impenitentes cerram obstinadamente os olhos á lição da história que ensina que é um êrro fatal e grave perigo entregar nossos filhos a homens que lhe não podem inculcar o amor da patria, porque sua patria é Roma, e seu rei o papa, e que, inimigos natos de tudo quanto é liberdade por contrariar e destruir os preceitos da reacção catholica, cuja é o principal e porque mais lidam — a conservação do dominio da egreja. Por isso ninguém se illuda com seus refalsados protestos; que hão de pôr em prática, todas as vezes que o podérem, suas doutrinas perniciosas e contrárias á marcha progressiva da humanidade, porque vae n'isso seu interêsse.

Se o mundo pudesse retrogradar a fim de aceitar tão obnoxios principios, certo que retrotrahir-nos-iam os ultramontanos ao obscurantismo e servidão dos seculos xiii,

xiv, xv e xvi; e os homens, afeiçoados em taes doutrinas seriam antes mumias do passado, ou esqueletos moraes sem razão, sem vontade e sem consciencia san; mas mercê do progresso que o — *eppure se muove!* — esse grito de agonia arrancado a Galiléu pela tortura da inquisição e arremessado, como injúria pela convicção da verdade, contra seus ferozes perseguidores—é um brado de condemnação, que atroa constante aos ouvidos dos reactores como remorso e vingança—e tambem um lemma escripto na bandeira dos homens do futuro — afirmando que o mundo caminha!

Não desconheço, todavia, que o monachismo teve sua utilidade e razão de ser, produzindo os resultados que lhe foram assignalados pela Providencia, como tambem os teve o despotismo, quer consolidando as leis, quer de mãos dadas com a theocracia firmando e consolidando a unidade na sociedade retalhada pelo feudalismo, regimen ainda mais oppressor e mais barbaro e que ambos combatteram e destruíram. Mas porque foram em remotas eras uteis as ordens religiosas, devemos hoje esforçar-nos pela restauração' de instituições que são hostis e nocivas, e repugnam sobreposse á civilisação e ás idéas do século, que negam e repellem? Então porque das ruinas dos terremotos e das cinzas dos incendios surgem mais formosas e regulares as cidades; com as epidemias mortíferas se estudam e decretam medidas salutaes de hygiene pública; e os raios e as tempestades purificam a atmosphaera, embora causem prejuizos e mortes, segue-se que devemos desejar e agradecer a apparição de taes calamidades?

Só porque as ordens religiosas prestaram serviços, e coadjuvaram em um dado tempo o progresso da humanidade, e impor-nos-ha uma cega e restricta gratidão que lhe sacrificuemos *hoje* com a actual geração o nosso futuro? Senão é rematada estulticia, quando menos imperdoavel contrasenso.

Demais a sciencia nem o ensino deve ou póde ter character religioso, e nem ao padre convem sahir de dentro da sua esphera — da Egreja, poisque ahi, só ahi incumbe-lhe exercer suas altas funcções — e todas as vezes que as transcender, ninguem o respeitará, perdida a sanctidade de sua augusta missão e confundido nos interêsses com as outras classes sociaes.

Se é prejudicial ao sacerdocio, aos povos ainda o é mais; porque onde tem dominado o ensino clerical ahi o atrazo, a decadencia e o abattimento moral, sem que em cambio ganhem com isso as letras, como o declarou, não um antagonista ou um profano, mas um sacerdote virtuoso e insuspeito, o abbade Nelis, que assim dizia da instrucção pública na Belgica ao ser transferida do dominio do clero para o secular:

«Quando foi a Sociedade de Jesus abolida nos Paizes-Baixos, *haviam os estudos cahido em tal decadencia que pouco differiam d'uma* **COMPLETA BARBARIA.**»

«Eram as escholas até então regidas pelos jesuitas, pelos *frades* de diversas ordens, principalmente *agostinhos*, e por *sacerdotes seculares.*»

É um sacerdote a quem a verdade inspira em vista do estado desgraçado a que tinham chegado os estudos diri-

gidos e monopolizados pela Igreja, a quem o partido catholico insiste em apregoar como a unica com capacidade e disposição para educadora do povo!

Ouçamos ainda o reverendo Nelis:

«Nos *melhores collegios* (dos padres) só consiste a explicação dos authores latinos, durante *sete annos* d'estudos, *em uma centena de versos* de Virgilio, *em algumas* linhas de Quinto Curcio e *em cinco* ou *seis* das mais *curtas epistolas* de Cicero.

«A *maioria dos authores latinos nem eram conhecidos de nome!* Nunca se ouviu fallar em ensinar *grego* em seus collegios. Nem a *história* ou a *geographia*, na affirmativa do padre relator, fazia parte das disciplinas, e quanto á *grammatica* era explicada de uma maneira *deploravel*.

«Todo o seu empenho, ajuncta o padre Nelis, cifrava-se em ensinar a seus alumnos um pouco de *latim da idade media!* Quanto ao latim do século de Augusto «sabem-n'ò tanto os mestres *como nós de que na China e no Japão se falla um idioma diverso do nosso.*»

(G. LAURENT, *Lettres*, etc. pag. 379.)

Importa declarar que o sacerdote que assim desmascarou a instrucção entregue á Igreja era tão considerado e de principios tão orthodoxos, que foi por isso elevado ao episcopado!

As causas, pois, que influiram no descredito e extincção dos conventos em quasi todos os estados, persistem no Brasil onde as communidades religiosas já sem lustre

e sem prestigio, como intoleravel anachronismo, arrastam-se despreziveis e desprezadas pelo caminho de sua dissolução e desaparecimento total, offuscadas pelo esplendor e suffocadas pelo desenvolvimento de uma sociedade nova, e que progride e prospera sob o influxo do sol da liberdade.

Foi, pois, quando já nutava essa instituição prestes a tombar em ruina e a desaparecer que veio implantar-se e vegetar entre nós.

Sem o luzimento e a influencia de onde lhe resultou o respeito e predominio de que gosava n'outras provincias do Brasil, devidos á pompa com que celebrava as solemnídades religiosas e ainda mais aos seus grandes haveres e ao talento de alguns de seus membros, tinha o monachismo no Maranhão uma vida á parte e ingloria. Foi no actual periodo de decadencia das ordens monasticas que entrou Custodio Alves Serrão em 1811 para o Convento de Nossa Senhora do Carmo em Alcantara. Como acontecêra a tantos outros infelizes, sem lhe consultarem a vontade, sem estudarem sua vocação, o agrilhoaram dentro n'esse carcere, morada do lethargo, da tristeza e da monotonia!

II

O poeta Gonçalves Dias e o naturalista dr. fr. Custodio Alves Serrão recreavam-se ambos na contemplação da natureza, cujo immenso livro, sempre novo e variado, apresenta em cada página, em cada periodo, em cada

linha, em cada phrase, em cada letra, uma originalidade e um motivo para profundas meditações, todas ellas diversas, conforme o observador que as lê e estuda. Essa mesmidade de indoles, de tendencias e de deleitações os irmanavam: eram ambos maranhenses, ambos poetas, como diz o sr. dr. Macedo (discurso inaugural na sessão magna do Inst. Hist. Geog.), traduzindo um suas inspirações em metros harmoniosos, e o outro em principios scientificos que surprehendia nos mysterios physiologicos da planta, no polen da flôr, na vida da formiga, no organismo dos infusorios imperceptiveis á vista desarmada, ou na materia cosmica — decompondo-a nos seus mais simples elementos, purificando o palladium, tornando-o ductil como a cera, e classificando os crystaes; portanto comprehendiam-se, e tinham um pelo outro sincera estima e profunda admiração.

O desgraçado fim do poeta poz-me em relações com o sabio, e vendo com magoa que a morte em tão breve trecho nos havia roubado tantos conterraneos illustres, e que elle, já velho, podia seguil-os levando para a sepultura o segrêdo de sua peregrinação tão solitaria no mundo, aproveitei-me dos sentimentos que nos tinham aproximado para vencer a extraordinaria modestia e o natural desapêgo de mundanidades que assaz o distinguiam, e d'este modo pude afinal conseguir de fr. Custodio a especial e rara fineza de recontar-me as principaes phases de sua vida em uma carta tão desataviada e singela como as aspirações e deleites de quem se dedicára todo ás sciencias, seu amor predilecto e constantes enlevos. Não

faço portanto aqui mais do que seguir por sua ordem esses apontamentos reproduzidos em outro lugar (vej. nota H); porque n'essa auto-biographia escripta com a verdade de uma consciencia pura e lisa se encontram os traços originaes da physionomia do sabio que sem o suspeitar e tão pouco o querer se retratava e como que fixava sua veneranda imagem na lamina polida da machina photographica.

Chegára o século XVIII ao último termo do seu occaso, cujos arreboes eram purpureados pela intensa e fecundante luz da revolução franceza, quando a 2 d'outubro de 1799 nascia Custodio Alves Serrão na pequena e tranquilla cidade, ainda então villa d'Alcantara. Como seus paes José Custodio Alves Serrão e D. Joanna Francisca da Costa Leite dispozessem de mui poucos recursos para manter e educar sua numerosa prole, tomaram-n'o para crear seus avós maternos, com quem residia sua tia e madrinha D. Francisca Romana da Costa Leite, que o desvelou com a sollicitude e carinhos de verdadeira mãe, acontecendo mais que dos seis para os sete annos teve a desventura de perder esta quasi sem a conhecer. Foi n'essa idade que começou a ser iniciado nos rudimentos d'instrucção primaria, recebendo-os durante os seis mezes do anno, que costumava passar na villa, de professor estipendiado, e os outros seis, na fazenda de lavoura de seus avós, da propria tiã que o cuidava.

Que disparidade de systemas! Era sahir do martyrio e da oppressão para as delicias da bemquerença e dos afagos, para a liberdade do esvoejar dos passarinhos do

bosque. Enquanto o mestre-eschola o atemorizava e lhe incutia tédio por suas maneiras rebarbativas, constantes ameaças e ora castigos, postoque moderados, que outros não consentiam os parentes do tímido e acanhado menino, sua madrinha o acariciava e lhe premiava cada acerto com um beijo ou com um brinde, e animava suas ousadias de pensamento com meiga voz de approvação.

Tambem, se mui pouco ou nada colhia das lições d'aquelle, repettindo machinalmente o que lhe dizia o inconsciente algoz do entendimento infantil, fazia rapidos e admiraveis progressos e desenvolvia o entendimento com este ensino amovel e suave. Do que era passado na sua meninice germinou no seu espirito a bemfazeja e fecundá idéa de tornar a eschola um passatempo attrahente por meio do affecto, do estímulo e da lenidade, idéa que em parte realisou nas escholas da Sociedade de melhoramentos da instrucção primaria do municipio do Rio de Janeiro, de que foi um dos fundadores.

Tão promettedores eram já a applicação e desenvolvimento intellectual de Alves Serrão que seus paes julgaram-se obrigados a aproveitar tão felizes disposições, dispensando-lhe conhecimentos mais amplos e solidos do que os ensinados pelo professor da sua villa natal; mas como não o podessem manter nas aulas da capital da provincia, e contassem por egual com parentes de authoridade na Ordem Carmelitana, tiveram por bem cabido mettel-o de noviço no Convento de Nossa Senhora do Carmo de Alcantara, julgando que por esse modo tinham preenchido suas vistas e desejos paternaes. Aos doze annos

d'idade, quando ainda não está madura a razão para termos a responsabilidade de nossos actos e liberdade d'escolha, foi esse pobre menino filiar-se em um instituto que renunciava aos mais puros e sacratissimos gozos e deveres de homem. Depois do ingrato prazo do noviciado proferiu os terriveis votos que o segregaram da sociedade, que não conhecia, amortalhado no habito de carmelita e fechado o coração para sempre com os sete sellos d'esses votos em completo desaccordo com a natureza humana e em guerra atroz e contínua com os impulsos da juventude. Desde então só havia para elle a solidão fria e sombria da cella do monge, e, na communidade, os exercicios cenobiticos com a sua glacial e arida uniformidade!

É essa a norma do viver do monge a quem os cuidados e os innocentes passatempos da familia não podem occupar os pensamentos; mas se quebranta as regras monasticas, e se deixa escravisar pelos vicios e pelas sollicitações da carne que despoticamente lhe reclama suas funcções, ai do misero que fraqueja e delinque, porque marcado com o ferrete de perjuro se torna um ente desprezivel, alvo da zombaria e da maledicencia!

¿Que de esforços sobrehumanos não faria fr. Custodio para cumprir religiosamente esse juramento quasi que extorquido, e quando ainda não lhe comprehendia o alcance?!...

É por isso mesmo muito mais para admirar a sancta resignação com que fallava d'esse tremendo sacrificio sem maldizer sua sorte, sem uma phrase que revelasse a causa

d'aquella sombra de tristeza que, ainda mesmo quando sorria, conservava sempre no rosto e na voz! «Devo confessar, escrevia elle em 1865 (nota H), com profundo sentimento meo que nunca tive nenhuma das qualidades mais apreciadas para o sacerdocio. Meos parentes, porém, o não entendião assim, e não cessavão de considerar como excellente minha posição, e talvez tivessem razão, que me não fôra concedido melhor quinhão na vida.»

Mais adeante continúa:

«Sem comprehender todo o alcance do sacrificio a que ia submeter-me, acceitei-o, pensando haver assim pago uma divida de gratidão.»

¿Seria contrabalançada d'alguma fórma essa prisão da alma e essa mortificação do corpo, achando ahí a innocente victima meios de se instruir? Tão pouco; que estava o convento d'Alcantara desprovido de livros, e um companheiro noviço, que tinha a seu cargo o ensino, sabia tanto ou menos do que elle, que, quando entrou para a Ordem lia correntemente, operava sobre numeros, escrevia com orthographia, e tinha já tinturas da artinha latina, devido tudo a seus esforços e intelligencia; mas que na sua modestia attribue «á boa vontade excitada talvez pelo medo da correcção». (nota H)

N'essa ausencia de livros e de professor, recorreu fr. Custodio ao *Magnum Lexicon*, a uma selecta latina e ao compendio de Dantas, e luctando com as ingentes difficuldades de quem tactea ás escuras e sem conselho, ou bussola, venceu sua intelligencia e o insaciavel anhelito de

saber, e assim adquiriu por si só luzes de construcção e versão do latim, conseguindo no cabo de tres malbaratados annos traduzir o Breviario aindaque imperfeitamente.

Feito então o acto de profissão, foi transferido para o Convento da cidade de San'Luiz do Maranhão. Regia por esse tempo a cadeira pública de latim o mui considerado professor, fr. Ignacio Caetano de Vilhena Barbosa, que foi, como já tive occasião de o dizer, mestre de M. Odorico Mendes e de Sotero. Por estar estabelecida essa aula no edificio do Convento, frequentou-a fr. Custodio, designando-lhe seu professor desde logo a classe dos mais adiantados, como capaz de entender os classicos, por isso que estava mui enfronhado nas regras grammaticaes, que lhe suppriam a falta de termos latinos de que se resentia.

Se era o primeiro entre os primeiros da aula de latim, admiravam os religiosos tambem n'elle o ardor com que se dava á leitura. Sua vida passava-a na bibliotheca do Convento, devorando os livros em portuguez de que ella se compunha. Além d'esses só havia alli obras em latim versando sobre theologia, ou em francez e italiano. Fitava o frade com desconsolação tantos thesouros inuteis para elle por ignorar esses idiomas, mas que foram por isso mesmo forte incentivo para aprendel-os. Não lhe serviu de obstaculo a falta de mestres dos dois ultimos; porque com as grammaticas e os dictionarios, e ajudado por sua vontade tenaz e firme pôde superal-o. Assim conseguiu fr. Custodio, sem auxilio extranho e a sós comsigo, conhecer essas linguas por modo a comprehender e ler

todos os demais livros da casa que não eram de theologia.

Viam com desvanecimento e satisfação os religiosos do Carmo o robusto engenho e as felizes disposições do confrade, e imaginando seu provincial o brilho e glória que adviria á provincia que governava, se lhe dêsse expansão para remontar e discorrer por mais amplos horisontes, determinou mandal-o cursar a faculdade de theologia na Universidade de Coimbra com outro religioso, que tambem se distinguia por não vulgar talento. N'isso ia a mais o proposito de pôr-se o Convento do Maranhão em relações e estreitar os laços com seus irmãos d'alem-mar.

Corria a casa com as despezas de transporte e alimentação dos dous religiosos, e suas familias convieram em carregar com os supprimentos extraordinarios. Assentadas n'isso as partes interessadas, partiram para Lisboa, meado o anno de 1818, fr. Custodio Alves Serrão e fr. Antonio da Encarnação e Silva, natural de Caxias, e que foi depois conego mestre-eschola da Cathedral e professor de rhetorica do Lyceu do Maranhão.

III

Quando na primavera da existencia abre-se para outros risonha e esmaltada de flores, desimpedida, larga e suavissima estrada, para o joven carmelita entrou-se-lhe ella de prompto a inçar de espinhos e plantas nocivas. Mal aporta-

ram a Lisboa, foram apresentar-se os dous religiosos maranhenses no convento de sua Ordem; mas os termos de affecto, de amor, de cordialidade e júbilo com que os acolheu o provincial ao prestarem-lhe obediencia foi uma injuria e impertinencia: «Não são de todo *meladinhos*», obtemperou este seccamente, alludindo ao serem brasileiros. Attenta a frieza da recepção não se detiveram ahi muitos dias, tomando o caminho de Coimbra, onde recolhidos ao Convento-Collegial, tractaram de frequentar no Collegio das Artes as aulas de philosophia racional e de grego para poderem matricular-se na Universidade. Começaram então a emergir a fr. Custodio tropeços uns após outros: sua vocação, seus mais fundos desejos e inclinação o impelliam irresistivelmente para o estudo das sciencias naturaes; mas o reitor e professores do Convento de Coimbra oppuzeram-se a isso, tendo semelhante resolução como infracção e rebeldia ás regras do cenobitismo, e a não encontrarem formal e energica resistencia no mancebo, que lhes declarou em termos explicitos que antes se tornaria ao Maranhão do que deixar de seguir a faculdade para que tendia seu espirito, lograriam seu intento reforçado pela celeuma que levantou em todo o Convento o escandalo do irmão brasileiro, que recusava submeter-se aos dictames de seus superiores! Fr. Custodio persistiu e triumphou sem nunca poder explicar-se «o preconceito da Ordem contra o estudo das sciencias naturaes, *caminho aliás o mais direito e seguro* «para a esclarecida adoração da Suprema Sabedoria!» (nota H). Não cederam os frades tão facilmente de suas

pretensões sem que mirassem na desforra, recorrendo aos costumados meios insidiosos e tortos. Proibiram-lhe visitar ou receber collegas para discutirem e elucidarem dúvidas, não havendo por outro lado livros de sciencia na casa que consultasse como expositores. Destruiu, porém, o talento do estudante Alves Serrão esses empeços, e o brilhantissimo exame, que fez no seu primeiro anno, burlou os planos de vingança de seus charidosos irmãos em Christo, mostrando-lhes que ainda n'esse terreno não lhe podiam pleitear vantagens, e que ás perseguições fradescas contrapunha as palmas do certamen scientifico.

Se já era mal visto pelos religiosos de seu Convento, redobrou a desaffeição e o desejo de se desforçarem do degenerado irmão ao saberem que, assistindo fr. Custodio no Porto, por occasião das ferias, ao pronunciamiento de 1820, manifestára vivo enthusiasmo por esse acontecimento politico; e logo que se interromperam as relações do Brasil com Portugal, aproveitaram o azo para intimarem-lhe que o Convento não continuaria a alimentar-o! Evangelico e charidoso proceder que nega as migalhas de sua meza, não já a qualquer mendicante que lhes batesse á portaria, mas a quem sobre ser hospede pertencia á Ordem! Mais humanos foram os negociantes a quem o havia recommendado sua familia, e dado receiassem do reembolso, se condoeram de que perdesse o anno, e por isso se prestaram, não sem alguma hesitação, a abonar-lhe mezadas. Todo mesquinho que era o subsidio, e padecesse fr. Custodio mil privações, não desmaiou

e afinal concluiu o anno com approvação plenaria. No quarto e ultimo anno do seu curso de philosophia accumularam-se por tal fórma esses contrastes, que esteve em termos de descoroçoar por consideral-os insuperaveis. Triumphára a contra-revolução em Lisboa, e a independencia do Brasil era já um facto consummado; portanto seus superiores tinham que ajustar largas contas com a ovelha amoutada que retouçava e se rejubilava no campo liberal, sobre não ser mais colono e pertencer a uma nação independente e livre! Havia por fortuna sua concluido o curso, formando-se bacharel, quando se apresentou no convento o provincial da Ordem e convocou os religiosos a capítulo. N'essa reunião exprobrou asperamente aos que se haviam pronunciado pela constituição de 1820, e mais particularmente aos brasileiros, terminando sua furiosa verrina por ordenar a fr. Custodio que se recolhesse ao Convento de Lisboa, ao que este replicou negativamente por entender, como era justo, que se o julgavam desligado da provincia para lhe negarem subsistencia, com maioria de razão para que não obedecesse a uma intimação motivada só da má vontade e espirito politico que dominava o provincial. Para evitar contestações e maiores vexames e dissabores sahiu do Convento, depois de ter posto por escripto os fundamentos de sua recusa, e acolheu-se á hospitaleira casa de seus amigos de Santo Varão, onde tão agradavelmente refocilára seu espirito nas fêrias do segundo anno lectivo, que lhe ficaram ineffaveis e indeleveis recordações d'aquelles amenos campos. Sabendo por essa occasião que se achava em Lisboa o commen-

dador Honorio José Teixeira, seu parente, escreveu-lhe, informando-o de sua triste situação, ao que este remediou sem mais demora, não só facilitando-lhe os meios de transportar-se até Lisboa, como lhe deu passagem gratuita em um navio de sua propriedade que se fazia de vèla para o Rio de Janeiro. Em 1825 deixava fr. Custodio o reino de Portugal, partindo do porto de Lagos no Algarve.

IV

Estava já consolidada a independencia do Brasil com a outhorga da nossa constituição quando aportou fr. Custodio ao Rio de Janeiro. Foi pedir gazalhado ao Convento de Nossa Senhora do Carmo, que lhe franqueou amigavel hospitalidade. Vagando no seguinte anno (1826) a cadeira de lente de geologia e botanica da Academia Militar, requereu ao Imperador admissão ao concurso, que tinha por indispensavel e de cujo exito se não arreceiava; mas um amigo que estava nas boas graças do ministro, e por traquejado nos negocios, sabia a manha por que então se levavam as cousas, interveiu n'essa pretensão. Bem informado pela juncta directora da Academia seu requerimento a que servia de documento apenas o diploma de bacharel formado em philosophia pela Universidade de Coimbra, foi conferido a fr. Custodio Alves Serão esse lugar, recahindo n'elle quasi que ao mesmo tempo a escolha de redactor de uma parte do *Diario da Camara dos Deputados*.

Tanto adquiriu n'essa commissão valiosas relações e alguns amigos que conservou por toda a vida, quanto o saber, habilidade e dedicação com que exercia o magisterio lhe valeu em 1828 a nomeação de director do Museu Nacional. Levado de escrupulos de consciencia, entendeu que não poderia desempenhar-se satisfactoriamente d'esses cargos, por isso resignou o de redactor do *Diario da Camara dos Deputados* para mais desaffrontadamente occupar-se d'aquelles que eram tão conformes aos seus estudos e gôsto.

Foi este por sem dúvida um dos factos que mais honrariam seu nome, se outros de mór valia não recommendassem á admiração da posteridade aquelle character austero e honestissimo, e o indicassem ás gerações por vir como exemplo de virtudes a seguirem.

Com a reforma por que passou a Academia Militar em 1832 cercearam o curso de sciencias naturaes, resumindo-o a duas cadeiras, a de physica, e a de chimica e mineralogia que coube ao dr. fr. Custodio. Foi esse o campo de suas experiencias e por igual o de seus trophéus. Em dia com os progressos e descobertas da sciencia, mal começava a firmar-se na Europa a theoria atomica, já o sabio professor punha seus discipulos ao corrente d'ella, explicando-a primeiro da cadeira, e depois em 1840 pela imprensa em um folheto que tive o prazer de consultar admirando n'elle a clareza da exposição de suas idéas scientificas sobre a materia, e os argumentos bem deduzidos e vigorosos com que as sustentou e desenvolveu.

Foi nomeado em 1834, pela regencia permanente, membro do conselho de melhoramentos da casa da moeda, e n'esse estabelecimento introduziu uteis reformas e processos de analyse e refinação de metaes, que eram então novidades, além de trazerem economia de trabalho, de tempo e de materiaes, advertindo que em todos os ramos de serviço de que se incumbiu o douto naturalista e extrenuo patriota, deixou impressos os signaes de sua benefica passagem em obras, em feitos, senão em bons alvitres que aproveitassem ao paiz e fossem incitamento a outros obreiros, indicando-lhes pelo menos que não é licito nem honesto a ninguem occupar os cargos para se engrandecer e gozar-se de seus proventos, antes para desempenhal-os honrada e diligentemente, dispendendo todo o seu cabedal de actividade e de labor e infundindo-lhe seu thesouro de conhecimentos e experiencia como o lavrador em terra que promette retribuir-lhe com abundante e rica messe.

Havia quasi dezoito annos que se ausentára de sua provincia, e n'esse longo praso tinham ido povoar o cemiterio quasi todos os seus, só lhe restando dos mais chegados e queridos parentes — sua tia e madrinha e um irmão —, e por isso tambem tractou em 1835 de visital-os, antes que se despedissem d'esta vida.

Nunca tinha até ahi interrompido um só dia o exercicio de suas funcções publicas, e era mui justificado que fosse a Alcantara, onde saudosas reminiscencias e a amisade a creaturas tão caras o estavam a attrahir e enfeitiçar. Não foi ainda assim sem utilidade para o imperio essa

viagem; porque explorou a serra de Itabaiana, na provincia de Sergipe, afamada por minas de ouro e de salitre, e descobriu nas praias de Camaragibe, na das Alagoas, formação bituminosa de que remetteu amostras ao govêrno imperial.

¿Quereis no entanto saber como foram gratificados estes serviços espontaneos e as despezas que acarretaram taes excursões e experiencias a quem fôra tão caprichoso no cumprimento de suas obrigações? Suspendendo-se-lhe os mesquinhos vencimentos de 400,5000 réis, que percebia como director do Museu por *inaccumulaveis* com os 600,5000 réis de lente, e nem lh'os restituiram senão depois de os haver reclamado para satisfazer os debitos que contrahira para essa jornada e que o traziam desgostoso e seriamente embaraçado!

Obtido em 1840 breve de secularisação perpétua, poderia contrahir laços matrimoniaes e realisar um de seus mais vehementes e captivos desejos — o de fundar e cercarse de familia —; porque nunca passára de ordens menores de prima tonsura. Não se conhecendo com vocação para o sacerdocio, e lhe dizendo a consciencia que não era possivel cumprir ao mesmo tempo os deveres que lhe impunham a Egreja e a sciencia, deu a preferencia a esta, prescrutando a natureza e lhe devassando os arcanos. Houve entre os amigos quem lhe suggerisse a idéa de casar-se; mas que baniu, lhe ponderando vir tardia a mudança de habitos e só em detrimento da sciencia, tornando ambos egualmente infelizes, a elle, já affeito ao celibato, e á mulher que ligasse seus destinos a quem já

ia em mais de meio caminho da vida e que havia de a deixar sobrecarregada com o pêso da casa e com a responsabilidade da educação dos filhos, devendo-lhe ser a elle demais d'isso mui difficil ou quasi impossivel condescender e sujeitar-se, quando lhe branqueava a cabeça, aos caprichos e vontade estranhos, e se ver contrariado muitas vezes, já interrompidas suas experiencias no melhor periodo, já cortado o fio de suas cogitações por distracções e os mil cuidados de familia a que tinha de attender.

Occupava em 1842 o lugar de chefe do ministerio Manuel Alves Branco, estadista de largas vistas, intelligente e douto, e que por isso acatava e tinha em muita conta o dr. fr. Custodio Alves Serrão.

Pareceu a este mui propicio azo para melhorar o serviço do Museu e dar-lhe maior impulso, propondo para isso primeiro que tudo a reforma radical na administração dividida em quatro secções das quaes lhe caberia a de mineralogia, geologia e sciencias physicas com a direcção geral. O amor, o cuidado e a dedicação que dispensou em elevar o Museu á altura que imaginára, adquirindo para elle raridades e novas collecções, e classificando methodicamente quanto ali se continha, estão acima de todo o louvor e o proclamam todos quantos o admiraram no ardor com que trabalhava. Como Alberto Magno, como Rogerio Bacon, como Raymundo Lullo, que trocaram tambem a theologia pelas pesquisas da natureza e pelo estudo da alchimia, o nosso sabio carmelita passava os dias e parte das noites nas salas baixas e humidas do Museu ainda sem proporções para ter seu laboratorio em

melhores condições hygienicas. Essa atmospherã insalubre e pesada, que respirava, derrancou-lhe a saude; mas ainda assim não se retirou d'ahi senão quando se convenceu de que eram baldados seus esforços e sollicitude para ver dotada essa util e bella instituição de todos os meios que a tornassem uma completa e copiosa exhibição das innumerã riquezas que encerra o nosso vasto territorio. Embora não lograsse realizados seus planos, prosperou o Museu sob sua direcção e começou desde então a ser mais frequentado e a merecer a attenção dos homens scientificos. O dr. Sigaud na sua obra — *Du climat et des maladies du Brésil* — diz a respeito d'elle: — «a rivalisé de zèle pour soutenir cet établissement avec «une si faible subvention annuelle» (*Obr. cit.*, pag. 487.)

Descrente, triste, magoado e cansado de lutar em pura perda contra a má vontade, a desidia e o desdem com que recebiam os successivos ministerios suas indicações e frequentes representações, e sobretudo «reconhecendo, como diz elle na sua singela auto-biographia «(nota H), que as minhas fracas habilitações não me constituíão na altura dos empregos que exercia, e menos «na possibilidade de dar-lhes mais proveitoso desenvolvimento, para deixar oportunidade a que o fizessem «outros mais felizes e mais habilitados, resignei o lugar «de director do Museu, e consegui jubilação no de lente», e n'esse mesmo anno de 1847 retirou-se para seu sitio da Gavea.

Convidado com instancia em 1849 para que tomasse a direcção do Jardim Botânico da Lagoa de Rodrigo de

Freitas, se recusou a isso, porque não queria que o serventuario pudesse suspeitar por momentos que quando elle examinára em 1846 esse estabelecimento e apresentára um relatorio expondo suas idéas, acompanhado de um regulamento para o serviço do mesmo, fosse já no intento de o arredar e substituir.

Devolvidos, porém, dez annos, aconteceu vagar em 1859 esse cargo, e attentas as sollicitações do govêrno para que o dr. fr. Custodio o occupasse, acceitou-o sem condições, na persuasão de que seriam satisfeitas de prompto suas propostas de melhoramentos e reformas por que tanto instava o Jardim. Conheceu em breve que se havia mais uma vez illudido, e que as incertezas, vacillações, morosidades e falta de systema é mal incuravel de nossas administrações de qualquer epocha ou matiz politico.

Diz elle que «achou o Jardim Botanico em um chaos — «e estava desmantelado. Nos meios de administração, no «pessoal, no material desacreditava o paiz, e portanto erão «urgentes medidas para reorganisal-o, e eu não acceitei «esse cargo para servir de testemunha passiva de tanta «vergonha» (nota H). Nem ao menos lhe concederam authorisação para desbastal-o de muita herva ruim de que estava coberto, e até ordenaram a suspensão de algumas providencias que tomára por si, assumindo-lhe a responsabilidade! Convencido de que nada obteria a bem de suas idéas e empenho, dispunha-se a pedir exoneração do cargo, que não havia nem ao menos desejado, quando se creou em 1861 o Instituto Fluminense d'Agricultura,

e a elle confiaram a administração do Jardim, vendo-se o dr. fr. Custodio manumittido de uma posição desagradavel e que só lhe dava quebranto. Poisque ficou livre de obrigações, sacudiu como o propheta o pó de suas sandalias e refugiou-se nas alturas da Gavea, onde fundára uma propriedade rural mui conforme aos seus pensamentos e gôsto pela vida rustica. Comtudo, antes de cumprir esse voto, deu mais um documento de seu patriotismo, brindando o Museu Nacional com suas collecções de história natural e com a sua copiosa e escolhida bibliotheca, reservando apenas para seu uso os livros de botanica e de agricultura.

N'esse doce e voluntario exilio veio procural-o em 1862 a nomeação de membro do Conselho Fiscal do Instituto Fluminense d'Agricultura, e quasi ao mesmo tempo a Munificencia Imperial o galardoou com a commenda da Ordem de Christo, cuja graça agradeceu, sem nunca lhe tirar o titulo. Aos que o felicitavam por essa distincção honorifica, costumava replicar em tom de gracejo e a sorrir: «Ha engano manifesto, e isso entende-se seguramente com algum parente meu de igual nome; porque é impossivel que, não sendo nunca lembrado quando servi o paiz, só agora o fosse, depois que morri para o mundo e vim enterrar-me n'esta sepultura!»

V

Figuremos por momentos, que fomos, o leitor e eu, visitar em 1862 o sabio maranhense em seu erimiterio do sitio da *Canóa*, onde vivia apartado da sociedade, que não tinha para elle seducções nem attractivos. Fariamos a romagem, para que redobrasse de encanto, por mar até Botafogo, cuja formosa bacia reúne ás maravilhas do soberbo panorama que a contorna a tranquilla amenidão do espelho de suas aguas transparentes, feitiço e pasmo de quantos o teem contemplado. D'ahi inclinariamos os passos para o Jardim Botanico da Lagoa de Rodrigo de Freitas, extasiando-nos ao ver suas extensas, aceadas e planas alamedas de palmeiras reaes (*Oreodoxa oleracea*), magnificas e excelsas columnas symetricamente encarreiradas como que trabalhadas pelo cinzel de um genio, formando seu deslumbrante e arrebatador conjuncto um quadro sem rival em qualquer outra parte do mundo. Depois de haver admirado e bebido na sua verdadeira fonte, na mesma natureza, o grande e o bello que aqui se offerece com todo o esplendor e com sua nativa louçania e pompa, contornariamos a *Lagoa*, tomando d'ahi pelo caminho, que mal admittia cavalgadura, e hoje abandonado e em ruinas, depois de construida a estrada nova que dá mais suave transito nas suas doces curvas em espiral. Subindo sempre pela encosta até o cume da Boa Vista, sobranceira ao mar que nunca deixa de ser visto, se vae descortinando em todo esse trajecto a mais arrebatadora e linda perspe-

ctiva de que não posso dar uma leve idéa por me faltarem cores para tanto: de um lado o oceano immenso reflectindo em mil cambiantes os raios de um sol brilhante, e vindo quebrar-se e beijar com suas alvinitentes espumas a faixa bettada de verde e branco pela alfombra de herva e areia que orla a montanha qual fimbria de amplas vestes de pythio deus; do outro lado o terreno alteando em sinuosidades cobertas de exuberante vegetação, e lá em cima o pincaró granítico, ora occulto no véo de espessas nuvens, ora deixando entrever por traz de adelgada gaze sua fórma adumerando uma caveira humana, onde se abre uma caverna com capacidade para conter folgadamente dentro em si cêrca de quarenta homens, e que deu por alguns annos abrigo a um solitario conhecido por irmão João. Esse ente mysterioso, escondido n'esse quasi inaccessible recesso, desapareceu um dia, não deixando mais vestigios do que uma garrafa lacrada e papeis queimados; mas cuja impenetravel existencia incita e offerece margens a um genio inventivo e imaginoso para um romance ou poema. — Depois desceríamos para a *varzea*, formosa e poetica, dilatada por'hi além, a se destacar de seu tapete de verdura aqui e ali uma casinha, uma palhoça, e como barbacan senhoril a dominal-as uma habitação apalaçada, e no termo de tudo isto chegaríamos por fim á tranqueira do sitio do dr. fr. Custodio, e que não é tão pequeno que se não gaste um quarto de hora a cavallo até a casa, galgando por um caminho pedregoso e em torcicollos, porém ensombrado, como a estrada, de basto arvoredó e bambusaes que o alternam,

variando a scena, ora margeado, ora atravessado, por filetes de agua que vão adeante, reunidos e mais grossos, cahir de quêda em quêda formando irisada cascata. Aqui um grupo de arvores exóticas aclimadas pelo grande botânico, e adeante uma ou outra planta que elle procurava nacionalisar, e em varios lugares entradas ainda recentes, ou antigo vestigio de outras, feitas por certo para reconhecimentos scientificos. Tudo emfim contribuiria para imprimir a essa jornada um toque de poesia que inebria e abala com doces commoções o espirito de quem deixasse o cavallo ir subindo á vontade e vagarosamente essas collinas, derramando e descançando á ventura os olhos em tão mirifico e magico espectáculo. No centro de uma planura escalvada e assente n'aquellas fragas, e em fórma de hemicyclo, alveja a casa rustica do sabio maranhense, casa de mesquinha apparencia, com sua varanda por fachada, tendo no meio porta levantada sobre poial de alguns degraus, e com proporções para só alojar de tres a quatro hospedes. Deslisa-se-lhe em frente sussurrante arroyo; do lado opposto d'onde termina o caminho erguem-se os ranchos dos operarios, companheiros e auxiliares do dr. fr. Custodio, e á esquerda veem-se cortiços de abelhas silvestres, e ao derredor frondejante pomar, onde se engasta aquella habitação.

Não havia outro ornato no interior d'aquella casa mais do que pendente da parede do seu quarto de dormir um quadro representando Jesus recebendo as aguas do baptismo no Jordão: era ante elle que se prosternava o sabio naturalista para fazer cheio de recolhimento e compunção

suas orações nocturnas, consistindo n'isso toda a sua devoção.

Mais para o norte d'essa casa fez construir pouco antes de cegar outra mais commoda, muito superior e com melhor vista; mas a velhice juncta á enfermidade tornou-o tão arreigado aos habitos que não consentiu nunca mudar-se da antiga residencia.

O esmero e o methodo por que estava cultivado aquelle chão, a disposição das culturas, o aggregado de certas especies denunciavam que havia em tudo isso guia intelligente e familiarisado com as sciencias.

Logoque sabia da chegada de algum visitante, accudia o dr. fr. Custodio com satisfação á soleira para lhe dar a boa-vinda e recebê-lo com aquella franca affectuosidade que tinha para com os que o procuravam, se esforçando compensal-o das fadigas de duas horas de um jornadaear ascendente com essa desaffectedada obsequiosidade que desfaz acanhamentos e com sua mesa frugal, onde a caça montez, as conservas, as compotas e geleas, os vinhos e licores por elle preparados de fructas e outros productos de sua propriedade campestre, por seu perfume, paladar e novidade constituíam o principal regalo d'ella. A feição, porém, mais interessante, aprazível e sem preço de tão cordeal e pressurosa hospedagem estava na sua conversação instructiva e adubada de dictos picanter e epigrammas finos e innocentes; pois a arte da conversação, que vae rumorejante, buliçosa e fresca como o ribeiro que estende caprichosamente pela campina sua corrente ora vagarosa e a gemer, ora com violen-

cia e fremente, essa elle a tinha por instincto e como poucos.

Embora relegado do commércio do mundo não se divorciára da sciencia, antes dava irrefragaveis provas da perseverança com que a cultivava — nas suas terras analysadas, na fauna e na flora das cercanias estudadas, sendo de mais sua casa laboratorio de chimica experimental e gabinete de história natural: ahi se viam espalhados — cadinhos, retortas, massaricos, fórnos de reverbero, e um sem número de insectos, d'infusorios, de folhas, de raizes, de colleções de borboletas, de pedras, de amostras de metaes, herbarios, etc., tudo bem disposto, methodisado, limpo e collocado em ordem. De suas observações e descobertas tomava notas e apontamentos, alguns desenvolvidos, mas que nunca publicou, e que nem sei se estavam ou estão redigidos em termos que se possam dar á estampa ou aproveitem a quem se proponha coordenal-os e recompor; porque nada posso inferir de seguro d'estas suas palavras: — «Em decurso tão longo de funcções «mais ou menos litterarias é de presumir que alguma «coisa terei escripto, e na verdade assim é, e talvez em «demasia; fil-o, porém, *unicamente* como auxilio de memoria e cumprimento de dever, persuadido por outro «lado que trabalhos d'essa ordem só podem ser de proveito e merecem publicidade quando alcançam alto grande perfeição» . . . (nota H).

Como não viveria feliz o nosso sabio investigador sequestrado de todas as distracções n'esse retiro solitario e tranquillo, onde nada o estranhava e perturbava! Bas-

tava chegar á porta ou a uma das janellas de seu erimiterio sotoposto a esse planalto para que o naturalista se gozasse rica e deliciosa paizagem, cujas impressões duradouras o embeveciam e lhe acalentavam o espirito! De tão calada e feiticeira soledade contemplava a vida, o movimento por toda a parte por onde alongava a vista: ao redor, por cima de sua cabeça, a seus pés, a vegetação, mas vegetação luxuriante, magnifica, magestosa, opulenta de preciosidades e inexgotavel de thesouros scientificos, por baixo o lombo da montanha, que qual lasso membro se espreguiça pela varzea cortada pelo ribeiro que a esmalta, ora murmurejando manso e manso, ora precipitando-se ruidoso pela encosta, e muito mais abaixo, ao longe e a perder-se no infinito o oceano sem limites na sua magestade e magnificencia. D'aqui se alcança, á direita a ilha *Redonda*, á esquerda a *Comprida* e mais além a *Rosa* com o seu pharol, e as embarcações que se cruzam, umas sahindo, outras entrando, e os cardumes de barquinhos de carga e de pesca doidejantes e perdidos entre as ondas, tudo em movimento, tudo affirmando a animação da vida, e por cima, cobrindo e dominando a tudo isto — o sol — communicando-lhe seus esplendores e desafiando o homem para que o estude desde a assombrosa manifestação do seu poder até sua mysteriosa e magica acção sobre o organismo, sobre a electricidade e sobre o magnetismo, relembrando-lhe os célebres versos do poeta philosopho:

Dans le centre éclatant de ces orbes immenses,
 Qui n'ont pu nous cacher leur marche et leur distance,
 Luit cet astre du jour par Dieu même allumé.

Era este o espectáculo com que se aprazia o dr. fr. Custodio em quanto não perdêra o sentido da visão.

Seu viver era simples e regular como de quem sabe o valor do tempo ; mas que trabalhava só por amor á sciencia e pelo gôzo de perquerir e descobrir as causas e effeitos dos phenomenos naturaes da creação e tirar d'elles todos os corollarios que á sua intelligencia accodem. Mal acordava e tomava seu café, sahia a matejar pelo sitio abordado a uma enxadinha, e armado do seu canivete, parando aqui para examinar, ali para abacellar ou indireitar uma planta, para decotar outra ou para extirpar aservas damninhas que a exauriam, acolá para colher uma flor, um fructo, uma raiz que mereciam estudados, adeante para confiar á terra uma semente, recolhendo-se d'esse gyro matutino para as refeições, e para suas leituras e estudos scientificos. Não passava d'ahi tarde que não voltasse ao seu vergel onde merendava dos fructos que colhia das proprias arvores.

Absorviam então suas faculdades os seres terrestres, umas vezes escondido em um pequeno bosque onde plantára diversas arvores estranhas ao Rio de Janeiro — mogno, jussára, castanheiro do Pará, seringueira, etc. — ora vagueando pelo sitio á cata de especimens, e depois se mettia no seu gabinete, antes cella, onde de janellas fechadas, servia-se do seu microscopio solar, ou senão vinha para a varanda, a fim de estudar as cellulas vegetaes com o microscopio simples.

Á noite?! Á noite tinha o espaço vastissimo e incommensuravel onde gram milhões de sóes como

o que nos allumia, aquece e vivifica, e outras tantas terras como a que pizamos. O dr. fr. Custodio não era só botânico, nem só mineralogista; mas também astrónomo, e ao lado dos microscopios e massaricos tinha o seu telescópio, que apparelhava para se engolpar na contemplação das maravilhas celestes, e assim passava a vida na paz e na quietação que a sciencia outhorga aos seus devotos.

N'esse paraizo que se creára, n'essa doce solidão, concentrado em si e longe das luctas e do arruido que trazem os homens perturbados, correram-lhe tranquillos os derradeiros e porventura os melhores annos de sua laboriosa e occupada existencia, reconhecendo o poder do Creador na cellula, na monada, na molecula e já no astro-rei, percorrendo em todos os tons a immensa escala sempre original e variada das harmonias da criação!

Ludibrio da sorte que desde a infancia lhe amargurára a existencia, baldando-lhe seus desejos, na velhice ainda o veiu maltractar! Elle que disfarçava a viuvez de seu coração, absorto em meditações e exames da natureza, ficou por derradeiro cego pelo uso constante de observações microscopicas e telescopicas, aggravando-se-lhe então a desconsolação e melancholia que o acompanhava desde que vestiu o hábito monastico. Foram-lhe intoleravel tormento essas longas horas que enfiava em completa escuridão. Era desgraça sobre desgraça, crueldade sobre crueldade: condemnado a não ter familia que o amasse e o desvelasse, chegado á fatal méta da vida, quando já dirigia os passos

para a cova, não desfructar a luz e nem conversar com a natureza, já que não tinha uma mulher com quem segregar seus sonhos e gemer em seus ouvidos queixumes de sua atroz desdita!

Depois de cego, para espancar as tristezas de sua alma, se distrahia em fazer artefactos de palha de pau d'arco, e por modo que na sua desesperada situação não ficava ocioso, senão que mostrava, dizia elle, como se utilisavam os productos que a terra prodigalisava, e a ignorancia brasileira desprezava. Tomou para sua companhia uma menina sua afillhada, de nome D. Felizarda Francisca do Rego, filha de seus vizinhos Francisco do Rego e D. Alexandrina do Rego, e a quem servira de mestre e se entretivera outr'ora até ás 10 horas da noite a ensinar-lhe botanica. Por sua vez era ella que depois lhe lia e lhe servia d'interprete em seus estudos botanicos, que ainda cultivava a despeito da cegueira ¹.

Mal succedido em uma tentativa de operação nos olhos, se prestou a segunda; mas ficou de ambas tão quebrado de fôrças e acabrunhado que enfermou e cahiu de cama.

Apiedou-se por fim d'elle o Creador, descansando-o do pêso de sua mal sorteada existencia, e «o rio da morte, como disse o sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo, silencioso e implacavel, como o fatalismo musulmano,

¹ Devo estas informações ao sr. Arão de Carvalho Reis, intelligente engenheiro civil, a quem as agradeço fervorosamente, como tambem a promptidão e diligencia com que se prestou a ir colher-as de pessoas da amisade de fr. Custodio, moradoras na proximidade e no proprio sitio da *Canôa*.

«vae sempre correndo pelo fundo do abysmo sem luz;
 «ninguem vê o abysmo, e é todavia por suas bordas que
 «todos caminham e n'elle cabe indistincta e mil vezes
 «inesperadamente — o velho que tropeça nas ruinas da
 «idade, o ardente mancebo cuja vida subito se apaga ao
 «fulgurar mais deslumbrante d'esperança, a noiva anhe-
 «lante de amor que ao pisar n'um tapete de flôres des-
 «apparece na voragem, o anjo ha poucos mezes nascido
 «que cahe dos seios, dos labios e dô coração da estreme-
 «cida mãe e some-se na terra insondavel, o grande da
 «terra, emfim, que orgulhoso levanta o pé para subir ao
 «maior gráu da escada social e tomba na profundeza das
 «desillusões da vida, n'aquelle desengano extremo e en-
 «regelado que está lá em baixo no rio, cujo sorvedouro
 «immenso recebe e absorve o botão de flôr que murchou
 «precoce e o monumento que abatteu depois de admirar
 «o mundo!..... atravessando o recinto do
 «Instituto Historico e Geographico do Brasil arrancou
 «d'elle e levou-lhe absorvido, não um, mas dous monu-
 «mentos — os sabios Custodio Alves Serrão e Joaquim
 «Caetano da Silva.» (Disc. na sessão solemne do Inst. de
 15 de dezembro de 1873.)

Com a mesma tranquillidade e resignação com que caminhára o dr. fr. Custodio por entre as fraguas da vida, supportou os padecimentos da enfermidade e enrostou a morte, rendendo ao meio-dia de 10 de março de 1873 seus altos espiritos a Deus, cujas maravilhosas obras tanto admirára! Olvidado dos homens em vida, assim tambem passou despercebido o seu passamento a que só assisti-

ram D. Fortunata Maria do Bom-Successo, sua fiel e dedicada enfermeira, o ex.^{mo} sr. conselheiro Manuel de Jesus Valdetaro, seu velho e constante amigo, e seu sobrinho, o sr. Raymundo Alves Serrão, empregado da casa da moeda. Dando a *Reforma* conta no dia seguinte d'esse successo, dedicou ao sabio ignorado e solitario estas linhas de homenagem ao seu saber:

«Frei Custodio era filho do Maranhão, e pertencia «àquella pleiade de homens notaveis que eram o orgulho «da provincia que os viu nascer.

«Apoz Odorico Mendes, João Lisboa, Gonçalves Dias, «Gomes de Sousa e Sotero dos Reis, desaparece d'este «mundo o abalisado mestre de sciencias naturaes.

«Deixa frei Custodio um nome respeitado e citado «com apreço pelos sabios estrangeiros.»

Além do pouco que ahi fica consignado, não sei d'outro preito de louvor que encareça os merecimentos do sabio maranhense senão do discurso do ex.^{mo} sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo, pronunciado, como era de obrigação, na sessão solemne do Instituto Historico de 15 de dezembro de 1873. Esqueça muito embora o vulgo o homem que perdeu a patria e a sciencia, que se lembrão d'elle com saudade os doutos que o conheceram, e os cidadãos que o estimavam por suas virtudes, que foram assim exaltadas pelo illustre orador do Instituto, dizendo em resumo o que na verdade era o dr. fr. Custodio Alves Serrão:

«Sabio creado no gabinete de profundos e constantes «estudos, eminente nas sciencias physicas, na botanica

«igual a Freire Allemão, que é um monumento, em politica sempre liberal por convicção e por amor da patria, e nunca, nem um só dia, ambicioso por amor de si, de character independente até a resistencia na guarda de seu direito, no culto da amizade typo de dedicação e de fineza, em suas relações particulares angelica amabilidade, como lente a eloquencia abraçada com a logica mais cerrada, como administrador o zêlo mais intelligente fulgurando pelo esplendor de immaculada probidade; eis ahi frei Custodio Alves Serrão.»

O ex.^{mo} sr. barão de Sanct'Angelo (Araujo Porto-Alegre), que serviu com elle na Academia Militar e no Museu, e foi um de seus mais predilectos amigos, recebendo d'elle inequivocos testemunhos de fineza e consideração de que se mostra mui grato á sua memória, me disse, no entusiasmo de sua admiração por tão insigne e virtuoso varão — «não era um homem, era uma respeitavel entidade.»

Dão relêvo a este perfil biographico e o accentuam estas expansões do homem sincero e honesto, que era instinctiva e naturalmente modesto, prezando a dignidade e timbrando sempre em se não desviar em circumstancia nenhuma da vida da senda do dever e da probidade: «Se me coube alguma intelligencia, foi demorada a comprehensão e mui difficil a memória, de sorte que nada pude fazer sem grande trabalho e aturada reflexão. Convencido de que o homem traz de Deus para a vida marcada a sua missão, com os meios de a desempenhar, designada a posição que na sociedade me pro-

«mettião minhas mui limitadas faculdades, prestei culto, talvez exagerado, á dignidade do homem e á independencia de character; amei instinctivamente a liberdade; cultivei a egualdade e respeitei ao mesmo tempo as conveniencias sociaes, sem outra nenhuma ambição mais do que o cumprimento do dever na esphera a que me limitavão as minhas forças: costumado a viver de pouco, fazendo sempre descer as minhas necessidades ao nivel de meus recursos, satisfeito, agradeço á Providencia o haver-me eximido das provações da gloria e das riquezas» (nota H).

Encerra esta confissão fecunda e proveitosa licção: ahi se vê o homem limpo de amor proprio e resignado com sua mofina sorte.

Tinha por equal como restricta obrigação não ser em nada pesado ao paiz, como elle o confirma: «Todos os emprêgos *servi-os sempre com o minimo dos vencimentos, nunca reclamei gratificação alguma;* e ainda aquellas que me garantia a lei desprezei-as, se para a sua percepção dependia de alguns favores dos ministros, e os de que me vinham maiores proventos deixei-os na administração de amigos.» (V. nota H.)

Proceder tão raro e superior a todo o encarecimento dispensa commentado; que por si mesmo glorifica e engrandece a quem o practica.

Não se amoldava essa indole de tempera de rijo e fino aço e nem se curvava ante a vontade e caprichos de superiores se iam de encontro ao que lhe parecia justo e licito: «o cumprimento do dever, como o entendi (nota H), for-

«cou-me mais de uma vez a *a resistir-lhes* (aos ministros), *recusando execução mesmo a decretos imperiaes*. Não se fazendo cargo de arriscar não raro sua posição n'essas contestações, nunca foi o receio de perdê-la motivo para que calasse a verdade e deixasse de manifestar sua opinião quando o julgava necessario, tendo mais em conta a aprovação da propria consciencia com o desfavor dos poderosos do que o remordimento e a deshonra com a vida liberta de necessidades ou accrescentada.

Nunca se deixou retratar recusando sempre «annuir n'esse particular aos desejos dos amigos, e apezar de o permittir o exemplo de pessoas auctorisadas», como pondera (nota H), «e de quasi ordenar a moda, ainda me não pude resignar a esse pequeno tributo da vaidade humana».

Sou, porém, informado de que era de mediana estatura, cheio de corpo, rosto redondo, tez morena e rosada, cabellos corredios, que trazia curtos por commodidade, e antes de privado da vista, de olhar vivo e brilhante de mistura com muita suavidade e meiguice, cujo conjuncto exprimia a equanimidade, rigidez e sinceridade d'aquella candida alma, unida e transparente como a superficie de tranquillo e formoso lago, e forte e polida como a lamina sem mancha de bem temperada e acerada espada. Tinha a voz grave, sonora e agradável, verbo abundante e singelo, e seus ademanes e porte em harmonia com sua physionomia e modo de fallar. Cercava-o por assim dizer uma aureola de sympathia, de respeito e de benemerencia que lhe conciliava a estima e as attenções dos que o frequentavam.

Tão afastado do lugar onde viveu, e não podendo por isso examinar por mim os escriptos que deixou, vali-me do ex.^{mo} sr. dr. Guilherme S. de Capanema, pela sua competencia na materia e estimação em que tinha o sabio; mas pouco alcancei além da affirmação de que soffreu a patria com a sua morte enorme perda. S. ex.^a tentou já colligir, de seus trabalhos, os que lhe parecessem susceptiveis de ver a luz; mas vae perdendo as esperanças de o realisar, o que é em verdade muito para sentir.

É pena e grande que mal entendida modestia, e tanto recato façam com que se verifiquem as suspeitas de s. ex.^a, privando assim a sciencia e nossa patria dos fructos de aturada experiencia e labor! Terão, pelo contrário, algum valor, jazendo, aliás, no pó do esquecimento e do indifferentismo, como acontece com os dos drs. Lacerda e Gomes de Sousa, ou qual mina de precioso metal, que uma vez descoberta, se desentranha em riqueza, opulentarão talvez ainda um dia os apontamentos do dr. fr. Custodio Alves Serrão a sciencia, reflectindo d'essa glória lustre ao nosso imperio a que dedicava suas vigílias e affectos? Para elle havia um altar e um nume, — a sciencia e a patria, e se lhe fallecia incitamento de glória e ambição que o compellisse a gravar seus pensamentos e doutrinas, revolvia-os constante na mente e trazia-os no coração como hymnos que dirigia em silencio ao Supremo Creador do Universo.

AOS QUE ME LERAM

Mercê de Deus e de quem cooperou tão eficaz e generosamente para que eu vivesse por estes annos desopresso de maiores cuidados e urgencias, que me quebrantassem o espirito, logrei por fim chegar ao termo d'este simples registro, cuja impressão caminhou com tal morosidade da parte da Imprensa Nacional de Lisboa por sobrecarregada de trabalhos, que me deu vagar para que fosse simultaneamente escrevendo e fazendo publicar na officina do sr. Castro Irmão as *Locubrações* e os *Apontamentos para a história dos jesuitas no Brasil*, sem nunca perder de vista esta empreza que tenho por divida de honra, de gratidão e de amor para com meu torrão natal.

Por mais cuidados que desvelasse na revisão das provas typographicas deram-se alguns erros bem notaveis que supprí nas erratas; mas o que não pude evitar — com pezar o digo por ter sido esse o meu maior empenho e no que mais escrupulisei — foi uma ou outra inexactidão, e o parecer injusto ou rude aos que tomaram minha im-

parcialidade e culto á verdade como offensivos aos seus melindres.

Foi parte para aquellas o vastissimo espaço interposto entre mim e o theatro dos acontecimentos, que narrei, e das pessoas que podiam melhor me informar, esclarecer e aconselhar, e que se não furtariam de o fazer de viva voz, como succedeu a muitas das cartas que dirigi a cavalheiros conhecedores dos factos e alguns achegados por parentesco ou amizade aos biographados, que ou não as responderam ou ministraram-me dados defectivos, obscuros, ou mui resumidos.

Desde principio que descortinei os escolhos e difficuldades que se me anteporiam a este tentamen, não sendo o menos temeroso e invencivel o de respeitar a história, assoalhando factos que a lisonja e a condescendencia recommendam se desfigurem ou omittam. Tanto os reconheci e me arreceei d'elles que os apontei na *advertencia* que precede o primeiro tomo, e comtudo os affrontei, preferindo ficar bem com a consciencia por cumprir um dever do que merecer louvores e agradecimentos comprados a preço de um remorso e de uma vergonha.

Não me arrependo de ter assim procedido, e nem devo me dar por mal livrado com terem apparecido na imprensa sómente duas impugnações, uma ao que referi de pag. 197 a 199 do tom. I, motivando a retirada de José Candido de Moraes e Silva de caixeiro da casa commercial de Antonio José Meirelles, e a outra á opinião que emitti na pag. 24 do tom. II com respeito ao estado do 5.º batalhão de fuzileiros na *dacta em que a escrevi*.

No meu afan de dar plena e inteira satisfação aos dignos filhos de José Gonçalves Teixeira que vieram com embargos e queixas no *Paiz* de 21 de abril de 1874 (vej. nota I) rebusquei todas as provas que me levassem a uma retractação franca e solemne. Entre os jornaes que consultei para tão almejado fim não me escapou o *Censor*, cuja collecção vae de fevereiro de 1825 a dezembro de 1830, e se de sua detida leitura não colhi obra que aproveitasse ao meu intento, fez comtudo que cahisse na conta de um êrro e modificasse em parte meu juizo relativamente a seu redactor, João Garcia Abranches, a quem o *Argos da Lei*, mórmente no artigo do seu número 35 de 6 de maio de 1825 que tem por tituto, *ao Censor*, me havia induzido a o emparelhar a João Chrispim Alves de Lima, redactor do *Amigo do Homem*, no mesmo stygma de «que se mostraram infensos á independencia e á toda a liberdade» (pag. 21 do tom. I do *Pantheon Maranhense*). Não sei as razões particulares, e hoje occultas a nós, que obrigaram a Odorico tão sisudo e commedido a insistir em uma tal accusação; porque tanto no que escreveu Abranches no *Censor* como no *Espelho critico da provincia do Maranhão*, folheto de 50 páginas que corre sem nome de author, mas que é obra sua, não descubro por onde se lhe possa arguir de infenso á nossa emancipação politica, antes se mostra amigo agradecido do Maranhão e anhela pela prosperidade da patria adoptiva, se bem que confirme por suas idéas retrogradas e sympathias pelo govêrno *forte* de Pedro da Costa Barros a nota de hostile ás idéas de liberdade.

Outro tanto não posso, ainda que o queira, dizer em abono de José Gonçalves Teixeira que pareça uma retractação, como era meu mais fundo desejo, e a que fui provocado por seus filhos. (Vid. nota I — 1.)

Mal appareceu á luz essa correspondencia, foram logo rebatidos alguns de seus pontos pelo habil redactor do *Paiz*, o sr. Themistocles da Silva Maciel Aranha, meu bondoso e desinteressado amigo, que accudiu em minha defeza (vej. a referida nota I — II). Não me julgando nem por isso desobrigado de entrar por minha vez na liça para dar áquelles tão cortezes cavalheiros razão de meu procedimento, e os fundamentos em que o assentava, escrevi d'aqui uma carta que foi impressa no mesmo jornal. (Vej. na continuação da nota acima citada part. III.)

O que resultou d'essa polemica foi apresentarem-se provas tantas e tão contrárias ao alvo em que esses cavalheiros e eu punhamos a mira, e confirmando aquellas proposições, que me fizeram arrepender de as ter escripto já que as não podia ao menos rectificar!

Acreditem mais os srs. Gonçalves Teixeira que, para explicar a despedida de José Candido (*Pharol*) da casa de Meirelles, não podia prescindir d'esses promenores que teem s. s.^{as} como menoscabo e desdouro ás cinzas de seu progenitor sem que o affecto filial lhes deixe perceber que em tempos tão proximos á sujeição á mãe patria e que as duas nações formavam uma só era desculpavel, e nem se deve incriminar a quem, nascido na metropole, nos considerasse rebeldes e propendesse á recolonisação alistando-se e influindo no partido em que predomina-

vam essas idéas, e que todavia tinha em seu gremio brasileiros natos! Mais feio e deshonoroso labeo, senão indelevel nodoa, é renegar a patria, e sem embargo d'isso, não me consta de nenhum naturalizado, ou seu descendente, que se pique e doa de se lhe lançar em rosto que elle ou seus ascendentes adoptassem estranha nacionalidade, jurando obediencia ás suas leis e govêrno!

Quanto ao que ponderei ácerca do 5.º batalhão de fuzileiros (tomo II, pag. 25) estribei-o em documentos insuspeitos e desapaixonados, taes como ordens do dia do general duque de Caxias e officios das primeiras authoridades da provincia do Maranhão. Não merece portanto demorar-me em mais explicações quando ahi estão essas peças officiaes que fallam com mais clareza e dizem muito mais do que eu. (Nota J).

É este tambem o último escripto com que me intento fatigar os que me honram com a sua benevola attenção, ao menos estou no firme proposito de manter esta resolução, e nem me parece que haja motivo que me faça d'ella mudar, tanto mais quando os dissabores e sacrificios pecuniarios me incapacitaram tirando qualquer disposição de aproveitar os escassos ocios do cumprimento de minhas obrigações com outras occupações que não sejam as de ainda aprender parte do muito que ignoro. Se algum dia, porém, houvesse de fazer segunda edição d'esta obra, o que não prevejo e só desejal-o já era da minha parte estulta e excessiva presumpção, cortaria por

sobejdhões e factos secundarios, suavizando ao mesmo passo certas expressões, que parecerão talvez severas por demasiado francas.

100

expedientes e ideas secundarias, tratándose de materias
pasadas en las exposiciones, que por lo común sirven de
fundamento a ellas.

NOTAS

NOTA

JOÃO FRANCISCO LISBOA

Nota A

... se passa ante nossos olhos — pag. 71 e 73

Extracto da defeza do capitão Henrique de Carvalho
perante o conselho de guerra

Depois de relatar as provocações e affrontas que exaltaram o official e o allucinaram, conclue assim essa parte do seu discurso:

«O chefe de um batalhão, senhores, deve de ser um pae de todos os seus subordinados, e a menos que a paixão o não estimule, antes de manchar publicamente a reputação de qualquer d'elles, procuraria certificar-se bem dos factos que a malevolencia e a intriga fizessem chegar adulterados a seus ouvidos, e usando de bons termos, obteria sem escandalo a reparação de leves faltas, ainda que as encontrasse, hypothese, todavia, que felizmente se não verifica com o réu. A honra de um official não é o patrimonio pessoal e exclusivamente seu; ella pertence ao seu corpo e á sua patria; e se elle quizer ser digno de empunhar a espada, que seu principe lhe confiou, hade velar por conserval-a pura e sem mancha á sombra das juradas bandeiras.

«É por isso que o citado regulamento de infantaria no capitulo 23.º intitulado «da subordinação» e no § 8.º diz expressamente—«Que será muito do desagrado de Sua Magestade se qualquer official superior usar de termos e palavras indecentes com qualquer official que estiver ás suas ordens; porém se esta violencia provier de um zelo excessivo do serviço e fôr commettido na frente de qualquer tropa, o official particular, moderando o seu primeiro impulso, não a reputará como offensa, nem responderá a ella, contantoque o não offenda na honra...»

«Vós o vêdes, senhores, é a mesma lei militar, é a lei especial da «subordinação, que em caso de offensa reconhece a irresistível espontaneidade de um *primeiro impulso*; recomnenda, é certo, que «elle seja sopeado, menos todavia quando toca na honra, porque esse «deposito sagrado é inviolavel; o soldado verdadeiramente digno «d'este nome deve e hade sempre defendel-a a todo o transe.»

Apreciemos a narração do facto :

«Narração do facto — O réu viu a sua honra atrozmente vilipendiada— não havia justa causa para aquella diffamação official solememente proclamada em uma ordem do dia á face de seus irmãos de armas— não era o zêlo do serviço, era a paixão e o odio quem dictava a offensa. E todavia o réu devorou-a, sopeando com «penivel esforço todos os sentimentos que lhe ferviam n'alma, e que «a lei justifica como acabaes de o ver. Informado da ordem do dia, «retirou-se para casa, deixou acalmar o seu espirito, e voltou á «tarde já mais socegado a pedir respeitosa e reparação da offensa e injúria irrogadas ao seu character.

«Dirigiu-se para esse fim ao seu commandante, e sós com elle na «secretaria expoz-lhe a injustiça que havia commettido, e pediu-lhe «que retirasse a fatal ordem do dia.

«Senhores, tudo passou-se entre o accusador e o accusado, entre quatro paredes e sem testemunhas.

«Não pôde, pois, a scena, que occorreu na secretaria, ser apreciada pela vossa justiça, pois que nada podeis decidir sem provas «juridicas; mas com o mesmo direito com que o accusam, o réu «impugna a accusação. Elle foi respeitoso e calmo, e a unica ameaça, que fez ao commandante, foi uma ameaça legal, a de queixar-se da injustiça aos seus superiores. Acredital-o-heis? Em vez «da reparação, que esperava e devia obter, recebeu affronta sobre «affronta!... A um tal ultraje podeis imaginar, como todo o mundo imaginará, como ferveria o sangue nas veias do réu e que idéas «lhe lampejariam na mente; elle, porém, só se recorda que quasi «fóra de si, sem nada ver nem ouvir, sahiu arrebatado da secretaria, dirigindo-se machinalmente sem bem saber para onde, turvado de dor e de colera, e offercendo o aspecto, segundo depoz o «capitão Belfort, de um homem pungido n'alma por uma grande «affronta!

«Quando assim ia, como sem consciencia do que fazia, juncto já

«ao portão foi despertado pelas vozes do dito capitão, que lhe intimava a ordem de prisão, e pelo termo *infame* que, partido do commandante que o seguira, lhe echoou nos ouvidos como continuação das injurias já recebidas na secretaria.

«O réu voltou então, sem oppor a menor resistencia, e passando pela frente do commandante fitou-o alguns rapidos momentos, mas silencioso e sem gésto algum ameaçador; e só mais adiante, e já em alguma distancia, é que murmurou com voz alterada: — «Eu infame!» como reproduzindo o echo da injúria recente. Em verdade, senhores, seja que o commandante lhe applicasse este nome, seja que com effeito, segundo referem todos os depoimentos, elle apenas dissesse — *sirvam de testemunhas em como elle me chamou infame* —, o certo é que foi de feito esta a palavra que feriu os ouvidos do réu, e nada mais natural do que repetil-a elle no sentido de repellir a injúria, marchando prêso, como ia. Toda esta scena se passou com a rapidez do relampago, e para que possaes bem apreciar-a e moralisar-a, convém que tenhaes em vista outra circumstancia referida tambem pelo mesmo capitão Belfort, e vem a ser que o commandante se achava igualmente turbado de coeura, bem que, como adiante vereis, não foi ella tal que perdesse de todo a serenidade do juizo e ficasse tolhido de proceder até com astucia e calculo. Eis ahí o facto como se passou; vejamos agora como o refere o commandante.»

Na analyse da parte do commandante, e na de todo o processo e depoimento das testemunhas requintou Lisboa em argucia, desenvolvendo summo talento e habilidade, destruindo uma por uma todas as provas allegadas, e demonstrando contradicções palpaveis nos testemunhos, e a inverosimilhança d'alguns factos. Ao terminar essa parte da defeza assim se exprime:

«Exgotado este assumpto ingrato e repulsivo, arrazada até os seus fundamentos essa phantastica armação de intituladas provas, que nem podem attestar crimes n'esses ditos pouco respeitosos para com a primeira auctoridade da provincia, attribuidos ao réu, por elle negados, e que ainda quando realmente se houvessem proferido, não teem imputação alguma como filhos de uma allucinação momentanea, provocada por um insulto atroz, e seguida de uma prompta e completa submissão; destruida essa pretendida prova, é fôrça voltar, senhores, ás mesquinhas paixões que foram

«o movel de todo o procedimento do commandante, que o arrastaram a infamar ao réu, a constringer e violentar a consciencia das testemunhas, e a impeccer a liberdade dos depoimentos, usurpando as attribuições dos tribunaes, e instituindo, em face d'elles, inquirições parallelas até hoje inauditas no fóro militar como no civil; e a essas paixões, que já vistes como assignalaram-se a principio, e que vedes como continuaram a fermentar.»

Depois de entrar na apreciação de outros factos secundarios, allegados contra o réu, conclue n'estes termos a defeza:

«A corrupção nos circunda por toda a parte; e a paixão que procura mascarar-se com o falso zêlo da justiça, é uma das fórmas mais odiosas que ella costuma revestir, e que mais excita a minha indignação.

«Tenha algumas relações, tenha elevada posição social e ponha-se sobretudo sob a protecção de alguma estrondosa baixeza, e fique certo que poderá impunemente metter as mãos nos cofres publicos e saccar d'elles contos de reis; mas se o odio e a prepotencia buscam para seu alvo alguma victima desvalida, o phantastico extravio de meia duzia de patacas será optimo pretexto para que a ameacem com a morte e com a infamia.

«Assim o sanguinario Richelieu fez assassinar juridicamente o bravo marechal de Marillac, seu inimigo, por causa de quatro feixes de palha, como dizia a illustre victima.

«O réu, senhores, não tem pejo de apparecer-vos com a fronte descoberta. Ahi tendes a sua fé-d'officio; lêde-a (doc. n.º 27). Quatorze annos de serviço, quatro campanhas, a do Maranhão e Rio-Grande de S. Pedro do Sul durante as guerras civis, a de Montevideo e a do Prata, durante a última guerra externa em que tomou parte na gloriosa jornada de Monte-Caseros. E elle que por muitas vezes foi depositario sempre fiel dos dinheiros públicos, conduzindo até 20:000\$000 réis d'aqui para o Piahy, agora o accusam de subtrahir a gratificação de 45 réis a um pobre camarada!

«Senhores, vós, subordinados quanto á formula do processo, sois livres e independentes quanto ao julgamento, e superiores no proferil-o a quaesquer estranhas e illegitimas suggestões.

«Absolvei o réu que é innocente das culpas que lhe fazem e que, se as tivesse, estavam attenuadas pela affronta recebida como

«ensina o *Auditor Brasileiro* a pag. 120, e mesmo justificadas como «suppõe o cap. 23, § 8.º, do *Regulamento de Infantaria*.

«Restitui, pois, o soldado ás suas armas e ao seu batalhão, o marido á esposa desolada, o filho, enfim, aos derradeiros abraços do «velho pae afflicto e moribundo! . . .»

O resultado foi a absolvição do réu, e esse o melhor tropheu que então alcançou J. F. Lisboa.

Se não estivesse tão arredado do lugar onde está archivada essa peça, reproduzíl-a-ia aqui por inteiro.

Nota B

Contesta-lhe brilhantemente esta falsa proposição o sr. Joaquim Serra . . .
pag. 115, 154, 160 e 162

CRITICA LITTERARIA

VI

(Carta ao dr. Couto de Magalhães)

Tão lindo trabalho como é esse que acabas de publicar, sob o titulo — *Os selvagens* —, por fôrça que havia de ter um senão.

É sina das obras humanas ainda as mais bem acabadas!

Esse senão consiste na injustiça que commetteste a respeito de João Lisboa, do Timon brasileiro, quando escreveste os seguintes periodos:

«Tempo houve em que, graças aos esforços do Instituto Historico, a litteratura nacional manifestou a salutar tendencia de estudar estes assumptos. Os cantos de Gonçalves Dias, de Bernardo Guimarães, alguns romances de José de Alencar; composições «mais antigas de José Basilio e Santa Rita Durão, são um lindo colar de perolas que nossa geração legará á posteridade.

«Posteriormente, alguns homens orgulhosos, se bem que notáveis por seu talento, e á sua frente João Francisco Lisboa, promo-

«veram a reacção. Elles que nada conheciam da lingua e que portanto nada podiam conhecer da indole do selvagem, porque o que está escripto é falso como mostrei, procuraram lançar o ridiculo sobre estas bellas tradições da velha America. Como não haviam estudos serios e profundos de philologia a reacção ganhou a victoria.

«Oxalá renasça o gôsto por estudos que em tão má hora foram cobertos de desprestigio por quem já não tinha forças para fazel-os.»

Consente que eu diga algumas palavras como contestação:

Primeiramente João Lisboa, que falleceu no vigor de seu talento, escrevendo as soberbas páginas da vida do padre Antonio Vieira, não era um escriptor incapaz de qualquer commettimento litterario. Não lhe cabe o «*porque já não tinha forças para fazel-os*» que assignalas.

Aquelle valente escriptor não teve declinio; a morte arrebatou-o na plenitude do saber. Foi astro que não cahiu no occaso.

Em segundo lugar, se João Lisboa, como outros escriptores nacionaes, combatteu a idéa de reduzirmos a litteratura brasileira ao *indianismo* puro, não é menos certo que elle prezava em muito os cantos americanos de Gonçalves Dias, e considerava o elemento indiano como parte integrante da litteratura nacional.

Muitos escriptores brasileiros e portuguezes negam a possibilidade de termos uma epopéa sómente com o auxilio do elemento indigena, o qual, entretanto, não é mais barbaro de que aquelle que serviu para a elaboração dos *Nibelungen*.

João Lisboa acreditava na nacionalisação da nossa litteratura.

Elle entendia que esta natureza brasileira, a modificação dos costumes e modo de viver dos colonos, a linguagem, e muitos outros accessorios contribuiam para firmar a linha divisoria entre a litteratura portugueza e brasileira, sem que o caracteristico unico fosse o indianismo.

Mas, desprezar esse poderoso elemento, reagir absolutamente contra elle, não podia ser o intento de quem escreveu tão brilhantes páginas sobre os nossos aborigenes; de quem tanto commiserou-se da sorte d'esses infelizes, perseguidos pela ambição e crueldade dos primeiros povoadores.

E cabe aqui mencionar que, se um membro do Instituto Histori-

co, como João Lisboa, ponderou que já era tempo de não considerarmos como unico objectivo da poesia e do romance nacional a lenda e a tradição indiana, outro membro importante do Instituto prégo cruzada mais perigosa e com a qual seguramente não estarás de accôrdo. Refiro-me aos extranhos conselhos do sr. barão de Porto Seguro (Varnhagen) sobre o modo de cathequisar os selvagens, voltando-se ao barbaro costume das bandeiras.

Como o fim principal do bellissimo escripto que publicaste foi aconselhar ao govérno os meios brandos da cathequese, e sobretudo o não aldeamento dos indios, deixa que eu cite essas duas opiniões que se chocam e que se referem ao mesmo objecto.

É a primeira de João Lisboa mencionado no teu escripto, é a segunda do barão de Porto Seguro, que, por um motivo especial me aprez approximar do illustre maranhense.

Diz este:

«Parece-nos que uma vigilancia mais que mediocre bastaria para precaver-nos contra as aggressões imprevistas dos indios, cujos es-
«tragos parciaes não são em todo o caso para pôr-se na balança
«com a sua escravidão ou destruição sythematica. Se comtudo nada
«podemos contra a natureza das cousas, se não ha maneira de ven-
«cer a repugnancia do indio para a vida civilisada sem recorrermos
«á violencia, deixemol-o muito embora entregue ao seu destino,
«tranquilla e satisfeita a consciencia pública com haver tentado para
«o policiar todos os esforços permittidos e aconselhados pela justiça
«e pela moral.

«Todos esses horrores que o passado viu na sua maior plenitudede e hediondez, e cujo triste reflexo ainda enluta o presente, haviamos nós, os herdeiros forçados da escravidão africana, ensaial-os
«de novo sobre os indios, acrescentando novas páginas ao livro fun-
«nesto que os nossos maiores escreveram com sangue?»

Como isto é bem pensado e profundamente humanitario!

Como está de accôrdo com as tuas idéas philosophicas e christãs!

Vejamos agora o que diz o sr. Varnhagen na sua *História Geral do Brasil*, livro que tanto se fez esperar, que foi annunciado como um monumento, e que seu author, para impor silencio á critica, fez acompanhar, em fórmula de appendice, de cartas laudatorias e banaes de uma duzia de notabilidades estrangeiras e nacionaes.

Vai o sr. Varnhagen fallar, e tu me dirás se suas idéas são d'esto século, e se coadunam-se com a tua generosa propaganda.

Diz elle:

«As providencias de mal entendida philantropia, decretadas pela piedade dos reis e sustentadas pela politica dos jesuitas, foram a causa de que os indios começassem pouco a pouco a serem unicamente chamados á civilisação pelos demorados meios de catechese...»

«Se o uso das leis tivessem continuado a permittir que a cobiça dos coionos arrebanhasse os selvagens do Brasil sujeitando-os primeiro ao menos sete annos, como a servidão israelita... A escravidão e a servidão são hoje ainda admittidas, com nomes diferentes, nos codigos das nações mais liberaes. O que é o condemnado a galés temporarias ou a presidio senão o servo do estado durante o tempo que cumpre a sentença?... Ostente pois embora falsamente, á custa dos indios, o escriptor estrangeiro ou não christão, luxo da pseudo-philantropia, que sacie o seu rousseau-niano enthusiasmo philo-selvagem. Um historiador nacional tem outros deveres a cumprir, e um filho de S. Paulo não poderia deixar de seguir as opiniões que temos a fortuna de partilhar, sem faltar ao respeito á memoria dos Buenos, dos Ramalhos, dos Leães, dos Paes, dos Toledos, e de outros que alargaram, á custa de victorias sobre os bugres ou indios barbaros, as raias da civilisação da patria.»

Que santas maximas! que sublime philosophar!

Nós brasileiros devemos protestar contra taes doutrinas, e mais ainda contra a defeza da escravidão africana, que o sr. Varnhagen toma a peito fazer na sua *História Geral*.

O character nacional oppõe-se a semelhante propaganda.

E já que fallamos de João Lisboa, deixa que eu faça uma pequena digressão para mencionar a pouca generosidade com que o sr. Barão de Porto Seguro, depois da morte do illustre maranhense, sahiu-se com um pamphleto contra elle, pelo facto de haver João Lisboa combattido em umas notas do seu *Jornal de Timon* a extravagante idéa de revivermos a guerra de bandeiras contra os indios bravos com o fito de exterminal-os e reduzil-os ao captiveiro.

O sr. Varnhagen publicou em Lima, no anno de 1868, um opusculô em 8.º, de 124 páginas, só com o fim de amesquinhar

o historiador maranhense, e para dar desabafo á sua tumida vaidade.

O pamphleto, que se *recommenda* principalmente pela falta de urbanidade e cordura de termos, divide-se em duas partes. Na primeira o acommette o pamphletista com linguagem séria, e na segunda em tom chocarreiro; appellida de *maranhão* o illustre finado, e sobre elle derrama á mais acre *bilis*!

Para encobrir o sr. Varnhagen o que ha de altamente reprovado na acção covarde de perturbar de modo tão insolito o somno eterno de João Lisboa, quando poderia vir á liça em 1858, epocha em que o illustre finado publicou o terceiro volume de suas obras, declara o author da *História Geral do Brasil*, que ha annos mandára imprimir o trabalho, e que se o dava depois a lume era para não perder o que estava feito!

Como semelhante defeza não procedesse, julgou-se o sr. Varnhagen na necessidade de attribuir a um amigo a parte injuriosa do livro, quando entretanto o estylo, orthographia e tudo denuncia que a obra é de uma unica penna.

Como amostra das bellezas d'esse libello, que tem por titulo — *Os índios bravos e o sr. Lisboa Timon* — peço permissão para transcrever aqui alguns trechos:

Eil-os:

«A pagina 93 do intitulado *Jornal de Timon* diz-se, em continuação de muito farelorio: — A escravidão, o maior attentado, em nosso conceito, que jamais se commetteu contra os foros da humanidade, etc.

«Aqui n'este periodo, aliás muito interessante, grammaticalmente e philosophicamente fallando, a allusão ás opiniões do author da *História Geral* sobre a escravidão é descarada e sem rebuço, etc.

«Se o Timon do Maranhão abrisse em qualquer parte do orbe terraqueo, ou mesmo na lua, uma aula de logica, dou-lhe segura caução de que faria tanta fortuna como o outro Timon da Chalcédonia!

«Com effeito, se o rabulista soubesse um pouco de hermeneutica applicavel em materia polemica, porém o rabula dos Maranhões, o Timon não combate a escravidão com argumento algum novo e de valia, senão com declamações safadas, entresachadas de

«contradições palpaveis, de palavradas grosseiras e cheirando a catinga que tresanda.

«Ora, illustrissimo sr. Timon, em logar de rabiscar criticas chôchas, porque se não diverte antes com os autos da Maria Parda?

«E demais a mais, se é um Timon quem escreve, então nem assim podemos saborear sequer um bocado de portugueza lingua-gem castiça, senão mestiça, e os idiotismos pollulam aos cardumes e com tanta fartura, que mais parece lingua de preto que de branco.

«Quanto a argumentação tive já occasião de mostrar a que ra-chíticas e acanhadissimas proporções ella está reduzida. Temos, «sim, provas, mas provas tão sómente de inepecia, de malignidade, «de enfatuação fofa, de contradicção palpavel, de plagiato, de hypocrisia.

«Com effeito não encontrando eu em todo aquelle esqualido aranzel de Timon, a par das provas mencionadas, senão declamações banaes com pretensões a espirituosas (*de l'esprit bête*) palavras altisonantes, phrases compassadas, estylo coruscante e phosphorico, emfim, cousa que eu logô vi não ser mouta d'onde sahisse coelho, podia sem mais parergos nem excursos dizer—*ubi venit tibi fiducia tanta papalve?*—ou então em francez—*ou la vanité va-t'elle se nicher?*

«Porém nada mais disse commigo a sós, no fim da minha leitura, «senão: —Era para desejar, e mesmo de esperar, carissimo Timon, «mais mula e menos gualdrapa, mais cortina e meos franja... etc., etc.»

Isto não se commenta, mostra-se.

Eu poderia n'este momento adduzir as provas do que affirmei n'estas columnas, relativamente ao merito litterario da *História Geral*, escripta sem a gravidade e compostura proprias do assumpto; prefiro porém fechar o parentese, mesmo porque aquelle livro foi, logo que appareceu, magistralmente analysado, na imprensa academica de S. Paulo, por um dos mais distinctos representantes da moderna geração, o dr. Homem de Mello.

Todavia, para acalmar os idolatras do sr. Varnhagen, esses que viram heresia nas vagas censuras por mim enunciadas, remetto-os á propria *História Geral*, onde se encontram bellezas d'este quilae, e muito proprias da severidade historica. Exemplos:

Enxertos de natureza extranha como as declamações sobre as *Ordenações do Reino*; descabida dissertação sobre a navegação aerea; declaração de que o pae do author foi bom pianista e tinha varias condecorações; propostas para uma capella ao bispo Sardinha, uma estatua a Bobadella, brazões de armas para as provincias, canonisação de dous beatos brasileiros, baptismo dos wagons e navios com os nomes de homens illustres, novo modelo de bandeira nacional mais economica e artistica, etc., etc.

Remetto-os mais ás páginas 261, 262 e 466 do primeiro volume onde vem santificada a escravidão. E a outras páginas de uma futilidade extrema, como sejam aquellas onde se apresenta, entre os documentos historicos, uma carta do author offerecendo cem mil réis para a estatua de D. Pedro I, e aquelle capitulo em que o author descreve o entrudo de limões e ovos, e diz que *n'aquelle tempo já se conjugava o verbo RAPIO!*

Dispensa, meu caro Couto de Magalhães, esta divagação; ella veio a proposito de João Lisboa citado por ti de um modo que não me pareceu muito airoso para elle; de João Lisboa violentamente atacado pelo sr. Varnhagen por esta mesma questão de indios bravos.

Em conclusão:

O Timon brasileiro, historiador da força de Herculano, muito amator das cousas patrias, tinha em muita estimação a cathequese e civilisação dos selvagens pelos meios humanitarios que apregoaste em teu succulento escripto.

E, se não considerava elle o elemento indiano como indispensavel para aformoseamento e caracteristico da litteratura nacional, foi todavia o maior apologista de Gonçalves Dias quando este publicou em seus *Cantos* aquelles formosos poemetos de assumpto indigena.

Appareçam escriptos de quem, como tu, estudando com tenacidade as antiguidades americanas, faça conhecida a raça potente do selvagem americano, que eu estou certo de que teremos muitas e bellas páginas de poesia brasileira, inspiradas na vida, costumes e theogonia dos indios.

A memoria lida no Instituto Historico será um dos mais poderosos auxiliares para esse estudo.

Comprimento-te por tão magnifico trabalho.

JOAQUIM SERRA.

Nota C

... o ex.^{mo} sr. conselheiro Ignacio M. Homem de Mello
em sua analyse á Historia Geral— pag. 154

HISTÓRIA GERAL DO BRAZIL
POR FRANCISCO ADOLPHO VARNHAGEN

2 vol., Madrid—1854 e 1857

(Noticia litteraria)

I

A litteratura brasileira está na infancia. Em seus primeiros assomos, porém, ella revela já a força que lhe assiste, o vigor de inspiração que a anima. A intelligência em nosso paiz conta mais de uma conquista fecunda, mais de um triumpho brilhante. O campo da litteratura, das sciencias, da história, da poesia tem sido illustrado com vantagem pelos filhos d'esta terra abençoada.

Um logar de honra está no futuro reservado á história litteraria do periodo, que ora atravessamos.

Essas brilhantes produções, que todas ahí se ostentam á luz da publicidade em nosso paiz, testemunham com honra que os brasileiros tambem se abalam aos grandes problemas da sciencia, obedecem ás suaves impressões da poesia, e são talhados para os variados e séveros trabalhos da litteratura.

Todos os ramos da sciencia tem tido no Brasil mais ou menos seu representante. Terá acontecido o mesmo á história? Quem é entre nós o seu representante?

O Instituto Historico dedica-se a essa grande obra. Sua missão porém é colher os documentos, reunir os materiaes, servir como de luzeiro ao litterato, que se proponha fazer uma história do paiz com essa unidade, que repugna á natureza dos corpos collectivos.

É essa uma necessidade, que ha muito se sente em nossa litteratura. Não que os brasileiros sejam indifferentes ás glórias de seu passado, á história de seu paiz. Os nomes do visconde S. Leopoldo, do general Abreu e Lima, de Porto-Alegre, Gonçalves Dias, Pe-

reira da Silva e tantos outros brasileiros distinctos por trabalhos vigorosos embora parciaes, protestam contra essa increpação que por ventura nos quizessem fazer.

No meio d'esses dedicados cultores da história patria, um nome se destacou, que por suas aturadas investigações, por sua constancia no trabalho, por seus serviços prestados á história do paiz, adquiriu uma grande nomeada, e abalançou-se á empreza de preencher essa sensível lacuna de nossa litteratura, a escrever uma história do Brasil. É o sr. Francisco Adolpho de Varnhagen.

Quando se soube no paiz, que esse illustre litterato estava na Europa reunindo os materiaes de nossa história; quando se annunciou que elle tinha em mãos esse grandioso trabalho, todos o esperavam com anciedade. Todos diziam: «Ainda bem! — o passado vaе «surdir da tumba, quebrar o seu silencio de morte, e fallar-nos pela «voz de um historiador notavel. O Brasil tantas vezes calumniado e «desfigurado pelo estrangeiro, vaе apparecer á face da Europa em «toda sua magestade. A história achou o seu representante».

Entretanto essa obra tão preconizada acaba de apparecer, e nenhuma voz se levanta para dizer ao paiz de seu merecimento, para apreciar-a devidamente. O apparecimento d'essa obra nacional vaе passando desapercibido na republica das letras.

O sr. Varnhagen procurou atar as mãos á critica, consignando no fim do segundo volume¹ rasgados elogios, assignaladas homenagens, que lhe foram prodigalisadas, e declarou fazel-o «por necessitado a buscar nos mais fortes e mais generosos... o apoio de «que a obra carece contra as indifferenças e vociferações de tantos «espiritos pequeninos».

De feito, o grande Humboldt, a Academia das Sciencias de Munich, Pedro de Angelis, Joaquim Caetano, Porto-Alegre, viscondes de Sapucahy e de Sá da Bandeira, o conde de Van der Straten Ponthoz, Gonçalves Dias, Odorico Mendes, J. F. Lisboa (Timon), Ferdinand Denis, a imprensa brasileira, portugueza, franceza, allemã e hespanhola, Rebello da Silva, dr. Martius, Rosely de Lorguês, todos concorreram, como em uma cruzada, dirigindo ao auctor palavras lisonjeiras e animadoras, de modo a satisfazer sua exigente ambição litteraria.

¹ Tomo II da *Hist. Ger. do Brasil*, nas notas, de pag. 484 em diante.

Diante d'essas auctoridades respeitaveis, diante d'esses vultos magestosos das litteraturas estrangeira e nacional, a critica sente-se quasi desarmada, receiando não poder acrescentar uma palavra ao parecer de juizes tão abalisados.

Por maior, porém, que seja o respeito, que protestamos por esses grandes nomes, entendemos, que suas recommendações não salvam a obra do exame da critica litteraria. Releve-nos o distincto escriptor: é um perfeito engano querer com ellas declinar essa competencia. O tempo das auctoridades passou: um grande nome não sanctifica o erro, não communica perfeição á mediocridade, se ella existe. A primeira e unica recommendação de uma obra, seu verdadeiro escudo contra o poder da critica, é o seu merecimento intrinseco. Fazei uma obra sem merecimento; ajuntae-lhe quantos elogios de grandes homens quizerdes: por fim tereis sempre inexoravelmente uma mediocridade. Deus nos livre de semelhante despotismo litterario. As idéas não valem pelo nome que as rubrica, e sim pelo que ellas são.

Chateaubriand disse: «A critica nunca matou o que deve viver, e o elogio, sobre tudo, nunca deu vida ao que deve morrer». O mesmo podemos dizer d'esses immoderados elogios, para nós é um segredo desconhecido essa virtude, que o sr. Varnhagen n'elles descobre contra a critica.

Demais: essas homenagens podemos traduzil-as como simples cortezias, inspiradas aliás pelo nobre desejo de animar o auctor: mas o juizo sobre sua obra, dictado por uma critica imparcial e severa, ainda não appareceu. Essas cartas tão lisongeiras dirigidas ao auctor não constituem a critica litteraria. Cumprе quebrar essa mudez, que se tem guardado em nosso paiz sobre uma obra de tanta importancia; cumprе aprecial-a devidamente e dar-lhe o seu justo quilate. Não comprehendemos que as lettras se caleem, quando pela primeira vez apparece á face do nosso paiz um brasileiro reclamando para o seu livro os fóros de uma—história nacional. Esse silencio nem mesmo ao auctor pôde ser proveitoso.

Julgamos ser um dever da imprensa brasileira consagrar mais do que uma simples noticia a essa obra de tanta importancia. É o interêsse das lettras patrias quem o reclama.

Não nos liga o escrúpulo de dever a critica ser indulgente em um paiz novo sob pena de matar as aspirações nascentes, destruir

as vocações ainda não firmadas. O sr. Varnhagen é um vulto constituido em nossas letras; não precisa socorrer-se a esta indulgencia.

II

Os louvores, que mereceu a *História Geral do Brasil* do sr. Varnhagen, dão a medida da reputação litteraria, de que elle gosa no Brasil e na Europa. Mas cumpre-nos, no interêsse da sciencia, não admittir sem exame esses elogios; cumpre verificar escrupulosamente, se o illustre escriptor correspondeu a essa honrosa expectativa, e se a sua obra reúne os caracteres de uma verdadeira história.

É o que nos propomos examinar succintamente.

Depois que Chateaubriand descreveu os caracteres da história e os dotes do historiador, fôra ousadia de nossa parte tentar accrescentar uma palavra a essa página sublime dos *Estudos Historicos*. Para o nosso fim basta lembrar a nobre e elevada missão do historiador. Assumindo esse character, elle constitue-se o severo juiz das gerações passadas; tem de julgar seus actos, seus crimes, suas virtudes. Se para julgar um acto humano faz-se precisa uma tão grande somma de saber, quanta não será necessaria para julgar uma geração inteira?

A história é uma lição para o futuro. Por isso o historiador deve ser dotado de um saber vasto e profundo, quasi universal. Deante d'elle comparecem todas as gerações passadas, e em mudo silencio ouvem de seus labios a grave sentença, que julga de seus feitos.

Não é tudo: o historiador deve ainda ter um espirito superior, idéas elevadas, grande saber, e sobre tudo essa intelligencia poderosa, que domina os factos, e d'elles deduz as lições, que devem aproveitar ao futuro: é por esse preço, que elle explica as causas dos acontecimentos, desenvolve suas consequencias, subordina-os a um sistema, ligando-os no quadro de uma sábia narração.

Longe de deter-se na exposição descarnada dos factos materiaes, deve-nos mostrar o nexó, que os ata, porque a história da humanidade é uma grande cadeia, cujos elos estão todos ligados. Sem idéas geraes não ha história.

Para o desempenho d'essa tarefa grandiosa não chega a vida de um só homem.

O historiador é a um tempo o que investiga o facto, reúne os materiaes, estuda os documentos, apura a verdade, e o que os dispõe em uma ordem natural e methodica, formulando depois o seu juizo frio como a razão, imparcial como a justiça. O estudo do facto e sua apreciação philosophica constituem o historiador.

É por isso que aquelle, que se propõe a uma tarefa tão pesada, deve antes de tudo attentar na gravidade da empreza, consultar e medir suas forças para fazer-lhe face: mas, uma vez empenhado n'essa grande obra, não lhe é dado despir o character do historiador, e desmentir em uma producção menos digna sua elevada missão. Então tem-se direito de ser severo e exigir contas d'aquelle que contrahiú uma tão grave responsabilidade, querendo cingir sua frente com os louros de historiador.

Não somos nós que o dizemos: é o grandioso vulto da litteratura portugueza, o creador da história n'esse paiz quem o declara: é elle que, no prefacio da sua monumental — *História de Portugal*, em nome do interêsse da sciencia reclama toda a severidade da critica para o seu livro; é elle, que pede que lhe apontem os erros, e proclama nobremente que não quer iudulgencia para o historiador. Que honrosa abnegação do individualismo pela história! Que sublime dedicação pela causa da sciencia!

Entretanto o sr. Varnhagen mostra-se intolerante contra qualquer reparo, que se faça á sua obra¹, e socorre-se aos grandes nomes contra a critica!

Que differença entre o historiador portuguez e o auctor da *História do Brasil*!

III

Passemos agora a examinar, se o sr. Varnhagen possui os requisitos de historiador, e se a sua *História Geral do Brasil* reúne os caracteres da história.

Antes de tudo cumpre render um tributo de justiça ao illustre escriptor. Não datam de hoje os relevantes serviços por elle prestados á história patria. Investigador laborioso e incançavel, o auctor da *História Geral do Brasil* tem com um trabalho insano recolhido os documentos da nossa história, reunido seus materiaes, e

¹ *Hist. Ger.*, tomo II, pag. 466.

salvado da acção destruidora do tempo muitos dos monumentos de nosso passado. É essa uma glória, que ninguem com vantagem lhe pôde disputar. Por esse lado sua *História Geral do Brasil* recommenda-se ao paiz como digna de grandes louvores. Ha abi em geral um apurado criterio na averiguação dos factos, que o auctor apoia pela maior parte em documentos, muitos dos quaes por elle descobertos.

Mas as aspirações litterarias do sr. Varnhagen vão mais longe; elle não se contenta com o titulo de chronista. Buscou uma vereda inteiramente nova. Os que escreveram antes d'elle, assim o affirma, não comprehenderam a história¹. O illustre diplomata veio preencher essa lacuna, «levantou seu pensamento a ser historiador da «patria²», e escreveu a história do Brasil.

O auctor pretende para si os fóros de historiador, e o faz sentir mais de uma vez em sua obra.

Infelizmente, porém, esse titulo não pôde caber ao sr. Varnhagen! Sua *História Geral do Brasil* está mui longe de acreditarlo como dotado dos caracteres de historiador. Falta-lhe methodo, severidade, e na execução o auctor não podia ser mais infeliz. Suas reflexões, repetidas a niudo com grave prejuizo da narração, são despidas de interêsse e selladas com o cunho da mediocridade. Em vez de ler a grande epopéa nacional, o leitor, victima de uma amarga decepção, fecha o livro desconsolado e triste!

O sr. Varnhagen não é historiador; é um mediocre chronista.

Desde o principio da sua obra elle o revela.

Um magestoso vulto assoma no grande portico do descobrimento da America: o nome de Colombo abre a primeira página da história do Novo Mundo. O raio da civilisação foi por esse homem extraordinario trazido á escuridão das trevas, que envolviam estas plagas desconhecidas.

Pois bem: o historiador do Brasil desculpa os «cosmographos, «que com as rasões que lhes dava a sua sciencia não acreditaram «nas do mesmo Colombo, as quaes segundo hoje sabemos não eram «de bastante peso», e exclama: «Fragilidade humana que porque

¹ *Hist. Ger.*, tomo II, pag. 348 e 349.

² *Idem*, tomo I, pag. 165.

«n'isso ganhamos todos chamamos sciencia o que não passou de «ser um erro feliz !!»

Em vez de pagar o devido tributo de homenagem a esse grandioso genio, o sr. Varnhagen amesquinha-o, despe-lhe sua roupagem brilhante, arranca-lhe da fronte esses louros immarcheciveis conquistados á custa de tantos sacrificios, á custa de um sangue generoso, que as gerações futuras mal podem pagar com a veneração de seculos!

Não contente com isso, o illustre escriptor, fallando do descobrimento do Brasil, acrescenta esta singular consideração: «Assim «este descobrimento... devido a causas que nada tinham que ver «com as explorações do celebre genovez, houvera agora feito co-
«nhecer esta quarta parte da terra ás tres, que antes umas ás ou-
«tras se conheciam, se o discipulo de Ailly e de Toscanelli tivesse
«por quaesquer tristes contrariedades sido embargado durante mais
«7 ou 8 annos na execução de sua empreza».

Eis «o resultado de largos annos de estudos e meditações!»

O sr. Varnhagen, porém, quiz dar-nos provas ainda mais significantes e evidentes, que fallecem-lhe de todo os dotes de historiador.

A leitura attenta de sua obra é uma prova cabal d'esta verdade.

Fazendo ostentação de saber, enxertou em sua obra materias extranhas, digressões sem interêsse historico, triste resultado de um prurido de vã erudição!

Fallando das Ordenações, diz elle: «com este nome constituem «por ora o fundamento da legislação brasileira, com menos gloria «de nosso governo e de nossos juriconsultos, que ainda não se de-
«ram ao trabalho de fazer d'ellas uma nova reformação, riscando
«ao menos de seus artigos os degredos PARA O BRASIL e para Afri-
«ca e couto de Castro Marim, e outras ridiculezas d'este jaez»...
«Constam as Ordenações de quatro distinctos codigos chamados
«LIVROS... O quarto vinha a ser o codigo civil ²».

Custa a crer que estas excrescencias, que nos abtemos de qualificar, façam parte de uma obra historica.

¹ *Hist. Ger.*, tomo 1, pag. 6 e 7.

² *Idem*, tomo 1, pag. 76.

É pena que uma obra de tanto trabalho, e que sem dúvida alguma grangeou ao auctor a glória de reunir os materiaes de nossa história, seja tão deploravelmente desfigurada por semelhantes ostentações de erudição!...

Deixamos ao bom senso do leitor verificar se ha aqui alguma cousa que abone o sr. Varnhagen como historiador. Pobre litteratura nacional! Pobre Brasil!

IV

Somos agora chegados a um assumpto da mais alta importancia, que revela em grau eminente a pobreza litteraria do sr. Varnhagen, e dá-nos um documento irrecusavel de que elle poderá ser tudo, menos historiador. Queremos fallar dos indios.

Abramos sua obra e leia o leitor commosco:

«No captivar o gentio da propria capitania foram os donatarios «mui parcos, e só consideravam legitimamente seus os que haviam «sido aprisionados na guerra. E devemos confessar que esta prática, fundada no chamado direito dos vencedores, tinha tendencias «civilisadoras, e em alguns pontos chegou a produzir o influxo benéfico de poupar muitas vidas.....

...«Quando a nós, tem-se clamado demasiado injustamente «contra as tendencias dos primeiros colonos de levarem a ferro e «fogo os barbaros da terra, agrilhoando-os, matando-os ou escravizando-os. Por via de regra, para com os indios, os donatarios conduziram-se ao principio do melhor modo que lhes era possivel...

...«Os christãos... sabiam a agredil-os (os indios); e os prisioneiros de guerra traziam-os para captivos. E cumpre confessar «que não havia n'esta pena retaliação.

...«Foi a experiencia, e não o arbitrio nem a tyrannia, quem «ensinou o verdadeiro modo de levar os barbaros, impondo-lhes á «fôrça a necessaria tutella, para acceitarem o christianismo, e adoptarem habitos civilisados começando pelos de alguma resignação «e caridade.

«As providencias de mal entendida philantropia, decretadas depois pela piedade dos reis, e sustentadas pela politica dos jesuitas, «foram a causa de que os indios começassem pouco a pouco a serem unicamente chamados á civilisação pelos demorados meios da «catechese.

«Se o uso e as leis tivessem continuado a permittir que a cobiça dos colonos bem encaminhada arrebanhasse os selvagens do «Brasil, sujeitando-os primeiro ao menos por sete annos, como a «servidão israelita...»¹

«A escravidão e a servidão são admittidas ainda hoje, com nomes differentes, nos codigos das nações mais liberaes... O que é «condemnado a galés temporarias ou a presidio é servo do estado «durante o tempo que cumpre a sentença².»

«A escravidão e a subordinação são o primeiro passo para a «vilisação das nações» disse com admiravel philosophia e coragem «o virtuoso e sabio bispo brasileiro Azeredo Coutinho. Esta verdade foi reconhecida pelos antigos... E tanto a reconhecemos nós «mesmos que só por ella podemos explicar... a theoria do nosso «direito penal, que condemna os criminosos ás galés, que são uma «escravidão perpetua com grilhões³.»

«O certo é porém que os interesses do estado não estão em certos casos (temporariamente) de accordo com os sentimentos da «mais generosa philantropia.

«Ostente pois embora falsamente, á custa dos indios, o escriptor «estrangeiro e não christão todo o luxo de pseudo-philantropia, «que sacie o seu Rousseauiano entusiasmo philo-selvagem; um «historiador nacional e christão tem outros deveres a cumprir, e «um filho de S. Paulo não poderia deixar de seguir as opiniões que «temos a fortuna de partilhar, sem faltar ao respeito á memoria «dos Buenos, dos Ramalhos, dos Lemes, dos Paes, dos Rendons, «dos Toledos e de outros que alargaram, á custa de victorias sobre «os bugres ou indios barbaros, as raias da civilisação da patria⁴.»

Falta-nos ânimo para continuar a percorrer essas páginas deploraveis, e em que o coração se confrange de dor ao ver a história despir o seu character para sanctificar tanta iniquidade. Eis seus sentimentos a respeito dos indios, elle que diz-nos que «o espirito de «generosidade guiou sua penna, e que, ao escrever sua história, nos «olhos lhe borbulhavam piedosas lagrimas!»

¹ *Hist. Ger.*, tomo 1, pag. 474 a 479.

² *Idem*, tomo 1, pag. 466, nota 80.

³ *Idem*, tomo 11, discurso preliminar XXI.

⁴ *Idem*, tomo 11, discurso preliminar XXVIII.

Comprehendemos um fanatismo pelo passado, uma saudade pelos tempos que se foram. Mas se hoje, á face da civilisação do século XIX, apparecesse quem quizesse resuscitar a inquisição com suas fogueiras, o absolutismo com seu cortejo de arbitrio e prepotencia e sanctificar seus crimes, a humanidade levantar-se-hia tomada de horror e esmagal-o-hia sob o peso de sua indignação.

Entretanto o historiador do Brasil inventa uma jurisprudencia desconhecida e barbara para divinisar os erros do passado! N'essas tribus errantes, que percorrem nosso solo, não ouve o gemido triste do indio, que pranteia a perda de sua patria! Quer ainda a escravidão para elles, coitados, os renegados da civilisação! Quizera trocar as conquistas gloriosas, que para o estado de civilisação actual accumularam á custa de penosos sacrificios todas as gerações passadas, pelos tempos tenebrosos da ignorancia e da infancia da humanidade!

Vêde como elle resuscita os erros do passado, os partos do fanatismo de outras eras, e os consubstancia em sua história!

... «captivar ou vender negros ou outra qualquer gente é negocio licito, e de *jure gentium*, no dizer dos theologos, como a divisão e partição das cousas; e ha bastantes titulos em virtude dos quaes pôde ser uma pessoa justamente captiva e vèndida... os paes, em extrema necessidade, tem facultade natural de vender seus filhos para remedio ¹.»

E é a isto que se chama história nacional!... Se queremos ter uma litteratura digna d'esse nome, não sejamos tão faceis em baratear essa denominação a um livro que, pelo lado scientifico, desafia todo o poder da critica. Essas doutrinas repugnam tanto á indole nacional, que não haverá um só brasileiro a quem não assome o rubor ás faces percorrendo taes paginas!

E o que é mais: o sr. Varnhagen refez o passado no sentido de suas idéas, mutilando a verdade historica para fazer prevalecer sua opinião.

Quereis saber os soffrimentos do gentio, os crimes do colono? Ouvi o apostolo do Novo Mundo, o padre Manoel de Nobrega, testemunha contemporanea, que, em carta de 5 de julho de 1559 a Thomé de Sousa, assim se exprime:

¹ *Hist. Ger.*, tomo 1, pag. 261 a 262.

«Em toda a costa se tem geralmente por grandes e pequenos que é grande serviço de Deus Nosso Senhor fazer os gentios que se comam e se travem uns com os outros... e n'isso dizem consistir o bem e segurança da terra, e isto approvam capitães e prealados, ecclesiasticos e seculares, e assim o põe por obra todas as vezes que se offerce, e d'aqui vem que nas guerras passadas que se teve com o gentio sempre deram carne humana a comer, não sómente a outros indios, mas a seus proprios escravos. Louvam e approvam ao gentio o comerem-se uns aos outros, e já se acham christãos a mastigar carne humana para dar com isso bom exemplo ao gentio.»

Não é tudo: ouçamos ainda o jesuita Simão de Vasconcellos na sua *Chronica da Companhia de Jesus*:

... «não houve commércio vil, barbaridade, violencia, extorsão, e immoralidade que os portuguezes não praticassem em todas as capitánias com aquelles a quem chamavam selvagens, mas a quem n'este ponto excediam em selvageria.»

E como poderia deixar de ser assim?

Ninguém ignora qual a qualidade da população, que Portugal nos primeiros tempos do Brasil escoava para este malfadado paiz. Ahí estão as Ordenações para dizel-o.

Pois bem: livre dos grilhões que o prendiam, atirado na terra virgem do Brasil, o crime encontrava aqui um vasto theatro para suas iniquidades, e assignalava seus passos com o sangue e com a morte. Suas pégadas estão ainda impressas na destruição de uma raça inteira de homens; e o sr. Varnhagen, o «historiador nacional e christão» tem para o indio a escravidão, e para o colono a apothese!

Mas não; o coração brasileiro renega esses sentimentos. Ahí estão os brilhantes escriptos do sr. commendador João Francisco Lisboa para attestal-o. Compare as suas palavras com as do sr. Varnhagen, e julgae.

«Parece-nos (diz aquelle illustrado escriptor) que uma vigilancia mais que mediocre bastaria a precaver-nos contra as aggressões imprevisas a que são usados (os indios), e cujos estragos parciaes não são em todo o caso para pôr-se na balança com a sua escravidão ou destruição sythematica. Esses damnos, demais d'isso, podem ainda ser obviados pelos meios pacíficos da catechese. Os ca-

«bedaes fundidos n'essa verba de verdadeira caridade nacional não seriam por ventura os mais malbaratados do nosso orçamento.

«Se contudo nada podemos contra a natureza das cousas, se não ha maneira de vencer a profunda incapacidade do indio para a vida civilisada sem recorrermos á violencia, deixemol-o muito embora entregue aos seus destinos, tranquilla e satisfeita a consciencia pública com haver tentado para o policier todos os esforços promettidos e aconselhados pela justiça e pela moral.....

«E todos estes horrores que o passado viu na sua maior plenitude e hediondez, e cujo triste reflexo ainda enluta o presente, haviamos nós, os herdeiros forçados da escravidão africana, ensaiados de novo sobre os indios accrescentando novas páginas ao livro funesto que os nossos maiores escreveram com sangue!!»

Eis a historia! Eis o historiador!

Essas palavras notaveis, selladas com o cunho da mais generosa philantropia, vingam a indole brasileira do desar que lhe viria em sancionar as idéas do sr. Varnhagen.

Que differença entre os dous escriptores!

E o sr. Varnhagen pretende cingir sua fronte com os louros de historiador, ao passo que o illustrado auctor dos *Estudos Historicos* apenas reclama para o seu livro o modesto titulo de *Apontamentos!* A modestia foi sempre o caracteristico do verdadeiro merito. Só a mediocridade procura ostentar titulos que não possui.

Este assumpto, que forma a nosso ver a parte mais imperfeita da *Historia Geral*, quebraria a unidade de nosso trabalho, se lhe dessemos aquella extensão a que ella se presta. Forçoso nos é pôr-lhe termo para considerar outros pontos não menos importantes, que ahi se adiantam e reclamam nossa attenção.

V

Se nas páginas que acabamos de percorrer não encontramos o historiador, as seguintes continuam ainda a desmentir esse titulo que o auctor arroga para si.

Em vez da narração severa da história, das lições que ella pro-

¹ Estudos Historicos por Timon; *Correio Mercantil* n.º 96 de 11 de abril de 1858. (Pertencem aos n.ºs 11 e 12 do *Jornal de Timon—Obras de J. F. L.*, tomo iii, pag. 147.)

clama, o leitor se acha de repente e com grande surpresa envolvido em uma tea enredada de pormenores, ou de prolixas digressões, que nenhuma conexão tem com a história. Entretanto as causas geraes dos factos, o elo que os prende, ficam esquecidos para sempre.

Assim o auctor nos refere que nos tempos coloniaes, durante o entrudo, «lançava-se agua, ovos e farinhas, que então não eram taes «*accommettimentos* feitos como hoje com limõesinhos de cera com «agua de cheiro; que as fogueiras e os foguetes de Sancto Antonio, «S. João e S. Pedro eram de indispensavel condição, e que não ha- «verá talvez no mundo paiz em que se queime em polvora mais «dinheiro do que no Brazil ¹.»

Depois diz elle: «já se conjugava em todos os modos e tempos «no Brazil o verbo «rapio.»

Quem dirá que esta linguagem, desfigurada por estes pretenciosos dictos picantes, esteja na altura da história?

Em outro lugar, dando noticia da conspiração socialista na Bahia, em 1798, transcreve no texto da obra pasquins, que são rasteiros e improprios da narrativa histórica.

Não acabariamos, se quizessemos aqui consignar esses graves defeitos, que deturpam a *História Geral do Brasil*. Entretanto o auctor não cessa de encarecer a *unidade do plano e a concisão da execução!*

Tudo nos accusa n'esta obra a ausencia completa da severidade da história. Que triste preocupação da sua individualidade tem o sr. Varnhagen! É uma idéa constante que paira sobre seu espirito. Até no meio da narração historica o auctor acha sempre meio de fallar de si e pôr em scena sua individualidade! O homem absorve o historiador.

Assim o auctor consigna em sua *História* factos «talvez de nenhuma importancia para o leitor, mas casualmente da mais alta «para elle; pois que esse facto se refere ao pedaço de humilde chão «que, mais de dous seculos depois, o viu nascer e começar a tra- «balhosa peregrinação d'este mundo ².»

Para o sr. Varnhagen o interêsse historico de um facto varia, segundo é elle relativo, ou não ao logar do nascimento!

¹ *Hist. Ger.*, tomo 1, pag. 174.

² *Idem*, tomo 1, pag. 314.

O auctor chega a transcrever entre os documentos uma carta sua, em que offertou 100,000 réis para a estatua do sr. D. Pedro I! Depois, fazendo a auto-biographia de seu pae, vae este ao ponto de referir que o mesmo era bom pianista, e que foi condecorado com tal ou tal commenda em tal ou tal época!

Uma memória historica, que fosse, pediria mais severidade.

Quem não sabe esquecer sua individualidade e abdicar o amor proprio para seguir a causa da verdade — é indigno do sacerdocio que ella confere.

Não é tudo. O illustre diplomata achou que a história era o meio mais proprio para formular suas propostas, e ahi temos sua obra interrompida a todo o momento por digressões inuteis, verdadeiros *hors d'œuvre* em um trabalho d'este genero.

Aqui, propõe elle, que «os governos introduzam a criação de «repartições, em que todo o cidadão seja obrigado desde sua maioridade a consignar suas ultimas disposições». Ali propõe uma «capellinha gothica» em memória do bispo Fernandes Sardinha, uma estatua para Bobadella, e brazões de armas ás provincias. Depois propõe a «canonisação de dous beatos brasileiros», e que se comemorem os nomes célebres «nos barcos de guerra, e até nas proprias motrizes das vias ferreas».

Adiante propõe ainda um novo modelo para a bandeira brasileira «mais artistico, mais em harmonia com o tópe e com o proprio escudo d'armas, e mais economico».

É assim que o sr. Varnhagen desempenha as promessas, que faz, de «alguma que outra vez sem abusar... fazer aquellas ponderações a que fôr levado por intimas convicções».

Quereis saber de que genero são essas ponderações? Vede as suas «considerações em favor da herança das honras»:

«Opinamos que a aristocracia hereditaria tem por si o apoio da «rasão; pois uma vez que, particularmente, do que alcançou cabe-«daes votando-se ao commercio, ou qualquer industria braçal ou «mental, respeitamos a propriedade transmittida aos filhos e netos, «não concebemos que igualdade de justiça haja em excluir do goso «da hereditariedade a certas recompensas publicas — ganhas — pe-«los que, em vez de terem dedicado a vida a juntar dinheiro, a gas-«taram mais nobremente servindo a patria, á custa do seu sangue, «do seu cogitar, e — até da sua propria fazenda (!)... O que de-

«véras ama a glória, mais sacrificios fará por adquiril-a, quando a
«veja no futuro por todas as fórmãs perpetuada, e quando a patria
«recompense nos filhos sua abnegação, e lhes assegure a propriedade
«das honras, que elles em vez de dobrões juntaram ¹»

Que materialismo descarnado!

Dóe-nos profundamente, que no frontispicio d'esse livro repugnante por seus principios esteja inscripto esse titulo sympathico — *História do Brasil* —! . . .

Parece que o illustre escriptor só quiz dar-nos provas de sua incapacidade para a história, e n'esse empenho não podia ser mais bem succedido. Não é possível ostentar-se mais mediocridade a par de tão pretenciosa erudição.

Definindo sua individualidade de escriptor, diz elle :

«Somos sempre sinceramente catholico, sem deixar jamais de ser
«cidadão (para sustentar as prerogativas da corôa, que em geral
«pela maior parte são as do antigo padroado) e acreditando sem
«cessar, para os grandes successos, na Providencia Divina, em har-
«monia com o proverbio que diz: — o homem põe, mas Deus dis-
«põe. — »

Se aqui está o historiador, é tão microscopico, que não podemos divisál-o. Mas deixemol-o completar o seu pensamento e desenhar o todo do historiador :

«Politicamente (continua elle), sendo por fortes convicções mo-
«narchista, admirámos tambem a bella instituição das nossas as-
«sembléas annuas, fomentadoras da integridade da nação, atalaias
«do seu governo e fiscaes dos proprios tributos.»

Que espirito innovador tem o sr. Varnhagen! Que admiravel revolução na sciencia politica! Não contente com a aristocracia hereditaria, e com a escravidão dos indios, o auctor da — *História Geral* — enriquece ainda o *Direito Publico* com a engenhosa descoberta de «assembléas annuas fomentadoras, atalaias e fiscaes!

Quem quizer ter uma idéa da universalidade dos conhecimentos do sr. Varnhagem n'esta materia veja o seu profundo juizo sobre Montesquieu — d'esse pensador «desconexo, irreverente e paradoxal, «que soube insinuar ao publico com hypocrita malicia e subtil finura, as sympathias, já pelo governo republicano»

¹ *Hist. Ger.*, tomo II, pag. 31.

«já pelo representativo, extasiando-se perante as duas camaras do «governo inglez, cujas mais occultas molas aliás desconheceu¹.»

Deixemos, porém, o illustre diplomata dar o ultimo traço em sua physionomia litteraria, para assentar o seu busto magestoso na galeria dos historiadores da patria. Ainda bem que o auctor da *História Geral* não quiz que a posteridade viesse a perder os lineamentos d'essa grande figura, e encarregou-se de os descrever elle proprio em toda sua inteireza!

«Civilmente (continua elle) somos defensores dos prestigios honorificos, com que em proveito do estado os governos tiram partido da natural vaidade humana².»

Alem d'esses graves defeitos a *História Geral* apresenta muitos outros não menos importantes, que lhe tiram quasi todo o merecimento.

Na apreciação das cousas e dos homens, o sr. Varnhagen não podia ser mais infeliz. Um unico exemplo justifica esta asserção.

Fallando de Hypolito José da Costa, diz elle :

«Em nosso entender este illustre filho da America fez á independencia do Brasil mais serviços do que Franklin á dos Estados-Unidos.»

Para que havemos ser exagerados na apreciação de nossos homens? Seremos acaso tão pobres de glórias em nosso passado que necessitemos torturar a verdade historica para engrandecel-o?

Ninguem desconhece os relevantes serviços prestados por aquelle benemerito escriptor á causa do Brasil: mas poderá seu nome sem desmaiar sustentar paralelo com o magestoso vulto da independencia dos Estados Unidos, d'esse engenho poderoso de quem Turgot disse:

Eripuit cælo fulmen, sceptrumque tyrannis?

Se o sr. Varnhagen é exagerado em engrandecel-o, não menos o é em amesquinhal-o. Completa o seu retrato com as seguintes palavras:

«Assevera-nos pessoa que devia estar bem informada, que, como

¹ *Hist. Ger.*, tomo II, pag. 291.

² *Idem*, tomo II, Prefacio x e XI. É o que succede com o sr. Varnhagen, sobretudo depois que é visconde de Porto-Seguro! Não provoca o riso, mas dó tamanho enfatuação!

«particular, não foi um modelo, e que pelo contrario passou parte da vida devassamente...»

E assim, esquecido da gravidade da sua missão, o sr. Varnhagen desvirtua o nobre sacerdocio da história, devassando cruelmente a vida particular! O historiador não revolve as cinzas dos mortos para profanar sacrilegamente sua memória: ha uma religião do tumulo, como ha um tribunal da história.

Quando a lapida do sepulchro desce sobre o cadaver do homem público, julgam-se seus actos com severa imparcialidade; mas não se tem o direito de rasgar-lhe as carnes para fazer a autopsia de sua vida privada.

VI

Tudo na obra do sr. Varnhagen é pallido e sem vida! Nada ha ahí que recorde a gravidade da história, nada que faça repousar um momento o leitor n'essa ingrata peregrinação litteraria.

As digressões com que elle buscou amenisar a aridez da narração, o simples bom senso as repelle de uma obra historica.

Veja-se a sua dissertação sobre navegação aeria, que vem incorporada no texto da história:

«O problema da navegação aeria é tão antigo como a humanidade, e se a raça humana não acabar, elle tem de resolver-se favoravelmente; e então sim que as nações experimentarão uma verdadeira revolução, e ai d'aquellas, que tendo julgado a resolução do problema impossivel, não se hajam preparado para aguentar os abalos e choques d'essa revolução! Quando vemos que os passaros voam, que voam os morcegos, que não são mais que pequenos quadrupedes alados, quando observamos que tanto estes como aquelles caem, apenas pela ruptura de uma das azas lhes falta o equilibrio, com que, á custa da resistencia do ar, se mantinham suspensos, somos levados a crer que á mente se nos apresenta como mais facil o problema da navegação aeria (executado não pela escassa força muscular do homem para tal, mas pela força das maquinas que se póde elevar ao grão que se deseje), que esse outro, que (apesar de muito mais complicado) elle já resolveu, da navegação maritima. Para servir-se das vélas, com ventos largos e a bolina, para navegar com barcos de vapor, o homem poz de sua

«parte esforços extraordinarios de invenção e de intelligencia, ao passo que do problema da navegação aerea a mesma natureza apresenta modelos para o adejo ou remigio, e só nos cabe estudar-lhe suas leis dynamicas e imital-as e applical-as em ponto grande, em uma machina; já que para o realizar pessoalmente não tem o homem em si força muscular sufficiente. — A esta imitação e applicação se póde pois reduzir a arte de resolver o problema da navegação aerea, com a unica particularidade de que a melhor fórma do solido voador deverá ser achatada e horisontal, a fim de poder seguir todas as direcções, soffrendo seu bojo a menor resistencia do ar, e a menor impressão possivel dos ventos contrarios. Tambem se póde prever que quanto maiores forem taes vehiculos aerios tanto mais vantajosos hão de ser. Seus ancoradouros serão no espaço atmospherico, que por toda a parte terá a profundidade que se requireira¹.»

Aqui toda a severidade da critica é pouca. Pois que! O sr. Varnhagen proclama que «consagrou ao Brasil suas vigalias para escrever com unidade de fórma e com a dos principios, que professa, «uma conscienciosa história geral da civilização do nosso paiz, pa-drão de cultura nacional»; diz que para isso «fez abnegação de tudo, e que a integridade do Brasil vae agora ser representada entre as historias das nações por uma história nacional»; entrevê já a immortalidade coroando suas locubrações: e entretanto desfigura as páginas de sua obra com essas bagatellas irrisorias e ridiculas, que nem sequer tem o attractivo do estylo?!

Demos ás cousas seu verdadeiro nome. A *História Geral do Brasil* é uma mediocridade, que nunca poderá ser condecorada com o titulo de história, se quizermos ter litteratura digna de tal nome. Que pasmosa inversão de idéas! Que satyra viva á illustração de nosso paiz! Que idéa formará de nós o estrangeiro, quando percorrer essas páginas desmaiadas, sem vida e detestaveis, e disser: — «aqui está a história do Brasil!»

Em materias litterarias não ha condescendencias: padece com ellas a causa da verdade. Animam-se os esforços da intelligencia, estende-se a mão ás vocações nascentes, deferem-se ao merecimento as honras do Capitolio; mas não se baratea o titulo de historiador

a um fazedor de memórias, pobre de idéas, pobre de saber. Não amesquinchemos assim a litteratura nacional.

O estylo e a linguagem do sr. Varnhagen são um documento vivo de que elle não possui essa arte brilhante de escrever, esse segredo de dar ao pensamento uma roupagem nobre, severa e delectavel. A pobreza da fórma acompanha a pobreza das idéas.

Ouçamol-o, a elle proprio, revelar-nos os segredos de seu estylo:

«Longe estavamos porém com isso de significar que, em alguns casos como na descripção do Rio de Janeiro, por exemplo, não nos esforçaríamos para elevar, e até para empolar o estylo, a fim de pintar com mais verdade esta verdadeiramente empolada paragem da terra, ou que n'outros não consentiríamos que os periodos sahissem aquecidos com o calor da convicção ou do patriotismo ou de qualquer outra paixão *nobre*, e repassados do nosso modo de sentir na presença de successos, que fóra necessario ser de pedra uma pessoa para não se commover.»

Pois bem: vamos ver esses «periodos aquecidos com o calor da convicção ou do patriotismo.» É a descripção do Rio de Janeiro. O sr. Varnhagen vae mostrar que «não é de pedra para não se commover ante esta verdadeiramente empolada paragem da terra», e que sabe comprehender a magestade da nossa terra:

«Outro morro parece postado nem que para offerecer sobre si um ponto quasi no firmamento, d'onde o homem fosse absorto admirar o conjuncto de tantos prodigios. Por estar como vergado, a fim de permittir mais facil subida, lhe chamaram o *Corcovado*, de-nominação esta que, alem da falta de caridade da parte de quem a deu, envolve uma especie de ingratição dos que ora a seguimos. «E mau grado nosso lh'a applicamos tambem n'este momento, em que no seu cimo concebemos estas poucas linhas...¹»

Eis a obra que se diz inspirada pela physionomia do paiz, e com a qual, diz o sr. Rebello da Silva, acabam de enriquecer-se ambas as litteraturas²!...

¹ *Hist. Ger.*, tomo I, pag. 249.

² E torna-se ainda ponto de mais reparo que tanto F. Wolf como o sr. Camillo Castello Branco, no *Diccionario de Instrucção*, transcrevem essa descripção com bocado de oiro!...

Pela nossa parte ficamos surprehendidos, quando depois da leitura da obra deparamos no fim do segundo volume com aquelles rasgados elogios, que seriam ainda um enygma para nós, se não soubessemos que já as cartas de recommendação estão admittidas na republica das letras.

O estylo do sr. Varnhagen já o leitor o conhece. Encontramol-o por toda a parte inferior ao que exige a história, e a todo o momento ha trechos d'este gôsto:

«A «penna» com que escrevemos «resiste» a tratar do donatario «da Bahia, «naturalmente commovida» pela dor que nos punge o «coração.»

A linguagem, bem que em geral castiça, é cheia de affectados trocadilhos, que tiram-lhe toda a graça, como o deixam ver os trechos que havemos transcripto; e não sabemos se em bom portuguez se possa dizer — abordar a questão — meridional governo ¹— e outras expressões, que se encontram no decurso da obra.

Extenso de mais vae já este trabalho. Uma analyse completa da *História Geral* levar-nos-hia muito longe.

Nosso intuito não foi fazer uma critica litteraria d'esta obra: quizemos apenas dar d'ella uma amostra, que a tornasse conhecida.

É já tempo de pôr termo a esta tarefa ingrata. . .

Sim; tarefa ingrata essa, em que a critica não pôde ter uma palavra de benignidade sob pena de sacrificar a verdade, de sanctificar o êrro.

Que prazer para nós, que júbilo para todos os brasileiros, se a *História Geral* traduzisse em suas páginas a grandeza d'esta terra prodigiosa, e nos desse occasião de depôr na frente de seu auctor o louro merecido de uma glória immorredoura?

Fomos severos: mas não podiamos em criminoso silencio ver impassivel lançar-se á face do paiz tantos principios retrogradados, tantas doutrinas, que repugnam á indole brasileira. Era preciso que

¹ São da natureza das — *noticias alarmantes* e do *partilhar* — que aponto no artigo do texto a que me reporto na nota supra, e de outros gallicismos que dão mais sainete aos solecismos e ambiguidades dos periodos arrastados e obscuros da *História Geral do Brasil* e d'outros escriptos do sr. Varnhagen (ex.^{mo} visconde de Porto-Seguro); mas cujos defeitos desconhece para só os enxergar aos *cardumes* nos de João F. Lisboa, sem contudo cital-os!

um protesto apparecesse—não contra o livro—não contra o auctor—mas contra suas idéas; e eis o que justifica nossa critica.

Que triste decepção para o brasileiro amante de sua patria depois da leitura d'esta obra?! Pois que! O Brasil ainda não tem um historiador?!...

A magestade das nossas florestas, a luz dos tropicos ainda não achou quem fizesse representar n'elles os feitos gloriosos de nossos antepassados!

A grandesa da terra de Santa Cruz é uma pagina muda para o brasileiro!

Quando, em que dia feliz apparecerá aquelle que á luz do patriotismo se embrenhe na treva escura do passado, evoque o genio das gerações extinctas, e traduza em uma história nacional, como em uma epopéa, as glórias do imperio de Sancta Cruz!

Quando?... .

S. Paulo, 1858.

F. I. M. HOMEM DE MELLO.

(*Ensaio Litterario do Atheneu Paulistano* n.º 1, depois transcripto no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro.)

No *Commercial de Santos* de 7 de agosto d'esse mesmo anno de 1858 tambem o foi precedido d'estas linhas:

«As grandes vocações não devem jazer ignoradas ou só conhecidas de um pequeno circulo. O talento que no seu desabrochar se ostenta robusto e cheio de abundante seiva, e nas suas tenras primicias exhibe um penhor seguro de fructos preciosos n'um porvir esperançoso, não deve nem póde ficar occulto aos olhos do mundo, pois um tal talento desde o seu desabrochar deixa de pertencer a si proprio; a sciencia, as lettras, a patria, a humanidade pretendem direitos sobre elle e o reclamam!

«Estas considerações que são por demais judiciosas e de uma verdade incontestavel é o que nos induz a transcrever o artigo que se acaba de ler. Obra de uma das pennas mais bem aparadas da mocidade que frequenta a faculdade de S. Paulo, é mais um brilhante florão que se foi soldar á já rica coróa litteraria que refulgia na frente do seu joven escriptor.

«Dotado de uma vocação especial, qual a do estudo da história patria, cultivando-a com afinco e predilecção, esse mancebo, pau-

«lista no nascimento e brasileiro no coração e nas idéas, promette
«ser um dos mais bellos e proveitosos talentos do nosso futuro, tão
«prehenhe de grandes cousas.

«É pois com extremo prazer que nós, que de perto o conhece-
«mos, que de ha muito apreciamos os seus escriptos, e que mais de
«uma vez temos tido a idéa de dar-lhe um público testemunho da
«nossa admiração pelo seu espirito indagador e estudos especiaes,
«ousamos sem sua prévia auctorisação (liberdade que esperamos
«nos perdoará o nosso illustrado collega), trasladar para um jornal
«mais vulgarisado e conhecido no mundo extra-academico a sua
«bem elaborada peça critico-litteraria, dada á estampa no n.º 1.º
«dos *Ensaios Litterarios do Atheneu Paulistano* do corrente anno
«de 1858, e que na severidade e ao mesmo tempo fino colorido do
«estyllo, vigor e sensatez das reflexões e conceitos, em uma palavra,
«no bem acabado do seu todo, dá a medida perfeita do valor lit-
«terario do joven academico, seu auctor.»

Santos, 5 de agosto de 1858.

Nota D

... em uma correspondencia do «Diario do Maranhão»
pag. 170, 171 e 180

Eis a correspondencia a que me refiro nas pag. 170, 171 e 180
do texto e que appareceu encuberta com ***, e perdida entre as
publicações geraes do n.º 5 do *Diario do Maranhão* de 6 de agosto
de 1873, transcripta de egual parte do *Jornal do Recife*. Que myste-
riosa e envergonhada incursão nos dominios da publicidade! Isto
seria um sphynge se a mais leve attenção não bastasse para desco-
brir-se, segundo já o disse em nota da pag. 8 do 1 tomo dos *Apon-
tamentos para a História dos Jesuitas*, o dedo de gigante do author
da *História Geral do Brasil* e dos *Indios Bravos* e lhe fazer cabir a
mascara, se não viesse depois o *Officio-Protesto* mostrar-lhe toda a
mão em mais de um trecho concebido nas mesmas palavras da re-
ferida correspondencia, como se verifica, confrontando-as uma com
a outra.

A correspondencia diz assim, e com os competentes louvores a seu proprio author, que já é hábito n'elle :

«Consta-nos que que o sr. barão de Porto-Seguro, outr'ora Francisco Adolpho de Varnhagem, nome proeminentissimo no estudo da *História do Brasil*, como sabe, provocado pelo dr. Antonio Henriques Leal, que me dizem ser filho do Maranhão, em uma nota dos seus *Apontamentos ácerca dos jesuitas*, acaba de responder energeticamente a essa nota, e se propõe publicar mais tarde um folheto dissecando os ditos *Apontamentos*, a fim de que o valor do voto do dr. Antonio Henriques se aquilate pelo grau de criterio, que das suas proprias paginas ressumbra¹, porém fez já esta declaração, em fórmula de prevenção, para que depois se não diga, que respondeu tarde — por temer o vulto² de quem quer que seja.

«Este folheto hade ser muito apreciado, como são todos os trabalhos do barão de Porto-Seguro, mórmente quando n'elle serão reimpressos varios artigos de polemica a respeito de João Francisco Lisboa, auctor do *Timon Maranhense*, que facilitem á posteridade o poder formar juízo imparcial ácerca da firmeza ou versatilidade das suas crenças, do grau de solidez e de sinceridade do seu criterio, da maior ou menor profundidade do seu saber, maior ou menor generosidade e magnanimidade de seus sentimentos, e em geral do seu caracter como homem, tanto na vida privada como na publica. assim na qualidade de deputado provincial, como na de advogado provisionado ou rabula³.

«Tudo isto apparecerá n'uma biographia, escripta pela fórmula, cujo modelo deixou João Lisboa quando escrevia a biographia do grande padre Antonio Vieira⁴.

¹ ... a fim de que o valor do seu voto se aquilate pelo grau de criterio que das suas proprias paginas ressumbra. (Vej. pag. 11, linh. 22 e 23 do *Officio-Protesto*.)

² ... se não diga que respondi tarde por temer o vulto. (Vej. página 10, linh. 14, *Obr. cit.*)

³ ... o juizo imparcial ácerca da firmeza ou versatilidade das suas crenças, da solidez e sinceridade do seu criterio, da profundidade do seu saber, da generosidade e magnanimidade (aqui omittiu a repetição dos comparativos maior ou menor) dos seus sentimentos, e em geral do seu caracter como homem. (Vej. pag. 12, linh. 3, 4, 5, 6 e 7 da *Officio-Protesto citado*). Mais adiante, na mesma página, linh. 17 — «da sua vida assim privada como publica, tanto no cargo de deputado provincial como na profissão de advogado-rabula».

⁴ Vej. pagina 12 do *Officio-Protesto*.

«Na dita resposta, que li em original, já na typographia, explica o barão como o seu opusculo intitulado *Os indios bravos e o sr. Lisboa* fôra escripto em 1859, e impresso em primeira edição, com as cartas, em 1862, e se não foram logo distribuidas e publicadas é por ser admittido entre cavalheiros não poderem taes cartas serem divulgadas em vida dos que as escrevem sem seu consentimento, o qual não estava o barão disposto a pedir de João Lisboa, mórmente tendo d'elle queixas, e bem justas, de aleivosia alem de ingravidão, havendo alem d'essa quebra de dignidade, altamente sustentada quando, em principios de 1859, recusara redondamente ter com João Lisboa umas *vistas* ou *entre vistas*, por este pedidas, servindo de intermediario o amigo de ambos, Serra Gomes, então addido á legação brasileira em Lisboa, e hoje Marquez de Penafiel¹.

«Lamento que um homem grave, serio, talentoso e sabio, como innegavelmente é o barão de Porto-Seguro, seja forçado a levantar a mão de cima de trabalhos importantissimos, com que illustra ainda mais seu nome, e ennobrece sua patria, para responder a mesquinhas e intempestivas provocações.

«Assim é necessario.»

Nota E

... diz em seu relatório — pag. 199

(Relatório do dr. Barral)

«O sr. commendador João Francisco Lisboa foi por mim tractado nos ultimos annos da sua vida e na molestia de que falleceu.

«Quando comecei a tractar s. ex.^a, soffria então ataques que chamava biliosos ou de figado, e que frequentemente o accomettiam. «Dor forte no figado e estomago, turgencia n'essas regiões, inappe-

¹ Acha-se relatado o facto quasi por identicos termos á pagina 45 do *Officio-Protesto*, e qual o grau de credulidade que se lhe deva dar, júlgo havel-o sufficientemente demonstrado na parte do texto a que esta nota se refere.

«tencia, sêde, lingua pastosa e amarellada, gosto amargo, côr icterica da pelle e das conjunctivas, inquietações, ás vezes febre. Isto «cedia em mais ou menos tempo ao tractamento antiphlogistico e «purgativo; o doente ficava abatido, restabelecia-se ás vezes com «difficuldade, e passava menos mal até novo ataque. N'este tracta- «mento era preciso escolher os meios diluentes que o seu estomago «podia supportar, e os purgantes que fossem bem recebidos e po- «dessem produzir o devido effeito, obtendo descargas biliosas abun- «dantes. Os salinos e calomelanos eram os meios mais proficuos, e «entre os salinos as limonadas gazosas de citrato de magnesia.

«A observação mais aturada do doente fez-me crer que estes «ataques eram em grande parte devidos á obstrucção do ducto cho- «ledoco por calculos biliares. Porquanto a dôr que se manifestava «no principio do ataque tinha o character da colica hepatica ou «heptalgia calculosa, e correspondia á direcção do ducto, e ahí ti- «nha no principio sua maior intensidade; havia suffusão icterica «na pelle e conjunctivas, as ourinas eram carregadas de bilis e as «fezes no principio do ataque eram alvacentas. A observação mi- «nuciosa subsequente confirmou esta idéa, o doente foi tractado de- «pois do ataque pelos alcalinos, bicarbonato de soda, aguas de Vi- «chy, etc., e tirou d'isso grande proveito.

«Quando porém s. ex.^a se felicitava de uma melhora que lhe «dava esperanza de um completo restabelecimento, começou a sof- «rer outro genero de padecimento até então para elle desconheci- «do: a colica nephritica.

«A principio pareceu que esta nova dor não era mais do que a «propagação da hepatalgia para a parte posterior do figado; mas «depois os symptomas eram tão claros que se não podia desconhe- «cer uma nevralgia calculosa, o que a sabida de pequenos calculos «por differentes vezes confirmou.

«No verão de 1862 s. ex.^a por distracção a uma *vida sempre es- «tudiosa* e sedentaria, ou *para procurar novos elementos de traba- «lho*, ou para tomar conselhos com homens mais eminentes na es- «pecialidade, fez uma viagem na Europa central. Voltou cedo, tinha «consultado Civiale sem obter uma resposta util, e poucos dias de- «pois d'esse regresso foi accommettido da molestia de que falleceu.

«Esta molestia consistiu em forte inflammação de figado, esto- «mago e intestinos, characterisada por forte sensibilidade local, fe-

«bre, entumescencia do ventre, falta de evacuações alvinas, ouri-
 «nas escassas e carregadas, sêde, saburro de bôca, inappetencia, nau-
 «seas e sobretudo uma extraordinaria prostração logo desde a in-
 «vasão da molestia. Applicou-se o tractamento antiphlogistico e
 «laxante sem proveito. Externamente o doente prestava-se a todos
 «os remedios e ainda mesmo aos clisteres, mas internamente recu-
 «sava todo o remedio e quasi todo o alimento; procurando-se
 «aquillo que mais poderia agradar-lhe — bons caldos, geléas, leite,
 «sorvetes, limonadas, bebidas gazosas, etc. A prostração foi succes-
 «sivamente augmentando com a recusa de tomar remedios e ali-
 «mentos, sobrevieram vomitos, soluços, estado adynamico bem cha-
 «racterisado, e o tractamento tonico e excitante, que pôde fazer-se
 «externamente e em clisteres, não teve influencia favoravel n'este
 «padecimento. Em todo o decurso da enfermidade houve uma in-
 «differença da parte do doente e um esmorecimento, que parecia
 «presagiar o resultado fatal. Não se pôde saber bem qual a causa
 «que deu logar ao desenvolvimento subito e á marcha deploravel
 «d'esta affecção; mas é de suppor que algumas das visceras abdo-
 «minaes e principalmente o figado e vias biliares estivessem em mau
 «estado.

«A sua esposa e toda a sua familia foram assiduas e extremosas
 «no seu tractamento, mas os seus rogos e carinhos não eram mui-
 «tas vezes bastantes para o levar a receber pequenas porções de
 «remedio ou de alimento.

«Lisboa, 12 de agosto de 1863.

DR. BARRAL.»

ANTONIO MARQUES RODRIGUES

Nota F'

... como diz o sr. Frias no «Publicador Maranhense» de 10 de maio de 1873
pag. 220 e 225

Antonio Marques Rodrigues.— Assim se chamava o distincto cidadão que acaba de fallecer em Portugal, e de cuja dolorosa noticia foi portador o vapor inglez *Brunswick*, que antes de hontem á noite entrou em nosso porto.

Antonio Marques Rodrigues era natural d'esta provincia e filho de paes portuguezes.

Estudando aqui as primeiras letras, foi concluir seus preparatorios na cidade do Porto, e depois matriculou-se, em 1845, na Universidade de Coimbra, nas faculdades de mathematica e de philosophia, na classe dos *obrigados*, com destino a formar-se em medicina.

Surprehendido pela revolução, conhecida na historia pela denominação de *Maria da Fonte*, e fechada por ordem regia a Universidade, Antonio Marques, obedecendo a uma determinação do reitor, então o conde de Terena, retirou-se para o Porto, e demorou-se alguns mezes em Avintes esperando o desenlace da questão, que dividiu em dois campos inimigos a grande familia portugueza.

Tardando esse *desideratum*, Antonio Marques foi para Pariz continuar seus estudos, e quando n'elles mais applicado, ouviu os gritos desordenados da furia revolucionaria, que abalou as instituições francezas, deitou por terra o throno de Luiz Philippe, e expatriou a familia de monarchas de seculos.

Deixou os livros, e já cansado seu espirito de tantas contrariedades, quiz entregar-se á vida commercial, e para isso regressou ao Maranhão a matar saudades da patria, que não via desde a infancia, dos parentes e dos amigos.

Aqui, no seio de pessoas que lhe eram caras, dissipou-se a negra nuvem de apprehensões, que lhe pejava a mente, e seu tio o sr. Joaquim Marques Rodrigues, que lhe fôra segundo pae, o resolveu a abraçar de novo sua antiga vida.

Acceito o conselho, deixou Antonio Marques sua primeira escolha, e decidiu-se a frequentar o curso juridico de Olinda, o que fez durante cinco annos, sempre com distincção, conseguindo afinal o grau de bacharel formado em sciencias sociaes e juridicas.

Regressando á patria em 1855, por concurso tirou a cadeira de historia geral, que honrou no lyceu, onde foi por vezes director d'este estabelecimento, como inspector da instrucção publica, em cujo cargo prestou relevantissimos serviços, podendo apontar-se, entre outros, a publicação, e a distribuição gratis em larga escala do *Livro do Povo*, e a dadia de 1:000\$000 réis que fez para estabelecer-se em S. Bento um edificio com destino á aula publica do sexo masculino.

Como deputado provincial foi sua palavra sempre ouvida com attenção, porque longe das questões banaes, era a sua idéa a *felicidade pela agricultura*, e por isso a lavoura sempre lhe mereceu muitos cuidados, arvorando-se d'ella constante e extrenuo defensor.

Foi d'elle o pensamento, muito esperançoso, da *eschola agricola*, depois derrubada pela fatalidade inherente a todas as coisas boas d'esta provincia.

Foi redactor de um jornal politico, tendo como companheiros os drs. Vilhena, Antonio Rego e A. Henriques Leal; porém não era homem para estas lutas sempre crueis, e por isso deixou tal campo, e recolheu-se á vida intima.

A imprensa sorriu-lhe outra vez, e redigiu o *Diario do Maranhão* e depois o *Globo*, de nossa propriedade, e na decadencia do primeiro nos coadjuvou, soffrendo metade do prejuizo do mesmo jornal durante um anno e sustentando-o á sua custa mais seis mezes, na esperanza de que por fim o publico se convenceria das vantagens de sustentar aquella publicação, tão util á sua provincia.

Casou-se a primeira vez com sua prima Amelia, filha de seu tio o sr. Joaquim Marques Rodrigues; porém viu em breve tempo o leito nupcial vazio, a saudade no coração e os goivos a florescerem tristemente sobre a lousa do sepulchro da escolhida de seu coração.

Passados mezes appareceu-lhe novo anjo em fórma de mulher a enxugar-lhe o pranto da saudade e a espalhar alegria e prazer na sua existencia. Foi porém curta a sua felicidade, pois sua joven esposa, Maria era o seu nome, legando-lhe dois innocentes penhores do seu amor, desprendendo-se do involucro terrestre, lá se foi para a mansão dos justos.

Para um espirito já doente, e tão abalado pelos primeiros golpes, para uma organização tão fraca, timida e desconfiada de tudo e de todos, como se revelou Antonio Marques por este tempo, devido a incommodos nervosos que lhe appareceram, este segundo golpe foi grande, foi doloroso.

D'ahi por diante não mais viveu, e sim soffreu e soffreu muito.

A existencia lhe foi doloroso martyrio.

Nem cuidados de parentes, nem attentões de amigos, nem o amor de dois innocentes filhinhos, sagrado penhor do seu segundo consorcio, nada o distrahia: cruel melancolia d'elle se apoderou, de dia para dia fazia progressos, e n'este estado quasi desesperado foi lembrada uma viagem á Europa, a qual foi realisada, mas infelizmente sem proveito.

Seu cerebro, já tão enfermo, foi-se pouco a pouco enfraquecendo, até afinal apagar-se a brilhante luz de sua tão culta intelligencia.

Apoderou-se d'elle o idiotismo, começou a vegetar, perdeu a vista, até que afinal Deus condoendo-se do martyr chamou-o a si, quebrando-lhe o ultimo estame de sua vida tão atribulada ao meio dia de 14 de abril do corrente anno (1873), na cidade do Porto, em casa de seu estremoso irmão e amigo o sr. Isidoro Marques Rodrigues, digno de todos os elogios pelo caridoso amor que sempre dedicou a seu infeliz irmão.

Era Antonio Marques—cavalleiro da Imperial Ordem da Rosa, e da Real Ordem Militar Portugueza de Nossa Senhora da Conceição da Villa Viçosa em Portugal, e membro de varias sociedades litterarias e scientificas, tanto nacionaes como estrangeiras.

Nenhum d'estes titulos, porém, embora por mui honrosos, equivale ao de *Apostolo da emancipação*, que com muita razão adquiriu quando em 1867, por lembrança e iniciativa sua, a irmandade do glorioso S. Benedicto começou a abrilhantar a festividade do santo de sua particular devoção, alforriando no dia da festividade algumas creanças do sexo feminino, formando-se assim nucleos de futuras familias, costume que continuou, depois da grave enfermidade de seu philantropico instituidor, o sr. Joaquim Marques Rodrigues, dedicado a essa nobre e generosa obra.

Tem produzido até hoje tão bom alvitre 169 alforrias, isto é, 169 futuras mães de familia, composta esta de maior ou menor numero de membros, que todos bemdirão e abençoarão a memória, para elles sagrada, do seu bemfeitor, que lhes quebrou as cadeias do captivo, lhes deu paz, tranquillidade, e lhes apagou a feia nodoa da escravidão.

A irmandade de S. Benedicto, no dia 7 de abril de 1872, no meio de grande concurso de cidadãos de todas as classes sociaes, collocou na sala de suas sessões o seu retrato, como homenagem de respeito, pelo muito que lhe devia, e muito que o estimava.

Seo retrato acha-se tambem gravado no coração de seus verdadeiros amigos e parentes.

Seo nome está escripto com letras de ouro no catalogo dos filhos d'esta provincia, que mais a honraram em vida, e sua alma hoje no ceu gosa da bemaventurança devida aos justos.

E nós que n'elle tivemos sempre um amigo sincero e dedicado, a quem muito tambem amamos e respeitamos, não lhe pranteamos a morte que lhe quebrou soffrimentos dolorosos, rememoramos-lhe a vida como exemplo de virtudes que devem seguir os que como elle desejarem baixar ao tumulo cobertos de bençãos.

(Do *Publicador Maranhense* n.º 109, de 10 de maio de 1873.)

Nota G

Testifica-o o distincto redactor do «Paiz» — pag. 221

Fallecimento.—Deixou de soffrer, baixando á sepultura o dr. Antonio Marques Rodrigues, que falleceu na cidade do Porto no dia 14 de abril de 1873 e se acha sepultado na capella da quinta da *Aranda*, propriedade que foi de seus fallecidos paes.

Entre o não pequeno numero de filhos illustres d'esta provincia tinha distincto logar o dr. Antonio Marques. A sua perda já de ha muito sentida desde que Deus tirou-lhe a rasão, hoje está summada pelo desaparecimento de seu corpo d'entre os vivos.

Brilhantissima foi a corôa que lhe cingiu a fronte. Escriptor, poeta e professor, na imprensa e na cadeira de mestre, prégava doutrinas que conduzem o povo a amar o trabalho e a liberdade, e preparava a mocidade para bem servir a patria; apostolo incansavel do progresso, foi quem primeiro poz em prática a monumissão de escravos por meio de associações, instituindo as alforrias de S. Benedicto, ainda hoje continuadas, foi um dos que mais trabalhou para a creação da Escola Agricola; porém mais que a agricultura, mais do que a manumissão de escravos, mais do que as artes e a industria, deve-lhe a instrucção publica. Ninguem antes d'elle, ninguem depois d'elle, tem n'este sentido serviços iguaes.

Conhecendo, que da diffusão de bons livros depende a instrucção do povo, começou por publicar obras que se podessem vender por preço mui baixo, e d'ahi o apparecimento do seu *Livro do Povo*, selecta de inestimavel valor para o ensino primario; e como nas escolas do interior abunda gente pobre, para quem a acquisição de taes livros seria penosa, offereceu elle a essas escolas milhares de exemplares tanto d'esse livro, como de outros elementares, para serem distribuidos gratuitamente aos alumnos pobres.

Merecia-lhe particular attenção, quando inspector da instrucção publica, o pessoal do ensino, e por isso era elle para os professores cuidadoso guia e vigilante chefe, assistindo a todos com os seus conselhos, despertando o zêlo dos menos activos e louvando os diligentes. Em um dos trabalhos que por ultimo o occupava — uma memoria sobre a instrucção—onde lembrava a conveniencia

de conceder o governo condecorações aos mais distinctos professores cujos nomes apontava, devendo declarar-se que a graça era devida a serem esses professores inexcusáveis no cumprimento de seus deveres.

Quando o professor de S. Bento lembrou-se de abrir uma subscrição para a construcção de uma casa para a escola da villa, foi elle, o dr. Marques Rodrigues, o primeiro nome que inscreveu-se com a avultada somma de 1:000,000 de réis.

Tendo-se assignalado por estes relevantissimos serviços á instrucção, é justo que seja tributada á sua memória a homenagem que lhe é devida, e nenhuma tão propria como a collocação de seu retrato na sala principal do lyceu.

Já uma vez lembrámos isto, quando a irmandade de S. Benedicto, grata aos serviços que lhe devia, deu-lhe esta prova de apreço, e agora insistimos, agora principalmente que vae reunir-se a assembléa, e o retrato deve ser a expensas da provincia, que n'isto é que está o valor.

Honremos os nossos homens. Ao Dias lá está o bello monumento na praça dos Remedios. A Sotero será erguido o busto em bronze sobre uma columna de granito. Os retratos de Lisboa, Sousa, Odorico estão no salão da assembléa. Colloque-se no lyceu o de Marques Rodrigues, como tambem o de Sotero, o grande mestre que por quarenta annos ali honrou uma cadeira. Estas provas de apreço aos dignos da benemerencia publica honram ainda mais áquelles que as tributam.

Tal foi Marques Rodrigues na sua vida publica—talento brilhante e fecundo, intelligencia enriquecida por variada instrucção, coração aberto aos mais generosos impulsos. Na vida particular, na intimidade dos amigos, na doce convivencia da familia não se pôde conceber alma mais sensivel, qualidades mais nobres; foi um typo do verdadeiro amigo, um modélo de esposo e pae.

Guarda esta terra, que elle tanto estremecia, a veneranda memoria de seu nome, guardem os seus amigos e a sua illustre familia as saudades que lhe deixa, ás quaes será um lenitivo a lembrança de que foi elle um perfeito varão, um character sem mancha.

(Do *Paiz* n.º 56, de 9 de maio de 1873.)

DR. FREI CUSTODIO ALVES SERRÃO

Nota H

... n'essa auto-biographia se encontram os traços verdadeiros
e naturaes de sua physionomia ...

pag. 262, 265, 268, 276, 277, 283, 291 e 292 .

Meo estimadissimo sr. dr. Leal.

Gavea (Rio de Janeiro) 30 de setembro de 1865.

.....
..... Sua carta collocou-me em grande embaraço; porquanto profundamente penhorado pela confiança com que a mim se dirigiu, não me é todavia permittido alimentar as esperanças, que, para glorificação da nossa provincia, lhe fizera conceber a meu respeito espirito tão generoso e illustrado, como o nosso nunca assaz chorado Gonçalves Dias: e antes pelo contrario, porque não só esse nosso benemerito patricio, como outros amigos, illudidos por apparencias ou por circumstancias que me não cabe explicar, me vão fazendo reputação de illustração que não tenho, e com ella responsabilidade muito superior ás minhas forças: contra isso devo e quero protestar, pois prezo sobretudo a verdade. Em toda minha vida só tive um grande empenho, o de confundir-me na massa geral da humanidade, empregando esforços para não descer ás camadas inferiores, nunca porém ambicionando conservar-me á superficie; e se alguma vez ahi appareci, foi isso devido á iniciativa estranha, que não á vontade propria. Com tal proposito já vê v. que seria

em balde pretender de minha parte factos que se possam prestar como materiaes para alta construcção a que os quizera v. destinar, e que esse proposito não tem outro merecimento que não seja o de alguma prudencia, como o verá da confissão que passo a fazer-lhe, em reconhecimento da benevolencia com que me trata, não descobrindo outro meio de cordealmente corresponder-lhe.

Pelo fim do anno ultimo do seculo passado, na cidade, então villa de Alcantara da provincia do Maranhão, nasci de paes legitimos, José Custodio Alves Serrão e D. Joanna Francisca da Costa Leite, pessoas parcamente favorecidas dos bens da fortuna, para o grande numero de filhos que tiverão; por isto bem cedo fui entregue á direcção de meos avós maternos, Christovão da Costa Leite e D. Monica Thereza, sob os cuidados immediatos de minha madrinha e tia D. Francisca Romana da Costa Leite: esta senhora, solteira, filha de meus referidos avós, em cuja companhia vivia, sempre me tratou com estremado carinho de mãe; e tendo eu perdido a verdadeira, quasi sem a conhecer, na idade de seis para sete annos, de todo a substitui. N'essa idade comecei o estudo das primeiras letras, sob a inspecção, ora de minha madrinha e tia, na fazenda de meos avós, ora de pessoa extranha á familia, mediante gratificação, e isto na villa, onde só residiamos metade do anno.

Não sobrando a meos parentes meios de dar-me maiores conhecimentos nas letras, e nem existindo na villa outro estabelecimento ou pessoa de quem o podessem esperar, confiarão-me como pupillo aos religiosos de Nossa Senhora do Carmo, entre os quaes gozava minha familia d'alguma consideração, por haver ahi parentes meos occupado importantes logares: contava eu então a idade de doze annos já feitos. Nunca soube explicar-me como pude conseguir o conhecimento das primeiras letras; consistindo o methodo, principalmente das pessoas extranhas á familia, que me dirigirão, em dar-me por tarefa as lições, e sem nenhuma explicação, exigir o seo desempenho, e applicar-me, quando o não conseguia, correcção moderada; porque tambem n'outra não consentirão nunca meos avós, em attenção á natureza timida e summamente vergonhosa de que era dotado: por isso quando penso sobre os meios de facilitar a instrucção nas primeiras idades, chego a duvidar se o methodo, que perante a razão illustrada parece o mais perfeito, terá o resultado desejavel n'essas idades onde, se ella não falta é mu

fraca, e se a parte real de tal methodo não consistirá, evitadas as idéas falsas, em procurar por todos os meios prender a attenção de maneira que por mais tempo se demore sobre o objecto do estudo para assim o fixar na memória, sendo tudo o mais quasi que indifferente á creança? Seja como fôr, o certo é que, com boa vontade, excitada talvez pelo medo da correccção, consegui, senão aprender, ao menos adivinhar a arte de ler e a de operar sobre numeros; e com esses conhecimentos mais ou menos perfectos, e alguma orthographia, levava de cór para o convento os primeiros rudimentos de latinidade que consistião na artinha do padre Antonio Pereira.

Se não forão de grande valor os meios de que me coube dispor para os primeiros passos no caminho das letras, seguindo a direcção de meos avós, nem mais perfectos, ou mais abundantes os encontrei sob o auspicio dos religiosos; assim que, no decurso de tres annos não havia alcançado outra instrucção senão a leitura mais ou menos correcta do latim, alguma tentativa de traducção sobre licções do *Breviario*, e a prática das obrigações cenobiticas, para as quaes, devo confessar com profundo sentimento meo, nunca tive nenhuma das qualidades mais apreciadas; pois extremamente acahnado para as desempenhar em público, faltava-me além d'isso a voz para o cantochão, e até qualquer habilitação para a musica.

Meos parentes, porém, o não entenderão assim, e não cessavão de considerar como excellente a minha posição, e talvez tivessem razão, que me não fóra concedido melhor quinhão na vida! Desde então começava para mim a manifestar-se a contrariedade do meo destino: contra as minhas mais doces aspirações, á da vida em familia; sem vocação, sem aptidão para o sacerdocio, via-me enduzido a seguir uma carreira, que por todos os modos me era desagradavel; mas respeitava demasiado as conveniencias da sociedade e reconhecia o amor e o interesse com que me tratarão sempre os meos parentes.

Sem comprehender bem todo o alcance do sacrificio a que ia submeter-me, sem mesmo queixar-me, acceitei-o, entrando para o noviciado. Pensando haver assim pago uma parte de minha divida de gratidão, concentrei-me, vendo que não podia parar no ponto em que me achava, e que era forçoso proseguir; poisque não tinha a escolha do caminho, ficando-me aberto um unico trilho, e d'ahi com verdadeiro empenho dediquei-me ao estudo. Sem mestre, porque o unico

que no convento conheci, de fôrças pouco superiores ás minhas, fôra um companheiro de noviciado; mas possuia alguns livros, como o *Magnum Lexicon*, as selectas latinas, a syntaxe do Dantas e a artinha; e tanto os consultei, tal persistencia empreguei em descobrir o sentido dos authores, que por fim os fui comprehendendo; quando o caso excedia minha penetração, deixava-o de lado ou passava adiante, mas não o esquecia, e por locuções semelhantes consegui quasi sempre sahir da difficuldade. Com este systema seguido por pouco mais de um anno e com vontade, que nunca desanimou, alcancei que feito o acto de profissão religiosa, e sendo mudado para o convento do Maranhão, onde professava a latinidade, em aula regia, Fr. Ignacio Caetano de Vilhena Ribeiro, pessoa muito distincta, e que examinando-me, me achasse habilitado para entrar na classe dos mais adiantados, e me admittisse á traducção dos classicos superiores: faltava-me grande copia de termos latinos; mas os elementos, as regras de construcção sabia-os. Pelo mesmo systema, quasi com os mesmos meios, aprendi conjunctamente com o latim o francez e o italiano.

Corria o anno de 1817. Ou fosse que em mim achassem disposição para as letras, ou que se quizessem distinguir dos anteriores, estreitando relações com Portugal, ou por todas estas ou outras razões, permittiu Deos que proposerão as authoridades do convento a meos parentes mandar-me a Coimbra para o fim de continuar os estudos, fazendo o convento as despezas de alimentação e transporte, e as outras minha familia. Aceita a proposta, partimos para Lisboa, e ahi aportámos pelo meado do anno de 1818 eu e um companheiro, fr. Antonio da Encarnação¹, natural de Caxias, que havia conseguido as mesmas condições. Recolhidos ao convento da ordem em Lisboa, e indo prestar obediencia ao provincial, fomos acolhidos com as seguintes palavras: «Não são muito «melladinhos»; o que não recordo senão como um dos motivos da convicção que cada vez mais se fortificava em meo espirito, de que tal corporação, cuja instituição summamente humanitaria tivera por fundamento a igualdade, e mesmo a fraternidade, de ha muito havia decahido de seos primitivos fins e já então, sob essas palavras, só

¹ Secularisou-se depois, foi lente de rhetorica no lyceu maranhense, deputado geral e provincial, e na Sé conego mestre-eschola do nosso cabido.

encubrião com raro merecimento muita soberba e summa vaidade. Passados alguns dias em Lisboa partimos para Coimbra, onde recolhidos ao convento collegial da Ordem e feitos os exames de latim e portuguez, matriculamo-nos no collegio das Artes, dependencia da universidade, em philosophia racional e grego, preparatorios que nos faltavão para o estudo das sciencias superiores, sendo-nos necessario, para completar o do grego, empregar tambem os mezes de ferias. Approvados n'essas doutrinas, seguimos, o meo companheiro as sciencias theologicas, eu as naturaes: e não foi sem grande contestação do reitor e doutores do collegio que o alcancei, cedendo elles unicamente á explicita declaração, que preferia antes voltar ao Maranhão, do que dedicar-me a qualquer das sciencias positivas, para as quaes me não sentia com a menor habilitação; e na verdade, fui sempre fraco de memória, nunca julguei de mui subido valor a auctoridade, repugnando sujeitar-me á opinião de outrem por mais qualificado que fosse, sem que antes a houvesse submettido ao debil criterio de minha razão. Superado julgava eu esse obstaculo, cujas consequencias não apreciava bem, nem podera apreciar por tão infundado que sempre me pareceo o preconceito na Ordem contra o estudo das sciencias naturaes, caminho aliás o mais direito e seguro para a esclarecida adoração da Suprema Sabedoria; achei-me porém envolvido em grande embarço; n'um convento collegial não tinha livros para consultar, e entre doutores e companheiros que todos fazião profissão das letras, estava isolado; não me sendo de mais permittido frequentar os condiscipulos senão nas aulas! Foi ainda necessario limitar-me aos proprios e mui acanhados recursos. Felizmente quiz a Providencia que apezar dos obstaculos, ou por isso mesmo, fiz n'esse primeiro anno muito boa figura nas aulas, tanto nas sciencias physicas como nas mathematicas; e approvado plenamente: bemquisto dos professores, considerado dos condiscipulos, fui passar ao Porto as minhas primeiras ferias. Ahi assisti ao pronunciamento da nação pela liberdade, que saudei do fundo da alma com todo o enthusiasmo da posição e da idade: tinha então vinte annos. Recolhendo-me a Coimbra cheio de contentamento e animado de grandes esperanças, matriculei-me no segundo anno; principiou porém logo a espalhar-se que haveria n'esse anno perdão d'actos, e com effeito veio a concessão para os que estudavão as sciencias positivas, e de frequencia das aulas para os de

sciencias naturaes. Impossibilitado de dedicar-me aos estudos no mal visto e constrangido isolamento do collegio, o resto do anno e as ferias, passei-os na Figueira. De volta a Coimbra matriculei-me no terceiro anno, frequentando conjunctamente as aulas do segundo. Estavão já interrompidas as relações do Brasil com Portugal, e fomos declarado pelo reitor do collegio que não podia continuar a alimentação pelo convento, sendo nós da mesma jurisdicção religiosa e os conventos do Maranhão dependentes dos de Portugal; e contudo, quantos religiosos ião de Portugal para o Maranhão, forão ali sempre recebidos, ainda muito depois da emancipação, com agasalho e distincção, ao passo que a nós cortavão-nos a carreira, negando-nos os meios estipulados para continuarmos os nossos estudos!... Por fortuna nossa não forão os correspondentes particulares de nossas familias de entranhas tão duras, e nem havião sido tão fortemente contrariados pelas idéas novas; e postoque com difficuldade pelo receio de perderem as quantias que nos houvessem adiantado, facultavão-nos alguns recursos; e sujeitando-nos ás maiores privações, chegámos ao fim do anno, quasi desligados da obediencia conventual. Feitos os exames, fui approvado plenamente em todas as materias que frequentára e premiado nas do segundo de sciencias phisicas; devo porém confessar que se não forão as circumstancias de tempo e a boa reputação adquirida no primeiro anno, a consideração que me vinha de ser premiado e a bondade dos lentes, não conseguiria tão bom resultado no exame de mathematicas; achei-me muito perturbado por saber pouco da materia. Por isso abandonei-as como ordinario, desistindo de n'ellas tambem formar-me como intencionára. As ferias, por convite de um amigo fui passar na pequena povoação, perto de Coimbra, e Mondego abaixo, de nome «Sancto Varão» da qual ainda conservo as mais gratas recordações. Ainda não erão concluidas quando voltei a Coimbra, e matriculei-me no quarto e ultimo anno de sciencias phisicas, sob grande tribulação; pois escaceavão-me por um lado os meios, e por outro estavão mudadas as condições politicas do paiz devido á contra-revolução de Lisboa; e eu tinha dividas a pagar, especialmente no convento, porque me havia pronunciado com grande ardor pelas idéas de liberdade, e pela independencia do Brasil, ainda que este motivo reputei sempre que meos superiores o tinham em logar secundario, não o julgando eu mais do que consequencia inevita-

vel d'aquellas indisposições de seo animo. Consegui todavia chegar ao fim do anno, e era tempo; porquanto approvado nas materias respectivas, laureado em bacharel e formado, apresentou-se no convento o provincial da Ordem, o mesmo religioso que servia de reitor nos tempos de liberdade, e convocando a capitulo todos os confrades, doutores e collegiaes, após furiosa reprimenda em que não forão poupados os brasileiros, declarados todos mais ou menos discolos, intimou-me ordem de recolher-me ao convento de Lisboa. Findava o anno de 1823. Entendi que se a separação do Brasil podera servir de pretexto para faltarem-nos as auctoridades da Ordem com os meios de continuarmos os estudos, expondo-nos longe da patria a todos os riscos do abandono, dava-me de sobra direito para que depois de formado a esforços unicamente meos, julgar-me desligado de qualquer obediencia a taes auctoridades, e n'este sentido escrevi ao provincial, allegando de mais a mais falta de meios para o transporte, o que era real: e em logar de seguir para Lisboa, retirei-me novamente a Sancto Varão, á espera de oportunidade para regressar ao Brasil. Soube por esse tempo que havia chegado a Lisboa o commendador Honorio José Teixeira, parente meo ainda que afastado: escrevi-lhe pedindo coadjuvação para aquelle fim. Furneo-me meios de ir até Lisboa, e ahí offereceo-me voltar em sua companhia, o que accitei. Tratava elle então de alcançar a volta da tropa que do Maranhão tinha sido mandada para Portugal¹, e de justificar perante o rei a necessidade em que se tinha achado o principe real, o sr. D. Pedro, de assumir a corôa do Brasil, como unico meio de conserval-a á dynastia de Bragança, sendo a independencia de todo inevitavel, depois dos factos occorridos em Portugal. D'isto dou testemunho, pois que não só conheci as relações do commendador com o marquez de Palmella a esse respeito, como com elle fui a Mafra mais de uma vez para em pessoa apresentar ao rei memoriaes no mesmo sentido. Alcançada a primeira pretensão, sob condição de fazer o transporte da tropa a expensas suas, e persuadido de haver igualmente conseguido a segunda, partimos de Lisboa em um brigue de sua propriedade e em uma galera ham-

¹ Refere-se ao regimento commandado pelo fallecido barão de Turyassú (ainda coronel Pinto de Magalhães, e que foi chamado de Caxias, onde estacionava, por suspeital-o a junta governativa de então de affeioado na sua maioria á causa da independencia.

búrguezia tomada a frete, e recebida a tropa na bahia de Lagos, no Algarve, e d'ahi, sem notavel accidente, aportámos ao Rio de Janeiro. Grande foi a decepção por que passou o meo parente na côrte, pensando haver prestado serviços valiosos ao seu paiz, e trazer a favor do reconhecimento da independencia as primeiras e melhores noticias; mas quando fundeavamos salvavão as fortalezas por ter a independencia sido officialmente reconhecida! Desembarcados, apresentou-se no paço onde foi recebido com gracejos e os seus serviços completamente desconhecidos! Eu fui pedir hospedagem ao convento da Ordem, onde fui muito bem recebido e tratado com grande agasalho. Estavamos no anno de 1825. Desejando aproveitar, e não esquecer o pouco que com tanto trabalho havia adquirido de meos estudos, solicitei o logar então vago na imperial academia militar de lente de zoologia e botanica; e estando habilitado, como dizião os titulos que acabava de alcançar da universidade de Coimbra e informação da juncta que dirigia a academia, fui excusado, e só devi o emprego á benevolencia de um amigo nas graças do ministro, isto contra o meo desejo; pois pretendia levar por concurso publico, tendo-o já requerido ao imperador, e do que fui dissuadido pelo referido amigo, que já melhor conhecia a marcha dos publicos negocios! A independencia era apenas nascida; estava no seo primeiro lustro e o ministro era portuguez de nascimento. Corria o anno de 1826. Pela mesma epocha acceitava eu a commissão de redactor de uma parte do *Diario da camara dos deputados*, cujos membros quasi todos tratei-os individualmente e com alguns entretive bem estreitas relações. No anno de 1828 fui nomeado director do museu nacional, emprego que exerci conjunctamente com o de lente da academia, havendo resignado a commissão de redactor do *Diario*. Em 1832 soffria a academia a sua primeira reforma para escola militar, e o curso de sciencias physicas, creado com algum desenvolvimento nos tempos coloniaes, e sendo restringido ás duas cadeiras de physica e chimica e mineralogia, fui encarregado d'esta. Empregando grande economia, havia conseguido pelo anno de 1835 alguns recursos pecuniarios, primeiros de que me fôra possivel dispor, e havendo já perdido sem os tornar a ver meos bons avós, alcancei licença para ir ao Maranhão visitar minha saudosa madrinha; unica interrupção que teve o exercicio de meos empregos. Apenas deixei a côrte, forão-me suspensos os tenues vencimentos

de director do museu, por inaccumulaveis com os de lente, sendo aquelles de 600\$000 réis e estes de 400\$000 réis, e n'essa excursão explorava com meos fraquissimos recursos as serras de Itabaiana, na provincia de Sergipe, afamadas em oiro e salitre, e a formação bituminosa das praias de Camaragibe, na das Alagoas, presentida por indicios que encontrei na cidade de Jaraguá, e d'ellas remetti amostras para o Rio de Janeiro! Voltando á côrte em 1836, consegui que me fossem restituídos esses vencimentos com que em boa fé havia contado para minha viagem; e continuei a exercer em paz os dois empregos tão *largamente gratificados* até o anno de 1842. Por esse tempo experimentava tambem a directoria do museu a sua alteração, mas ahi por esforços meos e em sentido opposto ao da academia militar: de uma que era, na verdade impossivel de desempenhar-se satisfactoriamente, subdividiu-se em quatro secções e coube-me com a direcção geral a particular de mineralogia, geologia e sciencias phisicas, e interinamente a de numismatica e artes liberaes, archeologia, usos e costumes das nações modernas. Não tendo podido sujeitar-me aos meios admittidos na alta administração do paiz, para que podessem ser utilizados os meos pequenos serviços; anhelando por experimentar a vida particular, pois que desde a idade de doze annos me achava submettido á direcção extranha; e sobretudo reconhecendo que as minhas fracas habilitações me não constituíam na altura dos empregos que exercia, e menos na possibilidade de dar-lhes mais proveitoso desenvolvimento, para deixar oportunidade a que o fizessem outros mais felizes ou mais habilitados, resignei o logar de director do museu, e consegui jubilação no de lente, em 1847, e com os vencimentos d'este já então elevados a 1:200\$000 réis, e tendo obtido em 1840 breve de secularisação perpetua, retirei-me para um pequeno sitio fóra da cidade.

Tranquillo começava a desfructar a vida do campo, empregando na pequena cultura os melhoramentos que me permittião os meos limitados recursos, quando em 1849 fui convidado para tomar a direcção do Jardim Botânico da Lagoa de Rodrigo de Freitas: estavam-me porém mui frescos na memoria os embarços com que lutara na vida pública e a improficuidade de meos esforços para produzir alguma cousa de util; e com quanto encarregado em 1846 do exame e relatorio do estado d'esse estabelecimento, e subsequente-

mente de formular-lhe o regulamento, em conformidade com as idéas ali enunciadas, o houvesse cumprido, e de certo modo me visse por isso obrigado a aceitar-lhe a direcção; pude todavia, senão recusar-a, ao menos adial-a pela consideração de que estava provida, e nunca poderia prestar-me a justificar a suspeita, que naturalmente nasceria de que desde o exame referido preparava eu o caminho para chegar á tal direcção; embora me fosse assegurado que o seo director ficaria de tal modo empregado, que não sentiria ter deixado o lugar.

Como tantos outros, porém, passou esse ministerio, e o que se lhe seguiu trouxe diferentes idéas, e com ellas felizmente a minha isenção.

Se consegui declinar o encargo de director do Jardim em 1849, não aconteceu o mesmo d'ahi a dez annos, ou fosse que o tempo houvesse apagado as mesmas idéas de contrariedade com os meios da publica administração; ou que julgasse possivel em idade já tão adiantada, empregando sinceros esforços, amoldar-me a elles para prestar o unico serviço, que me parecia, ainda comportavão as minhas forças, e no desempenho do qual me ajudaria muito boa vontade, alguma experiencia adquirida na cultura, e a predilecção que sempre tive pela vida do campo; o certo é que em 1859, estando o lugar desprovido, acceitei-o e sem condições, o que me dava direito o empenho com que era sollicitado, e alguma independencia que conseguira crear-me. Completo e não tardio foi o meo desengano: o estabelecimento estava dismantelado. Nos meios de administração, no pessoal, no material desacreditava o paiz; e portanto erão urgentes medidas para reorganisal-o; e eu não acceitara o encargo para servir de testemunha passiva de tanta vergonha, e por isso propul-as de conformidade com as vistas de sua larga instituição.

O ministro, que me havia empregado, passara a administração a outro, e este viajava em companhia do Imperador; e ainda que o seo antecessor interinamente o substituisse, hesitava em tomar as medidas que por deferencia quizera deixar á sua iniciativa d'aquelle. Em vista d'isto adoptei por meo arbitrio aquellas cuja responsabilidade me pareceo que podia assumir, e assim, já mui contrariado, tive de esperar. Voltando o Imperador, levei novamente ao governo as minhas requisições, instando para que ao menos orde-

nassem a limpeza do Jardim para desbastal-o da muita herva ruim! Foi a informar á secretaria, e, apesar d'instancias minhas, não visitou o Jardim, e não deo uma unica solução ás duvidas que se lhe apresentarão, e até suspendeo por fim algumas das providencias que eu havia iniciado!

As poucas vezes que procurei o paço imperial fui perfeitamente recebido, e conhecia o caminho para sabir com vantagem minha de tão desagradavel posição; mas para isso seria necessario deslocar com a auctoridade a responsabilidade do ministro, e a tanto, porém, nunca me pude resolver. Felizmente creára-se por esse tempo o Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, e sendo-lhe confiada a administração do Jardim Botânico, como fora de razão se o não contrariasse a lei, fui exonerado d'ella em 1861.

Além de outras commissões temporarias de menor importancia, honrou-me ainda a regencia permanente em 1834 com a nomeação de Membro do Conselho de Melhoramento da Casa da Moeda, e o Governo Imperial em 1862 com a do Conselho Fiscal do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura.

Fui socio instituidor da Sociedade de Melhoramento da Instrução Elementar; tenho-o sido effectivo e actualmente honorario do Instituto Historico e Geographico; e effectivo e presidente honorario da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

Nas associações, como nos empregos, os serviços que prestei não me cabe avaliar; são de certo bem humildes, mas diz-me a consciencia que no desempenho das obrigações, que me impunhão, empreguei todos os recursos, materiaes e intellectuaes de que pude dispor.

Para não ser injusto quero declarar que nunca fui desconsiderado por nenhuma das administrações com que servi, nem mesmo, pela ultima, cujo procedimento a meo respeito, não attribuo a má parte, mas a differença de idéas e circumstancias do tempo; e todavia o cumprimento do dever, como o entendi, forçou-me mais de uma vez a resistir-lhes, recusando execução mesmo a decretos imperiaes.

Todos os empregos servi-os sempre com o minimo dos vencimentos, nunca reclamei gratificação alguma, ainda aquellas que me garantia a lei, despresei-as, se para sua percepção dependião de algum favor dos ministros; e os de que me vinhão maiores proventos, deixei-os na administração de amigos.

Não podendo conservar a minha bibliotheca com os vencimentos que me ficavão, na vida a que ia dedicar-me, e repugnando-me cedel-a a uso particular, como instrumentos que me auxiliarão no cumprimento dos deveres de empregado, offertei-a ao museu.

Em compensação dos serviços prestados, que pelo governo tive a vantagem de serem reputados sempre bons, e talvez da offerta referida, fui agraciado com a commenda de Christo, honra que agradei, cujo título porém nem tirei por se não conformar com as minhas idéas, nem com a minha posição.

Professo, não tomei Ordem alguma, nem a de Prima Tonsura, não por desprezo ao sacerdocio, que reputo mui venerando, mas porque tive sempre a convicção de que para o desempenho das obrigações, que impõe, exige grande perfeição; e na minha fraqueza não achei nunca forças para aceitar-lhe a responsabilidade; e isso em manifesta opposição com os meos mais considerados interesses.

Em decurso tão longo de funções mais ou menos litterarias, é de razão se presume que alguma cousa terei escripto; e na verdade assim é, e talvez em demasia; fil-o porém unicamente como auxilio de memoria, ou cumprimento de dever; e persuadido que trabalhos d'essa ordem só podem ser de proveito, e merecer publicidade quando alcançam alto grau de perfeição; nada confiei á imprensa, porque os meos o não attingirão.

Se me coube alguma intelligencia, foi demorada a comprehensão e mui difficil a memoria, de sorte que nada pude fazer sem grande trabalho e aturada reflexão; e convencido de que o homem traz de Deos para a vida marcada a sua missão, com os meios de a desempenhar, designando a posição que na sociedade me permitirão as minhas mui limitadas faculdades, prestei culto, talvez exagerado, á dignidade do homem e á independencia de character; amei instinctivamente a liberdade; cultivei a igualdade; e respeitei as conveniencias sociaes, sem outra nenhuma ambição mais do que o cumprimento do dever, na esphera a que me limitarão as minhas forças: acostumado a viver de pouco, fazendo sempre descer as minhas necessidades ao nivel de meos recursos, satisfeito, agradeço á Providencia o haver-me eximido das provações da gloria e das riquezas.

Eis a minha vida. V. sem duvida pretendia mais e talvez o enfade tanto: peço indulgencia; não podia dar senão o que é meo.

Quanto á photographia, é ainda pequice minha, e consinta que lh'o diga com franqueza: apesar de o permittir o exemplo de tantas pessoas auctorizadas, e de quasi o ordenar a moda, ainda me não pude resignar a esse pequeno tributo da vaidade humana; se lá chegar, como o querem outros amigos, conte V. que será lembrado entre os primeiros.

De V.
Patr.º e servo

CUSTODIO ALVES SERRÃO.

Nota I

I

... vieram com embargos e queixas no «Paiz» de 21 de abril de 1874
pag. 297 e 298

(Publicações geraes)

Sr. redactor.—Logo que foi distribuido n'esta cidade o primeiro volume do *Pantheon Maranhense*, obra do muito distincto nosso comprovinciano o sr. dr. Antonio Henriques Leal, lendo-o, vi com bastante pezar que na biographia do patriota José Candido de Moraes e Silva laborára o author em grandes inexactidões relativamente ao que diz de meu finado pae, quando o apresenta ao publico como *oppressor* do joven José Candido, e *inimigo rancoroso dos brasileiros!*

Como filho respeitador e zeloso, reconheci a immediata necessidade de, com a devida venia do author do *Pantheon*, protestar perante o respeitavel publico das injustas arguições que ali se fazem á memoria do meu venerando pae, que ha vinte e seis annos jaz no silencio dos tumulos!

Não era, porém, eu o competente para poder logo vir á imprensa desvanecer a impressão desfavoravel ás cinzas de meu honrado pae e restabelecer a verdade dos factos em relação a essas injustas arguições.

Enviei, pois, a meus irmãos, residentes em Tury-assú, um exemplar do *Pantheon*, indicando-lhes aquellas arguições, a fim de que podessemos cumprir o nosso imperioso dever de filhos, que prezando a memoria dos authores de seus dias, não consentem vê-la manchada por qualquer titulo injusto, sem protestar solememente, como lhes incumbe o amor filial, a saudosa recordação e a sua propria dignidade.

Certo de que meus irmãos, depositarios de alguns documentos particulares de nosso finado pae, e mais ao facto dos acontecimentos passados, achariam provas sufficientes para esclarecer a verdade, eu esperava: houve grande demora, devida á gravidade da molestia de um d'elles, e só agora foi que recebi a reclamação infra, que apresentamos á consideração do respeitavel publico, e que espero v. s.^a fará publicar em seu conceituado jornal.

Conheço que a inexactidão, n'este ponto, das informações obtidas pelo sr. dr. Antonio Henriques Leal, como geralmente acontece, quando colhemol-as relativas a factos a que não assistimos, é que deu causa á nossa justa reclamação, o que comtudo não impede de continuarmos a apreciar devidamente a sua illustração e eminentes serviços, que está prestando á nossa litteratura.

De V. S.^a

Att.^o Vr.^{or} e affeiçãoado,

JOSÉ GONÇALVES TEIXEIRA.

Maranhão, 18 de abril de 1874.

Veio-nos á mão o primeiro volume do *Pantheon Maranhense*, obra do distincto e erudito sr. commendador Antonio Henriques Leal.

Quando possuidos de enthusiasmo liamos esse monumento de gloria levantado em honra de nossos comprovincianos e destinado a transmittir seus nomes ás gerações futuras; ao chegar na biographia do finado José Candido de Moraes e Silva, commoveram-se os nossos corações ao ver revolvidas as cinzas do nosso sempre idolatrado pae, o fallecido tenente coronel José Gonçalves Teixeira, e com bastante inexactidão de parte de seu illustre author, o qual

não existindo talvez ainda na epocha memoravel da nossa independencia, necessariamente ha de ter recebido de algum individuo mal informado essas linhas, que vieram ferir a memoria de um homem que já não pertence a este mundo, e magoar os corações de seus filhos, que ainda fazem parte da presente geração.

Ainda mais, o author não querendo amofinar os descendentes do fallecido commendador Antonio José Meirelles, que occupam eminentes posições, lançou todo o odioso sobre nosso venerando pae, a quem escolheu para victima expiatoria dos peccados commettidos por Meirelles contra a nossa emancipação politica; alcunhando a nosso pae de *inimigo rancoroso dos brasileiros*, e que por este motivo existia de sua parte *uma vingancasinha* a exercer na pessoa de José Candido.

Feridos em nossos brios ao ver maculado o nome de nosso sempre lembrado pae, temos o sagrado dever de virmos perante o respeitavel publico protestar contra essas phrases injustas e mal cabidas, com que se pretendeu deslustrar a memoria do homem a quem devemos a existencia.

Nosso pae nunca foi opposto á proclamação da independencia d'esta provincia, porque se o fosse teria seguido por certo o caminho de seu socio o commendador Meirelles, que foi obrigado a retirar-se para a capital da provincia do Pará, d'onde depois transportou-se para a córte. Mas um homem que, como nosso pae, durante o furacão revolucionario como esteve o Maranhão n'aquella epocha (e em que todos os portuguezes infensos á independencia viviam occultos para escaparem aos insultos, espancamentos e assassinatos de que eram ameaçados e de que muitos foram victimas) nunca deixou de sahir á rua sempre que lhe era preciso penetrar nas residencias do governador das armas Rodrigo Salgado, do presidente Bruce, na thesouraria de fazenda, na alfandega e outras repartições publicas, encontrando-se com bandos de amotinadores, que ao passar junto d'elle só lhe diziam—*Deus o guarde*—; este homem por certo nenhuma animosidade tinha contra si, nem era o *inimigo rancoroso dos brasileiros*, como se quer inculcar.

Não é exacto o que diz o author que ao desembarcar de Lisboa José Candido soube que seu protector o commendador Meirelles se havia retirado para o Rio de Janeiro, porém que este havia recommendado a nosso pae instante e expressamente o seu protegido co-

mo a filho, e logo que chegasse á provincia, o applicasse á escripta mercantil.

José Candido, desembarcando de Lisboa no dia 2 de setembro, ainda encontrou em Maranhão o commendador Meirelles, porque este só se retirou no dia 19 ou 20 d'esse mez.

Os factos que occorreram para a admissão de José Candido no escriptorio de Meirelles e sua retirada da casa d'este acham-se explicados mais adiante em um trecho de uma carta do nosso finado pae de 15 de novembro de 1823, extrahida do copiador de sua correspondencia em resposta a uma carta de Meirelles de 24 de outubro, que se encontrará em seu escriptorio e da qual se depreheende que Meirelles, além de nenhuma recommendação lhe haver deixado a respeito de José Candido, sem duvida authorisava nosso pae a despedil-o.

José Candido de Moraes e Silva, tendo frequentado os collegios de França e a Universidade de Coimbra, com bastante difficuldade se havia sujeitar á vida de caixeiro em outro qualquer tempo, quanto mais n'aquella epocha em que o exaltamento revolucionario estava no seu auge; e elle joven e entusiasta como era por amor da liberdade, devia por força ser impellido da vida pacifica e retirada do commercio para o turbilhão dos acontecimentos.

Isto mesmo confirma o author do *Pantheon*, quando a paginas 196 diz, que *José Candido, abrasado pelo fogo patriotico, abandonando a vida escholar, partiu de Lisboa em busca do Maranhão que era seus cuidados e feitiços.*

O trecho da carta de nosso pae de que acima fallamos, escripta a Meirelles em data de 15 de novembro é o seguinte:

«quanto ao filho de Joaquim Estevão já não se acha n'esta casa «e a respeito d'elle passou-se o seguinte: depois que v. s.^a sahiu «d'este porto para o Pará, veio o avô d'elle, José André, fallar-me «e perguntar-me o que v. s.^a havia determinado a respeito do rapaz, porque v. s.^a havia dito a este que eu ficava para lhe dar des- «tino: respondi-lhe que v. s.^a nada me havia dito, nem era possi- «vel se lembrasse de tal, quando o estado em que sahiu lhe privou «até dar determinações de primeira necessidade; mas que era pro- «vavel as desse do Pará, e que entretanto eu o empregaria no es- «criptorio até chegar as suas ordens. Agradeceu-me muito e pediu «que o occupasse e o tivesse em sujeição, pedindo-me pôrém que

«nos sabbados á noite ou vespéras de dias santos, não tendo elle «que fazer, o deixasse ir dormir á sua casa e passar lá o dia santo. «Concordes n'isto fomos assim passando, até que em um dia antes «do jantar chega á casa um sargento, o qual vendo-me no pateo, «escondeu-se atraz da porta, pelo que perguntei-lhe o que preten- «dia, e dizendo-me que queria fallar com José Candido, disse-lhe «que o acharia no escriptorio, onde entrando entregou-lhe um pa- «pel, indo ambos depois para a varanda.

«Como elle não comparecesse ao jantar, acabado este e voltando «eu para o escriptorio, já achei o sargento. Perguntei então a José «Candido que negocio tinha com aquelle sujeito que o privava de «jantar, e que papel era aquelle, o qual eu desejava ver: respon- «deu-me com altivez que não jantára porque não quizera, que o «papel eram uns versos ao Imperador, que o sargento o levára, e «que nada mais me diria d'aquillo que para si era segredo. Disse- «lhe que na sua idade não podiam haver segredos que eu não po- «desse saber, e que d'ahi em diante, quando algum conhecido o «viesse visitar, era no escriptorio que devia receber as visitas, que «jámais introduzisse como até alli alguém para o interior das casas: «ao que me respondeu que d'esta fórma não lhe convinha estar «n'esta casa, e que então queria ir para casa de seu avó, onde o «mandei levar por ser vespera de domingo. No dia seguinte o velho «veio fallar comigo: contei-lhe o que havia occorrido, pelo que pe- «dindo-me muitas desculpas concordamos em elle tornar para esta «casa até chegarem as ordens de v. s.^a

«Na segunda feira, pelas oito horas da noite, veio o velho saber «se elle já cá estava, porque desde as tres horas que sahiu dizendo «vir para esta casa, e como não tivesse apparecido, disse-me que se «elle viesse até ao outro dia, muito que bem, do contrario que não «voltaria a fallar-me por elle. Até hoje não tem ainda apparecido, «e agora não o receberei mais, segundo as ordens e vontade de «v. s.^a, declarando comtudo não ter elle dado outro motivo alem da «sua insubordinação.»

Eis o que concorreu para o fallecido José Candido sahir da casa de Meirelles, e da carta supra se vê que este nenhuma ordens havia deixado a nosso pae a seu respeito; pelo contrario mandava-o despedir se elle ainda alli existisse: vê-se ainda que José Candido foi admittido ao serviço da escripta por actô voluntario de nosso

pae a pedido de seu avô; que elle sahio por sua espontanea vontade, visto não se querer sujeitar ás regras prescriptas por nosso pae; e que entre ambos não houveram essas — *calorosas alterações*; pois a havel-as, nosso pae por certo não conviria com o avô em tornar a recebê-lo.

As admoestações feitas por nosso pae a José Candido não podem ser alcunhadas de *vingançasinha*; antes conselhos de um superior solícito, que deseja o bem estar de um joven que lhe é confiado.

Temos porém observado que infelizmente quasi todos nós brasileiros temos por indole o espirito de independencia que nos faz repellir a vida de sujeição. E quantas vezes aquelle nosso malfadado comprovinciano, depois da mallograda revolução de 19 de novembro, tendo sido abandonado dos amigos, trahido dos seus patricios e correligionarios e perseguido pelos seus adversarios, não se arrenderia de não ter seguido os conselhos de nosso fallecido pae?

Se aos mortos fosse permittido sahirem das suas sepulturas, estamos certos que José Candido com a sua penna seria o primeiro a defender a memoria de nosso venerando pae, como já uma vez o havia feito ainda em vida de ambos na noite de 12 de setembro de 1831, no quartel do Campo d'Ourique, como consta do seguinte trecho de outra carta de nosso pae, escripta ao finado Meirelles em data de 15 d'aquelle mez, na qual depois de relatar as circumstancias occorridas n'aquelles dias e declinar os nomes das pessoas deportadas, assim conclue:—«... Felizmente eu escapei de ser por «esta vez deportado; apesar de que na reunião houvesse meia dúzia de votos para eu sahir, houveram comtudo muitos a meu favor, sendo o primeiro que me defendeu o sr. José Candido de Moraes e Silva, redactor do *Pharol*, pelo que lhe sou muito obrigado, «não tanto por mim, porque em toda a parte posso passar, mas «pelo estado em que se acha esta casa, e por minha familia.»

Reconhecemos a nobreza dos sentimentos do fallecido José Candido n'esse acto que praticou em defeza de nosso venerando pae, e com o qual não só fez a devida justiça ao seu merito pessoal n'aquella occasião, como tambem no fim de quarenta e tres annos ainda veio servir de aureola para dissipar as nuvens que sopraram sobre o seu nome; e pelo que muito gratos nos confessamos á memoria d'aquelle nosso comprovinciano. A seus parentes e amigos

compete ajuizar d'essas palavras de nosso pae, palavras sinceras e não lisonjeiras, que não foram ellas escriptas para o publico, com a mira de agradecimentos, mas sim de particular para particular; e que só vieram á luz da imprensa vinte e seis annos depois da sua morte, porque a isso fomos obrigados.

D'aquella mesma carta se pôde concluir que nosso pae e José Candido nunca foram inimigos, e que nem este recebeu em casa de Meirelles esses *maus tratos* que aponta o author do *Pantheon*, porque a ser isso certo, pouco importaria a José Candido que nosso pae fosse envolvido na proscripção de 12 de setembro.

Tambem não é exacto que os caixeiros do commendador Meirelles eram forçados a exercer os mais baixos misteres, até de *despejar vasos*, como diz o author, porque este serviço nem o mais insignificante caixeiro exercia. Além d'isso pelo trecho da primeira carta se vê que José Candido não era considerado caixeiro, antes hospede, e que alli se conservava unicamente aguardando as ordens de Meirelles: não era, pois, possível, que nosso pae, attencioso como era para com todos, empregasse o hospede em varrer o escriptorio, quanto mais a *despejar vasos!* Na epocha em que nosso pae esteve na direcção da casa do commendador Meirelles houveram caixeiros brasileiros alli admittidos por elle, sendo entre outros o sr. João José da Cruz, que veio de Lisboa logo depois da independencia: um cadete Caldas da villa de S. Bento, e Francisco José de Jesus, irmão do sr. José Gonçalves de Jesus, os quaes executando seus deveres foram sempre estimados de seus superiores.

É menos verdade que nos dias santificados se trabalhasse n'aquelle escriptorio, o qual n'esses dias se conservava fechado; e não só os caixeiros iam á missa, como tinham por seu o dia por inteiro para seus negocios e recreio: o unico que n'elle penetrava n'esses dias, não pela porta principal, mas por uma do interior, era nosso pae a fim de rever o trabalho para os dias seguintes. O serviço era das seis horas da manhã ás nove da noite, e se algumas vezes se estendia mais tarde seria em occasião da partida de algum navio; pratica esta ainda hoje seguida no commercio da nossa provincia, onde a *civilisação que tudo muda, e destroe muitos preconceitos*, ainda não operou essa *transformação* de que falla o author á paginas 197.

Não se via no escriptorio de Meirelles esse typo do caixeiro

alambazado e besuntão trepado em uns tamancos; e se não envergavam o paletot, que n'esse tempo não estava em uso, lembramos de os ver asseados e trajando boas jaquetas em os dias de semana, e nos domingos e dias santos era certo sahirem alguns de sobre-casaca, conforme as circumstancias de cada um.

Repetimos ainda uma vez, que nosso fallecido pae nunca fez a menor opposição á causa da nossa independencia, porque seguindo os preceitos de uma maxima repetida pelo distincto Sotero dos Reis de *Patria est, ubi bene est* era o Maranhão a sua patria: aqui tinha elle os seus haveres, a sua familia e os seus amigos, e nunca exprimitu o pensamento de voltar á terra em que nasceu.

Se em um ou outro numero do *Pharol* sahiram á luz alguns artigos contra nosso pae, estamos certos, assim como elle tambem esteve, que não eram fructos da penna do honrado José Candido de Moraes e Silva; este era o redactor em chefe d'esse jornal, porém haviam collaboradores, sendo um d'elles Manuel José de Medeiros, portuguez natural das Ilhas, que por interesses commerciaes era inimigo do commendador Meirelles, e por consequencia do nosso pae, ou de qualquer outra pessoa que estivesse na direcção d'aquella casa.

D'entre os brasileiros mais distinctos da provincia contavam-se muitos que a nosso pae honravam com a sua amisade.

Como brasileiro adoptivo, pelos direitos que lhe conferia a Constituição do Imperio, teve nosso pae de declarar-se por um dos partidos politicos que então se disputavam, e como suas idéas eram monarchicas constituçõaes, pronunciou-se pelo partido em que militavam as familias dos srs. Gomes Belfort, capitão-mór Ricardo Leal, Guilhons, Coqueiro e outros muitos distinctos maranhenses, que não podiam ser suspeitos de luzitanismo!

Se José Pereira da Silva, o poeta de que tracta o author a paginas 204 do *Pantheon*, ainda existisse, ao ler essas phrases de—*inimigo rancoroso dos brasileiros*—emprestadas a nosso pae, exclamaria immediatamente—*não, isso é uma injustiça que se faz á memoria d'esse homem*. O que acabamos de dizer podiamos provar com documentos; porém como nosso pae tinha por costume occultar os favores que fazia, não seremos nós que os publicaremos depois de sua morte.

Antes da independencia nosso pae era apenas tenente do corpo

avulso de Ligeiros, e subtrahida que foi a provincia do dominio portuguez, foi em 1825 nomeado capitão da companhia de milicias da villa do Paço do Lumiar; e creando-se um batalhão n'aquella villa em 1826, foi elevado ao posto de tenente-coronel commandante do mesmo batalhão, o qual fundou á sua custa: em 1829 receberam a condecoração de Cavalleiro do Habito de Christo com que o governo de S. M. I. o senhor D. Pedro I se dignou honral-o. Estes documentos provam que não era elle o homem rancoroso contra o Brasil; ao contrario, sempre que se offerecia occasião, nunca deixou de cooperar para o bem estar da patria que adoptou.

É esta a reclamação que tinhamos a fazer sobre a inexactidão das phrases contra nosso pae proferidas no *Pantheon Maranhense*, a pag. 197. Pedimos ao respeitavel publico a devida venia por virmos occupal-o com um objecto que só a nós dizia respeito; porém obrigou-nos a isso o sagrado dever que tinhamos como filhos respeitosos de justificar a nosso pae, rehabilitando a sua memoria perante os nossos compatriotas.

Não temos a honra de conhecer o sr. commendador Antonio Henriques Leal senão pelo seu illustre nome, que tão conhecido e respeitado se tem tornado na litteratura; lembramos porém a s. s.^a que esse homem, cujas cinzas revolveu, manteve estreitas relações de amizade com os fallecidos srs. Alexandre Henriques Leal e capitão-mór Ricardo Henriques Leal, e achamos ser uma impiedade que s. s.^a, sem ter motivos, fosse injustamente perturbar o somno eterno de um dos amigos de seus antepassados!

JORGE GONÇALVES TEIXEIRA.

MANOEL GONÇALVES TEIXEIRA.

Por mim e meu irmão Antonio Gonçalves Teixeira, ausente,

JOSÉ GONÇALVES TEIXEIRA.

(Paiz n.º 48 de 21 de abril de 1874.)

... accudiu em minha defeza...—pag. 298

A esta correspondencia respondeu meu amigo, o sr. Themistocles Aranha, redactor do *Paiz*, no n.º 58 de 14 de maio de 1874 com mais favor e encarecimento do que mereço:

PANTHEON MARANHENSE

Logo que os srs. Gonçalves Teixeira publicaram o seu artigo no *Paiz* n.º 48, de 21 do mez passado, refutando o que disse o muito distincto sr. dr. Antonio Henriques Leal na biographia de meu tio José Candido de Moraes e Silva, a qual se acha no primeiro tomo do *Pantheon Maranhense*, relativamente ao gerente da casa do commandador Meirelles, o finado tenente-coronel José Gonçalves Teixeira, quiz, com o devido respeito aos authores do artigo, dar algumas explicações, das quaes se veria que se o sr. dr. A. Henriques errou, teve para isso boas razões. Não o fiz, porém, n'esses dias, porque, não me querendo fiar só na reminiscencia do que ouvira dizer a pessoas de minha familia, desejava conversar com uma irmã de José Candido, cujo testemunho deve ser tido no maior valor. Só agora pude obter esses novos esclarecimentos, e por isso venho tão tarde satisfazer o que julgo um dever de gratidão e amizade.

E principio agradecendo aos srs. Teixeira o honroso juizo que fizeram do meu finado tio: merece-o a memoria d'aquelle grande espirito, d'aquelle ardente patriota — coração generoso, alma vasada nos moldes das dos mais illustres varões, e nem podia o redactor do *Pharol* guardar odio a seus inimigos, pois era infinita a sua gratidão aos que em qualquer tempo ou em qualquer cousa o haviam protegido ou auxiliado.

Acudindo os srs. Teixeira á imprensa para fazerem desaparecer a sombra que sobre o nome de seu honrado pae julgavam haver projectado as palavras do author do *Pantheon*, cumpriram o piedoso e nobre dever de bons filhos, pelo que merecem os mais sinceros louvores; porém, relêvem-me que o diga com franqueza que a sua natural e justa defeza teria realçado se não começasse por uma

injustiça ao character pundonoroso do illustrado escriptor, honra e gloria da nossa provincia.

Dizem os srs. Teixeira:

«Ainda mais, o author não querendo amofinar os descendentes «do fallecido commendador Antonio José Meirelles, que occupam «einentes posições, lançou todo o odioso sobre nosso venerando «pae, a quem escolheu para victima expiatoria dos peccados com- «mettidos por Meirelles contra a nossa emancipação politica; alcu- «nhando a nosso pae de *inimigo rancoroso dos brasileiros* que por «este motivo existia de sua parte *uma vingança*zinha a exercer na «pessoa de José Candido.»

É preciso não conhecer o sr. dr. A. Henriques Leal para dizer que, tendo de dar o seu juizo como historiador, primeiro meça a elevação das posições dos descendentes ou parentes dos individuos que tiver de apreciar! Não, não ha no Maranhão quem pense assim, e no proprio *Pantheon* tem os srs. Teixeira a prova do contrario.

Aquelle que na primeira mocidade, no periodo das aspirações, arcou com os poderosos, sem temer-lhes as iras, nem que estorvassem-lhe a carreira, o homem que o que é deve sómente a si, ao seu talento, ao seu muito estudo, ao seu incessante e infatigavel trabalho, hoje, na segunda quadra da vida, não quer, não póde — que não lhe consentem os brios e a consciencia — occultar a verdade historica para não desagradar a quem quer que seja. Não, o author do *Pantheon*, d'esse soberbo monumento das glórias maranhenses, era incapaz de descer tanto, não viciaria edificio que tanto lhe tem custado a erguer, conspurcando o seu livro mais querido com sentimentos tão vis — tal não faria quem tão estremecidamente ama a patria, quem tão alto tem sempre sustentado a honra e dignidade de escriptor.

Muito injustos foram certamente os srs. Teixeira.

Se lhes parece que o foi o historiador, attribuem-lhe a injustiça a erro sem proposito, e não com o fim que tanto o deshonoraria se fosse verdadeiro.

Quanto ao facto da sahida de José Candido da casa Meirelles e ao tratamento que ali teve, sabemos o seguinte:

É exacto que Meirelles antes de retirar-se disse á familia de José Candido que elle o deixava recommendado ao seu socio.

José Candido aqui chegou antes da partida de Meirelles, e por consequente foi essa recommendação feita estando presente o re-

commendado. Isto é do que se recorda perfeitamente a irmã de José Candido.

É também exacto que entrou para o escriptorio de seu protector, e pouco ali se demorou, porque não era tratado convenientemente, e o queriam obrigar a serviços, que embora os caixeiros de então fizessem, não lhe soffria o animo sujeitar-se a elles.

Foram estas as razões que deu quando, arguido por seu avô por que tinha abandonado o escriptorio, respondeu-lhe: — Difficilmente me sujeitaria a ser caixeiro, e de fórma alguma a ser criado.

Não digo, nem o diz a irmã de José Candido, que o tenente-coronel Gonçalves Teixeira fosse quem o quizesse obrigar a esses serviços que lhe eram repugnantes, ou por qualquer fórma o maltratsse — pois d'elle nunca se queixou — mas o que é certo é que o tratamento que na casa de Meirelles teve não contribuiu pouco para d'ella sahir.

Ora, sabendo d'isto o illustrado author do *Pantheon*, sabendo que o tenente-coronel Teixeira era o gerente da casa de Meirelles, e por conseguinte o responsavel do que se dava no movimento da mesma, não era natural que a elle e não ao socio ausente, Meirelles, se referisse?

É também exacto que José Candido nunca foi inimigo do tenente-coronel José Gonçalves Teixeira, que nenhum resentimento guardava contra elle, o que prova que essas offensas recebidas na casa de Meirelles não foram do seu gerente.

D'isto o que se deve concluir é que o sr. dr. A. Henriques Leal procedeu logicamente, embora viesse finalmente a sua apreciação a ser por s. s.^{as} taxada de erronea; e nada mais.

Maranhão, 11 de maio de 1874.

THEMISTOCLES ARANHA.

III

... uma carta que foi impressa no mesmo jornal — pag. 298

Não me julgando desobrigado de responder ao cortez appello dos srs. Gonçalves Teixeira, apesar da cabal resposta do sr. Themistocles, escrevi a seguinte carta, que sahiu impressa no *Paiz* n.º 78 de 1 de junho do mesmo anno:

O PANTHEON
E OS SRS. GONÇALVES TEIXEIRAS

Amigo e sr. redactor.—Recebi quasi que ao mesmo tempo o *Paiz* n.º 48, em que vem uma correspondencia do sr. José Gonçalves Teixeira e de seus irmãos, impugnando o facto da vida de José Candido de Moraes e Silva que se refere ao respeitavel pae d'estes cavalheiros, e o de n.º 58, onde v. s.ª defendeu brillantemente meu character e intenções, fazendo-o de modo tal que me julgo dispensado de voltar á carga, e nem tocaria mais no assumpto, se me não corresse a obrigação de mostrar quanto fui escrupuloso e imparcial em minhas apreciações. Não foi sem razão que na advertencia do primeiro tomo do *Pantheon Maranhense* reconheci «que escrevendo «sobre factos de nossos dias, ia accordar paixões sopitadas, e offendere melindres de quem talvez não suspeitasse tel-o»; mas dizia-me «a consciencia que sem affastar-me da mais restricta imparcialidade «e justiça, evitei juizos, que parecessem gerados pela politica ou «pelo desejo de cortejar opiniões e individuos» (*loc. cit. pag. 12*). Por emquanto ainda estou convencido d'isto, e é para que o publico sensato conheça do criterio, madureza e reflexão com que procedi, e em que dados baseei-me, que venho agora roubaç-lhe o tempo.

Muni-me de informações dadas pela irmã do proprio José Candido, por um parente e amigo d'elle, que viveu na sua intimidade e o acompanhou em varios lances da sua trabalhosa vida, e por um sujeito illustrado, que tomou parte nos acontecimentos de 13 de setembro, e era intimo de José Candido. Ora, todos esses tres apontamentos relatavam os factos da sahida de José Candido da casa de Meirelles do mesmo modo, attribuindo-a a maus modos do gerente da casa para com o patriota, da altercação que houve entre ambos; individualizando os apontamentos da irmã quaes os serviços baixos a que o queriam obrigar, e os mais affirmando que José Gonçalves Teixeira era decidido partidario da recolonisação. Não me contentando com isto, recorri mais á collecção dos *Pharoes*, e em mais de um número encontrei a confirmação d'estes assertos. Não desejando por fórma alguma magoar os srs. Teixeiras, trago apenas esta passagem do n.º 335 do *Pharol* de 20 de setembro de 1831: = «Absolutista encarniçado, inimigo acerrimo do nome—brasileiro, auctor «de todos os males e desgraças que pesavão sobre os maranhenses,

«José Gonçalves Teixeira, nome odioso, não deve ficar no esquecimento.....»

Páro aqui com a transcripção, porque basta para me justificar, e para que se comprehenda que, nascido em 1828, podia julgar dos factos com todo o desassombro, e que ausente, ainda assim possuia documentos assaz valiosos para n'elles confiar conscienciosamente.

Tracto no entanto de colher informações mais detidas e amplas, e no caso de que confirmem as asserções dos srs. G. Teixeiras, asseguro-lhes que apressar-me-hei em dar-lhes plena satisfação, sentindo com tal reparação o mais vivo prazer.

Antes de terminar, cabe-me ponderar que não me referi determinadamente ao theor de vida dos caixeiros de Meirelles; mas em geral ao d'essa classe na alludida epocha, sendo para notar que nas subsequentes e ainda nos nossos dias ha eguaes typos.

Se me não occuppei do commendador Meirelles e da nefasta influencia que exerceu outr'ora em nossos negocios, é porque viria isso fóra de lugar, como enxerto ou excrescencia; mas creiam que se tiver saude e tempo para escrever a história da nossa provincia no periodo que decorre de 1823 a 1834, ha de occupar largo espaço n'ella esse personagem, e hão de ficar convencidos de que quem nunca recuou de antes, nem hesitou por momentos comprometter-se, não virá hoje desfigurar a verdade historica para agradar a quem quer que seja ou evitar queixas ainda mesmo de amigos.

Peço por ultimo desculpa ao publico e ao amigo redactor por ter occupado sua attenção e tomado espaço no seu conceituado e tão lido jornal com a minha insignificante individualidade.

Lisboa, 8 de junho de 1874.

Seu amigo certo e obr.º

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL.

As informações, que pude colher, não aproveitaram infelizmente á causa que os srs. Teixeiras tão nobremente defendem. Se houve, como está provado, equívoco da minha parte em dar a chegada de José Candido ao Maranhão posterior á ausencia de Meirelles, isto por falta de clareza n'esse passo dos apontamentos que tinha á vista, é facto mui secundario e que não prejudica, antes dá muita força a favor do ponto contestado pelos srs. Teixeiras; assegurando não só elles proprios como o documento infra que José Candido já estava

empregado em casa do commendador Meirelles antes de sua partida, por certo não como *hospede*, mas *caixeiro*, no que estão de accordo os dados que já tinha, como a affirmativa dos membros da familia do patriota, e nem o contrário se infere dos trechos da carta de seu respeitavel pae. Quanto ás circumstancias que concorreram e o facto que motivou a despedida de José Candido é bem de ver que o gerente, parte interessada, os figurasse sob um aspecto que lhe fosse favoravel, mas vivem ainda pessoas conceituadas que os explicam da maneira por que foram por mim relatados. O documento a que já alludi, e para o qual chamo a attenção dos leitores devo-o á espontanea bondade do sr. João Baptista de Moraes Rego, testemunha ocular dos factos, amigo e companheiro de José Candido, e que ahi está vivo no Maranhão para dar todos os esclarecimentos que a verdade exige do homem honesto.

Eis o periodo da sua carta que não deixa a mais pequena sombra de dúbida:

«Quando José Candido, vindo de Portugal, chegou ao Maranhão, «achou Meirelles, mas em preparativos de viagem, e a José Candi-
«do foi que elle incumbiu de embarcar a sua bagagem, o que este
«fez acompanhando os carregadores e acondicionando-a no navio.
«Acompanhou-o José Candido ao embarque, e já a bordo, depois de
«Meirelles despedir-se d'elle, disse-lhe estas textuaes palavras que
«tenho bem presentes na memoria:—Vai, meu filho, para terra, que
«te recommendei a José Gonçalves.»—Não encontrou porém José
«Candido em José Gonçalves Teixeira o tratamento que, segundo
«as recommendações de Meirelles, esperava d'elle; antes pelo contra-
«rio José Gonçalves, menosprezando-as, maltratou-o, querendo em-
«pregal-o em serviços baixos, como de varrer os quartos, limpar
«candieiros, etc., etc., ao que José Candido não podia conformar-se,
«entendendo mais que José Gonçalves assim obrava por ser elle
«brasileiro e como tal incorrer no odio que votava aos brasileiros
«por causa da Independencia. Foram estes os motivos reaes por que
«José Candido despediu-se da casa de Meirelles, e tudo quanto a
«respeito do máo tratamento a José Candido por José Gonçalves
«vem referido no *Pantheon* e o mais que contém a biographia d'elle
«é a pura verdade e como tal incontestavel».....

JOÃO BAPTISTA DE MORAES REGO.

A respeito de José Gonçalves vem ainda reforçar o que expuz nas poucas linhas da pag. 199 do tomo 1 do *Pantheon* o que d'elle disse João G. Abranches, adoptivo como elle e do partido moderado, na pagina 70, do n.º 2 do seu *Censor* de 5 de fevereiro de 1825 «um «socio, a quem deixou (Meirelles) a sua casa entregue, tem soffrido «mil injurias, sendo insultado mesmo de dia em sua casa com o «maior descaramento e ouzadia».

No n.º 216 do *Pharol* de 3 d'agosto de 1830 denuncia seu redactor a existencia de uma sociedade secreta, cujos membros eran tractados por *Columnas do Altar e do Throno*, tendo por fim a recolonisação, e entre os nomes apontados figura o de José Gonçalves Teixeira.

Em vista do exposto, resta-me o grande pezar e desconsolo de me não poder retractar, e de ver-me forçado pelos srs. Teixeiras a occupar-me de questão que seria melhor ficasse no olvido.

Nota J

... fallam com mais clareza e dizem muito mais do que eu — pag. 299

Officio do governo da provincia do Maranhão dando conta ao ministro da guerra do attentado contra a propriedade particular e a liberdade de imprensa

Copia. — N.º 16, 3.ª secção. Palacio do governo do Maranhão, 17 de maio de 1872. — *Ill.º e ex.º sr.* — Desde que aqui chegou, no dia 17 de março ultimo, o 5.º batalhão de infantaria, o jornalismo da provincia tem mais ou menos censurado o *procedimento irregular dos officiaes e cadetes do mesmo batalhão*, quer em relação aos passageiros que vieram da cõrte no vapor *Pará* com destino a diversas provincias do norte, quer em relação ás pessoas que por visita se dirigiam a bordo do dito vapor n'aquellas provincias.

Havendo sido publicados ultimamente nos jornaes *Telegrapho e Paiz* artigos, nos quaes com mais vehemencia são tratados aquelles factos, se dirigiram os tenentes do dito batalhão Virgilio Napoleão Ramos, Antonio Raymundo Miranda de Carvalho, Ponciano Ferrei-

ra de Sousa, e alferes Julio Cesar dos Reis Falcão e Vicente Martins e cadetes Francisco Eufrazio de Toledo, Philadelpho de Alencar Sucupira, Raymundo Publico Rosklins da Silva Martins, Antonio Feliciano Peralles Falcão Junior, e Alfredo de Albuquerque Bello, á typographia do referido jornal *Telegrapho* na noite de 15 do corrente das sete para as oito horas e ahí *inutilisaram os typos e outras peças de impressão*, e teriam feito o mesmo na typographia do jornal *Paiz*, onde pouco tempo antes estiveram, se não fosse o grande numero de operarios que ali se achava, o que tudo consta da parte do commandante do sobredito batalhão que junto por copia.

Não podendo os referidos officiaes e cadetes continuar no serviço d'esta provincia, e julgando conveniente a bem da ordem e tranquillidade pública e da disciplina do batalhão remettel-os presos para essa côrte, faço embarcal-os com esse destino no vapor *Pará* á disposição de v. ex.^a, acompanhados do capitão Antonio Carlos da Silva Piragibe.

Como se vê da parte do dito commandante que não é essa a primeira falta que commette o alferes Julio Cesar dos Reis Falcão; pois n'estes ultimos dias tem procedido irregularmente n'esse corpo.

Da parte da policia, tambem junta por copia, consta que o tenente Virgilio Napoleão Ramos, acompanhado do segundo cadete Antonio Feliciano Peralles Falcão Junior desacataram o cidadão Arthur Azevedo por ter o jornal (*O Domingo*), de que é redactor, attribuido ao dito tenente o facto de ter quebrado as vidraças da janella da casa de uma mulher na rua de Sant'Anna, d'esta cidade.

Devo outrosim remetter a v. ex.^a as quatro inclusas cartas em original, dirigidas por alguns d'aquelles officiaes ao redactor do jornal official *Publicador Maranhense*, das quaes verá v. ex.^a o espirito exacerbado dos mesmos officiaes.

Levando o exposto ao conhecimento de v. ex.^a, espero que se servirá approvar o meu procedimento que não podia ser outro em vista das graves occurrencias que se deram e que podem reproduzir-se a qualquer sinistro pelo genio turbulento d'aquelles officiaes. Deus guarde a v. ex.^a—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. conselheiro *Visconde do Rio Branco*, presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda e interino da guerra.

JOSÉ PEREIRA DA GRAÇA.

Os jornaes de março, abril e maio de 1872, em que, já em artigos de redacção, já em publicações anonymas, vinham queixas do procedimento dos officiaes e cadetes do 5.º de fuzileiros, a peça official e as ordens do dia, exprobrando a esse corpo o abandono ou vergonhosa debandada de seu posto ante o inimigo, bem como o que o dissolveu que tenho por escusado transcrever, foram as informações que serviram de base ao juizo que então formei d'elle. Folgo, no emtanto, com saber que depois da sua reorganisação está esse corpo regenerado, resgatando seus passados êrros por louvaveis actos de disciplina e rigoroso cumprimento de seus deveres, de que acaba de dar provas no restabelecimento da ordem na cidade de Caxias, e de que é documento a ordem do dia de 20 de maio do corrente anno, expedida pela mesma auctoridade, o ex.^{mo} sr. conselheiro José Pereira da Graça, que teve tres annos antes de reprimir-lhe actos de insubordinação e de dirigir ao govêrno imperial o officio retrò. Não posso forrar-me ao desejo de reproduzir este trecho da referida ordem do dia onde declara s. ex.^a que: «aproveita a oppor-
«tunidade para dar ao mesmo sr. tenente coronel commandante
«(Bacelar) o publico testemunho de seu merecimento, como um
«chefe de um corpo de tropas regulares, por manter dignamente a
«disciplina militar entre seus commandados, os quaes se tornaram
«tambem merecedores de louvores pelo bom comportamento que
«ali (em Caxias) tiveram.»

NOTAS ADDICIONAES AO SEGUNDO TOMO

DO

PANTHEON MARANHENSE

Supplemento á nota D acerca de Trajano Galvão de Carvalho¹.
(Veja pag. 394 do tom. II do *Pantheon Maranhense*.)

TRAÇOS BIOGRAPHICOS DE TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO

I

De um beijo de Deus na natureza, sequiosa de amor, gerou-se a poesia com todos os seus encantos e feitiços.

Atomo emanado da divina essencia, arremessado n'esse dedalo infinito, onde formigam os zoilos que debalde tentam deslustrar-lhe a glória, aureola fulgente que lhe cinge a fronte,— o poeta nasceu em um delirio de amor, com o magico condão de arroubar-nos pela harmonia de sua linguagem melliflua e doce, cheia de imagens seductoras que nos encantam e fascinam.

Porém, nasce o poeta como a rosa e como a rosa fenece; sua vida é tão fugace e semeada de cardos e espinhos que raros são os que alcançam ser assignalados pela tuba canora da fama, porque morrem desconhecidos, já pela excessiva modestia que os caracteriza, já á mingua de protecção.

¹ Só agora é que pude alcançar o artigo que acima se lê e os que se lhe seguem e respeitam o conselheiro Francisco José Furtado; mas por tarde não quero contudo privar os leitores de conhecê-los.

II

Critico de fina tempera, poeta mimoso, philologo abalisado, pertenceu Trajano Galvão de Carvalho á pleiade brilhante de escriptores maranhenses, que, tão prematuramente colhidos na impia tarrafa da sceptica morte, legaram comtudo á sua terra natal um re-nome immorredouro, uma glória invejavel.

O furacão da morte tudo offusca, tudo apaga e consome, menos a glória—aligera como o pensamento, immensa como o oceano e eterna como Deus.

Deixou-nos Trajanõ Galvão poucos escriptos, mas verdadeiras joias que vieram enriquecer a nossa litteratura, e que provam exuberantemente quão grande era o seu engenho, quão robustecida a sua intelligencia; e se mais não fez o illustre maranhense foi por excessiva modestia, vicio este que proviera talvez do receio da critica—não da critica sensata e fundamentada em dados firmes e certos, mas da critica leviana e superficial que (força é confessar) desgraçadamente medra com demasiado vigor no nosso paiz, critica essa que, — á medida que deprime e desprestigia uns, eleva e realça os brilhos de outros, que as mais das vezes não passam de soffri-veis menestreis e vulgares talentos, — vae innoculando no seio da mocidade, ávida de luz, juizos erroneos que lhe deturpam o gosto acanhando-lhe a intelligencia.

III

Corria mansamente o anno de 1830, quando no dia 19 de janeiro, na hora em que a poesia scintilla na gota do orvalho, cicia nas azas da brisa e rumureja no calice da florinha; quando a aurora, açoitando as trevas, destende seu manto purpurino por sobre a terra e cõa seus raios multicores nas abertas da floresta; — nasceu na fazenda *Barcellos*, sita no Mearim, Trajano Galvão, respirando ao ver a casta luz do dia o ar impregnado com o aroma das flores, e casando ao mesmo tempo os seus vagidos com os gorgeios dos passarinhos — verdadeiros cantores d'aquelle logarejo.

Como é encantador o Mearim! Como é deslumbrante a perspectiva que ali se gosa! Que de arvores gigantesas no meio da floresta! Aqui um cedro amoso ameaça topetar com o céu; ali ergue-se

sobranceiro o jequitibá coroado de parasitas e entrelaçado de liames; acolá o pau de arco verga-se ao tumido sopro do vendaval e arca açodado com o raio devastador; além o igarapé muge, serpea por sobre seixinhos, indo depois perder-se no seio uberrimo de uma mata virgem.

Ahi, quando a natureza sopitada desperta ao frouxo bruxulear do sol que nasce, a alma do vate adeja languidamente nas macias azas da poesia, engolfa-se no azul infinito dos céus, e tenta debalde sondar os arcanos da Providencia.

IV

Alegre, lhano e galhofeiro, crescia Trajano no meio de uma tão aprasivel, quão luxuriante natureza, quando sua mãe o levou consigo para estudar em Lisboa, onde esteve cerca de quatro annos.

Foi d'ali mandado para S. Paulo, onde passou dois annos, e veio depois para Pernambuco e ahi rematou os seus fatigantes e laboriosos estudos, formando-se em sciencias juridicas e sociaes.

Saudoso da patria, das florestas que o viram nascer, da aragem que docemente o embalára no berço, regressou ao Maranhão, não se esquecendo de ir visitar o seu querido Mearim, onde passára os tão felizes dias de sua meninice.

Longe do berburinho da cidade, retirado da arena litteraria onde era um dos mais conspicuos campeões, vivia Trajano modesto e sem ambições, no Alto Mearim, quando a 14 de julho de 1864 a parca impiedosa veiu arrancar-o do seio de sua adorada esposa a quem extremava mais que a propria vida.

Não teve como outros lapide mimosa onde gravado fosse o seu nome em caracteres de ouro. Modesta campa lhe cobre os ossos, singela cruz e ramos verdejantes lhe ornam o leito, onde a morte habita.

V

Foi na risonha e pittoresca cidade de Olinda que o poeta, vibrando as maviosas cordas da lyra, escreveu as suas mais mimosas composições.

Sua musa caprichosa e fugitiva, ora se apresenta alegre, jocosa

e faceira na — *Crioula*, — onde o poeta se revela digno emulo de Beranger :

Sou captiva... qu'importa? folgando
 Hei de o vil captiveiro levar!...
 Hei de sim, que o feitor tem mui brando
 Coração, que se pôde amansar!...
 Como é terno o feitor, quando chama,
 Á noitinha escondido co'a rama
 No caminho — ó crioula vem cá! —
 Ha hi nada que pague o gostinho
 De poder-se ao feitor no caminho,
 Faceirando, dizer — não vou lá — ?

.....

Ora lançando as vistas por sobre as tristes scenas do captiveiro, lavra um protesto solemne, em nome de Deus e da liberdade, e cria o — *Calhambola*, — quadro magestoso, onde está pintada com as mais vivas côres a vida que passa um pobre captivo no seio embastido da adusta floresta :

.....
 Nasci livre, fizeram-me escravo.
 Fui escravo, mas livre me fiz.
 Negro, sim; mas o pulso do bravo
 Não se amolda ás algemas servis!
 Negra a pelle, mas o sangue no peito,
 Como o mar em tormentas desfeito,
 Ferve, estua, referve em cachões!
 Negro, sim; mas é forte o meu braço,
 Negros pés mas que vencem o espaço,
 Assolando, quaes negros tufões!

.....

E outras vezes, embuçada no denso vellamen da tristeza, ella solta um grito de dor, de compaixão e dó e produz a — *Nuranjan*, — perola de lyrismo e frescura, doce almejo da liberdade vilipendiada.

É — *Nuranjan* — qual flor mimosa que exhala aromas e em cujo calice a aspide se aninha:

.....
 Mas as ondas de nitida chamma,
 Que o roçado prostraram no chão,
 Negro fumo no ar se derrama,
 Fere as nuvens, desperta o trovão!
 Brilha o raio, terrível estala,
 Deus ao mundo cholérico falla
 Nos rimbombos dos roucos trovões:
 Açoitados confrangem-se os pólos,
 Vergam *brancos* imbelles os collos,
 Pulsam medo seus vis corações!...

Como se vê, as suas poesias primam não só pelo lyrismo que as imbebe e esmalta, senão também pela escolha e magnitude do assumpto.

Alem das poesias já citadas e de outras muitas que existem esparsas em varios jornaes, nas — *Tres Lyras*, — e no — *Parnaso Maranhense*, — com as quaes o poeta mimoseou a nossa tão empobrecida litteratura, — nenhuma sobresáe tanto como — *O Naviz Palaciano*, — satyra escripta com muito chiste, primor e delicadesa de estylo, em que o poeta estigmatisa e cobre de ridiculo o costume vergonhoso e sordido de incensar cada novo presidente á sua chegada, posse e installação — costume este que ainda se observa em algumas provincias.

Ahi o poeta mostra-se claramente habil manejador do poderoso lapis de Gavarni, e lido e aproveitado discipulo de Juvenal:

.....
 Por isso no grande entrudo,
 Que chamam governo cá,
 Folga muito o narigudo,
 Quando nos chega um bachá:
 Pencas agudas e rombas,
 N'esse dia tomam sol:
 Qual torreia, qual se achata,
 Qual na ponta faz batata,
 Qual se enrosca e é caracol.

VI

Não foi só como poeta que Trajano manifestou o seu talento invejavel; possuímos d'elle tambem um bem elaborado quão primoroso trabalho — *O juizo critico sobre as Postillas do erudito maranhense Francisco Sotero dos Reis*. De estylo ameno e agradável, escripto com gôsto e animação, de linguagem correcta e fluente, traçado por mão de mestre,—é digno por certo esse trabalho da penna sublime de A. Herculano,—do immortal cantor de Eurico.—

Já não se nota ahi sómente o contemplativo e meditabundo cantor da — *Nuranjan*,—mas o critico sensato, o juiz recto e severo que se patentêa marcando, com o cunho vigoroso de seu enriquecido e fecundo engenho, a senda que o escriptor deve seguir, os escolhos que deve evitar nos grandes embates da intelligencia contra a ignorancia.

Basta citar um pedaço d'essa bella prosa,—que só ella seria assaz sufficiente para immortalisar o nome que a rubrica, e para que não me acoimem de exagerado e parcial:

«A obra, que agora se faz publica na imprensa, é, senão excepcional, de mui raras antecedencias nos prelos do Brasil, que fôrça «é dizel-o, não se fatigam demasiado em reproduzil-as tão bem «pensadas e primorosamente escriptas.

«Resumida no volume, porém grande no alcance litterario e «scientifico, opulenta dos thesouros de uma erudição vasta e re- «condita—bebida em leitura mui de espaço e variissima, é va- «sada nos mais puros e elegantes moldes do estylo terso dos clas- «sicos.»

Abalançando-me a tractar de um trabalho tão melindroso, quão delectavel assumpto, como este o é realmente, não tive em mira outra pretensão, não visei outro fim, senão o de, — revolvendo as cinzas de um vulto amortecido,—realçar não só os brilhos de um talento vigoroso e fecundo,—roubado tão prematuramente á patria, e lançado desde logo no abysmo do olvido, quando a lisongeira esperança lhe sorria tão meigamente acenando-lhe o verdadeiro norte que deve guiar a intelligencia na senda escabrosa do progresso;—senão tambem levar minha pedra, postoque bruta e

mal lapidada, para servir no alicerce do monumento que talvez mais tarde — a posteridade agradecida lhe erigirá ¹.

OSCAR LAMAGNÈRE L. GALVÃO.

(Do n.º 4 do *Centro Academico* de 30 de julho de 1872.)

Supplemento á nota G acerca do conselheiro Francisco José Furtado (Vej. pag. 420 do tom. II do PANTHEON MARANHENSE.)

Lê-se no *Correio Nacional* do Rio de Janeiro de 21 de julho de 1870:

Curvando-me ao pezo da dôr perante o tumulo do illustre conselheiro F. J. Furtado, acodem-me ao espirito aquellas palavras repassadas de tristeza que sahiram dos labios de Goethe ao saber da morte de Schiller:—«O destino é inexoravel, e o homem pouca cousa!»

Em tão curto espaço de tempo quantos lidadores conspicios tocados pela aza negra do anjo do exterminio!..... Ainda hontem viamos Francisco José Furtado, politico de convicções sinceras, pugnar sem paixão, mas com denodo, á sombra da sua bandeira; orador fluente e calmo, encher a tribuna com o fulgor do seu talento e o perfume da sua honestidade; pae extremoso, trabalhar sem descanço pelo bem estar dos seus. Hoje?... está feito em pó!

A cadeira vitalicia que elle soube illustrar vestiu-se de crepe; os companheiros da lucta, os proprios adversarios, choram-lhe o passamento; a familia desolada chama em vão pelo que era no lar o centro das mais puras e merecidas adorações.

«O destino é inexoravel, e o homem pouca cousa!»

No brasileiro illustre, cuja morte enluctou de subito todas as almas sensiveis, perdeu a patria um servidor dedicado, o partido liberal um de seus membros mais conspicios, a magistratura um typo de abnegação e austeridade.

¹ Ajustava aqui o joven author uma nota que por demasiado lisongeira a esta obra a supprimi; pedindo-lhe por isso perdão, e agradecendo-lhe ao mesmo tempo do fundo d'alma essas expressões que só attribuo inspiradas pela muita estima que me consagra.

É este o juizo dos contemporaneos: a posteridade o ha de confirmar um dia no tribunal augusto da historia.

Nós que o dizemos, dizemol-o de convicção, e sem que nos possam acoiar de suspeitos.

Os acontecimentos politicos dos ultimos tempos abriram um fosso no seio do partido democratico separando em dois arraiaes os amigos da liberdade.

Como adeptos da escola radical tivemos muita vez de suffocar as vozes do coração, para cumprir o dever de jornalistas, combattendo aquelle chefe illustre da fracção menos adiantada.

A paixão dos principios porém não nos cegou ao ponto de desconhecemos os merecimentos do senador Furtado: sempre os proclamámos, honrando a elevação do seu sentir de patriota, e a nobreza do seu character.

O tributo pois que hoje prestamos á sua memoria não é um rasgo de generosidade, é um acto de justiça.

UMA LAGRIMA DE SAUDADE

Sobre a campa do distincto brasileiro

Conselleiro Francisco José Furtado

Pezames sinceros á sua illustre familia e ao grande partido liberal do imperio, de que era elle um dos mais bellos ornamentos!

Fatalidade! Hontem, Theofilo Ottoni—o tribuno do povo, o patriota por excellencia, o soldado firme da idéa liberal. E hoje? E tão cedo unidos, Francisco José Furtado—homem de tempera romana, politico de convicções profundas, liberal a quem jámais fascinaram os europeis do poder!

O conselleiro F. J. Furtado era uma estrella radiante a scintillar a luz de suas opiniões no meio d'essa escuridão d'apostasias, d'essa noite d'egoismo em que está mergulhado o paiz.

O povo descrente de tudo e de todos, olhava ainda cheio de confiança para os poucos discipulos que restam da antiga escola liberal: Furtado era uma das suas mais lisongeiras esperanças, um dos seus mais acreditados conselleiros nos momentos de perigosa

allucinação, pela prudencia e madura reflexão de todos os seus actos; nas épocas de cansaço, de prostração e desanimo, era elle o sacerdote que exhortava, que lançava no coração do povo a scentella de patriotismo, eternamente accesa n'esse peito de verdadeiro cidadão!

Homem do povo, a sua vida foi um compendio de virtudes, que oxalá possa ser lido, copiado e entendido por todos os que ali ficam ao leme d'este desventurado paiz!

Ministro de estado, symbolisou sempre a honestidade, infundiu respeito até a seus próprios adversarios. Governou com a autonomia que lhe considera a lei, descriminou com tino as raias do seu poder, e jámais confundiu os importantes deveres de ministro com a submissão do laçao!

O conselheiro Furtado foi fiel á corôa sem atraiçoar o povo.

Serviu a monarchia, em nome de suas convicções de monarchista liberal, e inspirou sempre mais confiança na posição franca e leal em que se collocára, do que alguns d'esses desenfreados tribunos, que um dia lisongeiavam os desatinos da demagogia, para no outro cortejarem as velleidades do poder supremo!

Simple cidadão, juiz, senador e ministro, jámais se curvou na presença da nova posição adquirida por seus talentos e serviços; pautava todos os seus actos por um código invariavel, que lhe era traçado por uma consciencia pura, e em todas as phases da sua vida de homem publico, a sua frente altiva, foi sempre coroada pela aureola do respeito, da consideração e da estima de seus cidadãos!

Francisco José Furtado era um e sempre o mesmo!

E é este homem que o Brasil perdeu!... É este o chefe distincto roubado ás phalanges liberaes! Triste fatalidade! «A idéa nunca morre, embora succumbam seus mais esforçados lidadores» — dizia elle á beira da sepultura de Theofilo Ottoni.

A idéa liberal não morre, repetimos nós agora sobre a sepultura ainda recente de um dos mais denodados e intrepidos de seus defensores.

A liberdade é a mais sancta aspiração de um povo, e o povo não pôde succumbir na lucta, porque o povo é a força e a vida, e a unica soberania legitima!

Derramemos pois uma lagrima sobre a sepultura de nosso irmão

de crenças — uma lagrima vinda do intimo do coração; que profunda, immensa e sentida é a dôr que nos accommette n'este momento solemne; mas não seja essa lagrima signal de timidez e de desanimo, que a terra de Sancta Cruz tem muita seiva para alimentar a arvore da liberdade e produzir ainda outros Ottonis e Furtados!

Eia pois ávante.

PINTO JUNIOR.

No *Radical Academico*, redigido por estudantes da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, vem o seguinte:

O SENADOR FURTADO

Acaba de descer ao tumulo um dos mais preclaros cidadãos d'este imperio, um dos typos mais honrados dos nossos politicos e um dos chefes mais distinctos do partido liberal.

O conselheiro Francisco José Furtado já não existe!

Depois de uma cruel enfermidade que prostrou-o no leito de morte, o conselheiro Furtado exhalou o ultimo alento da vida no dia 23 pelas duas horas e meia da tarde.

Não lhe faltaram os esforços dos amigos e da medicina. O dr. Perence, um dos luseiros da nossa academia, soube nobremente exercer as posições de amigo e medico desvelando-se pelo tractamento do enfermo; e quando já tinha perdido as esperanças de salvá-o, revestiu-se de uma attitudo grave e séria como se algum cruel sofrimento abatesse sua alma; e muitas vezes deixava o leito de seu amigo com as faces orvalhadas de lagrimas.

O conselheiro Furtado desceu á sepultura sem um titulo e sem condecorações, o que importa dizer que elle jámais sacrificou os interesses do povo e da patria para servilmente satisfazer vaidades proprias!

Deixa á sua familia, como unica herança, seu nome, sua fama, suas glorias e sua pobreza.

N'esta epocha em que o servilismo e a baixaza são os titulos que os homens publicos exhibem para ter jus ás altas posições do estado, a morte do senador Furtado foi uma — fatalidade.

Caracter íntegro, talhado á romana, o senador Furtado em qual-quer das posições que occupou nunca preferiu os dictames de sua consciéncia em beneficio de seus amigos.

Nós radicaes não podiamos deixar de lamentar seu passamento, e acompanhar o partido liberal na dôr que o comprime: damos-lhe nossos profundos pezames.

Sobre a lapide funerea que tem de cobrir os preciosos restos mortaes do senador Furtado, grave-se uma palavra que val toda a sua vida — PROIBIDADE.

P.

INDICE

	PAG.
XVII João Francisco Lisboa.....	4
XVIII Antonio Marques Rodrigues	213
XIX Doutor frei Custodio Alves Serrão	247
Aos que me leram	295
Notas.....	301

FIM DO TOMO IV E ULTIMO

ERRATA

PAG.	LIN.		ERROS		EMENDAS
32	21	em vez de	culposad eixando	leia-se	culposa deixando
36	20	>	as conseguem	>	os conseguem
61	15	>	do e <i>Egypto</i>	>	do <i>Egypto</i>
63	15	>	de mais	>	do mais
71	28	>	peculiar	>	particular
72	8	>	pesigão	>	posição
73	22	>	abrigação	>	obrigação
80	10	>	arasados	>	arrasados
85	4	>	scenas, commovedoras . .	>	scenas commovedoras
97	27	>	Alfranio	>	Afranio
113	28	>	Timon	>	Timon,
115	8	>	de novo,	>	de novo
123	24	>	commais	>	com mais
124	11	>	elles	>	ellas
125	20	>	d'outres	>	d'outros
132	3	>	viscitudes	>	vicissitudes
135	15	>	próvidos	>	providos
148	27	>	1863	>	1864
220	19	>	devocão	>	dedicação
221	5 e 6	>	prudencia	>	prudencial
227	28	>	preferiu	>	proferiu
228	21	>	que	>	e
231	7	>	era	>	é
235	23	>	offereça	>	offereçam
237	18	>	favorece	>	favorecem
238	8	>	minorarem	>	minorar
242	24	>	não por certo é	>	não é por certo
254	15	>	provocou	>	provocaram
>	>	>	instigaram	>	instigou
255	4	>	mas	>	, mas
270	27	>	que	>	e que
284	2	>	sotoposto	>	sobreposto

Seguro da perspicacia dos leitores omitto indicar aqui outros erros, hem como pequenas faltas de uniformidade de orthographia, inevitaveis em uma lingua onde não ha um systema orthographico fixo e official, senão diferentes, adoptando o copistâ um, o typographo outro, o revisor outro e eu outro, cada um fundado em auctoridades respeitaveis.

Rectificação—Onde digo na linha 20 da pagina 183 do tomo 3.º d'esta obra — um filho do mesmo —, leia-se — um irmão do mesmo —.

Mx/339